LIBRARY OF PRINCETON
OCT 14 1997
THEOLOGICAL SEMINARY

Folio
BV
2250
.M58
1948

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/missoesfrancisca00unse

MISSÕES FRANCISCANAS PORTUGUESAS

1898

NO SEU CINQUENTENÁRIO

1948

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 22 1997
THEOLOGICAL SEMINARY

NÚMERO 62 JUNHO-SETEMBRO DE 1948

Missões Franciscanas

DIRECTOR: P.e JOSÉ ALVES PEREIRA

REDACÇÃO: R. SILVA CARVALHO, 34—LISBOA ADMINISTRAÇÃO: MONTARIOL—BRAGA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA CRUZ—BRAGA

SUMÁRIO

Ide por todo o mundo! . . 2
Palavras de Sua Ex.ª o Senhor Marechal Carmona 3
Palavras do Rev.mo Ministro Geral. 4
Palavras do Senhor Núncio Apostólico 5
Quase — Poesia — *P.e Moreira das Neves* 6
A nossa homenagem — *A Redacção* 7
Palavras de S. Ex.ª o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa . . . 9
Os Padres Franciscanos Portugueses em Moçambique — *Teodósio, Cardeal Gouveia* 10
Palavras do Senhor Ministro das Colónias 11
Deus e Pátria — *P.e Manuel Taveira da Silva, Vigário Provincial* 12
Bodas de Oiro — *Sebastião, Bispo da Beira* 14
Cinquentenário das Missões Franciscanas em Moçambique — *Teófilo de Andrade, Bispo de Nampula — Monsenhor José Ribeiro de Magalhães, Prefeito Apostólico da Guiné — P.e Gerardo Lunter, Secretário Geral das Missões Franciscanas — Ruy de Sá Carneiro, Subsecretário de Estado das Colónias* . . . 16
Bodas de Oiro das Missões Franciscanas — *Luis de Almeida* . 18
Palavras do Senhor Doutor Braga Paixão 21
Segredo — Poesia — *M. B.* . . . 21
Missão de Homoine — *P.e Alberto Teixeira de Carvalho* e *P.e António Martinho.* 22
Psicologia Indígena — *F. P.* . . 30
Missão de Macequece 31
Missões franciscanas de Manica e Sofala — *A. Sousa Pinto.* . . 35
Homenagem aos Fundadores das Missões Franciscanas Portuguesas — *Frei Montalverne.* . . 36
Fundação das Missões Franciscanas de Inhambane — *P.e Alberto Teixeira de Carvalho.* . . . 38
Olimpíada — Poesia — *M. B.* . . 42
União Missionária Franciscana . . 43
Palavras do Ex.mo Sr. Dr. Francisco Vieira Machado 45
Fraqueza — Poesia — *M. B.* . . . 45
Algumas palavras de congratulação — *Coronel Alvaro Fontoura* . 46
Paisagem Zambeziana — Poesia — *Felisberto Fontes* 49
Missão de Maria Imaculada de Amatongas — *P.e Santos Dinis* 50
Caminhos de Deus — *P.e Moreira das Neves* 56
Missões Católicas — *Comandante Frederico Cruz* 57
Intenção Missionária de Agosto — *J. O.* 59
Missão da Imaculada Conceição da Chupanga 60
Uma grande ideia num pequeno livro — *P.e Manuel Alves Correia* 63
Missão de S José de Mônguè — *P.e Alberto de Moura* . . . 65
Um Milagre de Santo António — *P.e Miguel de Oliveira* . . . 68
Acção Missionária Franciscana — *Dr. João Serras e Silva.* . . 70
Crepúsculo — Poesia — *F. P.* . . 71
Missão de S. Leonardo de Mossurize 72
Padre Frei José Rolim 74
A preparação etnográfica das Missões Franciscanas Portuguesas — *António de Almeida* . . . 75
Bibliografia Missionária Franciscana 79
Os Franciscanos no Império Português — *Pedro Correia Marques* 80
Palavras do Ex.mo Sr. Dr. Vieira Machado 82
Missão de S. Francisco de Assis de Mocumbi — *P.e Alberto Teixeira de Carvalho* 83
Dar — Poesia — *Mário Beirão.* . 88
Meio século de benemerências — *P.e António Lourenço de Farinha* 89
O Seminário de Amatongas — *P.e Santos Dinis* 91
O Canto das Águas — Poesia — *Fr. Ferreira da Silva* . . . 93
Missão de Santa Teresinha de Machanga — *P.e Firmino Fernandes* 94
Como às vezes termina uma visita a uma escola em Moçambique 96
Missão de S. Francisco de Assis de Chibabava 98
Missão de Santo António de Zavala — *P.e Martinho da Rocha Barbosa.* 100
Bailado Africano — Poesia . . . 104
Paróquia de Maria Imaculada de Vila Pery 106
Rebate — Poesia — *M. B.* . . . 107
Missão dos Muchopes — *F. Almeida* 108
Um caçador de... aranhas — *L. F.* 112
Missão do Chongoene — *L. F.* . . 114
Na seara missionária — Os indianos em Moçambique — *Ricardo Fernandes* 117
O meu tesoiro — Poesia — *Felisberto Pontes.* 120
Missão de Santa Ana de Munhuana — *J. R.* 122
Coisas de África... — *P.e Alberto T. de Carvalho* 122
Missões Franciscanas no Território da Companhia de Moçambique 127
Paróquia-Missão de S. João Baptista da Vila de João Belo — *P.e Armando de S. José Pacheco* . . 129
Missões e Missionários — Poesia — *Silva Tavares* 131
Novas de Homoine — *D. da C.* . 132
Missão de Mocodoene — *P. José de Almeida Freitas* 135
Louvor do Missionário — Poesia — *J. P.* 138
Missão de Santo António da Barada 139
Cinquenta estrelas — *J. Dinis da Costa* 140
Meia hora de história missionária — *F. P.* 143
A Voz do Mestre — *B. C.* . . . 146
Origens da Companhia de Moçambique — *P. Armando V. da Mota* 148
Missão de Chidenguel — *P. João Crisóstomo Borges.* 149
Diocese de Nampula — *P. Poiares* 152
Super Tecta — Poesia — *P.e Moreira das Neves.* 154
A Voz do Mestre — *B. C.* . . . 155
Breve noticia histórica das terras de Manica e Sofala — *P. Armando V. da Mota* 157
Escolas indígenas — *F. P.* . . . 159
Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira — *P. A. Mota* . . 162
«Mare Nostrum» — Poesia — *M. B.* 169
Acção missionária da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas 170
Etnografia da Guiné — *A. J. Dias Dinis, O. F. M.* 173
A Voz do Mestre — *B. C.* . . . 175
Novo Provincial dos Franciscanos em Portugal 177
A Missão Franciscana da Guiné — *P. Félix Lopes* 178
Do céu, a minha mãe — Poesia — *P.e Moreira das Neves* . . . 179
Comemorações do Cinquentenário: Uma justa consagração . . . 180
Conferência do Sr. Dr. Braga Paixão 182
Procuradoria de Penafiel . . . 184
Procuradoria do Alto Minho. . 187
Funchal — Madeira. 187
Exposição Missionária no Carmo — Braga 188
Procuradoria do Porto. . . . 192
Em louvor dos primeiros! — *Fr. Estevam* 197
Conclusão 197
Necrológio 199

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica

IDE POR TODO O MUNDO E PREGAI O EVANGELHO A TODAS AS CRIATURAS

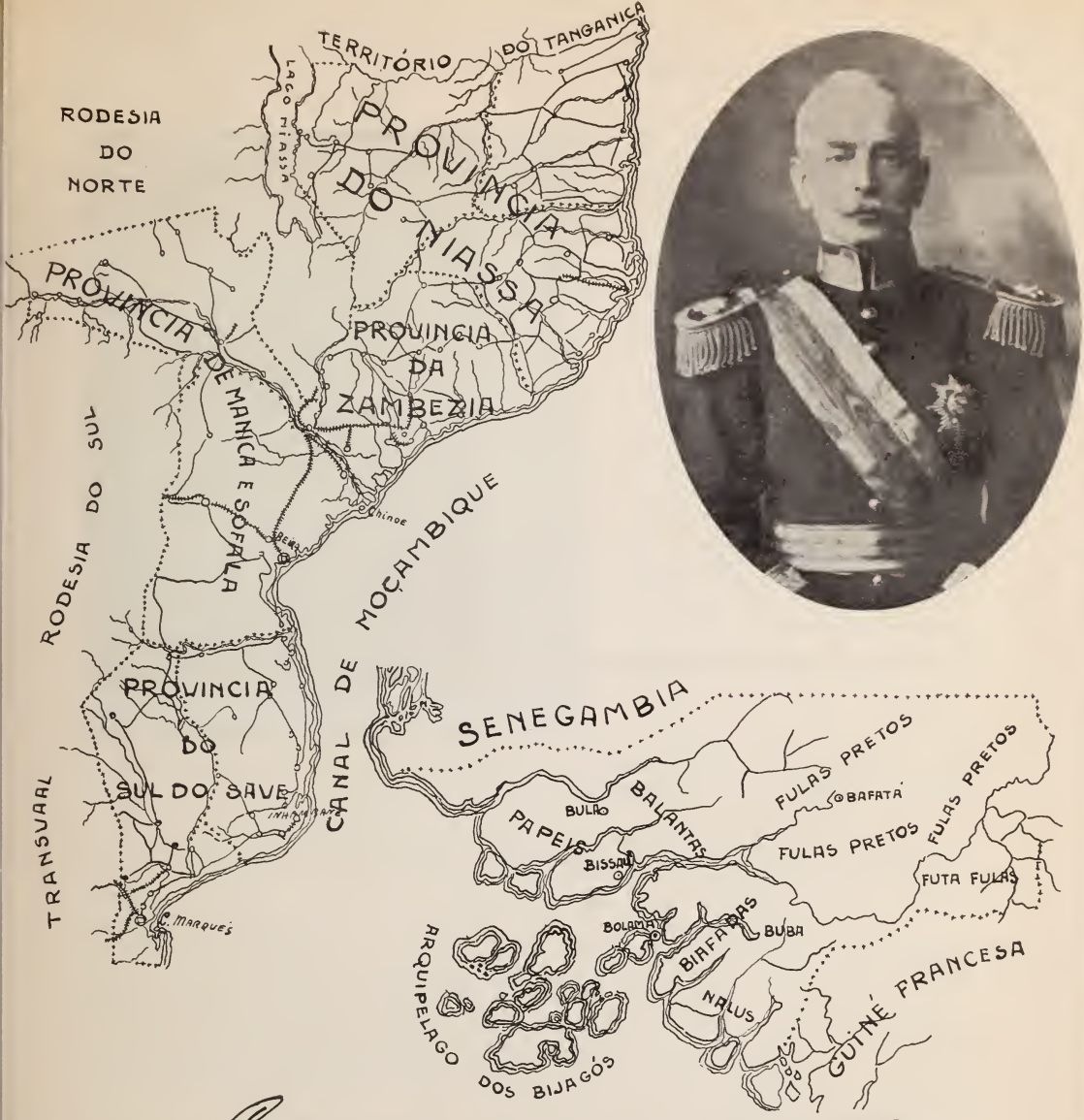
Ide por Todo o Mundo!

E, à Palavra de Jesus, a aridez das almas floresceu em mimos de jardim; o bálsamo do Evangelho tornou filhos de Deus os escravos do mal.
E nos lábios dos seus Representantes visíveis, o imperativo de Cristo se renovaria indefectivelmente, perpetuando, no transcurso dos séculos e no vaivém das gerações, a gesta missionária — epopeia da Igreja.

«*Ide por todo o mundo*», e, como se fora um dos Doze, Portugal inteiro vibrou ao contacto dessa Voz e se lançou na aventura linda, empolgante, de percorrer todos os caminhos do orbe, rasgando, a clarões de heroismo e de Fé ardente, o negrume de paganismos densos.
É Cristo quem fala por boca de Eugénio IV e Nicolau V e Calixto III e Pio II e Sixto IV e Inocêncio VIII e Alexandre VI, quando proclamam o sentido de Cruzada religiosa nos empreendimentos portugueses.

E foi Cristo quem nos enviou as expressões de júbilo e incitamento da Carta Encíclica de S. S. o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, no VIII Centenário da Fundação de Portugal e III da sua Restauração:
«A fé católica, como foi em certo modo, a linfa vital que alimentou a Nação portuguesa desde o berço, assim foi, se não a única, certamente a principal fonte de energia que elevou a vossa Pátria ao apogeu da sua glória de nação civil e nação missionária «dilatando a fé e o império».»
«... Que nos vossos corações se mantenha sempre vigoroso o antigo espírito missionário português!
«Como os vossos gloriosos antepassados... se cerravam em torno dos Capitães e Cavaleiros que agitavam a bandeira cruzada ou, quando os não podiam seguir, os acompanhavam com as suas orações, com sua solidariedade e com o auxílio financeiro, assim vós também timbrai em dar vossos filhos, vossas orações, vosso óbulo generoso às Missões».

Volvidos cinquenta anos de actividade missionária em terras de África, cinquenta anos que os ligaram à tradição digníssima de seus antigos irmãos de hábito e de sangue que apostolizaram Ceuta e as Ilhas Atlânticas e a Guiné e Cabo Verde e o Congo e o Brasil, e Moçambique e as Índias longínquas, volvido meio século de actividade missionária, os Franciscanos Portugueses, com a alma transbordante de alegria e os olhos inundados de esperanças, ajoelham aos pés do Santo Padre pedindo se digne aceitar a humildade das suas homenagens, consagrando o seu labor e o seu entusiasmo com a Bênção do próprio Jesus.



Conhecendo um pouco o muito
do das missões franciscanas em
Africa, agradeço-lhes pelabrando
os seus magníficos serviços

Junho de 1948

Marechal Carmona

MISSÕES FRANCISCANAS

Arquidiocese de Lourenço Marques:

Nossa Senhora da Conceição de Inhambane.
S. João de Deus de Homome.
S. Francisco de Assis de Inharrime.
S. José de Môngüe.
S. Benedicto dos Muchopes.
S.ta Maria de Mocodoene.
São João Baptista da Vila de João Belo.
Menino Jesus de Chidenguele.
S.to António de Zavala.
N. Senhora de Lourdes do Chongoene.

Diocese da Beira:

Nossa Senhora do Rosário da Beira.
Maria Imaculada de Amatongas.
N. Senhora do Rosário de Macequece.
Maria Imaculada de Vila Pery.
Imaculada Conceição de Chupanga.
S. Leonardo de Mossurize.
S.to António da Barada.
S. Francisco de Assis da Chibabava.
S. Teresinha de Machanga.

Prefeitura Apostólica da Guiné:

Bula. — Cacheu. — Bolama. — Bissau.

O jornal «Missões Franciscanas» está de festa ao celebrar-se o primeiro cinquentenário da gloriosa acção missionária da nossa querida Província de Portugal em terras de Moçambique, — acção que é o nobre motivo da publicação deste jornal e seu fim imediato como órgão da União Missionária Franciscana.

Mas a comemoração destes primeiros 50 anos de fecundos trabalhos missionários não é só festa dos Franciscanos Portugueses; é também festa da Ordem inteira e da santa Igreja de Cristo, da qual as ordens religiosas são parte integrante, e a quem Jesus confiou o mandato de perpetuar a sua missão, e de evangelizar a todos os povos.

«Missões Franciscanas», divulgando o ideal missiouário dos Padres Franciscanos, atrai a simpatia do povo português para a obra heróica das missões e pede o auxílio material e espiritual às almas generosas a quem a graça da Fé dá a conhecer o valor e o preço da extensão do Reino de Cristo. «Missões Franciscanas» reflectem o espírito apostólico essencialmente franciscano e tradicionalmente português, que refulge nas mais belas páginas da história da alma lusa, desde o anelo de martírio de Santo António de Lisboa e de Pádua até à extraordinária fecundidade missionária da época das descobertas e da colonização. Este espírito missionário ainda hoje inflama não só aqueles que vão continuar além-mar a obra recomeçada há 50 anos, mas milhares de portugueses que os acompanham com simpatia, com suas preces, com generosas esmolas.

Por tudo isto sentimo-nos felizes em poder dizer a todos, missionários e membros U. M. F., por meio do jornal «Missões Franciscanas», que sincera e agradecidamente nos congratulamos com eles neste brilhante cinquentenário. Para este óptimo jornal, seu venerando Director e ilustres colaboradores, e para todos os membros da U. M. F., como penhor de ardentes vocações missionárias, de felicidades temporais e graças espirituais, imploramos a bênção do Seráfico Pai.

Roma, Convento de Nossa Senhora Medianeira, 13 de Maio de 1948.

Fr. Pacífico Maria Perantoni
min. Gen. ofm

É-ME particularmente agradável unir-me aos queridos Franciscanos portugueses na celebração do cinquentenário do seu regresso às lides missionárias de África.

Recordo que o primeiro grupo de missionários, que de Lisboa partiu para a Beira, em Junho de 1898, antes de embarcar, veio a esta Nunciatura Apostólica pedir ao Ex.mo Monsenhor Andrea Aiuti, então Núncio, a bênção para a empresa que reencetava. Foi pois com a bênção do Representante do SANTO PADRE que os Franciscanos portugueses retomaram os trabalhos missionários, interrompidos por circunstâncias a eles bem alheias, depois de séculos de esplendor e glória.

É para mim motivo de grande satisfação revelar que nestes cinquenta anos decorridos os Franciscanos portugueses, embora em condições bem mais difíceis, não desmereceram dos velhos Franciscanos dos tempos da epopeia de Portugal.

Fundaram, de entrada, a missão da Beira, onde ergueram a igreja — hoje catedral da diocese — e pelos territórios vizinhos foram estendendo a sua actividade e estabelecendo novos centros missionários, contando, em consequência, nessas terras, actualmente, nada menos de nove florescentes missões.

Mais tarde, dirigiram a sua acção para o Sul, para terras de Inhambane, e lá trabalham em dez missões, quase todas por eles fundadas, sendo algumas delas mais prósperas e desenvolvidas de toda a Colónia de Moçambique.

Em 1932, por desejo da Santa Sé e a instâncias do Governo, fundaram a Missão da Guiné Portuguesa, que, por ser mais humilde, não é menos gloriosa.

Todas estas missões são centros de activa irradiação missionária, por meio das escolas-catequeses, disseminadas pelas aldeias indígenas. Na maior parte delas ensina-se a doutrina cristã na própria língua nativa, servindo de texto os catecismos publicados pelos missionários.

Neste período de 50 anos, os Franciscanos de Portugal têm-se deveras empenhado em praticar a palavra de Jesus — ite in mundum universum — e aquele zelo salvador que S. Francisco, o Poverello, trasladou do Evangelho e compendiou na sua Regra de Vida. Em trabalhos afincados aturaram muitos deles dezenas e dezenas de anos; outros neles se esgotaram, e morreram centenas na esperança de que o seu sacrifício não seria em vão. E até hoje, apesar dos tempos difíceis que por vezes houve a atravessar, sempre tem crescido o número dos que de alma e coração se entregam aos trabalhos das Missões. E se me apraz recordar de modo especial aqueles que a Santa Sé elevou às honras da Prelazia — D. Frei Rafael que foi Prelado

de Moçambique, depois Bispo de Cabo Verde e hoje Bispo Titular de Limira, D. Frei Teófilo, Bispo de Nampula e Frei José Ribeiro de Magalhães, Prefeito Apostólico da Guiné — não é para esquecer ou diminuir tantos outros também beneméritos e merecedores de uma comemoração, mas sòmente para lembrar que a Santa Sé tem tomado em consideração o zelo e os trabalhos realizados.

Fartos motivos têm de facto os Franciscanos portugueses para celebrarem festivamente os 50 anos do seu apostolado missionário em África. Foram anos de trabalho e sacrifício, sim, mas o trabalho e o sacrifício é que, ao criarem o Bem, se tornam a grande e verdadeira alegria.

Pois nestas horas em que, com merecido regozijo e satisfação, recordam a cristandade que em cinquenta anos fizeram, voltam eles a esta Nunciatura Apostólica a pedir a bênção do Representante do SANTO PADRE, penhor da apreciação e carinho da Suprema Autoridade da Igreja.

É-me verdadeiramente grato aceder ao pedido que julgo bem interpretar como piedosa homenagem ao Augusto Pontífice Sua Santidade Pio XII, a Quem tenho a honra de representar em Portugal. Associando-me com alegria a estas festas, congratulo-me com a abundância dos frutos até hoje colhidos pela Província Franciscana Portuguesa no campo missionário, peço a Deus que na alma dos seus membros sempre cresça mais o zelo pela salvação das almas confiadas ao apostolado de Portugal e abençoo do coração todos aqueles que trabalham nas Missões Franciscanas Portuguesas ou que com elas cooperam.

\+ Pedro Ciriaci
Núncio Apostólico

Quase

AOS MISSIONÁRIOS QUE TUDO DERAM

Quando os meus olhos para os Teus ergui
E o Teu olhar, Senhor, baixou ao meu,
Quase de mim, por Ti, me desprendi,
Preso da luz que em luzes me envolveu.

Quando sorriste, quase te sorri
Na alegria de ver em flor o ceu.
E quando me chamaste, quase ouvi
Meu coração dizer que sim ao Teu.

Mas tudo foi só quase. E o quase é nada.
Quase seguir-Te é não Te acompanhar.
Quase falar-Te é como ficar mudo.

Morre quem pára a meio da jornada.
Nem mesmo Tu, Senhor, p'ra nos salvar
Deixaste, em alma e sangue, de ser tudo.

1948

P.e Moreira das Neves

A nossa Homenagem

NO CINQUENTENÁRIO que a Província Franciscana Portuguesa celebra da fundação de suas missões em terras de Moçambique — a reatar tradições antigas — falta imperdoável seria quedar-nos, indiferentes e mudos, alheios ao arraial festivo da alma de nossos Irmãos.

Assim, nasceu a ideia da publicação deste número especial, que, sem a pretensão vaidosa de ostentar uma resenha completa da nossa actividade missionária em meio século, tem a consciência de não falsear realidades e de olhar, com visão correcta, para o muito que se fez.

Não nos move, Deus louvado, a intenção descabida de tocar a rebate no sino grande do elogio próprio, — mas temos — isso sim — a satisfação intensa de dizer do dever cumprido pelos nossos missionários, àqueles amigos e benfeitores, cujas orações e generosidade nos ampararam sempre, desde a primeira hora.

Honram-se as nossas páginas com palavras de S. Ex.ª o Marechal Carmona, de S. Ex.ª Rev.ma o Núncio Apostólico, de S. Eminências os Cardeais de Lisboa e L. Marques, do Rev.mo P. Geral, do Ex.mo Sr. Ministro das Colónias, do Ex.mo Sr. Sub-Secretário de Estado das Colónia, de S. Ex.as Rev.mas os Bispos da Beira e Nampula e de tantas outras pessoas amigas, que seria longo enumerar.

Elas são a parte mais valiosa de toda a publicação e, acima de tudo, o galardão mais alto dos nossos trabalhos missionários.

Com a alma em festa, desvanecidamente as agradecemos e piedosamente as ofertamos, como ramalhete perfumado de rosas brancas — junto ao nosso simples braçado de maias rudes — à memória saudosa dos missionários que Deus chamou e às virtudes dos que são ainda soldados heróicos, de fronte erguida, no campo da luta e do dever.

A Redacção

S. Francisco abençoa o missionário que vai partir

Os frades que por divina inspiração, quiserem ir para entre os mouros ou outros infiéis, peçam licença aos Ministros Provinciais.

(Regra de S. Francisco)

Este Cinquentenario das Missões Franciscanas da Provincia Ultramarina de Moçambique (como dantes se dizia) não pertence só à Ordem Franciscana; é acontecimento verdadeiramente nacional. Celebrá-lo, não pode considerar-se mera recordação de família religiosa; torna-se dever de gratidão nacional. A obra de evangelização da Africa não dá o continente negro só a Deus (e isto sobreleva a tudo); mas enraiza ainda a Patria nas almas dos indígenas das nossas Colonias.

Eu vi!

+ M. Card. Patriarca

Os Padres Franciscanos Portugueses em Moçambique

Sua Eminência o Cardeal Gouveia

UM colonial britânico passou a vida a sonhar com fazer a Índia correr.

Gastou-se e morreu... sem o conseguir.

O escritor R. Kipling escreveu então para o túmulo do pobre sonhador o seguinte epitáfio: — «aqui jaz o doido que queria levar o Oriente a andar depressa».

O mesmo se poderia dizer de quem pretendesse andar depressa em África ou de quem quisesse pôr a África a correr, não digo à roda do sol, mas no caminho do progresso e, sobretudo, no campo da evangelização.

Isto vem a propósito ou a despropósito, não sei, da comemoração do 1.º cinquentenário da chegada a Moçambique dos Padres Franciscanos da Província Portuguesa.

1898-1948. Meio século de acção missionária e, por isso mesmo, de acção civilizadora. Todavia Moçambique não está ainda inteiramente civilizada e ainda há milhões de pretinhos por converter e baptizar!

Que fizeram, pois, os missionários franciscanos durante estes 50 apregoados anos de acção missionária e civilizadora em Moçambique?!

Assim falaria o *doido* que, à laia do colonial britânico, julgasse que basta chegar à África, fundar duas ou três missões, abrir meia dúzia de escolas e baptizar algumas centenas de pretos, para tudo surgir como por encanto sob a acção da varinha de condão da retórica...

Infelizmente a realidade é outra. Quem labuta em África, na dura faina da evangelização, sabe, por dolorosa experiência, quão lenta e difícil é a obra de civilização do indígena!

Civilizar é educar. E, se não quisermos que a civilização seja apenas um pouco de verniz, estendido sôbre a pele do preto, hemos de transformar-lhe o coração e atingir-lhe a alma por meio duma sólida educação moral.

Não é, porém, tarefa de pouca monta nem para breves dias ou anos, a transformação moral dum povo que vive há longos séculos mergulhado nas superstições e vícios do paganismo, e, ainda por cima, fechado à acção missionária por uma língua de dificílima aprendizagem.

Todavia, não obstante todas estas dificuldades, os Padres Franciscanos Portugueses conseguiram realizar em Moçambique, nos últimos 50 anos, uma obra notável de evangelização com resultados palpáveis de progresso e civilização.

As estatísticas recentes são-lhes lisongeiras e honrosas, quer no campo religioso, quer na instrução, quer no desbravamento da selva.

Não seremos Nós quem lhes regateará os merecidos louvores. Visitámos todas e cada uma das Missões que lhes estão confiadas. Vimo-los entregues ao seu labor quotidiano e tivemos, deste modo, a oportunidade de ver e apreciar o progresso feito — notável sob todos os seus aspectos.

É certo que por vezes surpreendemos o seu coração a chorar — como chora todo o apóstolo que sonhou com conquistas rápidas e brilhantes e topou, ao invès, derrotas dolorosas; mas a alma missionária franciscana de Moçambique nunca desfaleceu.

Na esteira do «cavaleiro do ideal» de Assis — seu Pai espiritual e Fundador da Ordem», a alma dos Padres Franciscanos da Colónia tem-se mantido sempre jovial e generosa, pronta ao grande sacrifício da selva por Deus e Portugal.

Aproveitamos gostosamente a circunstância para lhes dar este Nosso testemunho público de aprêço e gratidão.

Lourenço Marques, 20 de Maio de 1948.

† TEODÓSIO, *Cardeal Gouveia*

No esforço colonizador que Portugal vem desenvolvendo desde há séculos, epopeia heróica cuja impulso se deve mais à abnegação e ao sacrifício dos seus filhos do que ao móbil do lucro, é justo atribuir às missões católicas uma parte importantíssima do êxito obtido. E se é certo que o clero secular participou também desse movimento, o mais fulgurante da nossa História, aquele que mais exigiu, mas também melhor demonstração fez da capacidade de um povo e das magníficas reservas morais e espirituais de que é dotado, a verdade é que a algumas Ordens religiosas coube o papel de maior destaque. E hoje em dia, então, dentre todas as que se dedicam à actividade missionária, a de S. Francisco, pelo número e qualidade do seu pessoal, pelos fins que a animam e meios de que dispõe, atingiu uma posição de relevo, criando também assim responsabilidades especiais.

Quando se compara a variedade e riqueza das instituições que ela hoje mantem nas colónias em que trabalha, com o rudimentarismo e pobreza da sua acção de há 50 anos, época em que ela se abalançou à tarefa ingente de cristianizar e civilizar as multidões negras, não se pode deixar de admirar o resultado de tão grande esforço. E se na alma dos homens que envergam o burel franciscano houvesse ainda lugar para uma réstea do orgulho que nós, os laicos, nos permitimos ter quando fazemos qualquer coisa de semelhante, aqueles que há 50 anos foram os propulsores de tal movimento teriam direito a clamar bem alto:

— Eis, senhores, a nossa obra!

Teófilo Duarte

Ministro das Colónias

M. R. P. Manuel Taveira da Silva, O. F. M.
Vigário Provincial

Deus e Pátria

A Corporação Missionária «Província Portuguesa da Ordem Franciscana» comemora neste ano de 1948, o Cinquentenário da partida dos seus primeiros Missionários e da fundação das suas Missões, na Colónia de Moçambique.

Em 3 de Junho de 1898, reatando um fio quebrado e as tradições da Ordem, que vinham desde S. Francisco, embarcavam três Sacerdotes e três Auxiliares com destino à cidade da Beira.

Não estando a Ordem Franciscana reconhecida em Portugal, a viagem fez-se num barco estrangeiro e os Missionários não foram nomeados oficialmente.

Todavia, era o Governo Português, que por intermédio da Companhia de Moçambique convidava os Franciscanos a irem exercer o seu apostolado na nossa grande Colónia da África Oriental.

São conhecidas as causas que levaram o Governo da Nação a solicitar a colaboração da Ordem Franciscana na evangelização e na civilização dos indígenas de Moçambique.

Delimitadas as fronteiras da Colónia pelos tratados internacionais, pacificadas as tribus em brilhantes campanhas militares, era necessário chamar o gentio à colaboração com o europeu colonizador. Impunha-se a ocupação de todo o hinterland moçambicano.

Com o regime de administração civil que sucedia ao domínio militar, com a fundação de Companhias magestáticas encarregadas de colonizar parcelas do vasto território, para a obra ser completa, deveriam embarcar também os Missionários.

Os Franciscanos de Portugal foram exercer o seu apostolado no território da Companhia de Moçambique, mas colocaram-se à disposição da Autoridade Eclesiástica da Colónia e poucos anos depois da chegada fundavam também Missões ao sul do Save, nos Distritos de Inhambane e de Gaza.

Ao comemorar-se este meio século de trabalho missionário, importa recordar os nomes dos pioneiros: os Sacerdotes R. P. Dr. António de Santa Maria Correia, R. P. Rafael Maria da Assunção, R. P. José de Assunção Rolim; e os Auxiliares, Irmãos Serafim Felisberto Ribeiro, Salvador Franqueira e Daniel de Almeida.

Desta primeira leva, sobrevivem o R. P. José de Assunção Rolim e o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Rafael Maria da Assunção, Venerando Bispo de Limira.

Depois deles, outros partiram para o campo de apostolado. Nesta data, lembrámo-los a todos os que vivem e os que Deus chamou à recompensa de suas fadigas e sacrifícios.

A todos norteou o mesmo lema: o Amor de Deus e o Amor de Portugal. Foi ele que os levou ao sacrifício de abandonar a família e de deixar a Pátria; tem sido o ideal que os tem fortalecido nas horas amargas da incompreensão; continua sendo o viático de todos os momentos de desalento ou de consolação e alegria.

Hoje, trabalham em Moçambique 42 Sacerdotes e 18 Auxiliares, repartidos por 19 Missões centrais.

É grande o número de edifícios levantados, ou em via de construção: igrejas, capelas, residências, internatos, escolas e oficinas.

As estatísticas do seu Apostolado são verdadeiramente consoladoras.

Por Deus e pela Pátria foi a palavra de ordem recebida há cinquenta anos. É a mesma, ainda hoje.

Não pode modificar-se. Tem a sua origem numa consciência formada à luz do Evangelho de Cristo e lança raízes na tradição secular da Ordem Franciscana em Portugal.

Os primeiros Missionários partiram abençoados por Deus e pela Igreja. O Ex.º Cardial Neto, Patriarca de Lisboa, S. Ex.ª Rev.ma Mons. André Adjuti confortaram-nos na empresa a que iam meter ombros.

A Pátria, não lhes tem faltado com o seu carinho e reconhecimento. Na Monarquia e na República, aos Governos de todos os matises políticos devem os Missionários Franciscanos o maior recoconhecimento; e muitas vezes em ocasiões bem difíceis.

O nosso agradecimento nesta hora vai também para a Companhia de Moçambique que desde o Coronel Gorjão até aos tempos presentes, se pode contar como grande Benfeitora das Missões Franciscanas.

Ex.mo Sr. D. Frei Rafael Maria da Assunção, Bispo de Limira

Nos Governadores Gerais da Colónia encontraram sempre os Missionários Franciscanos a maior compreensão e uma eficaz ajuda.

Por último, desde D. Sebastião José Pereira, Prelado de Moçambique, os Franciscanos tem encontrado nas Ex.mas Autoridades Eclesiásticas desvelados protectores.

Em nome de todos os Missionários um sincero muito obrigado.

P. Manuel Taveira da Silva, O. F. M.
Vigário Provincial

As missões católicas, colaboradoras seculares, da obra portuguesa de colonização encontraram sempre, mesmo nos períodos de maior perturbação política e perante as utopias dos nacionalistas, um ambiente de simpatia, carinho e admiração por parte da grande massa da população portuguesa. Mas nem todos compreenderam a sua acção, nem todos se informaram sobre o mínimo daquilo que, através da exaltação da maioria, apenas puderam pressentir.

Raros foram de facto aqueles que directamente ou por meios incisivos e terminantes de informação encontraram, na África, materialista por excelência, feita terra de promissão de ambiciosos, continente sem coração — o exemplo edificante daqueles que se propõem iluminar a escuridão de almas bárbaras, à custa de todos os sacrifícios, sem compensações materiais, sem glória na terra dos homens — apenas por amor de Deus!

Julgo ter sido um desses raros.

E como o fui julgo também que melhor do que muitos avalio o que representa um cinquentenário de acção admirável e esforçada comemorada por aqueles que hoje lembram decerto os primeiros franciscanos que por amor de Deus fizeram da África o dom precioso da sua Vida e da sua Bondade.

Henrique Galvão
Inspector Superior das Colónias

BODAS DE OIRO

TODAS as festas de BODAS DE OIRO representam sempre uma vitória: pelo menos, a vitória sobre o tempo.

Cinco décadas de anos podem ser para a vida duma pessoa o erguer da balisa que assinala o declínio da segunda vertente da vida. Ao contrário, para uma instituição tal duração de tempo marca a certeza de profundas raizes de consolidação e assegura a garantia de obra duradôira.

Os Franciscanos Portugueses, a partir da revolução liberal, exercem a sua actividade missionária na Beira, há cincoenta anos. Celebram, portanto, no ano corrente bem merecidas bodas de oiro.

Chegados à Beira em 1898 para cá vieram e aqui ficaram. Não obstante os tumultos políticos e religiosos durante a larga época de 1910 e dos anos seguintes e apesar de todo o género de dificuldades que então surgiram, os Franciscanos Portugueses permaneceram aqui numa demonstração real que ser missionário não é ser ave de arribação que tanto vem como vai.

A celebração do cincoentenário de existência e acção em terras da Beira não pode deixar de chamar a atenção para o facto que reputo glorioso de tão prolongada vida em tempos certamente difíceis.

Ocupam hoje na Diocese da Beira nove missões distribuidas pelos históricos territórios de Manica e Sofala: antigas umas, outras mais recentes, todas, porém, em actividade. O padrão mais glorioso de sua acção missionária é certamente a igreja de Nossa Senhora do Rosário da Beira, actualmente, catedral da Diocese, e os edifícios anexos — monumental obra que ainda hoje se impõe aos olhos de todos no conjunto já grande da cidade.

Sem melindre para os vivos nem ofensa para os mortos, quero referir-me expressamente àqueles na pessoa do Exmo e Rev.^{mo} Senhor D. Rafael e a estes na do P.^{e} José Miguel Vieira. Sua Ex.ª Rev.^{ma}, o antigo Bispo de Augusta e Prelado de Moçambique, cimentou na Beira o primeiro elo — elo de oiro — da cadeia missionária franciscana, que desde 1898 se vem alargando até hoje e há-de continuar a alargar-se no futuro. O brilho e o esplendor de sua obra avultam simbòlicamente da construção da catedral da Beira com pedras da fortaleza de Sofala. Além de ser um símbolo local, este facto é também um símbolo universal. Quando se edificam igrejas, já não há lugar para fortalezas.

Os vestígios da acção de Sua Ex.ª Rev.^{ma} na Beira são muitos e hão de perdurar. A restrição imposta pelos limites de simples artigo e a falta de tempo nesta ocasião, obrigam-me a ser omisso — melhor a ser sintético. Quero transcrever algumas passagens duma circular que deixam ver algumas manifestações da alma ardente do antigo Prelado de Moçambique. «É necessário intensificar, diz a circular, a acção religiosa missionária com aquela fé, aquele espírito, aquele zelo de que tantas provas nos legaram os antigos missionários que formaram cristandades em algumas das nossas colónias e que sobreviveram a todos os cataclismos que depois abalaram esses mesmos povos». Mais adiante continua: «É preciso mudar de rumo. O título de cristão deve ser um título de honra, como seguidor de Cristo, e não um título de vaidade, sem significação real.

«A cuidadosa instrução religiosa é, pois, indispensável porque sem ela não se formam os caracteres, nem se ganham os corações dos filhos da selva para Deus.

«O programa material das missões desacompanhado do desenvolvimento espiritual não é progresso verdadeiro porque lhe falta a base principal da seiva vital que é a religião». Até aqui a fala dos vivos. Vejamos em seguida qual a palavra dos mortos. Os documentos existentes no arquivo da Diocese e assinados pela mão do P. José Miguel Vieira, revelam a alma de missionário verdadeiramente apostólico. Num deles escreveu: «Além destas duas associações, a que espero dar o desenvolvimento, outras tenho estabelecidas nesta paróquia: Ordem Terceira de S. Francisco, apostolado da Oração e a Associação do Escapulário Azul ou da Imaculada Conceição, todas com o fim de alistar quanto possível as crianças durante e depois da catequese. Também tenho dado particular desenvolvimento à Juventude Antoniana que é actualmente a associação de maior vida na missão pela devoção que as crianças nutrem pelo particular patrono das crianças Santo António de Lisboa». Mais adiante, como quem conhece a psicologia indígena, acrescenta: «Atendendo ao meio em que se desenvolve o nosso apostolado missionário, penso que a questão das insignias é de grande importância para o aumento e vida da associação que espero ser no futuro o grande auxiliar do missionário, como já o são também actualmente os professores indígenas».

Ao Snr. D. Rafael e, na pessoa de Sua Ex.ª Rev.ma, a todos os vivos as minhas homenagens. Aos mortos os meus sufrágios.

Beira, 30 de Maio de 1948.

† SEBASTIÃO, *Bispo da Beira*

A Igreja agradece a Deus a obra de apostolado e de civilização cristã realizada pelos Franciscanos missionários portugueses, émulos de hábito e de espírito do grande Santo Antonio de Lisboa — glorioso pioneiro das Missões portuguesas em terras de Africa — entre os quais é de justiça destacar o então P. Rafael que com razão se pode cognominar o D. Bosco da Beira.

Cardeal D. Teodósio de Gouveia

D. Teófilo de Andrade, Bispo de Nampula

Cinquentenário das Missões Franciscanas

EM MOÇAMBIQUE

NÃO me sendo possível enviar, como desejava, mais extensa colaboração para o número comemorativo do quinquagésimo aniversário da fundação das Missões Franciscanas na Colónia de Moçambique, congratulo-me e tomo, jubiloso, a minha cota parte na comemoração de tão faustosa data de Família. Saudo efusivamente os nossos primeiros missionários e seus dignos sucessores, pedindo a Nosso Senhor faça prosperar a árdua e patriótica tarefa da evangelização nesta tão importante parcela do nosso «Império».

Abundantes bênçãos do Céu caiam igualmente sobre quantos nos ajudam com suas orações, esmolas e incitamento a prosseguir, sem desfalecimento, na conquista, por vezes tão iriçada de espinhos, de dar muitas almas a Deus e bons vassalos a Portugal.

27-5-1948.

† Teófilo de Andrade, *Bispo de Nampula*

POR motivo do Cinquentenário das Missões Franciscanas de Moçambique, Mons. José Ribeiro de Magalhães, Prefeito Apostólico da Guiné, enviou ao R. P. José Alves Pereira, Representante das Missões Franciscanas junto do Governo e Director do nosso jornal, o seguinte telegrama:

«Pretendem «Missões Franciscanas» celebrar o cinquentenário da nossa ida para Moçambique, em que fomos reatar as gloriosas tradições da Ordem Franciscana em Portugal.

Do primeiro grupo que partiu para a Beira em Junho de 1898, vive ainda o Sr. D. Rafael da Assunção, venerando bispo de Limira, que prestou em África relevantes serviços a Igreja e a Portugal.

A Guiné portuguesa e franciscana associa-se entusiásticamente a estas comemorações».

Prefeito Apostólico

Monsenhor José Ribeiro de Magalhães, Prefeito Apostólico da Guiné

NA ocasião da restauração das Missões Franciscanas Portuguesas, há 50 anos, houve quem dissesse de Roma que o zelo missionário da jovem Província Portuguesa era o penhor certo do verdadeiro espírito seráfico, todo católico e apostólico.

Celebrando-se agora as bodas de ouro das mesmas Missões Franciscanas, agradecemos ao Senhor o trabalho cumprido nas Missões de Moçambique e felicitamos a Província Portuguesa, os seus Missionários e Benfeitores pelo zelo e fervor da primeira hora, desejando a todos a recompensa prometida pelo divino Mestre aos obreiros da sua vinha.

P. Gerardo Lunter, O. F. M.
Secr. Ger. das Missões

M. R. P. Gerardo Lunter, Secretário Geral das Missões Franciscanas

A partilha de África, levada a cabo no final do século passado, trouxe-nos, com a perda de fagueiras ilusões e o desfazer de quiméricos sonhos, a necessidade e o anseio de garantir, com realidades, a posse daquilo que ainda nos ficava.

Se aqueles tempos deram, por isso, à nossa história militar algumas das páginas mais brilhantes e alguns dos nomes mais ilustres, também a nossa história missionária — constituída por uma longa teoria de sacrifícios e dedicações — teve nessa época um esplendoroso renascimento que não pode nem deve ser esquecido.

A gratidão nacional terá, assim, de lembrar aqueles padres franciscanos que há cincoenta anos seguiram para a África Oriental quando ainda pairava sobre o futuro do nosso Império, e nomeadamente sobre Moçambique, uma atmosfera de incertesa, resultado duma ocupação incipiente a cada hora vítima das audácias do gentio.

Eles honraram a tradição evangélica portuguesa e o seu trabalho gerou o ambiente indispensável a devida compreensão entre o aborígene e o homem branco chamado a promover o desenvolvimento do território ou a nele representar e defender a soberania nacional.

Frei Rafael de Assunção, hoje Rev.º Bispo de Limira, ficará, pois, como símbolo de todos aqueles que, em momento decisivo, deixaram a Pátria para pregar a Fé de Cristo e com Ela, o Amor a Portugal.

Ruy de Sá Carneiro
Subsecretário de Estado das Colónias

Bodas de Oiro das Missões Franciscanas

O PRIMEIRO GRUPO MISSIONÁRIO

FOI o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, D. Frei José Sebastião Neto, quem, após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, lançou de novo, no seio da sua amada mas reduzida família franciscana, a semente do ideal missionário em terras de Além-Mar.

Regressando de África, onde estivera como bispo de Angola e Congo de 1880 a 1883 e onde deixara vestígios de um glorioso apostolado, as graves responsabilidades do cardinalato que recebera em 1883, não lhe fizeram perder os santos entusiasmos pelas nossas Missões Ultramarinas.

Saberia agora S. Eminência, com perfeito conhecimento de causa, que as missões em África, sobre serem — e em primeiro lugar — obra de Deus, também eram obra nacional e patriótica, pois elas são a melhor garantia do nosso domínio colonial.

Todavia, com ser franciscano o Sr. Cardial Patriarca, nem por isso se poderá considerar a sua ida para Angola, como a restauração das Missões Franciscanas, ou inauguração das mesmas depois do vendaval político de 34.

É que não havia ainda um pensamento missionário firme, definido.

Episódicamente, o Sr. D. José Neto havia sido nomeado bispo de Angola e Congo, e nada mais.

Após o seu regresso à Metrópole, então sim, o ideal missionário começou a tomar certa orientação, a concretizar-se pouco a pouco. Lentamente ia germinando nos espíritos da juventude estudiosa franciscana de então, concorrendo não pouco para isso, as conferências e prelecções, animadas e pitorescas por vezes, que S. Eminência lhe fazia.

Depois, aí por 1897 regressava de Moçambique D. António Barroso. A fama e prestígio de que vinha aureolado, e as visitas que fez ao Convento de Montariol, mais atearam a chama deste divino ideal nos filhos de S. Francisco.

Outra circunstância favorável a este espírito, não podemos deixar de apontar.

Em meados do ano de 1897, depois de capítulo celebrado no Convento de Varatojo, foi eleito Provincial dos Franciscanos o M. R. P. Frei João da SS.ma Trindade. Era homem novo — 32 anos apenas — mas dotado de invulgares qualidades de inteligência e de trabalho. Frequentara em Roma a Universidade Gregoriana, e aí recebera o doutoramento após um curso brilhantíssimo. À data da eleição para Provincial, leccionava o curso teológico no Colégio de S. Boaventura de Montariol.

Imbuído do mesmo ideal missionário, Frei João da Trindade, tinha, agora, no desempenho do novo cargo, maiores facilidades de o executar.

Acresce ainda o facto do Director Geral do Ministério da Marinha, Conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa, conhecer e apreciar o grande talento do Frei João. Por isso o animava constantemente nos seus planos de enviar missionários para o nosso Ultramar. «*Eu também me chamo Francisco*», costumava dizer o sr. Conselheiro num tom que denunciava a mais respeitosa simpatia pelo santo Fundador da Ordem Seráfica.

Não podia Frei João obrigar nenhum de seus súbditos a tal empresa, que lho não autorizava a Regra dos Frades.

Limitou-se, pois, a um simples apelo às almas de boa vontade.

Tanto bastou para que surgissem algumas vocações espontâneas, animadas do maior espírito de sacrifício e de generosidade.

Em breve se formou o primeiro grupo que ficou assim constituído:

P. Frei António de Santa Maria — nomeado superior do grupo. Fora companheiro de Frei João da Trindade, na Universidade Gregoriana de Roma, e como ele, se havia doutorado em Teologia. Contava 34 anos de idade. Era ao tempo, guardião de Montariol e leitor de Teologia.

P. Frei Rafael da Assunção — actual bispo de Limira.

P. Frei José Rolim.

Eram dois sacerdotes recentemente ordenados.

E os Irmãos Leigos Auxiliares:

Frei Daniel de Almeida

Frei Salvador Franqueira

Frei Serafim Felisberto.

— Para começo, era leva animadora e esperançosa.

Ela constituía, verdadeiramente, o grupo da inauguração das Missões Franciscanas, após a derrocada de 1834.

Seguiria para a cidade da Baia, na costa oriental de África, depois de prévio entendimento entre as autoridades civis e religiosas.

As Irmãs Missionárias de Maria que naquela cidade se encontravam desde Agosto de 1897, empregaram, para isso, todas as diligências junto do Governador dos Territorios de Manica e Sofala, o Senhor Tenente-Coronel Manuel Rafael Gorjão. O Governador, que tinha uma irmã professa na Congregação das Missionárias de Maria, por sua vez tudo comunicou ao Presidente do Conselho da Companhia de Moçambique em Lisboa, o qual se dignou interceder pessoalmente junto do novo Prelado de Moçambique, D. Sebastião José Pereira (1), para que os Franciscanos se fixassem na Beira, sede da Companhia em África. E assim ficou definitivamente assente.

E como S. Ex.ª Rev.ma, o Sr. D. Sebastião, tencionasse embarcar para Moçambique, em princípios de Junho de 1898, também se resolveu que os misssionários franciscanos partissem nessa mesma ocasião.

Os preparativos da viagem intensificavam-se, e em breve começavam as despedidas.

D. José Neto, Cardial Patriarca de Lisboa, o precursor dos missionários franciscanos depois de 1834.

A mais solene de todas, foi a despedida dos missionários à Virgem do Sameiro, a cujo monte subiram, nos meados do mês de Maio de 1898, em recolhida peregrinação, acompanhados por quase toda a Comunidade do Convento de Montariol, a pedir as bençãos, carinhosas e ternas da mãe e raínha dos portugueses.

Durante o trajecto rezou-se a Coroa Seráfica, e entoaram-se vários cânticos religiosos. E no templo do Sameiro, cantaram Missa Solene, Ladainha e Benção do Santíssimo. Foi uma romagem séria e comovida que deixou em todos as mais suaves impressões.

Nesse mesmo dia, à noite, P. António de Santa Maria dirigia-se a Lisboa para tratar das passagens e remover quaisquer dificuldades que surgissem. E no dia 31 de Maio, foram juntar-se-lhe na capital, os 5 restantes companheiros de viagem.

Na manhã do dia 3 de Junho — o dia do embarque — os sacerdotes celebraram missa na igreja de S.to António-à-Sé. Queriam assim testemunhar a sua devoção pelo santo confrade, que fora o primeiro missionário franciscano e português das missões de África, e ao mesmo tempo receber dele benção especial que os fortalecesse e iluminasse nas próximas lides missionárias, para eles ainda bastante vagas e imprecisas.

E... finalmente chegaram ao vapor, onde os esperava o P. Provincial Frei João da Trindade e o R. P. Fr. Boaventura Crespo, superior da residência de Lisboa.

---

(1) D. Sebastião José Pereira trabalhara primeiramente como simples missionário em Angola e Congo, e fora apresentado em 11 de Maio de 1897 para sucessor, na Prelazia de Moçambique, de D. António Barroso, transferido para a diocese de Meliapor, na Índia.

Também lá se encontrava já o Sr. D. Sebastião José Pereira, que levava na sua companhia o Cónego Sebastião José Alves, missionário do Congo e o R. P. Manuel Marques de Oliveira.

O primeiro ia como Vigário Geral e o segundo como seu secretário particular. Respirava-se ali um ambiente confortável de optimismo e coragem.

Os missionários franciscanos embarcaram quase tão pobres como Job. Umas caixas de madeira forradas por fora de folha pintada, os compêndios das disciplinas do curso, alguns livros de estudo e piedade, os hábitos e alguma roupa mais, e uma moeda de 5$00 para todos — o P. Provincial à última hora havia-se esquecido em casa do dinheiro para as despesas da viagem — era toda a riqueza que levavam.

«Quando reflito nisto — escrevia mais tarde o P. Fr. José Rolim — sinto-me honrado por haver pertencido a este primeiro grupo missionário tão pobrezinho, e, por isso mesmo, tão rico.

As Missões franciscanas de Moçambique, nasceram em berço do mais aquilatado oiro: o oiro de S. Francisco».

Pois foi assim que partiram para as Missões, alegres e satisfeitos, como bons filhos do Pobrezinho de Assis, os primeiros missionários franciscanos, no dia 3 de Junho de 1898.

Luís de Almeida

Mais do que conquistadores de terras, sempre fomos e queremos continuar a ser conquistadores de almas, e a nossa vitoriosa política de assimilação domina de muito alto certo conceito de colonização, obscuro, desumano, anti-social, que apenas tem em vista interesses materiais, mediante, o enunciado de princípios arbitrários de conteúdo mal definido.

Em matéria colonial praticamos uma política de bondade — e a bondade é a mais pura fonte de clarividência.

Dr. Vieira Machado

A Província Franciscana portuguesa festeja o cinquentenário das suas missões de Moçambique, entoando justificados hinos em acção de graças.

A esse jubileu se devem associar todos os Portugueses capazes de compreender não só o valor da obra ali realizada, como principalmente a oportunidade em que lhe foi dado início. Sob este aspecto, a expedição missionária de 1898 tem foros de acontecimento de alto e transcendente inspiração.

Braga Paixão

Segredo

(Aos meus amigos Missionários)

Embrulhado no manto da incerteza
Avança para mim o que há-de vir;
Irei talvez chorar, talvez sorrir
Com os olhos na terra portuguesa.

E há um segredo que a minha alma reza
E eu me não cansei nunca de ouvir...
Podem todos morrer, posso eu partir;
Ficará o meu segredo, com certeza.

O meu segredo! Uma ilusão morena
Perante a qual o tempo não importa
E já tudo terá valido a pena.

Uma ilusão que me há-de eternizar
Quando eu for uma pedra, embora morta,
Do Templo que ajudei a levantar.

M. B.

Missão de Homoíne

I

A missão de Homoine, situada a três quilómetros da sede da Circuscrição, um pouco para o lado poente, foi dotada com a verba do Môngüè, ficando esta reduzida a um simples posto missionário com um padre e um irmão, sem dotação de qualidade nenhuma.

Era a derrocada completa do Mongüè, como eu clamei em ofícios para o Prelado e depois se verificou; porém ninguém quiz ouvir os meus clamores bem amargos.

Era superior do Môngüè desde Julho de 1908 e na ocasião da fatal notícia estava em Inhambane com a banda de Música para fazer a festa da Imaculada Conceição, padroeira de Inhambane.

Foi no dia sete de Dezembro, ao pôr do sol, desse ano de 1910, que um empregado da Fazenda, meu conhecido, me deu a dilacerante noticia para o meu coração. Custou muito resignar-me com as disposições da Divina Providência, que assim vinha deitar por terra todos os meus sonhos duma Missão florescente naquela ponta de terra do Môngüè, tão linda, onde eu queria permanecer longos anos — talvez toda a vida — para ver progredir dia a dia, as oficinas da escola de artes e ofícios a que tinha dado princípio com imensos sacrifícios, tendo nessa ocasião ainda por pagar a maior parte das instalações e sem saber onde ir buscar o dinheiro para liquidar as minhas dívidas.

Naquela noite havia arraial, mas eu não tive coragem de assistir. Entreguei a regencia da banda ao rapaz mais sabedor e fui vaguear pela vila, sempre a pensar na minha triste situação. Se a banda tocasse bem ou mal, que me importava a mim, se tudo estava consumado contra a pobre missão.

Reagi contra todas as tentações que naquela noite assaltavam a minha alma, enquanto dei voltas sobre voltas nas ruas de Inhambane.

No dia seguinte, após uma noite de insónia celebrei a Santa Missa com a cabeça a escaldar. Pedi à Mãe do Céu com fervor me alcançasse de Jesus as forças precisas para aceitar com resignação todos os sofrimentos daquele transe doloroso — talvez o mais terrivel da minha vida — afim de en-

Igreja da Missão

trar dentro da minha alma a paz tão necessária, no meio daquele mar tempestuoso.

A minha Boa Mãe ouviu-me e de tarde acompanhei serenamente a procissão com a banda, tocando os rapazes as melhores marchas graves que conheciam dentro do seu vasto reportório.

Foi a última vez que a minha banda tocou em publico!...

Escola

A minha divida também foi paga aos vários devedores devido à generosidade da Venerável Condessa de Ladochovska a grande benfeitora das missões africanas, a quem a missão do Môngüè, devia muitos e muitos favores.

Deus assim o determinara, tendo eu obrigação de aceitar resignadamente os decretos do seu amor, sem procurar sondar os abismos profundos da sua sabedoria!...

* * *

A missão de Homoíne foi criada por uma portaria Provincial, de 7 de Dezembro de 1910. Se não me engano, foi a última missão criada pelo então Prelado de Moçambique D. Francisco Ferreira da Silva, portanto numa época de *deita-abaixo* quanto a missões católicas.

Capela primitiva

O Governo dava passagens a todos os missionários que quisessem regressar a Portugal, mas para irem até às Colónias foram elas proibidas duma maneira absoluta.

Oficialmente a missão só foi aberta a 5 de Fevereiro de 1911, data em que o P.e Inácio Rodrigues, seu fundador, se apresentou na sede da Administração de Homoíne para dar parte às autoridades do encargo que ali o trazia.

Se o fundador não tivesse uma vontade de ferro a missão teria morrido logo ao seu principio. As autoridades administrativas num conluio satânico moveram-lhe uma guerra sem tréguas, ora surda, ora às claras, apoiando essa guerra o próprio Governador do Distrito.

Quando o P.e Inácio Rodrigues, antes de seguir para Homoíne foi cumprimentar o Governador e participar-lhe o encargo do seu Prelado, o Governador disse-lhe abertamente que não valia a pena andar a trabalhar nesse sentido, visto as *missões laicas* — supremo sarcasmo de ignorantes — virem em breve tomar conta de todas as Missões Católicas, sendo os padres enviados para Portugal!

Residência Missionária

Resposta serena, mas enérgica do P.e Inácio:

— Senhor Governador, não venho pedir-lhe favores, porque sei não os pode fazer. Peço porém não ponham

À hora dos curativos

entráves às ordens que recebi dos meus superiores eclesiásticos. A missão funda-se, pois são as ordens que tenho; e nela estarei até me escorraçarem como um mau português!

O Governador admirou a atitude daquele missionário pequenino, picado das bexigas e pediu ao Administrador que era um feroz anti-clerical — não pusesse obstáculos aos planos do padre que ia principiar a Missão, visto não valer a pena, pois em breve tudo se liquidaria a favor das *missões laicas*.

O tal Governador e o célebre Administrador que trouxeram sempre trancada na garganta aquela missão, fundada mesmo junto à administração, não podendo por meio de insídias e traições suprimi-la para sempre, recorreram à calúnia informando duma maneira infame o Governador Geral sobre o pessoal missionário então existente em Homoíne, quando da sua visita ao Distrito de Inhambane em fins de 1911, ou princípios de 1912.

Chegando a Lourenço Marques o Governador Geral foi entrevistado pelo director dum jornaleco qualquer e atirou para público, depois de muita coisa pitoresca, estas palavras maravilhosas:

— Visitei a missão de Homoine, que nada vale. Meia dúzia de palhotas mal construidas — queria o homem que em menos dum ano saisse da terra um palácio! — e os seus dirigentes são uma perfeita desgraça: Um é ébrio de *profissão* e outro é um pobre diabo!

O *ébrio de profissão* era eu, que desde 16 de Julho de 1911 me encontrava na Companhia do P.e Inácio Rodrigues.

O Governador Geral galardoou-me, com esse título honroso, talvez o melhor da minha vida...

Um amigo meu de Lourenço Marques mandou-me o tal jornaleco, onde vinha a celebre entrevista. Na noite a seguir enchi uns dez linguados em que zurzi sem piedade nenhuma o autor da entrevista e enviei-os inteirinhos a um jornal sério onde escrevinhava, de longe a longe. A prosa saiu completa sem faltar uma vírgula. Foi um espanto o meu atrevimento e todos esperavam que o Governador me mandasse desterrado para «Angola», mas fiquei na missão sem ninguem me incomodar. O Prelado também saiu

HOMOÍNE — Início da aldeia Cristã

à estacada por causa da tal entrevista e publicou um folheto em defesa dos Missionários. Fez bem, no meu parecer, mas conjecturo que gastamos cera demasiada com tão ruim defunto!...

O *pobre diabo* também deu que fazer ao administrador e ao seu secretário — ui! este era um frasquinho de veneno — nunca cedendo às prepotências e injustiças contra os pretos, sobretudo durante a terrível fome que assolou o Distrito desde os fins de 1911 a meados de 1912, que tantas vítimas causou entre a população indígena.

O Governador do Distrito, mais tarde elevado à chefia do Governo Geral, mudou de opinião perante o fracasso escandaloso das célebres missões laicas e penitenciou-se do seu anti-clericalismo feroz, defendendo e ajudando as missões.

O Administrador da Circunscrição e o seu secretário saíram de Homoíne, depois dum escândalo havido entre os dois... mas a missão ficou!...

Depois de estar ano e meio na companhia do P.e Inácio Rodrigues, com pena tive de o deixar para seguir até à cidade da Beira em fins de 1912.

Veio-me substituir o grande Missionário P.e António Maria de Oliveira, que muito ajudou aquele superior, leal em todo o sentido da palavra, no progresso da Missão, principalmente na recolha de material para dar começo às construções definitivas. O pouco tempo que estive naquela missão dava para um romance humorístico bastante volumoso, composto apenas de dois personagens: eu e o meu *saudoso Jacopo*, o burro mais espertalhão que até hoje conheci, a quem macei por aqueles matos debaixo de sol e de chuva, quer de dia, quer de noite, armado com pistola e carabina, porque as hienas, ou quizumbas no dizer dos pretos, enxameavam nessa época a região de Homoíne. Talvez um dia ainda comece a contar a história dum burro esperto, que me fez dar trambulhão bravio, quando andava com a neura!...

Na minha retirada de África em fins de Agosto de 1920, ainda visitei essa missão, para lhe dar as minhas saudosas despedidas.

Continuavam as instalações em palhotas e barracões cobertos a capim, embora houvesse muita madeira serrada e bastante tijolo para se começar a construir a residência dos missionários, o primeiro edifício que se tencionava levantar definitivamente na missão. Porém, só em 22 de Agosto de 1922, se lançou a primeira pedra e é desde aí que começa o triunfo dessa missão em progressos materiais e espirituais, missão que foi iniciada no meio dos maiores desalentos e perseguições, onde o seu fundador arruinou por completo a saúde. Saindo o P.e Inácio Rodrigues para superior da Missão de Mocumbi-Inharrime — sucedeu-lhe o P.e António Maria de Oliveira, que numa lufa-lufa sempre crescente transformou tudo, dotando a missão com edifícios pomposos, a começar pela igreja, uma das mais lindas da Província.

Esta missão com os seus edifícios terminados, com as suas trinta e três escolas disseminadas pelo mato, é talvez a mais florescente — as comparações são de ordinário odiosas — de quantas Missões possuem os franciscanos na grande Província de Moçambique.

O seu actual director, P.e Joaquim Volante, que nela muito tem trabalhado e durante vinte anos permaneceu em África, chegou há pouco tempo a Portugal para repousar de tantas fadigas. Espero que ele dirá nas colunas desde jornal quais os processos realizados naquela Missão tão ferozmente combatida, e agora tão florescente.

P. Alberto T. Carvalho

II

Area e raças indígenas de Homoíne

Desde o início até ao presente a área confiada aos missionários de Homoíne tem variado sensivelmente.

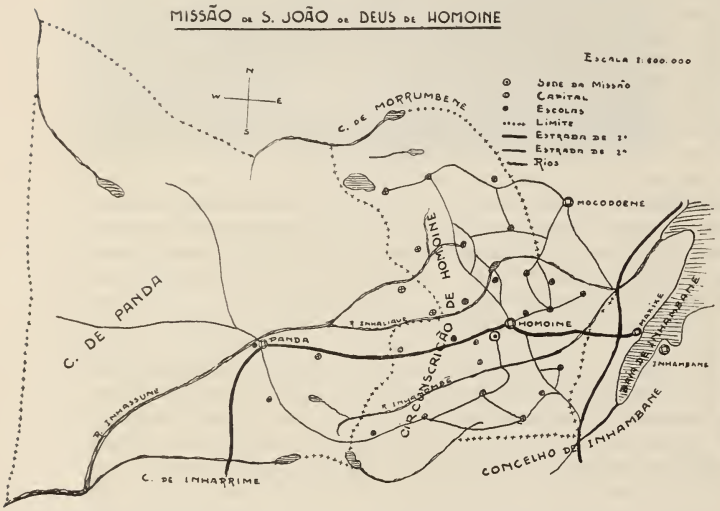
Maxixe, Homoíne e Panda eram circunscrições administrativas. Na Circunscrição da Maxixe, existia a Missão de S. José de Môngüè, prestes a ser fechada. Para Homoíne e Panda fundou-se a Missão de S. João de Deus. A missão de Môngüè fechou de facto em 1912, e a area da

Maxixe ficou desde então confiada aos missionários de Homoíne. A superfície destas três circunscrições era de cerca de 11.000 km².

Maxixe e Panda, mais tarde, foram reduzidas a simples Postos Administrativos, dependentes de Homoíne. Panda, a partir de 1945, foi novamente elevada a circunscrição.

Reaberta a Missão do Môngüè, foi-lhe adjudicada parte do Posto de Maxixe, ficando uma outra parte dependente da Missão de Homoíne, até 1946.

Hoje a área confiada à Missão de S. João de Deus, que compreende a sede da Administração de Homoíne e a Circunscrição de Panda, anda à roda de 9.000 km².



R. P. Joaquim de Sousa Violante
Comissário Provincial em Moçambique e Superior da Missão de Homoíne

Em toda esta vasta região encontram-se à mistura três raças principais: *Mutsua, Muchope e Bitonga.*

O *bitonga* veio do litoral; o *muchope* de Manjacaze e Inharrime; e o *mutsua* veio com o Gungunhana ou era destas terras e que se associou com ele e suas tropas, estendendo-se até Mambone.

De todas estas raças a predominante é a *Mutsua,* com o seu dialecto próprio que se chama *Xitsua.*

Foi para evangelizar e civilizar este povo que se criou a Missão de S. João de Deus de Homoíne.

Os primeiros trabalhos e os primeiros companheiros do P.e Inácio.

Ajudado pelo auxiliar Mateus da Cruz e alguns colonos amigos, P.e Inácio tratou logo de escolher local apropriado para a Missão.

Acampou num lugar airoso, cerca de 25 Kl para o Interior e a uns 1.500m da séde da administração de Homoíne.

Simples palhotas de pau a pique, foram mais que suficientes para abrigar os missionários e instalar provisòriamente os serviços da Missão. Uma palhota maior foi convertida em escola-capela. Tudo no princípio era modesto e franciscano.

A 26 de Julho de 1911 era nomeado coadjutor do P.e Inácio, o P.e Alberto Teixeira de Carvalho, que tão brilhantemente dirigira a Missão do Môngüè e tão desgostoso a deixara. E a seguir, por despacho de 8 de Janeiro de 1912 veio juntar-se-lhes o irmão fr. Daniel de Almeida,

precioso elemento já familiarizado com a vida missionária, pois viera para Moçambique em 1898 na primeira leva de missionários franciscanos dos tempos modernos.

A presença de seus confrades alentou ainda mais o P.e Inácio então assoberbado com as tremendas responsabilidades do começo. A alegria duma sã e leal camaradagem tornava leves e fáceis os maiores trabalhos e canseiras. Mas... quando tudo parecia correr tão bem, P.e Alberto, com grande mágua e saüdade do P.e Inácio e dos indígenas da região, era transferido para a Missão da Beira que requisitava a presença de mais um missionário.

Na altura em que a Missão de Homoíne ensaiava os primeiros passos lutava-se com a falta de pessoal, consequência da mudança de regime em Portugal.

P. Inácio e P. António Oliveira — Dois grandes missionários de Homoíne.

P. António Maria de Oliveira, foi o substituto do P. Alberto. E em boa hora ele chegou. Fechada finalmente a Missão de Môngüè em 1912, foi colocado em Homoíne.

Partindo para as Misões em 1909, vai em 39 anos de serviço missionário, pois ainda hoje continua trabalhando ardorosamente em Moçambique, sendo actualmente o decano dos missionários franciscanos portugueses e superior da Missão de Mocumbi.

P. Inácio e P. Oliveira são, por assim dizer e sem ofensa para os seus colaboradores, os grandes artífices da Missão de Homoíne. Eles arrostaram e venceram sòzinhos no decurso de sete longos anos, as maiores dificuldades, acabando por triunfar dos inimigos quando estes pareciam ter assegurada a vitória que era a extinção radical e completa desta gloriosa Missão.

Como não há alegria sem tristeza, ainda por falta de pessoal, em 30 de Julho de 1920, P. Inácio era nomeado superior da Missão de Mocumbi a 130 km. ao sul, vendo-se obrigado a deixar a sua querida Missão de Homoíne, onde era estimadíssimo e onde esgotou o melhor das suas forças.

Mas o caminho para o futuro estava traçado, e em sua vez ficava o P. Oliveira, já com a necessária experiência para continuar a obra encetada e realizar o sonho do fundador: Instalar a Missão em edifícios definitivos.

Dinâmico e empreendedor, P. Oliveira iniciou, de facto, uma nova época na vida da Missão. Intentou realizar o sonho do seu antecessor que era ver a Missão instalada em edifícios de alvenaria, começando pela residência missionária, para a qual P. Inácio deixara prontos 90.000 tijolos e outro material, e que foi inaugurada em 1923, no dia do Santo Padroeiro da Missão, S. João de Deus, não faltando à festa o saudoso P. Inácio.

Seguiu-se outra série de obras, que terminou esplendidamente pela magnífica construção da Igreja, verdadeiro monumento a atestar para sempre a capacidade realizadora de tão insigne arquitecto.

Chegam de Portugal novos obreiros evangélicos.

Em 13 de Outubro de 1920, como satisfação da promessa feita pelo P. Provincial André de Araújo, que em 1919 visitara as Missões franciscanas, chegaram da Metrópole o R. P. Roque do Amaral e os Auxiliares fr. Manuel Dias e fr. António Fernandes, que vieram dar alento e força ao Rev. P. António Oliveira.

A 1 de Dezembro de 1922 chegou também o R. P. Mariano Marques para substituir o P. Roque, transferido nessa data para a Missão da Beira.

P. Roque no pouco tempo que aqui esteve soube conquistar a estima e simpatia dos indígenas que ainda hoje o recordam com saudade.

Em 26 de Abril de 1923 chegou outro missionário cheio de vida e saúde, P. Joaquim de Sousa Violante, que seria no futuro um dos grandes beneméritos desta Missão.

Pouco tempo depois, P. Oliveira embarcava para a Metrópole em gozo de licença graciosa bem merecida, a reparar as forças abaladas por tantos anos de intenso trabalho. Substituiu-o no governo da Missão o R. P. Mariano Marques.

A residência missionária já tinha sido inaugurada e quando o P. António regressou já encontrou quase completa a casa destinada à residência das Irmãs.

P. Mariano entregou de novo a chefia da Missão ao P. Oliveira e partiu a tomar conta da paróquia de Inhambane que tinha sido entregue aos missionários franciscanos.

No dia 3 de Julho de 1925, no meio de júbilo geral, chegaram as primeiras Irmãs Missionárias de Maria para preencher uma falta que há muito se fazia sentir, e tomar conta da educação e instrução da mulher indígena.

Agora, com maior facilidade se podiam criar bons cristãos em elementos preparados nos dois internatos da Missão, um para cada sexo.

Foi também em 1925 que se abriu no mato a primeira escola-sucursal.

Construção da Igreja — Epílogo de um Missionário.

Como dizia um grande missionário: «Uma missão sem igreja condigna, é um corpo sem vida...» — Homoine carecia dum belo templo e essa necessidade foi satisfeita, graças à vontade e energia, principalmente de um missionário — P.e António Maria de Oliveira.

HOMOÍNE — Escola do mato

Em 13 de Maio de 1926 era benzida e lançada a primeira pedra pelo então Prelado de Moçambique, D. Rafael Maria da Assunção.

Vencidas enormes dificuldades, arrastou-se esta construção até princípios de 1931, sendo finalmente inaugurada em 2 de Fevereiro desse ano, presidindo à cerimónia o mesmo Prelado. Foguetes e toques festivos de sinos anunciaram o facto.

Com a inauguração da igreja de Homoine, escreveu-se um dos capítulos mais belos da vida missionária do seu principal arquitecto, P. António Maria de Oliveira, terminando também o seu governo nesta missão que é bem sua.

Saída do P.e António — Novo Superior da Missão.

Depois de dezassete anos de árduos trabalhos apostólicos, dez dos quais como superior da Missão, P.e António entregou o governo da Missão ao seu novo sucessor e companheiro, P. Joaquim de Sousa Violante, seguindo em 10 de Abril de 1931 a tomar conta da Missão de Mocumbi por ele fundada em 1910. À sua partida houve uma grandiosa manifestação de apreço e simpatia, sendo chorado pelos indígenas que viram sempre no P.e Oliveira, mais que um grande missionário, um bom e carinhoso pai.

Ao deixar a Missão deixava também uma grande obra. As palhotas tinham desaparecido e em seu lugar ficavam belos edifícios de alvenaria: residência missionária, escola e internato masculino, residência das Irmãs, armazens, turbina hidráulica e uma bela e sumptuosa igreja.

Trabalhando com o P. Oliveira desde 1933, P. Violante tinha acompanhado todo o movimento da Missão e, conhecedor das necessidades mais urgentes e dos planos do seu antecessor, não se demorou em executá-los.

Construiram-se algumas escolas sucursais em alvenaria, mas a obra mais importante do P. Violante foi sem dúvida a construção do internato feminino, inaugurado em 1938, obra apreciável e de lindas linhas modernas, que pela sua grandeza e apurado estilo ficaria bem, em qualquer vila ou cidade.

Pessoal missionário que tem trabalhado em Homoíne.

Desde a fundação até ao presente trabalharam na missão de Homoíne os seguintes missionários:

Superiores: P. Inácio Rodrigues (fundador), P. António Maria de Oliveira, P. Mariano Marques e P. Joaquim de Sousa Violante.

Coadjutores: Exceptuando o P. Inácio todos os sacerdotes que estacionaram em Homoíne exerceram o cargo de coadjutor e foram eles: P. Alberto Teixeira de Carvalho, P. António Maria de Oliveira, P. Roque do Amaral, P. Mariano Marques, P. Joaquim Violante, P. Camilo de Azevedo, P. Carlos de Azeredo, P. Manuel Sambade, P. Aniano Martins Baptista, P. Luís Franco de Almeida, P. António Martinho, P. Manuel Luís Marques e P. António Araújo.

Auxiliares: Mateus da Cruz, fr. Daniel de Almeida, fr. Luís da Cruz, fr. Manuel Dias, fr. António Fernandes, fr. Manuel Cardoso, fr. Abel dos Santos, fr. Joaquim Maria Pereira, fr. Armando Araújo e fr. Augusto Pires, e muitas Irmãs Missionárias de Maria.

Actualmente trabalham em Homoíne: Superior — P. Joaquim Violante; Coadjutores, P. Manuel Luís Marques e P. António Araújo; Auxiliares: Fr. Armando Araújo e fr. Augusto Pires; Irmãs: 5 Missionárias de Maria e 4 Agregadas indígenas.

À frente das escolas catequéticas estão 34 professores indígenas, orientados e assistidos pelos missionários.

Internato Feminino da Missão de Homoíne

Vida religiosa da Missão.

A população indígena da região de Homoíne tem correspondido ao esforço dos missionários. As conversões têm sido numerosas e presentemente os baptismos de adultos andam à roda de 700 anualmente. Este movimento começou a notar-se principalmente de 1928 em diante, quando as escolas sucursais começaram a dar os seus frutos e a desenvolver-se. O apostolado é exercido de preferência entre as crianças de ambos os sexos, por meio das escolas catequéticas, pois os mais velhos dificilmente deixam os seus antigos usos e costumes indígenas para seguirem os missionários.

A população cristã da Missão anda muito perto de 10.000, como se pode verificar pelos assentos do arquivo paroquial.

Tem-se procurado a formação de lares cristãos e até fins de 1947 realizaram-se ao todo 1.038 casamentos religiosos.

As escolas sucursais que a partir de 1925 se foram criando pelo mato, hoje em número de 34 são outras tantas pequenas Missões em formação que sob a fiscalização cuidada dos Missionários tem dado excelentes resultados. Do seu bom funcionamento depende o progresso espiritual da Missão.

A frequência destas escolas é superior a 5.000 alunos anualmente, de ambos os sexos.

Mas a seara é ainda enorme se atendermos ao número dos operários. Deus providenciará, e com a sua graça aumentará também o seu rebanho.

P. António Martinho, ofm.

PSICOLOGIA INDÍGENA

Que o preto é um fino observador e tem, por vezes, saídas mais acertadas que doutor de Salamanca, é facto averiguado, e muito rábula seria quem tivesse artes de negar esta verdade; mas que, em certas ocasiões, o seu intelecto atinge tal ingenuidade, que só a espírito infantil se pode comparar, — também é tão certo, que sòmente cegos o não podem ver... — Duvidam? Ora oiçam:

Na missão da Chupanga, tínhamos montado a luz eléctrica e ligara-se, naquele dia, a última linha — a do Internato.

Na primeira experiência, a tentar a agudeza do intelecto indígena, lembrei-me de conservar fechado o interruptor geral dessa linha. Francisco, o nosso mecânico, ignorante do caso, entrou na cozinha, deu volta ao interruptor e... luz, viste-la...

Correu à central, açodado, aflito:

— Sr. Padre, ligação mal feita! Luz não acende...

— Porquê?!

— Não sabe, Sr. Padre. Vai arranjar... — E apanhava já alicates, uma faca, outras ferramentas piores.

— Não. Espera. Experimenta de novo.

Francisco obedece, volta à cozinha. Desta vez deixei a ligação feita e uma bela luz clara fulgiu, brilhou magnífica.

— Sr. Padre, — gritava ele de longe, satisfeito, alvoroçado — luz acendeu. Muito bonito!...

— Homessa!... Há pouco falhou... agora acendeu... Como é isso?...

— Francisco reflecte leves momentos, de testa contraída, e, de repente, na explosão alegre de um *eureka* luminoso:

— Lâmpada era nova. Não sabia dar luz... Agora acabou aprender... acostumou... acendeu... Lâmpada muito esperto...

* * *

Cigarro — o ajudante mecânico do aero-clube — chama-me:

— Sr. Padre!

— Que é?

— Gostava dar passeio no avião...

— 'Stá bem. Põe cá fora o *Manica*.

Voámos meia hora, aterrámos — o nosso amigo satisfeito, radiante, feliz.

— Então, Cigarro, gostaste?

— Gostaste muito, Sr. Padre.

— E gostavas de saber pilotar?

— Sr. Padre, eu sabe.

— Hein?!... Tu?!... Já guiaste alguma vez?!...

— Não guiaste, mas sabe... Não custa... Quando Sr. Padre diz onde é acelerador, há-de subir, há-de voar, há-de descer. Não custa...

* * *

Seguíamos, na velha Ford, por uma estrada esburacada, cheia de capim.

— João!

— Sr. Padre!

— Preto pouco esperto ou muito esperto?

— Muito esperto, Sr. Padre.

— Hein?... Esperto?... Como?... Preto não sabe nada... Não sabe fazer aviões, nem automóveis, nem máquinas... nada.

— Pode fazer. Quando tem ferramenta, não custa.

— E ferramenta, como faz?

— Ferramenta? Não precisa fazer. Já 'stá feito. Basta comprar. Mas preto tem pouco dinheiro. Quando tem muito, há-de comprar ferramenta, há-de fazer avião, carro, tractor, tudo mesma coisa *branco*...

* * *

Na Missão, instalara-se, naquela tarde, o aparelho de radiofonia-telefonia. Alguém, por esquecimento, o deixara ligado. O Superior, que jantava tranquilamente, chama o muleque:

— Chale!

— Sr. Padre!

— Fecha *rádio*.

— ?!

— Fecha *aquela coisa*, àlém, a falar.

O muleque, desconfiado, hesitante, vai ter com o aparelho. Dentro da *caixa* uma voz capciosa dá as últimas notícias da guerra. Chale reflecte profundamente: numa *caixa* tão pequena um homem a falar!... Espreita por baixo, por cima, pelos lados, na ânsia de surpreender o *atrevido*. Nada. Toma então a melhor resolução para tal conjuntura e grita para o suposto tagarela:

— Eh! Você falar muito. Sr. Padre Superior manda dizer Você p'ra ficar calado. Não fala mais.

A voz, mansa e lenta, continuava o noticiário. Chale zanga-se, ameaça:

— Ah! Você não cala? — E desandou a queixar-se:

— Sr. Padre Superior! Aquele gente do *caixa* muito maluco. Eu disse a ele ficar calado. Não fica nada... Muito malandro... Quando Sr. Padre Superior quer, há-de levar pau e dar muito pancada... Depois há-de calar...

F. P.

Missão de Macequece

PARA dizer alguma coisa sobre a Missão de Macequece, seria bom relatar os precedentes históricos da Missão antes do estabelecimento dos franciscanos nesta região privilegiada, de montes, vales e colinas, que lembra o Minho encantador do nosso Portugal, faltando-lhe apenas para que a imagem fosse bastante real, a brancura das casinhas a espelhar alegria.

Quando o primeiro franciscano, designado para tomar posse da paróquia de Macequece, desceu do comboio na estação da vila, encontrou, sòmente, casa para viver e uma linda igreja abandonada de almas fiéis. No entanto, esse estado de coisas não havia sido sempre o mesmo. Por vezes a cristandade de Manica, datada dos tempos das descobertas, viveu dias florescentes e animadores, intermeados de longos e pesados sonos, conforme a assistência que lhe era prestada.

MACEQUECE — Residência em Corstrução

Desde 1924, data em que os franciscanos se fixaram em Macequece, os cristãos, têm vindo aumentando de ano para ano, graças à dedicação dos missionários que por cá têm passado, entre os quais alguns já falecidos e cuja memória ainda se não varreu da mente daqueles que vivem nestas terras. Entre eles está o P.e José Miguel Vieira, que aqui deixou o melhor de sua saúde e que faleceu quando em Portugal desejava recuperá-la para de novo se entregar ao apostolado. A população de Manica, europeia e indígena, não esqueceu ainda também a figura simpática e atraente do jovem missionário, P.e Francisco Ribeiro de Carvalho, o snr. P.e Carvalho, como lhe chamavam, que há pouco mais de dois anos, dum quarto do hospital da vila, voou para regiões mais altas, e cujas cinzas se foram juntar, no cemitério, às cinzas do P.e Alberto Gaspar, que veio morrer a Macequece quando missionava em Mossurize, mas que também havia trabalhado vários anos nesta Missão.

Não foram, porém, sòmente estes franciscanos que sacrificaram a vida, saúde, e energias pelo bem desta cristandade. Outros há que se dedicaram de alma e coração para que ela revivesse e pudesse chegar à realidade consoladora a que hoje, com ufania, assistimos.

Actualmente a sede da Missão encontra-se distanciada da vila de Macequece, hoje Vila de Manica, cerca de 9 quilómetros, e atravessa uma fase de renovo e mocidade verdadeiramente digna de nota, para a qual tudo tem contribuído o espírito missionário e franciscano do Superior que a dirige.

Era uma necessidade flagrante, registada por todos os missionários e mesmo não missionários, conseguir um terreno apropriado para edificar a Missão, com o espaço preciso para que ela se pudesse desenvolver e desempenhar

MACEQUECE — Uma das primeiras escolas do mato

airosamente do papel que lhe está confiado. No lugar em que a Missão estava instalada, um talhão apertado no centro da vila, nunca poderia satisfazer às aspirações dos que a dirigiam. Depois de muitos estudos e algumas experiências, conseguiu-se a compra do terreno em que hoje vivemos.

A escolha não poderia, fàcilmente, ser melhor. Pode-se mesmo classificar de ideal. Não muito distante da Vila de Manica, fica muito próximo da fronteira da Rodésia do Sul e da progressiva cidade inglesa de Umtali. O terreno é esplêndido para que a Missão possa tirar da agricultura parte importante das receitas com que tem de enfrentar os trabalhos de construção dos edifícios e mais obras. Por meio de valas, algumas muito extensas, possui mais de 100 hectares irrigáveis, com água bastante durante o ano.

MACEQUECE — Antiga Residência

Como foco de evangelização, no meio da pequena densidade de população de todo o território de Manica o lugar também é dos melhores. Numa área apertada à volta da Missão, já existiam seis escolas rudimentares, todas elas com uma frequência animadora; a própria escola externa da sede é a mais frequentada das escolas rudimentares actuais.

///

Há poucos anos ainda, os missionários, quase se envergonhavam de receber uma visita, especialmente estrangeira, nos edifícios da Missão da vila. Hoje mesmo na fase de construção, julgo que quem quer que visite a Missão, levará uma impressão deveras agradável, pelo que lhe é dado verificar e pelo que pressente vir a ser o futuro de tal plano construtivo e civilizador.

Já está concluído um grupo de três edifícios, que vão servir provisòriamente para residência das Irmãs e internato feminino. Está completa a residência dos missionários, belo edifício de linhas sóbrias e muito amplo. Estão a ultimar-se os trabalhos de cobertura de outra grande casa que é destinada a internato e a oficinas para rapazes. Além destas construções existem alguns armazéns e a antiga escola que serve presentemente de Capela.

Possui já a Missão em todos os edifícios excelente luz eléctrica, graças a uma turbina que nos fornece a energia de graça e sem contador...

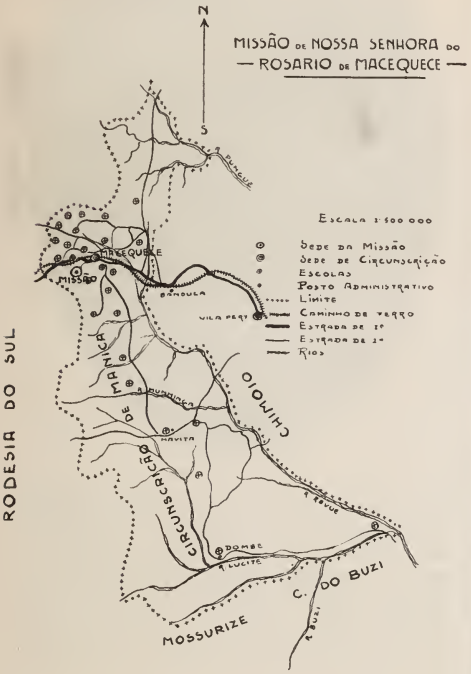
Para a realização deste sonho, com o qual alguém sonha todos os momentos, é preciso muito esforço, trabalho e constância, e sobretudo, os meios para fazer frente às despesas. Quantas vezes há que parar uma obra por falta de dinheiro para mandar vir mais uns tantos sacos de cimento!... Mas porque se trabalha por Deus, as dificuldades não fazem desanimar.

MACEQUECE — Vista parcial dos edifícios de internato

///

O movimento religioso da Missão é muito animador. Deitando um relance de olhos aos mapas estatísticos do ano findo, (1947), e tendo

sempre em vista a pequena densidade de população comparada com outras regiões da colónia, os números são bastante eloquentes quanto à actividade desenvolvida.



Temos uma rede de 28 escolas rudimentares, algumas das quais ficam distanciadas da sede mais de 200 quilómetros, servidas por estradas impróprias, que muito dificultam a assistência do missionário, sendo feitas no entanto as visitas necessárias à custa de sacrifícios. Existem mesmo algumas escolas que por ficarem no cimo de montanhas, não possuem estradas, e que só a pé podem ser visitadas, escalando as encostas por carreiros dos indígenas.

Em volta destas escolas há uma população católica de quase quatro mil almas. Em geral, o nativo nesta região não se opõe à infiltração cristã. Tem mesmo o baptismo como um acto que os assemelha ao branco, e por isso não é raro ver grandes lamentações quando o missionário dá o catecúmeno por mal preparado. Aprender o catecismo é, num grande número de casos, a dificuldade máxima para os adultos, que aqui como em toda a África seguem a regra do menor esforço. Tudo o que exige deles um pouco de energia, principalmente mental, não é com eles, e como para receber o baptismo têm de aprender os rudimentos da religião, preferem, deixar-se ficar no estado primitivo, livres de incómodos. Combater este mal, além do ensino às crianças nas escolas, é o trabalho dos nossos professores indígenas. Despertar as consciências de velhos e novos é a missão de que eles estão incumbidos, para que o missionário possa, depois, fazer luz nessas almas.

O trabalho dos professores é apreciado sobretudo nos meses de Junho e Outubro, meses em que se realizam os baptismos nesta missão. Depois do missionário percorrer todas as escolas examinando os catecúmenos, uma semana antes do dia anunciado para os baptismos, vão aparecendo na Missão diversos grupos das diversas escolas, com suas trouxas de roupas à cabeça, nas quais certamente não falta o vestido novo para o dia da festa, embora não se recordem de trazer reservas alimentares, porque quanto a isos confiam na Mãe Missão, como eles lhe chamam. É impressionante ver esses romeiros, depois de trilharem o caminho de 5 e 6 dias que os separa da sede.

Durante oito dias têm uma preparação próxima para o baptismo mais cuidada, com lições de catecismo, história sagrada, etc., tudo isso intermeado de cânticos variados do variado folclore religioso próprio. No dia dos baptismos ou na véspera vêm juntar-se famílias e conhecidos

MACEQUECE — Edifício adaptado provisòriamente para residência das Irmãs Hospitaleiras

que durante dois dias acampam em volta da Missão em convívio alegre e sadio. Todos assistem com piedade edificante aos actos do culto que se realizam na capela provisória; confes-

sam-se e comungam, havendo sempre preparação e acção de graças colectivas.

Para divertimento, no fim, leva-se a efeito uma sessão de cinema, muito apreciado e comentado por todos, ou então um desafio de futebol, do qual os rapazes são entusiastas acirrados e as raparigas gostam de assistir, acompanhando as fases do jogo com sonoras gargalhadas em coro.

Quando se despedem uns dos outros para de novo se dirigirem para suas povoações, já todos são amigos, irmanados pelo mesmo laço de amizade: o baptismo de Cristo.

Além destas duas reuniões principais, em que os cristãos de mais longe são representados em maior número, há outras ainda nas festas do ano, como Natal e Páscoa, para celebrar as quais os cristãos vêm de véspera a fim de se prepararem pela confissão, para melhor comemorar os mistérios da nossa Fé.

Falando das actividades da Missão, não deixarei de me referir ao internato masculino, que nesta Missão toma um aspecto especial pelo ensino agrícola que é ministrado aos rapazes. Da parte de manhã têm a escola como em qualquer outra missão e de tarde os rapazes tomam parte activa nos trabalhos agrícolas da «Farm», assistidos por um monitor, que lhes ensina o que um bom agricultor deve saber para melhor aproveitar as condições do terreno e das plantas.

///

Pela breve notícia que acima fica, podem os leitores fazer uma ideia obscura do que é actualmente a Missão de Macequece. Esperamos, porém, que com o decorrer dos anos próximos a sua acção se desenvolva em progressão sempre mais veloz, que os seus horizontes se alarguem cada vez mais, mostrando aos nossos vizinhos ingleses e a quem quer que nos visite, que Portugal ainda é um país que sabe missionar e civilizar.

Igreja de Macequece

Escola de Macequece

Missões franciscanas de Manica e Sofala

COMECEI a visitar as missões franciscanas de Manica e Sofala em 1937, e acompanhei depois, durante alguns anos, mais ou menos de perto, as suas actividades. Beira, Amatongas, Macequece, Chupanga, Mossurize... em todas passei, repetidas vezes, e dessas visitas guardo agradável e saudosa recordação. Procurei inteirar-me da vida dessas missões, da sua acção social moralisadora e educativa, e do efeito produzido nas suas zonas de influência. Pausadamente ouvi missionários que nelas exerciam o seu ministério, alunos, antigos alunos e operários que lá tinham aprendido os seus ofícios. Com satisfação verifiquei o zelo desinteressado, a dedicação e a fé, com que esses missionários se esforçavam por fazer bom trabalho.

Tive, ao mesmo tempo de reconhecer, que nem sempre os resultados eram compensadores do esforço e tempo dispendidos. Os frutos colhidos não estavam, geralmente, em proporção com o trabalho realizado para os alcançar.

Provado que não pode isso atribuir-se a falta de zelo dos missionários, tem de procurar-se a causa em factores exteriores, que não são difíceis de encontrar.

Não há que pensar em falta de apoio material do Governo à obra missionária, pois é sabido como esse apoio se está exercendo com larguesa, dentro das possibilidades de cada colónia.

É principalmente na indiferença ou hostilidade do meio social que reside o maior embaraço. A população branca nem sempre ajuda, com o seu exemplo, a fortalecer no espírito do indígena, depois da saída da missão, o dever de orientar e manter a sua vida e a da família que constitui, dentro dos princípios de justiça e de moralidade que na missão aprendeu. Não se trata de um caso especial do indígena africano. É uma regra geral de qualquer pregação doutrinária, seja entre negros, brancos ou amarelos. De que vale pregar uma doutrina a um moço estudante da metrópole, se ele verificar que o pai, em casa, e o mestre na escola, se riem dela? De que vale incuti-la no espírito de um soldado, se ele verificar que os seus oficiais e sargentos a não acatam e respeitam?

Outro factor importante que pode contrariar a acção missionária é a falta de colaboração que, por vezes, existe entre as autoridades administrativas e os dirigentes das missões. Como em outras oportunidades tenho afirmado, e é sabido por todos os que se tem abeirado deste problema, sem esse espírito de colaboração e respeito recíproco, improdutivo será o terreno em que qualquer missão trabalhe em África. Nesse ponto o antigo território de Manica e Sofala me pareceu sempre estar em condições excepcionalmente favoráveis.

O problema é de larga envergadura, e em África só uma grande dose de prudência firme e de bom senso, de quem governa e das autoridades administrativas e missionárias, pode, sem quebra do prestígio, que deve ser intangível, dessas autoridades perante o indígena, conseguir criar e manter esse espírito de colaboração, sem o qual é infrutífera toda a obra missionária.

A falta de continuidade da acção dos seus educadores depois de ter saído da missão que o educou, concorre também, em considerável medida, para que o indígena esqueça o que aprendeu; e isto com tanto maior facilidade quanto é certo que a propaganda protestante, e mais ainda a maometana, esta com doutrinas que mais agradam ao indígena, o procurarão desviar do caminho que lhe foi traçado. A multiplicação das aldeias católicas em areas circunjacentes das sédes missionárias, com visitas frequentes aos antigos educandos, é condição necessária para manter neles o fogo sagrado.

Melhor que ninguém sabem os missionários que assim é. Mas o reduzido numero de sacerdotes que trabalhava em toda a extensa área de Manica e Sofala não tornava possível, senão em reduzida escala, a realização deste programa de assistência.

É provável que, neste particular, o mal venha a ter remédio, dado o aumento do número de missionários de que tenho tido notícia, sendo porisso de esperar que venha a ter exitos cada vez mais assinalados o esforço dos missionários de Manica e Sofala, a cuja actividade preside superiormente o Prelado de excelsas qualidades que em boa hora a Província recebeu.

Pesada e difícil é a tarefa das missões. Muitos dos seus críticos não conhecem as agruras do exercício das múltiplas ocupações dos missionários. Só o seu provado espírito de sacrifício, a sua dedicação e a sua fé, os levam a persistir, sem desânimo, nos seus esforços, perdoando e esquecendo ingratidões e injustiças.

A. Sousa Pinto

Antigo Governador de Manica e Sofala

Homenagem aos Fundadores

das Missões Franciscanas Portuguesas

PARA não ferir a natural modéstia dos ilustres sobreviventes da primeira leva de missionários da actual Província Franciscana Portuguesa para terras de além-mar, seja-me lícito comemorar por agora apenas os seus dois Fundadores, a quem Deus já chamou ao galardão da vida eterna.

M. R. P. João de SS.ª Trindade

São fundadores das actuais Missões Franciscanas Portuguesas o superior provincial de então, P. Frei João da SS. Trindade Ramos e Sousa, e o superior da expedição missionária de 1898 para Moçambique, P. Frei António de S. Maria Correia.

Sou dos que tiveram a dita de com eles conviver alguns anos na vida franciscana em Portugal e em Roma, e para conforto dos velhos e exemplo dos novos vem agora a propósito recordar o ideal missionário que aqueles dois homens de Deus souberam imprimir, tal cunho indelével, na actual Província Franciscana de Portugal, a qual então, decorridos já os passos incertos da infância, se lançava a pleno fôlego na actividade apostólica e missionária.

Ainda novos, contavam eles, vieram cheios de ardor seráfico ao centro da cristandade, a Roma, um quanto à maneira dos Reis Magos, em busca de qualquer cousa que lhes iluminasse mais a inteligência e lhes fortalecesse a vontade para a generosidade das grandes iniciativas. Como os Santos Reis sentiam-se guiados pelo esplendor de uma estrela: a luz do Evangelho reacendida no mundo por Francisco de Assis. Como os Reis Magos compreenderam que só o estudo da Verdade não bastava à sua vocação e terminados os estudos, com os louros do doutoramento «summa cum laude» na cidade eterna, regressaram à Mãe Pátria guiados pela mesma estrela da vocação franciscana, na resolução de cumprir em Portugal o *Euntes docete omnes gentes* (Mat. 28,19) preceituado pelo divino Mestre aos seus discípulos.

Começava então Portugal a refazer-se do anti-clericalismo liberal e maçónico que arruinara o nosso património espiritual e com ele o nosso grande império colonial.

No velho cenáculo dos missionários apostólicos de Santo António de Varatojo o Frei João da Trindade meditava no preceito da esmola da palavra de Deus, e sonhava em preparar uma expedição missionária com alguns dos Padres e Irmãos da jovem província franciscana. Insuperáveis pareciam então as dificuldades para levar a cabo tal plano: o anti-clericalismo do Governo e de grande parte da Nação; as restrições económicas da província; a relativa inexperiência dos missionários; as condições insalubres do território missionário, ainda no rescaldo das campanhas da ocupação; e tantas outras, além da letra expressa da Re-

gra, de não impor aos confrades o sacrifício heróico de partir para as missões. Mas a memória do Seráfico Pai e a tradição da Ordem em Portugal não deixaram esmorecer a ideia missionária na alma de apóstolo daquele Provincial a quem o Papa Pio X chamou «três vezes grande».

A exemplo de S. Francisco em terras do Sultão, foram efectivamente os franciscanos de Portugal os primeiros a iniciar a cruzada pacífica entre os infiéis, quer na Metrópole e em Marrocos, com os Proto-Mártires da Ordem e o exemplo de Santo António, quer no Brasil e na Índia com Frei Henrique de Coimbra, Frei João de Albuquerque e seus discípulos. A ideia de restaurar as nossas missões entre os pagãos, há 50 anos, estava pois na linha geral da tradição franciscana em Portugal.

Lançado o apelo missionário pelo Frei João aos seus confrades, as dificuldades foram ràpidamente vencidas. Por um lado a mesma pobreza franciscana dos fradinhos de Varatojo, o seu desapego do mundo, espírito de sacrifício e ardor de apostolado, por outro lado a generosidade dos Benfeitores da Ordem em Portugal facilitavam a expedição missionária de 1898. Os Prelados do Ultramar Português acolheram a ideia do Senhor Frei João com entusiasmo. À última hora até o Ministro do Ultramar, General Gorjão Henriques, secundou a iniciativa do Frei João, concedendo facilidades para o embarque e prometendo a protecção das Autoridades Portuguesas em terras de missão.

E assim, a 3 de Junho de 1898, com o embarque dos primeiros missionários para terras de Sofala e de Gaza reatava-se a velha tradição das missões franciscanas portuguesas.

Bendita a hora em que os nossos dois laureados de Roma restauraram as missões em

M. R. P. António de Santa Maria

África! Desde então a ciência adquirida em Roma não deixou de atear a chama do ideal missionário que refulge na Província de Portugal.

Na comemoração gloriosa do primeiro cinquentenário da restauração das Missões Franciscanas, rendamos sentida homenagem aos seus Fundadores; nela incluímos a veneração aos nossos confrades missionários falecidos, aos ilustres sobreviventes da primeira expedição e aos seus actuais continuadores.

Roma, 13 de Maio de 1948.

Frei Montalverne

... E iamos semeando civilização pelo Mundo.

Não a civilização materialista, das forças brutas naturais, domadas, e guiadas pelo engenho humano, — máquinas, electricidade, ou ondas hertzianas. Mas sim a doce civilização de Cristo, base de todos os progressos morais da Mundo, feita de sentimentos nobres, de tendências altas, e de inspirações místicas.

Quere dizer, a verdadeira civilização que é, por natureza própria, coisa do espírito e não da matéria.

PAIVA COUCEIRO

Fundação das Missões Franciscanas em Inhambane

FOI-ME pedido um resumo histórico das primeiras missões fundadas em Inhambane pelos Franciscanos Portugueses, a fim de ser publicado no número especial do jornal «Missões Franciscanas», que quer solenizar duma maneira condigna as bodas de oiro da chegada à África do primeiro grupo dos missionários franciscanos. Vou ver se consigo meter em pouco espaço um assunto, que daria para um livro bem volumoso, cheio de peripécias interessantes, onde se veria claramente quais as virtudes que devem ornamentar a alma dum missionário para levar avante a empresa sempre árdua de fundar uma missão no interior da selva.

Já se diluíram no horizonte do tempo cinquenta anos — e parece que foi ontem — quando eu com vinte e um anos apenas, cheio de mocidade franciscana, a vibrar aventuras, assisti em Montariol à partida dos primeiros Missionários em fins de Maio de 1898.

Que festas no refeitório do Convento, transformado à noite em teatro? Que saudosa despedida no Sameiro — depois da missa cantada no altar da Senhora — despedida terna para todos que iam iniciar o apostolado franciscano em Moçambique, ficando em cada coração da juventude do meu tempo uma longínqua miragem dessas terras misteriosas, junta à ambição de um dia nos encontrarmos lá, na mesma luta heróica, no mesmo esforço, na mesma trincheira de combate!

Lá vão cinquenta anos!...

São as bodas de oiro das missões franciscanas em Moçambique! Bendita seja a Providência de Deus, pois se houve horas terríveis de desalento desde fins de 1910 a princípios de 1920, a coragem nunca faltou aos poucos missionários que ficaram no seu posto, prontos a morrer, se assim aprouvesse a Deus, mas nunca a abandonar o lugar que lhe fora confiado.

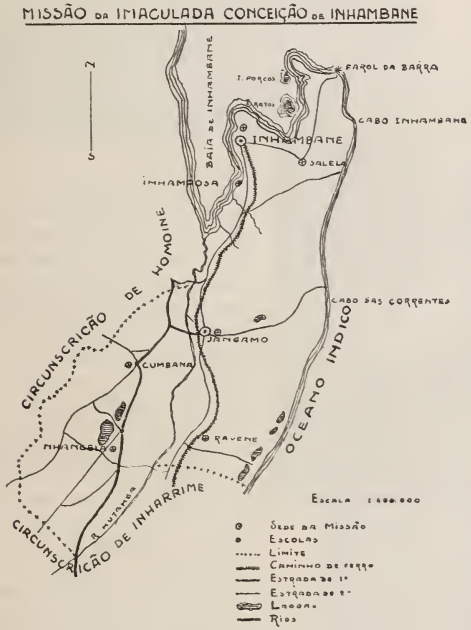
Paróquia de Inhambane

Como é do conhecimento de todos os leitores a primeira missão franciscana partia em princípios de Junho de 1898, levando destino certo — a cidade da Beira, capital da Companhia de Moçambique — honrada com o título de poderes magestáticos!

Apenas com três padres e três irmãos auxiliares, tendo a seu cargo o serviço paroquial, a Capelania do hospital e a escola, à Beira se

limitou durante cinco anos a sua acção, embora o seu primeiro superior — o Dr. P.e António de Santa Maria — sacerdote de vistas largas, tentasse expandir a evangelização, abrindo a poucos quilómetros da Beira uma sucursal ou posto Missionário na povoação do Mutundo. O resultado foi nulo, porque os pretos, por qualquer preconceito tão comum entre eles, abandonaram a povoação e foram-se para longe a fim de fugirem ao *feitiço*.

Em princípios de 1903, o então Ministro da Marinha, General Rafael Gorjão, que tinha dei-



xado um nome imorredouro em Moçambique como Governador Geral e mui particularmente pelas obras realizadas no porto de Lourenço Marques, pedia ao Ministro Provincial sr. P.e João da Trindade para lhe dar um grupo de Missionários a fim de fundar a primeira missão no Distrito de Moçambique nas terras dos namarrais ou Maciras, raças ainda pouco submissas às autoridades portuguesas. Nessa missão segui eu com outro padre e dois irmãos auxiliares.

Nunca me esqueceu que no dia da largada — 12 de Agosto de 1903 — uma criada da Ex.ma esposa do Ministro da Marinha nos foi entregar a bordo uma caixa com roupas brancas para a primeira igreja que se fundasse no interior do distrito para onde íamos destinados. Era uma oferta valiosa em toalhas de altar, alvas, corporais e outros objectos.

Depois de escolhido o local para a missão, nunca se conseguiu dar princípio aos trabalhos por causa dumas desinteligências existentes entre o Prelado de Moçambique, D. António Moutinho, e o Governador do Distrito. O Prelado aborrecido com tanta contumácia determinou enviar-nos para Inhambane, a fim de se reabrir uma missão fechada, havia meio ano por falta de missionários. Humanamente falando, foi um mero acaso essa entrada dos primeiros franciscanos nas terras de Inhambane, onde hoje há tão florescentes missões.

Porém, olhando bem para o alto, vê-se em tudo a Providência Divina, a qual se serviu dos caprichos dum homem para enviar os missionários a essas terras completamente submissas às autoridades portuguesas e portanto mais bem preparadas para receberem a evangelização. Foi assim que se abriu a segunda missão franciscana em terras de Moçambique.

Missão de S. José do Mongué

Não pertence aos franciscanos a sua fundação. Foi seu fundador o P.e Vítor José Courtois, S. J., que foi destacado das missões da Zambézia com dois irmãos e outro padre para dar princípio à missionização do distrito de Inhambane, onde em tempos remotos, muito no interior — no Guambá Grande de Coguno — os Jesuítas tiveram missões florescentes, tendo sofrido penúrias horríveis e um a um lá foram ficando sepultados, à espera do grande dia da recompensa para esses corpos que jazem ignorados em qualquer lugar, pois no meu tempo, nem a mais leve tradição existia sobre o local onde teria estado a missão.

Parece que era intuito do fundador estender uma rede de missões pelo interior, mas o auxílio oficial depois de muitas promessas, faltou por completo e os sonhos doirados do P.e Vítor Courtois tiveram de ruir, após muitos dias amargos e desalentos terríveis.

Essa primeira missão de Inhambane, estabeleceu-se primeiro no Bembe em 1890, bem perto do rio Inhambane, uns 15 quilómetros, se tanto, da margem da baía de Inhambane. Ali esteve a missão em palhotas e barracas à moda cafrial até 1893, data em que o P.e Vítor Courtois apresenta ao Prelado, o Grande missionário do Zaire D. António Barroso, as razões que militam a favor da transferência da missão do Bembe para o Mongué, sendo a principal o clima doentio, à beira do rio, onde em pouco tempo estavam sepultados dois irmãos auxiliares. Os terrenos do Mongué para onde se transferia a missão eram do Governo e em tempos tinham sido comprados ao célebre João

Procissão da Imaculada

Bitonga — o português João Cerqueira de Sousa — para neles se montarem os quartéis duma Companhia indígena. Tendo retirado para Inhambane a Companhia, as construções então existentes foram ruindo, tendo aproveitado o P.e Courtois sòmente o antigo paiol para o transformar em capela, que afinal era uma pequena barraca coberta a telha e nada mais. O resto eram montes de ruinas, sem préstimo algum. Lutando com falta de meios, sem auxílio do Governo, embora muitas vezes solicitado, o incansável missionário P.e Vítor Courtois apenas pôde construir um barracão de pau a pique com dois quartos, uma sala ao centro — se assim lhe podemos chamar — e algumas palhotas.

Pouco tempo esteve na missão como superior esse heróico trabalhador, porque a 18 de Janeiro de 1894 falecia em Inhambane, sendo sepultado no cemitério daquela vila.

No meio de contratempos, desalentos e abandonos das entidades oficiais, a missão lá foi vivendo muito pobrezinha, sem nunca poder o P.e José Etterlé, sucessor do infatigável P.e Courtois, expandir para mais longe a sua actividade missionária. Chegou ainda a fundar duas escolas do outro lado da baía, mas elas pouca influência tiveram na cristianização do indígena como pude verificar mais tarde.

A 12 de Agosto de 1898, o P.e António Maria Arraiano, Superior de todas as missões da Zambésia, fez entrega da missão ao P.e José Lopes Rocha, padre secular do Sernache do Bonjardim, ficando dessa maneira pertença da Prelazia, que foi nomeando vários superiores até 5 de Novembro de 1903, data em que o P.e Jerónimo Emiliano Pires entregava por sua vez a missão ao pároco de Inhambane, porque, gravemente doente, teve de retirar à pressa para Portugal.

Fomos nós, os franciscanos, os substitutos dos Padres Seculares, estabelecendo-se assim a nossa segunda missão em terras de Moçambique duma maneira bem singular.

A herança era bem pobre.

Os edifícios, limitavam-se ao antigo barracão com algumas palhotas, mas tudo velho, sem conforto de qualidade nenhuma. Existia uma casa em alvenaria, é verdade, que fora começada pelo último missionário com esmolas, festas e subscrições, porém só tinha as paredes e a cobertura a telha de Marselha. Dinheiro para a concluir onde ir buscá-lo? Para alimentar o pessoal missionário, que constava de dois padres e dois irmãos, apenas podíamos contar com as duas congruas dos padres, sem mais gratificação alguma.

Os irmãos auxiliares nada recebiam por ter sido cortada a missão no orçamento de 1903 e 1904. Para não morrermos à fome o Prelado nomeou o superior P.e José Serafim Pedreira

— felizmente ainda vivo — pároco do Bazaruto, onde nunca pôs os pés e eu passei a exercer o lugar de coadjutor da paróquia de Inhambane, visto estes dois lugares figurarem no orçamento provincial.

Passaram-se dias bem amargos durante um

ano numa pobreza mais que franciscana, sem nada podermos fazer para melhorar o nosso conforto ressentindo-se assim a saúde de todos com a malária africana, ou febres lentas como então eram chamadas.

Felizmente a missão do Mongué foi contemplada com a verba que nesse tempo se dava a todas as missões, cujo pessoal estava completo. O superior, homem pacato, mas de iniciativa, com sacrifício continuou as obras da residência e lançou os alicerces para uma nova camarata com escola anexa. Parecia uma loucura, porém ao retirar-se doente para Portugal em Abril de 1906, deixou a casa da residência confortável e a casa para o internato concluídas.

Até meados de 1908, o novo superior nada mais pôde fazer materialmente na missão. Havia ainda dívidas a liquidar e aumentando o número dos rapazes no internato, a verba dada pelo Governo sob o título de dotação escoava-se por encanto e não chegava a nada.

Como ensino técnico para os rapazes funcionavam nesse tempo as duas oficinas de carpinteiro e serralheiro, dirigidas pelo sempre chorado Fr. Salvador Franqueira, falecido em Abril de 1916 na Circunscrição de Inharrime. Já nesse tempo havia na missão a banda de música, por mim fundada em meados de 1904 com os instrumentos da Câmara de Inhambane, cedidos generosamente pelo seu presidente. Mais tarde, pelos fins de 1906, a grande benfeitora das missões africanas, a Venerável Condessa Ladeochowska, entre outras coisas valiosas, remeteu para a missão um instrumental completo para a banda.

Ainda mais tarde, em princípios de 1910, se não me engano, o meu amigo e generoso benfeitor do Mongué, Francisco da Silva Jordão, oferecia outro instrumental, vindo directamente da Itália e do melhor fabrico que então existia.

De Julho de 1908 a Dezembro de 1910, dirigi eu essa missão como superior, procurando aumentar as suas oficinas.

A missão de S. José do Mongué chegou a ter um certo fulgor durante dois anos e meio.

As suas oficinas e a sua banda de música cercou-a duma grande aurea, que foi completamente efémera. Cortada no orçamento de 1910, foi a sua verba destinada à fundação da missão de Homoine, ficando ela reduzida a um simples posto missionário. Eu pedi a minha demissão de superior, depois de ter baixado ao hospital com uma biliosa.

Na esperança de ela ser incluída no orçamento de 1911, ainda para lá foi o veterano

Missionário P.e António Maria de Oliveira, que teve a coragem de lá estar de 10 de Março de 1911 a 20 de Janeiro de 1912. Nessa data foi a missão entregue ao Prelado de Moçambique, passando novamente a ser dirigida pelos padres seculares de Sernache de Bonjardim até 1927.

Com a ida dos PP. Franciscanos para a paróquia de Inhambane e'a foi entregue ao seu governo, sendo nomeado para lá um professor indígena, que era visitado de longe em longe pelo pároco da vila.

Em 21 de Julho de 1937 passa a pobre missão a ficar dependente de Santa Maria, de Mocodoene. Só em 16 de Junho de 1942, Sua Ex.ª Rev.ma o Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques resolveu reabrir o Mônguè como missão independente, evitando assim a sua completa ruína.

P. Inácio Rodrigues

Eis o resumo histórico dessa missão, onde continuam a trabalhar os Franciscanos portugueses. Oxalá que depois de tantas vicissitudes ela regresse ao seu antigo esplendor.

P.e Alberto Teixeira de Carvalho

OLIMPÍADA

(De um velho Missionário)

Nos olhos sinto o facho transbordante
De sonho e de Mistério secular
Que na fogueira extinta do meu lar
Velho pai acendeu, firme e confiante.

E a lareira sem fogo, tão distante
Se arruína, que eu vou a caminhar
No desejo de nunca mais voltar,
Exausto embora, fraco e vacilante.

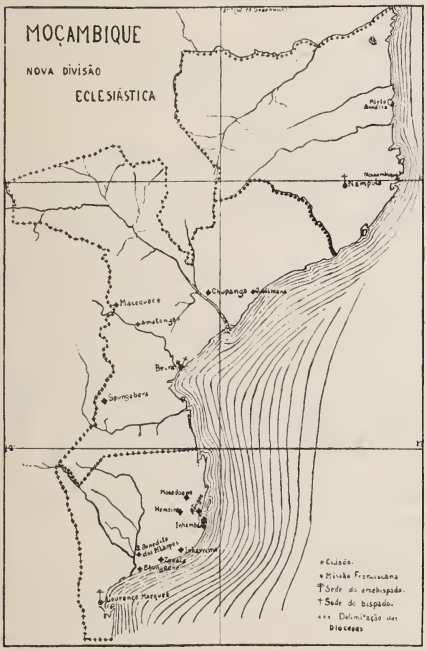
Onde os olhos e o peito, aonde o braço
A quem possa confiar o facho ardente
Na hora triste do último cansaço?

Lanço a vista em redor e — maravilha! —
No ardor da Juventude, forte e crente,
Já o facho dos meus olhos arde e brilha.

M. B.

União Missionária Franciscana

PODE ser já considerado lugar-comum na literatura missionária a afirmação de que Portugal é, desde a origem e de vocação, predestinado a dilatar a Fé. Não nos repugna aceitar este axioma, sem por isso deixarmos de reconhecer que épocas houve em que a gente lusa pouco ou nada fez que o justifique. Em todo o século dezanove e quase até nossos dias, Portugal alheou-se da obra missionária e em certos períodos foi-lhe abertamente adverso. É certo que nunca deixou de considerar as missões nos seus orçamentos, o que parece um paradoxo, mas no governo dos povos, ou em política, a incoerência, a falta de lógica conquistaram foros de normalidade. Os resultados nefastos desta longa e última crise eram inevitáveis: criou-se nos espíritos a dúvida da utilidade e necessidade das missões, passou-se à indiferença e muitos olhavam-nas com desdém, chegando-se a fomentar e agitar doutrinas propícias a desprestigiá-las e desvalorizá-las na opinião pública. Com o tempo, a nação perdeu de vista as missões ultramarinas. E não há missões nem missionários que resistam à falta de apoio material e sobretudo moral da mãe-Pátria e muito menos ainda ao seu desprezo. Muitas missões, à míngua de meios de subsistência e de pessoal, desmembraram-se e morreram; as poucas que não sucumbiram, sofreram golpes tão profundos que os missionários, soldados de choque, teimosamente firmes no seu posto, conquistaram justamente a honra de heróis.



A campanha demolidora foi longa, penetrou muito no íntimo do povo e em África quase derruiu por completo o fruto de séculos de missionização.

Restaurar destas ruínas o prestígio da obra missionária, incutir no público — em especial no menos culto, — o respeito e apreço que lhe são devidos, é tarefa que, além de lenta, carece de aturado trabalho e entranhado amor.

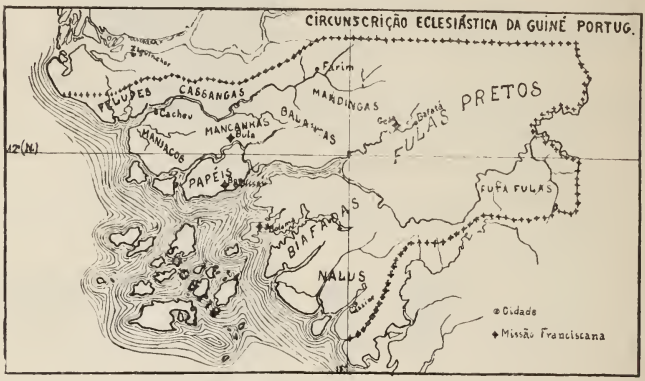
Quando, há cerca de 25 anos, começámos a lançar em Portugal a *União Missionária Franciscana,* sentíamos que falar de missões causava espanto no auditório, era uma novidade tudo o que se referia às glórias do passado e impressionava principalmente que, a despeito de tudo, houvesse ainda nos nossos dias, portugueses votados a um ideal altíssimo, infinitamente superior a todas as ambições terrenas, com coragem e abnegação suficientes para continuarem, lá em África, lutando pelo engrandecimento do Reino de Deus e de Portugal.

Lembra-nos que um amigo — a quem tínhamos exposto o nosso plano de propaganda e o que esperávamos da incipiente *União Missionária Franciscana* — nos apareceu um dia, todo radiante, como se tivesse encontrado dracma perdida, com o recorte, de algumas linhas apenas, de um diário de Lisboa em que se aludia às missões católicas no ultramar!... Era uma raridade, e portanto digna de nota e de arquivo, qualquer referência lisonjeira à obra missionária!... Tal era o ambiente quando iniciámos a propaganda da U. M. F.

Lançámos a obra e demos os primeiros passos com recato, à maneira de explorador de terras desconhecidas. Devemos, porém, afirmar que em toda a parte fomos acolhidos com a maior simpatia.

Animados, cheios de confiança, com a certeza de singrar, em 1924 avançámos a descoberto e oficialmente erigiu-se a *União Missionária Franciscana* em todas as casas da Ordem em Portugal. Devagar, apenas porque os operários eram e são sempre poucos, entrámos em todas as dioceses do continente e Ilhas com a bênção dos Prelados e bom acolhimento dos fiéis. A União Missionária Franciscana estava lançada em Portugal, graças a Deus e com grande satisfação nossa.

A organização foi estudada e sòlidamente estabelecida. Para propaganda lançámos mão dos meios vulgares, nem as possibilidades permitiam vôos largos: pregava-se, organizavam-se actos religiosos, pedia-se muito ao Senhor da seara que concedesse graças abundantes, realizavam-se sessões e conferências. Utilizou-se muito e com valioso proveito, a imprensa tanto diária como periódica; a revista «Boletim Mensal», orgão das Missões Franciscanas, dedicava uma secção a esta propaganda; espalharam-se centenas de milhares de folhas soltas e estampas; publicaram-se relatórios e entrevistas; promoveram-se sessões de cinema, conferências com projecções a propósito. No sector espiritual também se organizaram, em vários anos, turnos de exercícios espirituais para zeladoras e amigos das missões.



É inegável que a *União Missionária Franciscana* fomentou, desde a sua fundação, uma campanha de propaganda que podemos e devemos considerar como importante quota parte na simpatia e declarado interesse pelas missões, hoje quase geral em Portugal. A par dela outras associações congéneres empreenderam também o bom combate. O certo é que o ambiente missionário português sofreu uma melhoria de grande alcance em todos os sectores sociais. Os presidentes das obras missionárias são desta transformação testemunhas.

Basta-nos considerar, antes de tudo e sobretudo, os diplomas governamentais, a solicitude que a obra missionária, no seu complexo, tem merecido aos poderes públicos, o movimento associativo e o acolhimento que todos os assuntos missionários encontram na imprensa diária e periódica, mesmo naquela que não inclui no seu programa questões confessionais.

O auxílio às missões e casas de formação de missionários, prestado pela U. M. F., tanto na ordem moral, como na material e de assistência, é da maior importância, e por si mais que suficiente para que os portugueses, católicos ou não, não hesitem em dar todo o seu apoio e em se alistar nesta cruzada, entidade legalmente constituída para coadjuvar a obra gigantesca nas nossas colónias ultramarinas, que são as missões franciscanas.

A *União Missionária Franciscana* conta indubitàvelmente no seu activo uma folha de serviços que a ninguém, conhecedor do movimento missionário de há trinta anos a esta parte, pode passar despercebido. Tem sido um verdadeiro e grandioso arrimo das missões franciscanas.

O que, por sua vez, são e têm produzido estas nos cinquenta anos de existência, vejam-no os leitores nas páginas deste número especial comemorativo de tão gloriosa data.

Portugal é, de verdade, uma nação predestinada a dilatar a Fé!

É dever religioso e patriótico auxiliar as Missões. Não hesitar no cumprimento deste dever e alistar-se já na União Missionária Franciscana.

Para nós, portugueses, colonizar é, essencialmente, elevar as populações indígenas à nossa civilização, ensinando-lhes a nossa religião, a nossa língua, os nossos costumes. É a nossa mentalidade que desejamos transmitir aos povos das Colónias, não é a sua riqueza que pretendemos extorquir-lhes. Sem a arrogância na consciência da nossa superioridade, porque educados no sentimento cristã, longe de nos mantermos impermeáveis e inacessíveis, antes tornamos íntimo, para que seja mais fecundo, o contacto com as populações indígenas. Fazemo-lo, porém, numa tão espontânea aliança da dignidade de civilizados e da efectividade de homens, que nem a simpatia diminui, nem o prestígio sofre quebra. Para nós, Portugueses, colonizar é, assim, proceder numa transfusão de almas.

Dr. Vieira Machado

Dr. Francisco Vieira Machado

FRAQUEZA

Passam heróis em longa teoria
Diante dos meus olhos assombrados
Mártires, Missionários e Soldados
Que na morte sorriam de alegria.

Passam heróis, vencidos de algum dia
Que os vindouros tornaram sublimados
Erguendo-lhes altares alumiados
Com o sangue penoso da agonia.

Passam heróis . . . e eu oiço a tentação
De após eles correr em sonho louco,
Mas logo sinto os pés presos no chão.

Eu teria a coragem de ir com eles . . .
E não quero morrer a pouco e pouco
Ó Deus meu, na subida a que me impeles

M. B.

Algumas palavras de congratulação

PELO CORONEL ENG.º PROFESSOR ÁLVARO FONTOURA

A vida maravilhosa de S. Francisco de Assis, que encheu de fulgor religioso o primeiro quartel do século XIII, tem aspectos que se reproduzem, decorridos mais de 4 séculos, na vida do Mártir-missionário português S. João de Brito. Encontra-se na vida dos dois Santos uma completa

Dr. P. Pedro Araújo

renúncia a todos os bens materiais e uma ilimitada dedicação pelos seus semelhantes, num espírito impressionante de humildade, em nome de Jesus e para glorificação da Sua santa doutrina. Em ambos brotou a chama da vocação missionária e religiosa, apesar da opulência em que viviam as famílias e da sua ascendência nobre, pois S. Francisco de Assis era nobre pela família de sua mãe e S. João de Brito pelas de ambos os seus progenitores.

Sua Eminência o Cardeal D. Manuel Cerejeira, na sua conferência realizada em Coimbra, como Professor universitário, intitulada *A alma de S. Francisco de Assis,* refere-se ao ascetismo cristão de S. Francisco com as seguintes palavras:

> «Até ao momento da sua conversão, que é a vida para ele? Apenas a louca tentativa de colher as cores do arco-íris na água corrente. Quero dizer a corrida estouvanada em busca do prazer efémero.
>
> Mas houve um momento em que ele sentiu dentro de si todo o vazio da sua existência, sem um grande ideal, que a enchesse e fixasse.»

Com efeito, é bem conhecida a atracção de S. Francisco para esse *grande ideal,* que se fixou quando na Capela de Nossa Senhora dos Anjos ouviu, profundamente emocionado, durante a missa, a leitura do Evangelho.

Era o Evangelho de S. Mateus (X, 8, 9, 10) onde se refere que Jesus investiu de especial poder os seus discípulos e lhes disse:

«Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demónios, dai de graça o que de graça recebestes;

Não possuais oiro nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas;

Nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado nem bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.»

Nesta passagem se inspirou a Regra que S. Francisco de Assis propôs para a Ordem que instituiu e o Papa Inocêncio III aprovou.

O espírito de humildade manifestou-o até no nome que escolheu para os frades da Ordem: *Frades Menores.*

O Poverello de Assis e os seus discípulos praticaram com tal fervor a Regra da Ordem dos Frades Menores que o seu espírito religioso se foi espalhando e, depois com o nome de Ordem Franciscana, se multiplicou em conventos e obras religiosas por todo o mundo, tendo ganho prestígio que dura já há mais de sete séculos.

A influência do ideal franciscano alcançou assim a literatura, a arte e as obras religiosas a ponto de essa influência ser conhecida por *franciscanismo,* assim como o estudo da sua evolução e até o sentimento de simpatia e atracção por tão nobre e altruísta ideal, ficaram incluídos na mesma designação.

Tocado por igual simpatia e atracção não pude recusar a minha modesta colaboração para o número do jornal «*Missões Franciscanas*», comemorativo do cinquentenário da sua mais recente etapa de actuação missionária. O honroso convite feito pelo meu Ex.mo amigo Rev. Padre Alves Pereira, ilustre Procurador dos missionários franciscanos portugueses, causou-me natural embaraço, vencido todavia pelo desejo de não me esquivar a prestar a minha homenagem à popularíssima Ordem Franciscana que tão gloriosos mártires, esforçados missionários e seráficos frades regista na sua História.

A minha simpatia e admiração pela Ordem Franciscana não foi só motivada pelo culto popular dos portugueses ao glorioso teólogo e taumaturgo franciscano, St.° António de Lisboa, que Pio XII elevou à dignidade de Doutor da Igreja.

Visitei em Coimbra S.te António dos Olivais onde o Santo português recebeu o hábito franciscano, e o Mosteiro de Mafra que foi importante convento da Ordem; mas essas visitas também não despertaram o entusiasmo e admiração que hoje consagro a essa Ordem.

Foi a minha estadia no Ultramar e o contacto com a actividade missionária dos Franciscanos o que mais profundamente tocou a minha sensibilidade e estimulou o meu interesse.

Só quem já trabalhou no Ultramar pode verdadeiramente avaliar de como ali o espírito se abre à observação de muitos factos e aspectos da vida que até aí nos passavam desapercebidos.

Com maiores horizontes para a nossa actividade, o ambiente é ali mais propício à reflexão; a consciência das responsabilidades por uma missão histórica de civilização, de que somos agentes perante as populações indígenas daqueles vastos territórios, aviva os sentimentos de admiração pelos nossos antepassados, administradores, colonos e missionários, estimula o culto da tradição e faz sentir o verdadeiro orgulho de ser português.

Em Moçambique, primeira colónia que conheci na sua vida interna, se apurou o meu patriotismo e afervoraram as minhas crenças religiosas.

Ali conheci o Superior da missão Católica da Beira, o glorioso missionário franciscano Rev. Padre Rafael da Assunção. O seu dinamismo sereno e a sua fé transmitiam-se a todos que o rodeavam e nomeadamente aos missionários franciscanos seus colaboradores, entre os quais ali conheci o Rev. Padre António Ribeiro que mais tarde foi Provincial da Ordem em Portugal.

Ao Superior-Missionário na Beira, Rev. Padre Rafael, se deve a construção do edifício da *Escola de Artes e Ofícios* e a *Catedral* que fica contígua. Estava eu então em situação de poder acompanhar de perto os resultados quase milagrosos que o ilustre Superior da Missão conseguia no prosseguimento das obras, e essa circunstância fez estreitar as minhas relações com o virtuoso Franciscano que em 1922 era elevado à dignidade episcopal com o título de Bispo de Augusta e Prelado de Moçambique e é hoje o Venerando e respeitado Bispo de Limira.

Com emoção verifico que o cinquentenário que os Missionários Franciscanos celebram é o da partida para Moçambique, em 1898, do primeiro grupo de missionários, após o período de interrupção da sua actividade desde 1834 pelo encerramento das suas Casas de formação, e que dele fazia parte justamente o então jovem eclesiástico Rev. Padre Rafael da Assumpção.

Convento de Varatojo

As missões religiosas nesse tempo lutavam com grandes dificuldades, todavia em 1919 os franciscanos tinham já estabelecimentos religiosos vários pelo interior da colónia, dos quais os mais importantes eram Amatongas, Maeequece e os do Distrito de Inhambane.

O Superior Franciscano na Beira que sucedeu ao Senhor D. Rafael foi um missionário muito culto que havia concluído a sua formatura em Filosofia na Universidade de Lovaina, o Rev. Padre Dr. Pedro de Araújo. Recordo o prazer espiritual das minhas longas conversas com este ilustre e bondoso missionário, versando principalmente sobre

educação dos indígenas. Ficámos bons amigos e essas relações de amizade mantiveram-se não só durante todo o tempo da sua vida como missionário em Moçambique e na Guiné, como depois da sua aposentação até ao seu falecimento, que profundamente deplorei.

Recordo também o dedicado trabalho de educação de raparigas indígenas pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, no Instituto Pio X na Beira, dirigido pela bondosíssima Irmã Santa Rosa.

Foi assim crescendo o meu interesse pelas informações sobre a actividade franciscana.

Mais tarde, na Metrópole, como Professor da Escola Superior Colonial, tive o grande prazer de ver durante anos seguidos, como alunos livres das minhas aulas, jovens missionários franciscanos que vinham receber aquela preparação, antes da sua

Em Varatojo

partida para o Ultramar. Apresentava-os o meu Ex.mo amigo Rev. Padre Alves Correia que era nessa data o Procurador dos Missionários Franciscanos e entre esses alunos livres tive a honra de contar Sua Ex.a Rev.ma o actual Prefeito Apostólico da Guiné. Penso que muito conviria organizar na mesma Escola um Curso Especial de Conferências destinadas aos missionários que partem para o Ultramar, isto é, um curso de prelecções contendo as informações que os missionários então procuravam e que a organização da escola lhes não podia dar no curto período de tempo de que os missionários podiam dispor.

Mas o contacto com a forma de ser e psicologia dos franciscanos deixa impressões mais fundas quando é tomado na intimidade das suas Casas de formação.

No Seminário da Luz, por convite da Ordem, fiz uma série de prelecções de caráeter colonial aos alunos mais adiantados. Aqueles rapazes entre 18 a 22 anos de idade, dispostos a seguirem a Regra da pobreza e da humildade, foram os alunos mais alegres que eu tive durante os meus já largos anos de ensino. Só a Fé em Deus e num ideal sublime pode dar aquela pobreza-voluntária!

Uma visita ao Seminário do Varatojo, acompanhando o Ministro das Colónias Sr. Dr. Vieira Machado que foi recebido pelo Provincial Rev. Padre Taveira da Silva, permitiu-me observar ainda outros aspectos da vida mística dos Frades Franciscanos, sempre cheia de interesse, e deu-me oportunidade de conversar com alguns missionários regressados de África, depois de anos seguidos de apostolado em que haviam arruinado a saúde.

Razão teve o ilustre Ministro Dr. Vieira Machado em dar projecção exterior à cerimónia da imposição do Crucifixo Missionário ao peito destes esforçados evangelizadores, antes da sua partida para o Ultramar. De desejar é que a cerimónia se repita, com o brilho com que o ilustre Ministro a organizou, e ainda evocando os mártires da Índia e Moçambique, da China e do Japão e a vida gloriosa de S. Francisco de Assis.

Apenas mais algumas palavras para terminar:

Estão de parabéns os Missionários Franciscanos Portugueses que festejam uma etapa de 50 anos de actividade. Mas, para bem da civilização cristã e do Império Português, faço votos para que se cumpra a Profecia mencionada na colectânea das narrativas sobre a vida de S. Francisco de Assis, contadas pelos seus contemporâneos, com o título de «Legenda».

Ali consta que um dia, estando o Santo em oração na *Porciuncula*, teve uma visão em que lhe apareceu Jesus Cristo, pedindo-lhe para que lhe desse tudo quanto tinha.

— Senhor, respondeu o Santo, nada mais tenho do que a minha túnica.

— Procura junto ao peito e dá-me o que encontrares, replicou Jesus.

S. Francisco procurou então e, admirado, encontrou-se com 3 moedas de ouro.

— Essas moedas, disse Jesus, são as 3 Ordens que hás-de fundar; *Eu as bendirei e durarão até à consumação dos séculos.*

Com efeito, que maravilhosa e bendita actividade tem sido tanto a da *Ordem Primeira* ou dos Frades Menores, conventuais, capuchinhos, descalços, como da *Ordem Segunda*, feminina ou das

Clarissas, Urbanistas, Descalças, e Capuchinhas e da Divina Providência e finalmente da *Ordem Terceira* ou dos Leigos com tantas instituições piedosas masculinas e femininas!

E para concluir seja-me permitido formular mais um voto:

Deus permita que da Basílica de S. Francisco de Assis, mandada construir por Gregório IX após a Canonização de Francisco de Assis, e onde repousa o corpo do Santo, e do próprio Santuário da antiga *Porciúncula,* onde foram anunciados os perdões de Assis, se espalhe uma atmosfera de Paz e perdão sobre o Mundo tão desviado da doutrina do Evangelho.

E que este cinquentenário marque o início de uma época de reabilitação entre os homens e de maior fervor na Fé.

Se o Glorioso Santo, que recebeu os Sagrados Estigmas, interceder junto do Salvador pedindo o perdão para a humanidade dementada, as tréguas das tropas de Perusa junto de Assis, podem repetir-se abrangendo o Mundo inteiro.

E ao formular estes votos parece-me ver na minha frente o quadro de Murillo do Museu do Prado que representa S. Francisco de Assis, na Porciúncula de Nossa Senhora dos Anjos, prostrado diante de Cristo e da Virgem, enquanto por entre as nuvens brancas os anjos lançam rosas sobre a terra.

Paisagem Zambeziana

NAS tardes doces, plenas de beleza,
Quando a brasa do sol, amortecida,
Vai perdendo o esplendor, a luz, a vida,
E as coisas tomam ares de quem reza,

Quando as vozes do rio, de fugida,
Vão compondo canções à natureza...
Nestas horas de calma e de pureza,
De luz suave, meiga, indefinida,

Fico-me a olhar a imensidão distante:
— Passa o Zambeze de água cintilante,
Deslisa uma almadia à minha beira... —

Rio da Existência em perpétua calma,
Com barcos de ventura... — Se a minha alma
Fosse assim, tão serena, a vida inteira?!...

Felisberto Fontes

Missão de Maria Imaculada de Amatongas

(Resenha histórica)

Fundação:

A primeira pedra para a residência missionária de Amatongas foi lançada em 20 de Abril de 1914. Já desde 1911, porém, que se ministrava o ensino religioso e agrícola aos pequenos núcleos de indígenas que habitavam as margens do rio Mutchira, não muito distante do apeadeiro de Amatongas. Daí o nome do Posto Missionário.

Para o abandono do local primitivo concorreram várias causas: — insalubridade, abundância de mosquitos, carência de comunicações fáceis, etc.

A Missão foi, portanto, transferida para a pequena colina onde hoje está situada. Comunicações, havia apenas o carreiro de pretos através do qual foram conduzidas as barricas do cimento necessárias para a construção do edifício. Nem uma estrada; nem um carro! Tudo transportado de duas léguas e meia de distância por meio de carregadores indígenas!

Residência missionária de Amatongas

Os Irmãos Auxiliares e os Missionários que vinham da Beira aqui, de vez em quando, palmilhavam o caminho a pé uma ou duas vezes por dia; e quando a sorte grande lhes batia à porta faziam-no a pé e de bicicleta. Os conhecedores da África sabem, talvez por experiência própria, quantas febres e, por vezes, biliosas, estes trabalhos acarretam...

Mas o «Padre Rafael» não era homem para desanimar com estas «bagatelas». Foi ele quem lançou as bases desta Missão e a deslocou do clima doentio do Mutchira para o local que hoje ocupa. Foi ele que a desenvolveu, a fez prosperar, coadjuvado pelos Irmãos António Ramos e José Maria Bártolo. Este último, sobretudo, transformou a floresta virgem e selvática que a rodeava num verdadeiro recanto do paraíso!

Desenvolvimento:

A residência missionária foi inaugurada em 16 de Janeiro de 1916. Morada já havia; faltavam os missionários... A parte superior do edifício era constituída por uma capela provisória, dois quartos e uma sala. Na parte inferior era o dormitório dos alunos e a escola. O pessoal dirigente limitava-se aos Irmãos António Ramos e José Maria Bártolo. Eram, ao mesmo tempo, professores agrícolas e de oficinas. O ensino das letras, iniciado nesta ocasião, era ministrado pelo tenente Júlio Ramos — alma digna de figurar no «Flos Sanctorum», toda devotada a Deus. Na escola, ensinava aos indígenas os rudimentos das letras com a paciência de um justo e a doutrina cristã com o entusiasmo dum verdadeiro apóstolo. Escreveu um Catecismo em língua indígena que, embora nunca chegasse

a ser impresso, foi usado nesta Missão durante muito tempo e serviu para elevar muitas almas até ao Cristianismo. Por 1919, retirou para a Metrópole e o «Padre Rafael» não teve remédio senão enviar um aluno da Escola de Artes e Ofícios da Beira para professor, sob a direcção do Irmão Bártolo. Foi escolhido José Brassard que esteve até 1921.

Quinzenalmente, mais ou menos, vinha um sacerdote da Beira prestar a assistência religiosa a todos e renovar o Santíssimo Sacramento. Depois de alguns dias de demora por cá, regressava à Beira a continuar os seus trabalhos na Escola de Artes e Ofícios.

Ora foi com esta penúria de pessoal que se fez a Missão denominada de «Amatongas», por assim

Missão de Amatongas — Dependências

se chamar a estação do Caminho de Ferro que então lhe dava serventia. Porém mais acertadamente se deveria chamar «Cassassi», por ser esta a povoação indígena onde definitivamente se instalou.

Aí por 1925, P. Martinho Barbosa veio dar a esta Missão um pouco mais de incremento, ajudado ainda pelo Irmão José M. Bártolo e, sobretudo, pelo Irmão Manuel Bonifácio. Este irmão foi uma alma de apóstolo entusiasta! Com razão se podia chamar mártir porque foi vítima do seu zelo pela salvação das almas. Para ensinar a Catequese afrontava os maiores sacrifícios. Internava-se pelos carreiros dos pretos a pé, ou de bicicleta quando a distância era demasiada; e isto sempre, no tempo de chuva ou no tempo quente, ao sol ou à cacimba! Este zelo verdadeiramente extraordinário conquistava a simpatia dos indígenas que o estimavam deveras. Mas a natureza humana tem os seus limites... e este apostolado trouxe-lhe uma biliosa que o levou para Deus. Faleceu no Hospital de Vila Pery no dia 1 de Abril de 1927.

Datam de 1926, pouco mais ou menos, as primeiras experiências de escolas pelas cercanias da Missão. (Para os leitores da Metrópole, que nunca tiveram a felicidade de calcorrear terras africanas, é talvez necessário esclarecer que por «vizinhança» nunca se entende aqui menos de cinco a dez léguas). Os primeiros ensaios, e ainda outros sequentes, deram a princípio, alguns resultados positivos, mas com o tempo, falharam, senão no todo, ao menos em parte, devido à inconstância proverbial da população aborígene. Muitas outras experiências se fizeram depois e estão fazendo ainda... mas nem sempre dão o resultado desejado. No entanto, isto foi, certamente, um passo largo para a dilatação do Reino de Deus nestas paragens selváticas.

P. Martinho, por meados de 1926, retirou para a Beira. Sucedeu-lhe o P. José Miguel Vieira, que mais tarde tanto havia de desenvolver o movimento espiritual de Manica.

Apesar do zelo e dedicação de todos estes missionários, o Posto Missionário continuava a funcionar, exclusivamente, com alunos internos. A Escola Missionária de Amatongas não era frequentada por qualquer aluno das proximidades. Havia apenas meia dúzia de internados naturais da região. Os restantes eram de longes terras, vg. Sena. Isto não dava grande resultado porque os alunos, uma vez terminados os estudos, retiravam-se para as suas terras onde não podiam ser assistidos pelos missionários... E é de todos bem conhecida a tendência inata do indígena para regressar... à palhota.

Em 1924 a escola deixou de funcionar na residência dos missionários e transitou para um novo edifício de carácter provisório.

Desde o princípio, o Posto Missionário tomou uma feição caracteristicamente agrícola. Foi mesmo denominado a «Escola Agrícola de Amatongas». Para esta escola adquiriram os missionários as necessárias alfaias, sobressaindo em 1917 um tractor mecânico e em 1927 uma serra mecânica. Esta só foi instalada em 1929. Em 1928 adquiriu-se um novo tractor para a lavoura e condução de madeiras.

Até fins de 1926, a Missão de Amatongas, ofi-

cialmente... não existia. Foi só em princípios de 1927 que foi criada a «Missão Sucursal de Maria Imaculada de Vila Pery» com sede em Amatongas. O seu primeiro Superior foi o R. P. Albano Alves.

Desde então para cá a Missão tem-se desenvolvido bastante sob todos os pontos de vista que a pretendam encarar.

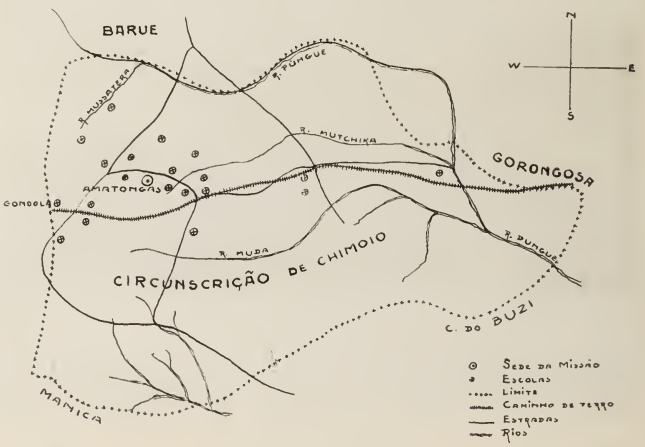
Fundaram-se, pouco a pouco, mais escolas, que, embora nem sempre com o êxito desejado, têm, todavia, conseguido atrair estes povos ainda tão atrazados para a Religião de Cristo. Desde o início até hoje tem-se notado e verificado claramente a sua relutância pela escola. Não obstante o esforço missionário, ainda hodiernamente continuam agarrados de pés e mãos ao preconceito de que a escola pouco ou nada lhes aproveita. As excepções não são muitas...

Em 15 de Agosto de 1927 foi inaugurada a igreja. É um edifício simples, sem pretensões artísticas, mas suficiente para conter 500 ou mais pessoas.

Em Janeiro de 1929, quando já era Superior desta Missão o R. P. Pedro de Araújo, começou a ser habitada pelos alunos uma casa de primeiro andar, onde foi instalado o dormitório e aulas. Em 1930 transitaram para edifício definitivo as oficinas de carpintaria e serralharia. Foram depois construídos e adaptados vários outros edifícios para oficina de alfaiataria, alojamento de pessoal auxiliar e salão de refeitório dos alunos. Fora da sede construíram-se, em alvenaria, algumas escolas, a capela de Vila Machado e a bela igreja de Pery. A primeira pedra para esta igreja foi benzida pelo Senhor D. Rafael (poucos dias depois da inauguração da igreja da Beira), discursando o P. Leonardo de Castro. Mas ficou-se por muito tempo na primeira pedra... e só em 1930 foram abertos os alicerces. Foi inaugurada em 7 de Fevereiro de 1934.

As experiências de abertura de escolas têm sido e continuam a ser muitas. Os habitantes, embora já não sejam tão nómadas como no princípio da Missão, estão ainda longe de ser fixos. É esse o motivo que, muitas vezes, obriga o missionário a encerrar uma escola num local para se abrir novamente noutro mais esperançoso... E chega a acontecer que, depois de muitas vicissitudes, se volta de novo ao princípio. É necessária uma paciência angélica para suportar este modo de ser dos indígenas. E só à força de muito dispêndio de energias se consegue alguma coisa. Outrora (e ainda hoje) os mais vizinhos da Missão eram também os mais refractários ao ensino. Este facto obrigou os missionários a trabalhar durante muito tempo, exclusiva ou quase exclusivamente com alunos internos. Em 1935 foi um pouco mais frutuosa uma nova experiência. Procurou-se que a escola fosse frequentada também por alunos externos. Resultou desta experiência uma frequência de 80 alunos. Este número elevou-se em 1936 a 110 e em 1937 a 134. Daí por diante tem-se conservado, com algumas variantes, esta frequência. Mas há motivos de sobra para afirmar que em futuro próximo aumentará bastante mais.

MISSÃO DE MARIA IMACULADA DE AMATONGAS



Área, limites, população:

Ainda não há muitos anos, a área jurisdicional desta Missão abrangia as circunscrições de Chimoio, Neves Ferreira, Gorongosa e Báruè, num total de 57.675 quilómetros quadrados. Nesta altura a população total era de 112.933 habitantes, conforme o Anuário de Lourenço Marques de 1936-1937. Era distribuída da seguinte maneira: raça branca: 567; asiática: 138; mixta: 194; raça preta: 112.034.

Hoje, esta Missão, tem uma área bastante me-

nor. Em 1942 foi desmembrada para dar lugar à nova Missão-Paróquia de Maria Imaculada de Vila Pery, que tomou a seu cargo toda a circunscrição do Baruè, os Postos de Bandula e Vila Pery, na circunscrição do Chimoio. Em 1947 foi ainda subdividida. A circunscrição de Vila Paiva de Andrade (Gorongosa) foi entregue aos Padres Brancos, que criaram ali a Missão de Cristo Rei (Provisão episcopal de 6 de Abril de 1947).

Da parte que resta a esta Missão (antiga circunscrição de Neves Ferreira e Posto de Gondola) ainda não se pode, presentemente, dar números exactos sobre a área e população.

Como fica escrito acima, a população da área antiga e moderna desta Missão é europeia, asiática e africana. Quanto à religião seguida, dum modo geral, podemos dizer que, tratando-se de brancos, se podem considerar católicos (ao menos baptizados...) dois terços, dividindo-se a restante entre protestantes e gregos ortodoxos. Os asiáticos são em grande parte maometanos, contando-se, todavia, alguns católicos e baneanes. Quanto aos mestiços, são, na sua maior parte, baptizados. O que se pode dizer de todos estes é que noventa e nove por cento, ou muito perto disso, não praticam. Os católicos contentam-se com baptizar os filhos e, às vezes, com muita sorte, mandam-lhes ensinar a doutrina, à ligeira, para fazerem a primeira comunhão. Mas, creio, os outros também não vão longe na sua religiosidade... Todavia, isto é bem compreensível se atentarmos nas áreas missionárias, que, pràticamente, tornam quase impossível a assistência.

Sobre os pretos, há os baptizados, praticando geralmente aqueles que vivem nas cercanias da Missão. Na ocasião da visita às escolas também, quase sempre, se aproximam dos sacramentos os da respectiva região. Os outros, não-baptizados, têm, mais ou menos, a mesma religião, usos e costumes que se observa em todos os indígenas do resto da Colónia.

Agricultura e pecuária:

Sendo esta Missão considerada também como escola agrícola, nela se tem desenvolvido bastante a Agricultura. Quem conhece a Missão de Amatongas, poderá ter observado que não há em todo o território da antiga Companhia de Moçambique, e talvez em toda a Colónia, nenhuma outra missão onde as culturas, especialmente árvores de fruta, estejam tão desenvolvidas. Fizeram-se muitas experiências; e se nem todas foram coroadas de bom êxito, a verdade é que os indígenas (e até europeus) aprenderam, pelos nossos sistemas, quais as culturas mais remuneradoras.

Têm-se fornecido aos indígenas muitas plantas dos nossos viveiros e sementes adquiridas em variadas partes ou seleccionadas nos campos de experiência. É interessante até a influência da Missão nos nomes das plantas. Assim a banana do Natal, por nós introduzida nesta região, tem em algumas povoações o nome de «Mufigu uá padiri», por ter sido levada da Missão. Há também entre os europeus das «farmes» o abacate «tipo Amatongas». Foi a Missão quem lhes forneceu as sementes.

As sementes e plantas fornecidas aos indígenas são de natureza vária: bananeiras, laranjeiras, estacas de mandioca (anos houve em que se forneceram várias toneladas), tangerineiras, limoeiros, anonas, mangueiras, abacates, feijão, amendoim, etc. Por aqui se vê a influência exercida pela Missão na agricultura indígena. É de notar que antes desta influência não se encontravam nos campos indígenas senão papaeiras — e estas poucas.

Sobre a pecuária, pouco temos a dizer. O maior progresso, o que mais influência obteve sobre a economia indígena, foi a criação de galináceos. Hoje, devido à influência da Missão, os pretos já possuem algumas raças bastante apuradas. A pequena galinha cafre ainda se encontra muito, mas já não é tão frequente como outrora. Muitas levaram daqui ovos de raças mais ou menos apuradas com os quais procuraram desenvolver as suas criações.

Amatongas — Debulha de milho

Fez-se, há poucos anos, a sexta experiência de

adaptação de gado bovino, mas nem desta vez com resultados duradouros... devido à mosca tsé-tsé, muito abundante nestas regiões.

Propriedades e edifícios:

A área de terreno de que a Missão dispõe não é concessão do Governo, mas doação dos Missionários Franciscanos. São 5.000 hectares, que foram doados juntamente com os edifícios e todas as culturas existentes em 1932. Os terrenos estão todos titulados, mas só em parte demarcados definitivamente, embora isto pareça um contra-senso. O facto é que foram concedidos os títulos definitivos antes de os terrenos estarem demarcados.

Outras propriedades: — quatro talhões na povoação de Vila Pery (confrontando todos, e de todos os lados, com vias públicas), num total de 6.400 metros quadrados. Foram doados pela Companhia de Moçambique. Além disso, temos também uma parcela de terreno na povoação de Vila Machado, de 6.400 metros quadrados. Confronta de todos os lados com vias públicas e foi doado também pela Companhia de Moçambique.

Edifícios:

Designação	Local	Género de construção	Data da fundação
Igreja	Amatongas	Alvenaria	15/8/1927.
»	Vila Machado	»	29/6/1932.
»	Vila Pery	»	7/2 1934.
Residência	Amatongas	»	16/1/1916.
Internato	»	»	Jan.º/1929.
Oficinas	»	»	1930.
Armazem	»	»	1925.
Aviário	»	»	1932.
Outras dependências	»	»	Depois de 1930.
Escola feminina	»	»	1930.
2 casas para professores	»	»	1930.
Casa dos bois e dependências	»	»	Fins de 1934.
Escola	Nhambia	»	1935.
»	Púnguè	»	1935.
»	Honde	»	1935.
»	Gorongosa	»	1936.

N. B. — As escolas do Púnguè e Honde pertencem actualmente à Missão-Paróquia de Vila Pery. A escola da Corongosa (Vila Paiva de Andrade) foi construída pela Administraçao local a troco dum motor. Além disso, demos a caixilharia. Esta escola é a sede actual da Missão de «Cristo Rei» da Corongosa que pertence aos Padres Brancos.

As restantes escolas de que neste lugar não se faz menção, estão instaladas em edifícios provisórios.

Língua indígena:

Também este ponto não tem sido descurado pelos missionários. Para o ensino da doutrina cristã é de absoluta necessidade a língua nativa. O indígena que pronuncia com mais ou menos facilidade o «Pai Nosso» em Português, ou em qualquer outra língua, só com muita dificuldade consegue compreender as palavras que papagueia.

Para o ensino da Doutrina Cristã utilizou-se, a princípio, como fica escrito, o Catecismo de Júlio Ramos. Mais tarde aproveitou-se a língua de Manica (que é sensìvelmente a mais aproximada desta...) e nela se ensinava o Catecismo. Por último, foi publicado um Catecismo em «Chiuteue-Português» e um livrinho de orações: «Chirio cho Mwía» da autoria do R. P. A. J. Ribeiro. Estão actualmente em preparação vários outros livros.

Seminário:

Sobre este ponto falaremos em artigo à parte.

Lista Cronológica dos Superiores da Missão:

P. Albano Alves, nomeado em Fevereiro de 1928.

P. Pedro de Araújo, nomeado em Dezembro de 1928.

P. António Maria de Oliveira, nomeado por despacho de 17-2-1931 (B. O. de 7 de Março). Tomou posse em fins de Abril.

P. Joaquim Marques de Oliveira, nomeado por despacho de 13-8-1935 (B. O. n.º 34, de 21 de Agosto).

P. Francisco Feliciano, nomeado por despacho

de 25 de Abril de 1938, na ausência do anterior, que tomou posse novamente em 29 de Abril de 1939. «Provisão episcopal» de 1-9-1944.

P. Albano Alves, nomeado em fins de 1939.

P. Joaquim Marques de Oliveira, nomeado em 1942.

P. António José Ribeiro, nomeado por «Provisão episcopal» de 6-5-1946.

P. Manuel dos Santos Denis, nomeado por «Provisão episcopal» de 6-5-1946.

Missão de Amatongas

Irmãos auxiliares:

Fr. José Maria Bártolo, nomeado em 1914.
Fr. António Ramos, nomeado em 1914.
Fr. Manuel P. Bonifácio, nomeado em 1924.
Fr. José Nogueira da Cunha, nomeado em 1933.
Fr. Germano Felisberto, nomeado em 1937.
Fr. Luís Crisóstomo, nomeado em 1941.

Padres coadjutores:

P. Joaquim Marques, nomeado em 1928.
P. Manuel Marques, nomeado em 1931.
P. Manuel Sambade, nomeado em 1932.
P. Freitas, nomeado em 1933.
P. António José Ribeiro, nomeado em 1934.
P. Alberto Moura, nomeado em 1936.
P. Armando Mota, nomeado em 1936.
P. António José Ribeiro, nomeado em 1937.
P. J. Maria da Cruz, nomeado em 1937.
P. Firmino Fernandes, nomeado em 1938.
P. Leonardo Saldanha, nomeado em 1943.

Padres que trabalham nesta Missão antes da criação «Oficial» (1927):

P. Agapito (belga), nomeado em 1923.
P. Martinho Barbosa, nomeado em 1925.
P. Vieira, nomeado em 1926.
P. Bonifácio (italiano), nomeado em 1926.

Total do movimento religioso, escolar, ambulância e oficinas

(Desde 1928 até ao fim de 1947)

(Movimento religioso):

Baptismos	1.306.
Confissões	50.407.
Comunhões	181.497.
Confirmações	474.
Matrimónios	78.
Lições de Catequese	58.325

(Movimento escolar):

Número de escolas	217.
Alunos internos	948.
Alunos externos	9.504
Exame rudimentar	82.
Exame de terceira classe Elementar	159.
Exame Complementar (4.ª classe)	.100.

(Ambulância)

Doentes tratados	4.118.
Curativos feitos	112.393.

(Oficinas):

Alfaiataria	100.
Carpintaria	156.
Agricultura	877.
Pedreiros	46.
Serradores	28.
Tejoleiros	27.
Serralheiros	97.
Trabalhos domésticos (escola feminina)	672.

Eis o que se me oferece dizer de mais importante sobre a Missão de Maria Imaculada de Amatongas.

Amatongas, 20-4-1948.

P.e Santos Denis

Caminhos de Deus

Há 50 anos que para a África negra partiram os primeiros Franciscanos portugueses.

Aceitaram a incerteza de todos os caminhos.

Porque todos os caminhos eram, para o seu espírito e para o seu coração, caminhos de Deus.

Os caminhos de Deus sulcam todas as distâncias, levam a todos os abismos e a todas as alturas.

Ser de S. Francisco é ser peregrino, de olhos abertos para todos os quadrantes.

A África chamava, com voz milenária e triste, a presença de apóstolos que fôssem heroicos e doces.

Ouviram a voz de África os Franciscanos de Portugal.

A voz terrível que vinha das selvas intratadas, dos rios desconhecidos, das misteriosas grutas e dos desertos em brasa;

A voz das almas gementes, angustiadas de esperar a luz e o fogo de Cima;

A voz dos séculos sem Evangelho, sem verbo, sem hóstias e sem cruz;

A voz subterrânea e violenta da África

Chamava longe por algum gesto de bênção e por alguma palavra que a salvasse.

Ouviu-a S. Francisco através dos seus Irmãos da nossa Terra.

E tanto bastou para que, meio século depois,

A África das matas bárbaras, das torrentes indomadas, das feras agressivas e das almas vazias de Novo Testamento

Fôsse, em muitos dos seus recantos, jardins cuidados, em que hoje poisam, contentes, as pupilas de Deus.

P. Moreira das Neves

Missões Católicas

PELO COMANDANTE FREDERICO CRUZ

ESCREVER sobre Missões Católicas num jornal como as «Missões Franciscanas», é tarefa sumamente difícil.

Um leigo, nada de novo pode dizer, com efeito, a missionários, sobre o transcendente tema. E se bem que a benemérita publicação se destine, para efeitos de catequese ao mundo profano, também é fora de dúvida que os leitores normais deste sector já estão, na generalidade, bem a par do que são as Missões Católicas. A dificultar a tarefa do colaborador de ocasião, o paralelo estabelecido entre os recursos próprios e as faculdades de elementos de escol a conseguirem com a sua prosa chã e agradável, converter ideias transeendentes em noções simples, ao alcance dos que, por nível mental pobre ou deficiente permeabilidade à fé, constituem terreno avesso ao crescimento rápido da seara espiritual. Resta, não há dúvida, ao articulista, enveredar pelo caminho apologético da obra das Missões, baseado nos irrefutáveis argumentos históricos. Mas, mesmo neste campo, a situação permanece difícil, porque a opção tresanda à ousadia do filósofo barato que se mete a dissertar sobre Seoto, S. Tomás, Santo Anselmo ou — galgando o abismo do tempo e das ideias — sobre Keyserling ou Nietzsche.

Que fazer então? Para os grandes males, grandes remédios. Talvez tentar expor ideias próprias, sem dúvida repetições involuntárias — *nihil sub sole novum* — embora correndo o risco de duas graves acusações: plagiário e pretensioso.

Em primeiro lugar perguntemos a nós próprios: São necessárias as Missões Católicas no Ultramar? Não poderiam de facto ser substituídas por missões laicas, já em parte experimentadas?

Para responder, não recorramos ao argumento da estrondosa falência destas últimas. O argumento seria na verdade fraco porque é atacável, pela réplica da má escolha do pessoal. Analisemos, de preferência, a questão objectivamente.

A missão laica pura abstrai inteiramente do ensino religioso, limitando-se à instrução oficial, literária elementar, da higiene e duma moral, caricatura da moral cristã, à qual vai respigar o que diz respeito às relações entre os homens, suprimindo-lhe a parte mais sublime, das relações entre o Supremo Criador e a Humanidade.

Ora, teòricamente, pode existir um ateu que cumpra, na íntegra para com o semelhante, os mandamentos de Jesus Cristo. E se criaturas dessa espécie realmente existissem poderiam ser socialmente úteis. Mais, estamos certos que na hora augusta do pensamento Deus os iluminaria e lhes perdoaria, na sua infinita misericórdia.

Admitida a título de hipótese a existência desses ateus de eleição — passe a expressão contraditória — suponhamos ainda com invulgar liberalidade que existia uma dessas aves raras por cada cem mil portugueses. Nestas condições, descontados à população do país, velhos, mulheres e crianças, ficaríamos com uns trinta indivíduos idóneos para componentes de Missões laicas. E, como nestes trinta fenómenos, é natural que 50 % não lhes interessasse a África, disporíamos no fim de 15 missionários para todo o Império...

O primeiro obstáculo instransponível para a constituição de Missões laicas, semi-úteis, seria pois o do recrutamento do pessoal.

E não se argumente que se poderia pôr, à frente dessas missões, indivíduos idóneos com eredos religiosos, porque um católico secular que dirigisse uma missão laica, convertê-la-ia insensìvelmente numa missão católica; um protestante não deixaria de ensinar a sua religião; e a tratar-se de um maometano teríamos todas as tardes os alunos voltados para Meca.

A criação da missão laica pura é pois impossível logo de início.

Mas admitamos — hipótese absurda — que se conseguia, recorrendo à lanterna de Diógenes, recrutar o pessoal conveniente.

Vejamos, agora, a matéria prima a trabalhar: o indígena. Imaginemos um nativo, de alma regularmente formada e de inteligência mediana, aprendendo a ler, a escrever, a contar, a trabalhar de pedreiro ou de carpinteiro, mas a quem se ensinasse que Deus não existia, que tudo acabava com a morte, enfim aquele chorrilho de ideias peregrinas... que de vez em quando ouvimos debitar aos

ecos psitacidas de Demócrito, Holbach, Diderot e outros.

Um indígena submetido a uma tal didáctica, ninguém tenha dúvidas que optaria por um dos seguintes caminhos: ou voltaria de tanga para o manipanso, ou fugiria para uma missão protestante onde ouvisse tocar grafonola e lhe dessem chewing-gum, ou então conservaria um verniz de civilização convertendo-se no mais refinado patife de todos os tempos.

Um nativo a viver socialmente impecável por amor ao dever, em si mesmo!

Não sei se encontraremos um por cem mil de brancos civilizados nessas condições, quanto mais um natural da selva, alma primária, para quem a lei do egoismo, da luta pela vida, se sobrepõe a tudo!

E note-se que o indígena, procederia muito mais lògicamente do que o ateu mais ou menos convicto, com que por vezes deparamos.

Amor ao dever, sem dúvida; mas porque o mesmo emana irresistìvelmente, como tudo o que é sublime, da inesgotável omnipotência e omnisciência divina. Sem a existência do juiz e de quem saiba aplicar a justiça, os códigos tornar-se-iam inúteis.

Mas, que Deus me perdôe. Encontro-me insensìvelmente a invadir atribuições catequistas que de forma alguma me podem pertencer. Tiremos, apenas, a conclusão imediata e indiscutível: as missões laicas, mesmo hipotèticamente dirigidas por pessoal de escol, seriam nefastas.

Para a civilização do indígena só existe um recurso — as Missões Católicas. Pela sua paciência, pela sua caridade, pela sua cultura, o missionário católico é o único escultor de almas capaz de fazer do indígena um homem útil, um habitante pacífico do Globo, um bom português, um bom cristão.

Temos, pois, a mais brilhante certeza de que o mais rápido caminho para integrarmos totalmente cada indígena no conjunto nacional, seria o estabelecimento de uma missão católica em todas as circunscrições.

O trabalho de cooperação entre o braço secular do administrador e a acção espiritual e educativa dos missionários, redundaria numa obra que poderíamos classificar de perfeita.

Durante a permanência de alguns anos em África, visitámos diversas missões; permanecemos vários dias, por várias vezes, na Missão Franciscana da Chupanga, nas margens do Zambeze; ali observámos dedicação, caridade, fé inquebrantável, trabalho material construtivo, espírito de sacrifício, bondade ingénua quase infantil. Ali observámos os frutos da acção missionária entre os indígenas de todas as idades. E uma antiga opinião, filha do estudo e do impulso interno religioso, consolidou-se; criou foros de dogma.

E hoje uma realidade se me impõe: Uma Missão católica em cada circunscrição, o maior número

Chupanga — Cemitério e Igreja

possível de pequenas capelas distribuídas pelos postos — cada uma com o seu professor indígena ex-aluno. de Missão como auxiliar — e meios de comunicação fáceis à disposição dos missionários.

Depois o sonho lindo convertido em realidade: cada domingo as massas indígenas que, na treva nocturna, hoje se deslocam, se insinuam fragmentadas, diluídas como sombras, pelo mato a caminho dos locais secretos da orgia, a marcharem compactas à luz do dia, alegres, expressões límpidas, a caminho do templo para adorarem a DEUS.

HÁ 50 anos que os franciscanos tomaram o caminho de Moçambique, e também ali demonstram hoje — em obra feita — do Limpopo ao Zambeze, a mais adiantada e florescente sementeira de conversão e civilização dos últimos tempos no Oriente português de Africa.

Dr. Braga Paixão

Intenção Missionária de Agosto

«Pelos bispos e clero no Japão»

OS Bispos e os Missionários, pioneiros da Boa Nova, são a «luz do mundo», «o sal da terra», os mestres, os guias, das suas próprias missões.

O preceito do Evangelho «ide e ensinai a todos os povos», supõe e exige, a acção persistente e constante do Missionário Apostólico, para levar a luz da verdadeira doutrina aos povos de boa vontade.

Renhida, lenta e verdadeiramente trágica, tem sido a penetração do Cristianismo, no grande império do Japão, desde o seu primeiro apóstolo, S. Francisco Xavier, até aos nossos dias.

Jesuitas, franciscanos e dominicanos, auxiliados, a princípio, com tanta generosidade e dedicação pelos portugueses, e depois pelos espanhóis, escreveram aqui as páginas mais brilhantes, do seu glorioso martirológio. Quando uns tombavam, recebendo vitoriosamente a palma do martírio, outros confrades seus, iam logo ocupar o seu posto, na vinha do Senhor...

Temos presentes, as estatísticas missionárias do Japão, referentes ao ano de 1923, e fornecidas para a exposição missionária do Vaticano, em 1925. No dito ano, trabalhavam nas missões daquele vasto império, jesuitas, dominicanos, Padres do Verbo Divino, das Missões estrangeiras de Paris e franciscanos. Por esses tempos, já havia ali alguns missionários indígenas, colaborando com aqueles missionários estrangeiros.

Pio XI, na sua encíclica missionária «Rerum Ecclesiae», de 28 de Fevereiro de 1926, insiste, mas com uma persistência admirável, na grande e vantajosa necessidade, da formação do clero indígena. Ele, melhor do que nenhum, falando a mesma língua, nascido e criado no seu próprio ambiente, conhecendo os costumes e a psicologia dos seus compatriotas, palpitando-lhe na alma, os desejos e a boa vontade, de erguer e elevar as mentalidades do seu torrão natal, estão, sem dúvida, mais aptos do que ninguém, para conseguir o «desideratum», de oferecer a Deus e à Igreja, os frutos do seu labor apostólico.

Pelo que conhecemos do carácter e psicologia do japonês, temos fundadas esperanças de que também ele é bem capaz, passados poucos anos, de constituir uma jerarquia eclesiástica indígena, à semelhança da que já existe na China, dum porvir tão esperançoso.

Convém recordarmos, que um dos fins das Temporas, relacionadas com as quatro estações do ano, era orar pelo clero, mormente por aqueles levitas, que nesses tempos consagravam a sua alma, pela ordenação, ao serviço do ministério sagrado.

///

A Obra Pontifícia das Vocações sacerdotais, já felizmente tão propagada e tão enriquecida pela Santa Sé com indulgências, não tem outro fim em vista, senão auxiliar e fazer compreender às famílias cristãs, a grande necessidade da formação dum clero instruído e virtuoso.

As *Obras da Propagação da Fé*, da *Santa Infância*, da *Senhora de África*, da *União Missionária do Clero*, da *União Missionária Franciscana*, do *Sodalício de S. Pedro Claver*, e tantas outras, que louvores a Deus, existem neste mundo de Cristo, não têm outro fim em vista, senão interessar os povos cristãos, para auxiliarem com esmolas e orações, sobretudo, os missionários que hão-de conduzir as almas para o Senhor da messe bendita.

Santa Teresa de Lisieux foi um dos melhores modelos da oração pelos missionários, e por isso foi nomeada padroeira das Missões.

Que ela saiba trazer de novo ao mundo desvairado uma nova chuva de perfumadas rosas, e inspirar aos pais e às mães cristãs, que as esfomeadas almas das missões, elamam noite e dia, pelo precioso fruto, confiado pelo Senhor, à sua piedade vivida no Santuário do Lar Cristão.

Unamos as nossas preces «pelos bispos e clero do Japão», dizendo com todos os eclesiásticos de toda a Igreja, na Ladainha de Todos os Santos: «Dignai-vos conservar em vossa santa religião a Autoridade apostólica e todas as Ordens de jerarquia eclesiástica: Nós vo-lo rogamos: ouvi-nos, Senhor.»

J. O.

No Colégio Seráfico de Montariol, cerca de Braga, recebem os primeiros ensinamentos da sua formação, os futuros Missionários Franciscanos Portugueses.

As Condições de admissão e todas as indicações desejadas, gostosamente as prestará o REITOR DO COLÉGIO DE MONTARIOL — BRAGA.

Missão da Imaculada Conceição da Chupanga

Missão da Chupanga — Igreja

SENDO a Missão da Chupanga das mais antigas da Província de Manica e Sofala, não é possível escrever a sua história em poucas linhas. Limito-me, por isso, a uns leves tópicos, que mal darão uma pálida ideia do que foi e é actualmente esta linda Missão.

Em 1895, o missionário jesuita P. Júlio Torrend, andou por terras de Mutarara, na intenção de escolher um local apropriado para uma missão católica. Ouvira falar no bom clima da serra da Morrumbala e na densa população das margens do Zambeze.

Tendo ido à Lacerdonia fazer um casamento, sorriu-lhe a ideia de se estabelecer na Chupanga, num edifício de *matope*, coberto a telha, mesmo à beira do Zambeze. Fora sede de prazo, depois comando militar e finalmente posto de esquadrilha do citado rio. Nesta data, encontrava-se abandonado.

O P. Torrend agradou-se do lugar, não lhe pareceram más as construções e tratou de transformar em realidade os seus objectivos.

A Chupanga fica situada na margem direita do Zambeze, numa pequena elevação, vendo-se ao longe os contrafortes da serra da Morrumbala, e, perdidos na distância, os picos muito altos do Derre e do Chiperone. Para leste é uma planície interminável, estendida até ao Índico. Para o sul e sudoeste, a floresta imensa de Inhamitanga.

A população, muito densa junto ao rio, pertence à raça *asena*, se bem que os nativos se denominem a si mesmos, sem razão a meu ver, um ramo especial — os *achipanga*.

O terreno é fértil em extremo — sobretudo nas ilhas do Zambeze — e o clima nitidamente tropical, embora saudável.

Missão da Chupanga — Antiga Residência

Os dois missionários jesuítas mais célebres desta missão foram os padres J. Torrend e João Baptista Loubière — ambos franceses, ambos trabalhadores incansáveis, credores de grandes elogios pelos serviços prestados à obra de evangelização indígena.

Expulsos os Padres Jesuitas, depois de 1910, vieram estabelecer-se na Chupanga os Padres da congregação do Verbo Divino, em 1912. Em 1916, após a declaração de guerra entre Portugal e a Alemanha, foram presos e mandados para Portugal.

Até 1923, ficou a Missão da Chupanga sem missionários, tendo, nesta data, sido entregue aos cuidados do P. Mário Baptista, do clero secular, que deixou bem vincada a sua passagem, pela construção da igreja ali existente, inaugurada com toda a pompa, em 1928.

Por falta de saúde, teve o R. P. Mário Baptista de retirar para a Metrópole, em 1929, sendo, neste ano, a Missão entregue aos cuidados dos Padres Franciscanos.

Foi seu primeiro superior o R. P. Albano Alves, que tinha como coadjutor o antigo e incansável missionário R. P. Augusto Rodrigues e como irmão-auxiliar frei Serafim da Silva.

A primeira grande preocupação do P. Albano, foi delinear um plano de construções condignas para a missão, uma vez que apenas a igreja era um bom edifício, sendo as restantes edificações de *matope*, quase completamente arruinadas.

Com uma visão larga das realidades, lançou o P. Albano a primeira pedra para a nova missão, que viria a ficar das mais belas de toda a Colónia de Moçambique.

Durante anos trabalhou incansàvelmente e o novo conjunto de edificações foi surgindo, em ritmo acelerado — armazéns, oficinas, escolas, acomodações para o Internato, residência missionária etc. — tudo em estilo simple e sóbrio, como convinha, mas de linhas elegantes e rasgadas.

Ao mesmo tempo, iam os missionários fundando, pelo mato, escolas indígenas, onde, ao lado do português, era ensinada aos nativos a doutrina cristã, sendo esta a preocupação máxima de todos aqueles que se dão ao ministério apostólico em terras de infiéis.

A princípio, como não podia deixar de ser, funcionavam estas escolas em palhotas rudimentares, de pau a pique, passando mais tarde, conforme as circunstâncias o permitiam, a ser substituídas por bons edifícios de alvenaria.

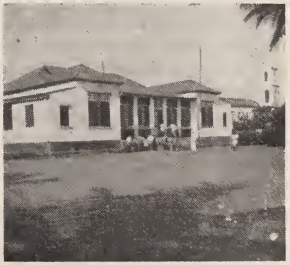
Em 1936, o número de escolas era quase de 30, espalhadas por diversas circunscrições por onde a Missão estendia a sua jurisdição espiritual.

Neste ano, começa-se a construção da residência para as Irmãs Franciscanas de Calais, inicialmente instaladas num edifício provisório, propriedade da companhia Mozambique Industrial, Ltd., que havia tempo, fechara definitivamente a sua fábrica de sizal.

A ida das Irmãs para a missão de Chupanga era uma necessidade urgente pois só elas poderiam educar convenientemente as raparigas indígenas.

Chupanga — Escola do Mato (régulo Nharugué)

Chupanga — Vista parcial do internato masculino



Chupanga — Residência Missionária

Na própria residência funcionava a aula feminina, tendo ainda um pequeno internato, especialmente para as noivas de cristãos.

Tendo sido eleito comissário dos Franciscanos de Moçambique o R. P. Albano Alves, foi nomeado Superior da Chupanga, em Junho de 1937, o R. P. Manuel Marques, que vinha de deixar o lugar de superior da Missão de Mocumbi e havia muitos anos era um modelo de grande missionário.

Mais tarde, sendo o P. Manuel Marques transferido para superior da missão da Barada, novamente foi colocado na Chupanga o P. Albano Alves.

Foi ele que construiu um edifício próprio para a escola feminina e ainda acomodações para o Internato das raparigas. São dois belos edifícios, em estilo moderno, de linhas sóbrias, mas elegantes, a condizerem perfeitamente com o conjunto de construções já existentes.

CHUPANGA — Escola do sexo masculino

Como a paróquia do Chinde estivesse, havia bastante tempo, desprovida de pároco, foram os Franciscanos da Chupanga encarregados, pelo Prelado de Moçambique, de ali prestarem serviço religioso.

Por esta altura, a área jurisdicional da Missão da chupanga abrangia as seguintes circunscrições civis: Marromeu, Sena, Chemba, Cheringoma, Mutarara, Massingire, Mopeia e o já citade concelho do Chinde. As circunscrições da margem direita do Zambeze é que pertenciam de facto à missão da Chupanga, sendo as da margem esquerda apenas a título provisório, enquanto não houvesse pessoal missionário suficiente para fazer uma ocupação real e efectiva. O total da área pertencente à Chupanga, não andava longe de quase metade da área de Portugal Metropolitano!

Um tufão violento em 1935, demoliu a capela de Marromeu.

Outra trataram logo os Franciscanos de construir, o que levaram a efeito com o auxílio valioso da Companhia de Moçambique e ajuda preciosa da Sena Sugar Estates, Ltd. — a maior companhia açucareira de toda a Colónia.

Ainda mais uma bela igreja foi levantada pelos Franciscanos da Chupanga, — a de Vila Fontes.

Na construção desta não se pode esquecer a ajuda da referida C. de Moçambique, nem o trabalho incansável e valioso do então chefe da Circunscrição de Sena Sr. Comandante Manuel Martins, que fez tudo ao seu alcance para a realização do projecto.

Em 1945, o extenso território jurisdicional da Chupanga foi dividido e entregue — parte — aos conhecidos e justamente apreciados PP. Brancos do célebre cardeal Lavigerie. Ficou a servir de limite entre a missão da Chupanga e os PP. Brancos, o rio Zangue, tendo portanto passado para aquela congegação tanto a igreja da Vila Fontes como todas as escolas das circunscrições de Sena e de Chemba, num total de 8 — sendo seis em bons edifícios de alvenaria.

A sua área abrange actualmente as circunscrições de Marromeu e Cheringoma, exceptuando desta última o posto do Dondo.

Conta 11 escolas com uma elevada frequência de alunos. Tem, como se disse, internato

Uma grande ideia num pequeno livro

VIVIA aqui há mais de três séculos, nesta boa terra de Portugal, um frade capucho que tinha inquestionàvelmente o instinto de descobrir bons títulos para livros. Porque é de saber, como observa Garrett, que há livros, e eu conheço muitos destes, que não deviam ter título nem o título é nada neles.

«Faz favor de me dizer o de que serve, o que significa o JUDEU ERRANTE posto no frontespício desse interminável e mercatório romance que aí anda pelo mundo, mais errante, mais sem fim, mais imorredoiro que o seu protótipo?

E há títulos também que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possível escrever que os desempenhe como os merecem.

«*Poeta Em Anos de Prosa*» é um desses (1).

«Poeta Em Anos de Prosa! Oh, Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste esse título que só ele em si era um volume»!

(1) Comédia de Énnio Manuel de Figueiredo, uma das mais sensabores, e a que vulgarmente se haverá pela mais sensabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e simpática do seu magoado e melancòlicamente chocho. (Garrett).

Em vez de «Oh Figueiredo, Figueiredo», eu exclamo: Oh Frei João, Frei João que grande homem não foste tu, pois inventaste um título formosíssimo para um livrinho teu em que nos dás conta do pensamento franciscano cingindo a terra: *Triunfos da Pobreza Evangélica!*

Mas quem era este Frei João e que escreveu ele merecedor de tanto entusiasmo e encarecidos aplausos?

Trata-se de Frater Joannes a Plagis, ou Fray Juan de las Llagas, ou Frei João das Chagas, «o Flamengo», como é designado na Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida, onde se lêem alguns traços da sua biografia e se encontra o registo de algumas obras impressas ou deixadas em manuscrito.

Naseeu em Culemburgo em 1547. Aí entrou para a Ordem Franciscana na idade juvenil. Estudou filosofia e teologia no convento de Lovaina. Pensaram os Superiores da Ordem mandar o esperançoso jovem aperfeiçoar os seus estudos na Universidade de Salamanca, onde outrora preleccionava o Diabo nas «Covas» famosas, mas que fora obrigado a fechar a escola e a ceder o lugar aos teólogos e cronistas Salmanticenses. Frei João, para se familiarizar com a língua espanhola, meteu-se à fala com os soldados do duque de Alba que, a esse tempo, como praga, inundavam toda a Flandres. À tropa espanhola ouviu Frei João as maiores espanholadas a respeito dos frades reformados das províncias de S. José, Piedade e Arrábida:

«Frailes franciscos, si que los hay en España y Portugal; pero como estes no los tiene Francia, ni Almania».

Chegou por aqueles dias a Lovaina, por motivo de estudos, um frade da Província da Arrábida, Frei Jerónimo Peregrino, que superabundou nos louvores da tropa aos frades reformados e contagiou de entusiasmo a Frei João pelo teor da vida dos frades da Arrábida, para onde foi autorizado a transferir-se pelo Geral da Ordem, Frater Chistophorus a Capite Fontium (eleito em 1571), e onde benignamente foi recebido pelo Provincial Frei Miguel Falcão e pelo Comissário Geral Nacional, Frei Damião da Torre.

Com 15 anos de Província e 42 de idade, em

masculino e feminino e boas oficinas de carpintaria, sapataria, alfaiataria e serralharia. Daqui tem saído muitos e bons artífices indígenas.

Os meios de comunicação são excelentes — uma estrada, um caminho de ferro de via reduzida — pertença da Sena Sugar Estates, Ltd. — e o rio Zambeze navegável durante muitos quilómetros nas duas direcções.

Tem instalada luz eléctrica, uma bomba que tira a água do Zambeze e um moinho para as necessidades da Missão.

Foi, como se disse, primeiro superior franciscano o R. P. Albano Alves, seguindo-se-lhe, em 1937, o R. P. Manuel Marques. Em 1942, novamente a missão passou para as mãos do Padre Albano.

Coadjutores por ordem cronológica: RR. PP. Augusto Rodrigues, Armando Mota, Felisberto Pontes, António Martinho, Acindino Pacheco e Rafael Pereira dos Santos.

1586, reunido o Capítulo no convento de Loures, foi eleito Provincial da Arrábida.

A preferência por este eleito foi motivada pela esperteza ou cobardia dos capitulares; na incerteza da sucessão no Reino, não queriam Provincial português nem castelhano; por isso elegeram o «Flamengo».

Morreu em 4 de Março de 1637, tendo vivido como religioso da Província da Arrábida 66 anos.

Foi sepultado na ermida de N. S.ª da Quietação, existente na cerca do convento de S. José de Ribamar. A jazida foi aberta na parede da Capela, do lado do Evangelho, e depois coberta de bons azulejos, tudo a expensas da devoção e amizade dum inglês. O bom amigo fez inscrever na parede o seguinte epitáfio:

Nesta Capela, ao pé deste epitáfio, está sepultado o P. Frei João das Chagas, Flamengo, Ministro Provincial que foi desta Província de N. S.ª da Arrábida e nela viveu 66 anos com grande exemplo de vida e muitas mostras de santidade.

FALECEU A 1 DE MARÇO DE 1637.

Escreveu:

Razoniamento que no conviene que tengan los religiosos Franciscanos Descalços Vicarios Generales rompiendo el govierno Monarchico de la Orden contra la regla... Lisboa, 1622. — O livro é mencionado em Vadingo e o *Manuale Históricum Ordinis Eratrum Minorum* de Holzapfel louva-lhe o bom senso e aprecia o discernimento em questões internas da Ordem. Notam-se os portuguesismos no castelhano de Frei João.

Método de Oração Mental, muito apreciado e divulgado nas comunidades religiosas. A fama deste opúsculo chegou a Roma; dele se recopilaram as principais regras de vida espiritual para uma táboa e esta mereceu as honras de ser colocada, à maneira de sacra, na Capela Pontifícia.

Memorial das Fundações dos Conventos da Província e dos Sujeitos que nela floresceram em Virtudes.

Dois livros de *Questões e Dúvidas de regulares*, «muito doutos e curiosos, mas que a nossa pobreza não permitiu se pudessem imprimir» (Crónica da Arrábida).

Triunfos da Pobreza Evangélica, impresso por Pedro Craesbeck, Lisboa, 1623. Deste livro diz o Cronista: «Nota-se o raro da erudição e elevação de espírito do autor, que soube em sucintas folhas compreender vastas notícias da nossa Seráfica Ordem, divididas em tantos tomos quantos são os que em multiplicado algarismo dão nome às maiores bibliotecas».

Efectivamente... é uma monografia valiosa, mesmo pela erudição segura em que se baseia a vista de conjunto às missões franciscanas em todo o mundo, mas particularmente notável pelo espírito de que é informada, filiando-se, por este lado, (lado espiritual) na exuberante (e talvez excessiva) mitologia poética, em que os franciscanos antigos se compraziam de figurar a Pobreza, sucessivamente como esposa e viúva de Cristo, noiva e esposa de S. Francisco de Assis e mãe de todos os frades menores.

Frei João conclui de todas estas considerações (ou antes do livrinho maravilhoso se pode concluir) que os franciscanos, só pelo respeito que devem à Altíssima Pobreza, não puderam nunca ter liga com os escravistas, e nas missões muitas vezes levantaram seu protesto contra os horrores da escravidão (veja-se Marcellino da Civezza, *Saggio de Bibliografia Sanfranciscana*, n.ºs 236, 362, 426, 527, 611, 638, 690, 726). Em 1621, um franciscano, contemporâneo de Frei João das Chagas, Frei João Silva, em carta ao então rei de Portugal e de Espanha, censurava certos missionários que se valiam mais, na fúria de converter gentio, de processos maometanos do que da candura evangélica.

— Sobre o preceito de Cristo, proibindo a violência e a rapina na evangelização, leia-se o capítulo X.º do Evangelho de S. Mateus e o capítulo IX de S. Lucas, etc.

Evangelizador franciscano, missionário do Bem, tua missão é *finda?* Não; não é finda, mas infinda!

Felizmente nos tempos modernos, o tráfico infame está posto fora da lei! Por um lado (olhando o futuro) isto é pouco; mas por outro lado (em relação ao passado) é muito.

É hora de começar? ou de recomeçar?... continuar sempre, em especial no *escuro continente*, a terra mais desventurada do mundo desde a época dos Descobrimentos e expansão colonial da Europa. E, se quiseres, inscreve os teus empreendimentos, fadigas e aventuras num livro que pode ter por título — *Triunfos da Pobreza Evangélica.*

P.e Manuel Alves Correia

---

(1) Sobre Frei João Silva veja-se também Holzapfel, Op. cit. pág. 446.

Missão de São José de Mônguè

(VIDA ACTUAL)

POR estas redondezas não se encontra europeu algum dos antigos que não fale com simpatia da Missão de S. José do Mônguè e do seu grande impulsionador — a sua alma viva — o R. P. Alberto Teixeira de Carvalho, O. F. M., que, aliás, todos os leitores conhecem perfeitamente pelas suas aprazíveis e bem entretecidas histórias. De facto, nesse tempo, pelos anos de 1904 a 1911, atingiu esta Missão verdadeiro esplendor: eram oficinas várias em intenso labor, a escola em franca florescência, a agricultura em largo desenvolvimento... e a coroar esses diversos ramos da actividade missionária, a bem organizada banda de música com os seus concertos, e da qual ainda existem restos — músicos e instrumentos — na vila de Inhambane.

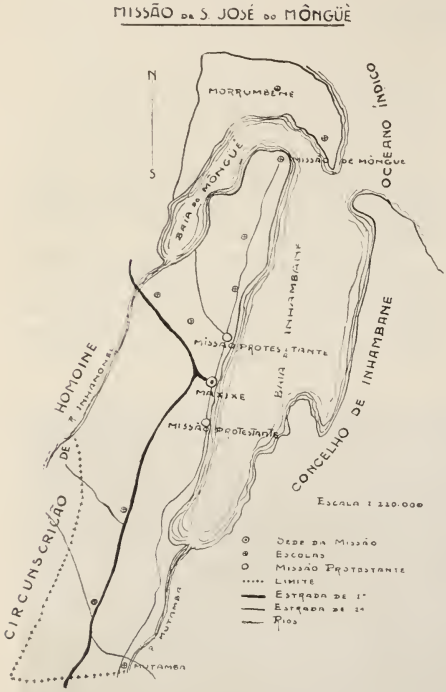
Veio a seguir a derrocada que a derrubou e abateu do seu trono glorioso, com tantas canseiras e suores conquistado... Em 1922 voltou a vida a animá-la até 1927, data em que realmente ficou reduzida a uma simples escola a cargo de um professor indígena, visitada de tempos a tempos por um Missionário de Inhambane ou de Mocodoene.

Volvidos 15 anos de sono letárgico foi novamente aberta, como era de justiça, não só para evitar a ruína completa dos edifícios levantados à força de sacrifícios e trabalhos só de Deus conhecidos, mas ainda principalmente para acudir ao desmoronamento espiritual, sequencia fatal deste estado de coisas. Neste particular é que a chaga é sempre mais profunda e de difícil cura.

Dar início a uma Missão é, sem dúvida, tarefa árdua e eivada de espinhos e contratempos, mas emfim é terreno novo ainda por desbravar... Recomeçar porém, o que, uma vez cuidado, foi depois abandonado e relegado à mercê do tempo que estiola a boa semente, à mercê do meio na sua rudeza natural, à mercê das paixões humanas desenvolvidas sem o freio das leis morais, fácil é de prever quantos maus costumes arreigados urge corrigir, quantas obstinações é necessário vencer, quantos erros introduzidos reclamam correcção rápida e radical... Todavia, embora tal empreendimento tenha de enfrentar obstáculos sem número e superar muitas e muitas dificuldades, não é caso para desanimar, porque no alargamento do Reino de Cristo, não podemos contar com as fracas forças humanas,

mas sim principalmente com a ajuda e auxílio de Deus que não falta com a sua assistência aos operários da sua vinha.

Além disso nós aqui no Mônguè estamos sob o valioso patrocínio de S. José que claramente tem patenteado quanto lhe é querida esta Missão e como a tem defendido de contrariedades e desgraças que sobre ela têm pairado. Haja em vista a sua real intercessão depois do ciclone de 16 de Fevereiro de 1944 que assolou estas redondezas e destruiu parte da Missão, a qual esteve em vias de ser de novo encerrada. S. José porém não consentiu que tal sucedesse à *Sua* Missão, e assim tocou o coração do nosso dedicado amigo de Inhambane, Sr. Lourenço Michael de Melo que generosamente se prontificou a pagar o zinco necessário para a cobertura dos edifícios danificados, no valor de 14.400$00. Aqui deixamos o nosso profundo reconhecimento ao benemérito benfeitor, e S. José lhe retribuirá a valiosa esmola.



Outro facto, sucedido na noite de 20 para 21 de Março transacto, foi igualmente um violento ciclone que devastou o Mônguè. Por onde passou fez autêntica limpeza derrubando árvores, levando pelos ares zincos e palhotas, arrasando todas as plantações.. No entanto, graças à protecção evidente de S. José, a Missão nada sofreu...

MÔNGUÈ – Estragos de um ciclone

Volvidos cinco anos e meio após a reabertura desta Missão, manifestam-se já os bons resultados; e, louvor a Deus, os frutos salutares aparecem, traduzidos na prática da vida cristã e na fundação de lares católicos. O interesse pelo matrimónio vai-se infiltrando a pouco e pouco na juventude, porque dos velhos e homens feitos que enveredaram pelo mau caminho, quase nada há a esperar. Na

R. P. Alberto Teixeira de Carvalho, antigo missionário e grande propagandista das missões na imprensa

verdade, os casamentos que em anos anteriores nunca foram além de 7, no ano de 1947 já se elevaram a 22; e no corrente ano, esperamos em Deus, o número não será inferior,

MÔNGUÈ — A Residência depois de restaurada

é até muito provável que seja ultrapassado. Por outro lado os baptismos também aumentam: assim, como é costume, na festa do Patrocínio de S. José, baptizaram-se, no ano passado, 33 alunos do Mônguè e de algumas escolas mais próximas; ao passo que este ano já subiram para 61. No ano de 1946 administraram-se ao todo 69 baptismos, e em 1947 já passaram para 120; e no corrente ano, estamos certos, serão ainda em maior número.

Por estes dados sintéticos, não se julgue que tudo seja agora um mar de rosas sem espinhos e que a vida na Missão decorre sem arrelias nem decepções; muito longe disso. A frequência das escolas, que são 8, é também um grande calvário para o missionário,

MÔNGUÈ — Estado em que ficou a residência missionária após o ciclone em 1944

porque o indígena, no geral, por si mesmo, não reage à sua indolência natural e à influência do meio por vezes refractário a inovações e ao ensino, especialmente a respeito do sexo feminino. Só à força de persistência tenaz e firmeza sem desfalecimentos se podem obter alguns resultados, bem deminutos aos olhos do missionário, na sua ânsia contínua de bem fazer e evangelizar esta pobre gente que ainda vive sob o jugo de tantos erros e vícios.

E como se estes obstáculos, nascidos da natureza das circunstâncias, não fossem suficientes para entravar a nossa acção e coarctar o desenvolvimento das Missões Católicas, ainda temos de enfrentar outro adversário: as missões protestantes estrangeiras. Só na área abrangida por esta Missão do Mônguè — aliás relativamente pequena — existem duas: a Metodista Episcopal Americana do Chicuque, situada entre o Mônguè e a Maxixe, e a Anglicana de Chambone, para lá da Maxixe. Mais para temer porém é a primeira, principalmente pela influência que exerce por meio do seu hospital privativo e para onde acorrem quase todos os indígenas destas terras que necessitam de assistência médica e hospitalização.

MÔNGUÈ — Igreja

Apesar de tudo, regra geral, podemos afirmar que os pretos preferem as nossas escolas às protestantes. Onde existe uma escola católica perto de outra protestante, a maior frequência está do nosso lado.

Para combater esta influência estrangeira e desnacionalizadora, e por ser um centro de importância e de densa população, já há tempos que se iniciou a construção de um estético e amplo edifício para escola-capela na incipiente, mas progressiva e risonha vila da Maxixe. Circunstâncias várias, estranhas à vontade do missionário, têm entravado o andamento destas obras e têm-nas arrastado de forma deveras arreliadora. E actualmente encontram-se paralizadas devido a ter-se esgotado a verba concedida pelo Governo da Província do Sul do Save, sem ainda se ter recebido outro qualquer subsídio para o prosseguimento desses trabalhos de utilidade e

necessidade indiscutíveis. São assim as obras missionárias...

Nada há porém, nestes revezes e contrariedades, de que admirar-nos, pois se bem considerarmos, logo nos convenceremos de que este é o selo que autentica as obras de Deus. Não é a Santa Igreja combatida de todos os lados e assaltada de inumeráveis modos por encarniçados inimigos? No entanto, sempre e de todos saiu e sairá vitoriosa porque «as potestades infernais não prevalecerão contra ela». Outro tanto se passa com as Missões Católicas, parte integrante da Igreja. Podem surgir obstáculos que se afigurem insuperáveis, podem levantar-se inimigos que se julguem invencíveis, podem ser combatidas e perseguidas pelos mais variados e diversos modos, todavia, porque se trata de uma Obra de Deus, prosseguirão sempre, a passo e passo, na sua rota de evangelizar os povos, de os arrancar à barbárie para lhes ministrar a civilização cristã, de os trazer ao seio da única verdadeira Igreja de Cristo...

P. Alberto de Moura

UM MILAGRE DE SANTO ANTÓNIO

PELO P. MIGUEL DE OLIVEIRA

LEMBRAM-SE do macedónio que apareceu em sonhos a S. Paulo, dizendo: «Passa à Macedónia e ajuda-nos»? O Apóstolo largou imediatamente de Troade e fez-se de vela até às praias da Grécia, para revelar àquelas gentes o «Deus desconhecido».

Na Ordem dos Frades Menores, parece andar também, desde os tempos do Fundador, a visão de um africano a implorar que o ajudem a sair da treva gentílica para a luz da Fé. Por misterioso desígnio da Providência, Portugal ficou a ser, já desde então, caminho forçado da jornada apostólica.

A simples olhares humanos, o começo não podia afigurar-se muito animador. Estuante do fervor originário, passa por aqui a primeira leva de minoritas e, volvidos poucos meses, sabe-se que foi exterminada em Marrocos. Bebeu-lhe o sangue a areia africana. Só umas relíquias dos ossos vêm repousar em Coimbra. Seria melhor desistir...

Vivia então em Santa Cruz um cónego regrante que «Fernandus Martini vulgariter nuncupabatur», como dizia velha crónica, tinha fama de varão piedoso e grande letrado. Prometia vir a ser luminar na escola do mosteiro.

Impressionou-o a chegada das relíquias da leva minorita: ontem a arder no sonho evangélico, hoje reduzida a umas esquírolas de ossos. E mostrou-se-lhe talvez o africano em visão: — Quem há-de agora vir ajudar-nos? — Vou eu!

Troca a murça de cónego pelo capuz de burel, despe-se de Fernando e veste-se de António e, depois de uns meses de meditação pela colina dos Olivais, ei-lo em Marrocos.

Que clima doentio! Que sol ardente! Se ele soubesse, não teria feito tantos jejuns e penitências no eremitério dos Olivais. Vir para conquistar infiéis, e ser logo vencido por uma febre infecciosa... Será melhor desistir.

*

Do sangue dos primeiros Mártires e da febre de Santo António ateou-se na Ordem

Franciscana a labareda com que ela vai abrindo clareiras nas almas e nos sertões.

Surgem periòdicamente contradições e desgraças, que parecem aniquilar toda a obra anterior. Chegam a ouvir-se na Metrópole vozes que clamam: «Percam-se as colónias, mas salvem-se os princípios» (os «imortais» de 1789). Natural desânimo: — Será melhor desistir... Mas eis que reaparece a visão do infiel, suplicando ainda que o ajudem, à distância de 19 séculos da era apostólica.

Sortilégio da África maravilhosa. Impossível resistir a essa voz em que a magia da selva se funde com a nostalgia do infinito.

*

Os Franciscanos Portugueses comemoram agora meio século de estadia em África. Bem se vê que são franciscanos. Já deviam ter celebrado o sétimo centenário do dia em que os primeiros frades puseram pé no Continente negro. Não foi estéril a sua missão, nem lhe faltou continuidade. O sangue dos mártires é como certos cursos de água que se somem na areia e reaparecem além...

Quando a leva de 1898 desembarcou na costa oriental, encontrou o caminho desbravado pelo sacrifício de todos os que, desde o século XIII, andaram pelas plagas africanas a «evangelizar a paz e o bem». Nem seria fácil compreender que, em meio século, os Franciscanos Portugueses se tornassem tão grandes aquém e além-mar em África, senhores da Guiné e da Conquista, se o Santo Fundador não tivesse mobilizado em seu apoio todos os soldados conhecidos e desconhecidos da velha milícia seráfica.

Tudo o que outrora se padeceu em fome e sede, e se trabalhou em catequese e sementeira, e pareceu perdido em naufrágio ou banquete de antropófagos — lá estava na base da nova missão. O céu é menos uma aposentação do que uma reserva.

Os sobreviventes de 1898 contam, com certo pitoresco, que levavam 5 mil réis no bolso quando partiram de Portugal para fundar a missão da Beira. Nem tanto era preciso. Embora as Crónicas o não digam, é legítimo supor que a infanta D. Sancha não despediu de Alenquer os cinco primeiros franciscanos sem dar um maravedi a cada um. Não tiveram eles em que gastar esse dinheiro. Deixaram-no a render na banca africana. Imagine-se quanto não terá produzido, com juros acumulados desde o ano de 1220...

*

Como quer que seja, ou celebrem sete séculos, ou reduzam franciscanamente a conta, estes Frades Menores têm enorme crédito na história missionária de Portugal. Pensemos por um instante que não tinha existido tudo quanto eles fizeram, desde Marrocos à Beira e do Brasil às Índias Orientais. Que proveito não tirámos da pobreza franciscana!

Quando os pregoeiros dos «imortais princípios» julgavam abalar Roma e Assis com as suas diatribes anti-religiosas, S. Pedro e S. Francisco trocaram um olhar de bom entendimento. A Igreja e a Ordem podiam fàcilmente dispensar a colaboração de gente nossa na seara evangélica. Valeu-nos ter lá no céu um compatriota da categoria de Santo António. Festejava-se, então, em Portugal o sétimo centenário do seu nascimento. Resolveu fazer um milagre: convencer os Portugueses de que não pedissem a demissão. Passados três anos, iam os seus confrades fundar a missão da Beira...

Em memória deste milagre, todos devíamos acender hoje mais uma vela no altar do Santo.

Lisboa, 13 de Junho de 1948.

Acção missionária franciscana

PELO PROFESSOR DR. JOÃO SERRAS E SILVA

HÁ meio século que, em África, os monges franciscanos trabalham na tarefa de civilizar os nativos. Trabalho obscuro, ignorado, doloroso e tantas vezes mortal. No fundo dos mares, na casca da ostra, um acidente provoca a formação da pérola que o pescador vai arrancar aos abismos; nas camadas terrestres, a ocultas, o carvão é transformado em diamante, obra da potente força da cristalização que o mineiro descobre. No centro de África, no sertão, longe do mundo e das suas glórias, o missionário vai escolher as pérolas, lapidar e facetar os diamantes, que são as almas dos negros, todas as almas que Deus criou e que, sem o missionário ficariam fora da civilização e fora da Igreja. Os perigos não intimidam os obreiros de Deus — o clima hostil enegrece a pele, encrespa o cabelo, engrossa os lábios, achata o nariz, mas não fica por aqui, no exterior, passa ao sangue que empobrece e assim resistem mal à doença. Além do clima maléfico, há o inimigo feroz, o animal venenoso, o parasita e às vezes o inimigo humano. Com todos estes inimigos o missionário tem de lutar. As tríbus ferozes são hoje raras, mas os missionários não costumam ter medo delas. Muitos mártires têm a sua história. A missão do padre é aplicar a luz da fé e da civilização ao esclarecimento das inteligências e alem disso adoçar os costumes. O estudo das *sociedades africanas* inclina-me a crer que a ferocidade selvagem não é um atributo espontâneo da raça, é antes, um produto do trabalho, da luta pela vida. Quando a aquisição dos meios de existência é fácil, o carácter é brando e sociável. Se, pelo contrário, a vida é difícil, como nos pequenos planaltos pastoris (massaii) e as epizotias os dizimam, a guerra é inevitável. Curiosa coincidência: nestas regiões aparece a organização militar, parecida com a que existiu na velha Esparta. O missionário baptiza, ensina o catecismo, ensina a leitura e ensina a trabalhar (nada pode substituir a disciplina do trabalho) e vai criando necessidades legitimas da civilização que para serem satisfeitas obrigam a trabalhar. Portugal é, pois, de vocação missionária — já no seculo XV, como se lê nas *Decadas,* tivemos as cristandades do Congo, com dois bispos negros e padres de cor. O Congo aceitou muito bem a religião cristã.

A evangelização da África não pode fazer-se só com o concurso dos brancos, é necessária a cooperação larga da gente de côr, e hoje os missionários franciscanos têm escolas, regidas por pretos, sob a sua fiscalisação. A mão de obra indígena é indispensável. O missionário leva ao sertão as luzes do Evangelho e traz de lá, muitas vezes, a luz que ilumina os civilizados: os estudos etnográficos, antropológicos, linguísticos dos padres têm esclarecido muitos problemas. Um congresso de sábios em 1875, teria proclamado autoctones os habitantes da América e portanto destruida a unidade da criação, se não fosse a intervenção dum missionário que provou a origem asiática dos usos, lingua e costumes dos *benés* e dos *esquimós*.

O missionário evangeliza os negros e pode também ensinar os brancos que nem sempre são reconhecidos. Em épocas turvas a ingratidão campeia; então o missionário pode recordar o que Vieira disse do soldado esquecido: «se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijai a mão da vossa espada que vos fez digno delas. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas e de envergonhar com elas a pátria por quem as recebeu».

CREPÚSCULO

Cheguei ao fim, Senhor! A luz do dia
— A minha vida — eu sinto que se apaga
Na agonia de um sol, que arrefeceu.

Já vejo, ao pé de mim, a Grande Maga
— A Morte, a minha irmã! —
E, pelo céu,
As estrelas são lágrimas de sangue...

As algemas do triste Prometeu
Que eu fui sempre, aspirando para a luz,
Estão-mas a tirar do corpo exangue;

Os pregos dolorosos desta cruz,
Em que estive sofrendo a vida inteira,
Estão-se a despregar!

Senhor!
Cheguei ao fim... ao fim do meu penar!

Eu tenho, bem presentes, nos meus olhos,
As horas que vivi
No teu amor,
Ao pé de Ti!

E os passos, que arrastei, em louca fantasia,
Por caminhos sem luz, sangrando abrolhos,
Quando minha alma enferma Te fugia
E voltava
Mais tarde, arrependida, toda em chaga!

— Não... não era eu que regressava:
Eras Tu, que me trazias! —

No alvorecer da minha mocidade
O Teu amor falou-me ao coração:
— « Olha, filho, a vastidão
Do mundo que me nega e desconhece,
Ignorando a valia de uma prece,
Perdido no caminho para o Céu! »

E eu percebi
A intenção das palavras, que disseste:
Por isso, deixei tudo e vim...
— Senhor, perdoa! Foste tu que me trouxeste! —

O Teu Rebanho andava extraviado
Sem a guarda serena de um pastor;
Pelos montes, sòzinho, abandonado,
Em busca de ventura e de perdão...

Ensinei-lhe a beleza do Teu nome,
Parti-lhe do Teu pão,
Matei-lhe a fome,
Dei-lhe um vestido, porque estava nú,
E apontei-lhe o caminho para o Céu...

— Perdão, Senhor! Bem sei que não fui eu:
Foste Tu!
Foste Tu — por minha mão! —

E ao Teu lado, Senhor,
Junto de Ti,
Nem sempre agradeci
O Teu amor!...

Quantas vezes, perdoa!, eu me sonhei
A viver num castelo, à beira-mar,
Onde, livre, pudesse ser um rei:
Monarca de um império a dominar um mundo...

Quantas vezes, Senhor, nesta jornada,
Olhei atormentado a minha vida,
E a minha alma, dorida, ensanguentada,
Me pareceu mais triste e mais perdida
Que uma casa sem luz, deshabitada,
Nas dunas movediças de um deserto!...

E o Mundo, ao longe, em festa, iluminado,
— Como o senti! —
A chamar... a chamar por mim,
A endoidar o meu pobre coração,
A dizer que era doce o mel doirado
Das loucas ilusões!...

E eu resisti,
Disse que não:
— « Não... não vou... »

— Senhor, perdoa! Não fui eu:
Foi Tua mão
Que me salvou!... —

E agora que cheguei ao fim do dia
E ao meu olhar já vai faltando a luz,
Eu quero despregar-me desta cruz
Docemente, sem dor, sem agonia!
Eu quero, finalmente, descansar,
Num enlevo de pomba a adormecer!

— Senhor, perdoa! — Eu quero o Teu querer! —

Lx. Julho 1948 F. P.

Missão de S. Leonardo do Mossurize

MOSSOURIZE era a maior circunscrição da Companhia de Moçambique — 37.462 quilómetros quadrados. Após a extinção dos poderes majestáticos da mesma Companhia, foram as suas dimensões reduzidas, passando todo o seu território ao sul do Save para a circunscição do Alto Limpopo.

Os indígenas do Mossurize pertencem à raça *landina*, misturada com elementos vátuas ou njau.

Tanto pela sua altitude, como fertilidade do terreno, é uma região que se presta, como poucas, à colonização indígena, embora ainda quase completamente desaproveitada nesse sentido.

Desde muito cedo ali se fez sentir a necessidade de uma missão católica, tanto pelo número de habitantes daquelas terras, como pela proximidade da fronteira da Rodésia, onde havia uma grande missão protestante, que fàcilmente atraía os nossos indígenas, ávidos de instrução.

Em 1906, o Prelado de Moçambique D. Francisco Ferreira da Silva, estudando o assunto e chegando à conclusão de que era necessário prover de missionários aqueles territórios, envidou todos os seus esforços nesse sentido, esforços que infelizmente não foram coroados de êxito. Outros prelados e outros missionários, dali para o futuro, sempre viram a mesma instante necessidade, mas, mercê de circunstâncias várias, entre as quais avultava a falta de pessoal, nunca as suas aspirações foram transformadas em realidade.

Para de algum modo dar assistência aos indígenas de Mossurize, fundou ali a Missão de Macequece, meia dúzia de escolas, cujo rendimento era bastante incerto, atenta a enorme distância a que se encontravam — cerca de 300 quilómetros!

Foi sòmente em 1939, com a data de 22 de Maio, que apareceu a provisão do Prelado D. Teodósio Clemente de Gouveia, a criar a Missão de S. Leonardo do Mossurize.

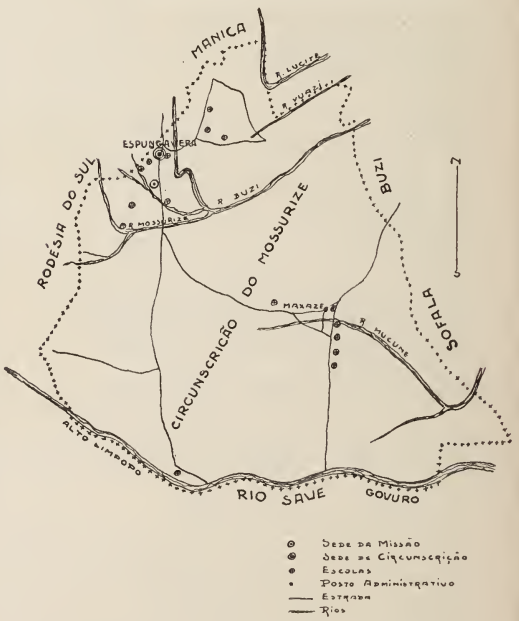
Recaiu a eleição de primeiro superior no R. P. Carlos de Azeredo, que partiu a instalar-se na escola do Xinhika, em 12 de Agosto seguinte.

Entre as primeiras dificuldades com que teve de lutar, não foi certamente a menor a falta de inscrição, no orçamento da Colónia para 1940, da nova missão.

Instalada esta, provisòriamente, na referida escola, o primeiro trabalho a realizar foi a escolha definitiva do terreno. Das dificuldades havidas neste ponto, diz-nos um relatório do R. P. Carlos, que é, sob muitos aspectos, verdadeiramente elucidativo:

«Temos local definitivamente escolhido, situado nas terras do régulo Guenje, a uns 26 quilómetros da sede da circunscrição, e ligado agora à estrada principal por um troço de 3 quilómetros, que nos foi

MISSÃO DE S. LEONARDO DO MOSSURIZE



preciso abrir em terreno de floresta. Destroncou-se uma pequena área onde se levantaram umas casitas de pau-a-pique, cobertas com palha, para nelas funcionar a missão, enquanto se não arranja coisa melhor. Estão prontas a servir a escola-capela, a residência dos missionários e várias dependências para a habitação do professor indígena, etc.

«Começou-se, após várias experiências, com o fabrico do tejolo; ensinou-se a arte de serrar a al-

guns indígenas, tendo-se preparado bastante madeira, com que se fizeram já alguns móveis de primeira necessidade.

Estudaram-se as possibilidades de a água poder chegar ao local por seu pé, e abriu-se, numa grande extensão, a vala para isso necessária, que, quando pronta, deverá medir uns 15 quilómetros. Actualmente está-se tratando da concessão e demarcação provisória de 2.000 hectares de terreno.

Mas, para chegar a este ponto, foi preciso dispender muito tempo, que eu, aliás, dou por bem empregado. Fizeram-se longas viagens, servindo-nos do meio de transporte com que Nosso Senhor dotou todos os homens, porque outro não havia a princípio, e, que houvesse, de pouco ou nada valeria nessas excursões em que havia que subir e descer encostas e despenhadeiros, atravessar rios sem pontes e terras sem caminhos, trepar às árvores a sondar os longes, abrir picadas para calcular distâncias, estudar cuidadosamente o relevo, e suportar outras peripécias deste jaez, a que está sujeito quem vem meter-se nestes bocados ainda virgens da África.

«E não vá isto parecer fantasia. O local para uma missão não se encontra com meia dúzia de vistas disfrutadas còmodamente sobre a carroçaria de uma camioneta. Aqui, pelo menos, não foi assim. Toda esta parte do Mossurize é muito acidentada e cortada por numerosos cursos de água, que, se por um lado, a valorizam, por outro a tornam quase inacessível e impraticável, principalmente na época das chuvas.

Estradas, há apenas uma a atravessar a região; e, caminhos, são os carreiros de preto, que escondem totalmente uma pessoa no meio da sua pujante vegetação.

Se, a dada altura descobríamos um local airoso e desafogado, mas sem água nem população, no dia seguinte aparecia outro mais povoado e junto a um lindo rio, mas, por isso mesmo, sem ar nem horizontes; depois topávamos um terceiro e um quarto, a que sempre havia de faltar qualquer requisito indispensável: ou eram os rios sem pontes, a dividir por completo a região, ou deficiência de plano para os vários edifícios a construir, etc., etc.

E foi assim, nesta vida de exploradores-missionários, que se passaram muitos dias e semanas, até se poder assentar em alguma coisa; e, se outras não fossem as vantagens destas caminhadas, havia sempre a do reconhecimento da terra, de grande utilidade para a colocação de futuras sucursais».

Como se vê, pelo que fica dito, após a escolha do local, construíram os missionários algumas palhotas onde instalaram todos os serviços incipientes da nova missão.

A Companhia de Moçambique, sempre benemérita das missões católicas, deu então uma grande ajuda: construiu, a expensas suas, uma bela escola, de amplas dimensões, e que passou a servir para aula, capela e residência missionária.

Entretanto o R. P. Carlos, conhecedor perfeito do território, ia fundando escolas pelo mato, carreando materiais, sobretudo madeiras e areia de muitos quilómetros de distância. Num barracão improvisado, montou as primeiras oficinas, onde aprenderam os artistas para as futuras construções.

Estas começaram a erguer-se lentamente — devido aos exíguos recursos pecuniários — tendo a residência sido inaugurada em 1946. É um bom edifício, em estilo moderno. A sua construção ficou muito económica, uma vez que o *engenheiro* foi o R. P. Carlos e os artistas os indígenas ensinados gratuitamente na missão.

Mossurize — Onde viveram durante três anos os missionários

Sem querer empanar o brilho e méritos de outrem, ninguém pode levar a mal que se mencione aqui o nome do P. Carlos de Azeredo como o de um grande e benemérito missionário, nem é de estranhar que se inscreva a seu lado, o nome do R. P. Alberto Gaspar, seu coadjutor, como o de alguém que foi um trabalhador incansável e a quem a missão do Mossurize muito deve. Que estas palavras fiquem piedosamente a lembrar a sua memória, pois já Deus o chamou para lhe dar o prémio do seu apostolado.

A Missão do Mossurize conta actualmente 16 escolas e pode considerar-se uma das mais prometedoras e de melhor futuro na colónia de Moçambique.

Padre Frei José Rolim

R. P. José da Assunção Polim

É um dos fundadores das Missões Franciscanas dos nossos tempos, e um dos dois sobreviventes do histórico grupo que partiu para a Beira (Moçambique), a 3 de Junho de 1898.

O outro sobrevivente é o Sr. D. Rafael da Assunção, venerando bispo de Limira.

Os quatro restantes, de há muito Deus os chamou a Si, para o prémio de seus trabalhos e virtudes.

Padre Frei José Rolim logo que chegou à Beira foi nomeado Capelão do Hospital da cidade. Com tamanho zelo e entusiasmo exerceu esse e outros cargos, que passados 8 meses se sentia completamente esgotado de forças físicas.

Correrias da residência para o hospital, do hospital para o cemitério, e vice-versa; noites perdidas junto dos enfermos e moribundos; pregações e confissões na capela; catequização de adultos na residência, etc., deram em terra com a sua têmpera de apóstolo incansável.

Teria que voltar, faltalmente, à Mãe-Pátria. Moçambique, apenas lhe seria, no futuro, uma saudade viva e um lindo sonho nimbado de glória!

Padre Rolim tomou isto como claro aviso do céu, percebendo então que a Providência não o queria em África, pois lhe destinava missão mais vasta do mundo.

Efectivamente, vendo-se coagido a abandonar a terra dos seus primeiros sonhos, logo que se viu na Metrópole e com as forças restauradas, começou a dar largas à sua vocação espiritual: a vocação de pregar aos fiéis das cinco partes do mundo.

E foi assim que a sua voz se fez ouvir, a princípio em todo o território continental, depois na Madeira, nos Açores, mais além nas colónias portuguesas dos Estados Unidos, de Boston a S. Francisco da Califórnia, no Arquipélago de Sanduich: Ohau, Maui, Hawaii (Oceania, Polinésia) e Brasil. A sua vida — a vida deste ilustre e benemérito franciscano — tem sido uma vida plena de sacrifícios e de heroísmos. Uma vida de actividade apostólica assombrosa, em que brilhou sempre, a grande altura, como pregador, conferencista, director de almas e publicista.

Hoje, ainda, velhinho e alquebrado, sob o peso dos anos e de enfermidades várias, no seminário da Luz (Carnide), onde os Superiores o colocaram, continua sendo um exemplo vivo de trabalho activo e fecundo.

Nesta hora festiva do cinquentenário das Missões Franciscanas, é um acto da mais elementar justiça, lembrar esta nobre figura de missionário apostólico, e de frade varatojano, que além do mais, muito ajudou na formação e educação de sucessivas gerações missionárias, actualmente dispersas pelas Missões de Moçambique e da Guiné.

A preparação etnográfica dos Missionários Franciscanos Portugueses

PELO PROF. ANTÓNIO DE ALMEIDA

DISPOSTOS por Deus para O servirem, servindo a sua Pátria em terras de infiéis, os Franciscanos Portugueses estiveram sempre presentes nas caravelas, descobrimentos e conquistas da hora alta da nossa Expansão.

Porque nas regiões encontradas viviam povos incultos ou semi-civilizados, na sua quase totalidade ignorados ou mal conhecidos da Europa — a cabeça do mundo civilizado de então — para melhormente lhes comunicarem a Boa Nova, os arautos e portadores da Fé houveram de alargar e robustecer seus conhecimentos sobre as línguas, usos e costumes dessas gentes, nomeadamente, as das terras norte-africanas, com quem muitas das populações achadas de há longos tempos contactavam ou mantinham indirectas relações materiais ou espirituais.

Antes da abalada, os nossos Missionários de antanho familializavam-se na Metrópole, sobretudo com os idiomas falados nas paragens africanas, situadas ao Sul do Mediterrâneo, tarefa, aliás, não difícil, já que, nessa era, ainda florescia esplendorosamente a cultura árabe peninsular, da qual aqueles territórios recebiam contínuo e intenso influxo; posteriormente e à medida que novos mundos iam sendo dados ao Mundo, quer *in loco*, quer por via de nativos trazidos para o Continente, os Filhos de S. Francisco ampliaram cada vez mais a sua sabedoria linguística e etnográfica, que tanto ministravam aos novos apóstolos franciscanos que educavam, como a todos os leigos estudiosos, ávidos de informações sobre os estranhos povos descobertos.

Possuidores da melhor formação missionológica da época, os Franciscanos Portugueses cedo tomaram gosto pelos assuntos exóticos de além-mar, habituando-se a registar observações de história natural e de outra índole com que iam deparando, algumas das quais ainda hoje surpreendem pela exactidão e probidade com que foram colhidas e interpretadas, constituindo, na realidade, um dos mais sólidos alicerces da moderna etnografia colonial, da antropologia cultural ultramarina dos nossos dias!

Não se pretende, por agora, referenciar sequer os numerosos, e tantos deles notáveis, escritos publicados ou ainda inéditos, antigos ou modernos, sobre a filosofia e etnografia ultramarina, elaborados por Franciscanos — estudos estes todos bem conhecidos e apreciados pelos cultores desses ramos das ciências; o nosso intuito visa apenas na celebração de tão faustosa data, como é o cinquentenário do regresso e início da acção missionária contemporânea dos Filhos de S. Francisco em Moçambique — sublinhar os esforços hodiernamente dispendidos pela operosa Província Portuguesa, em prol do enriquecimento e actualização da bagagem científica de seus alunos, com o louvável propósito de, quando na vida prática, atingirem mais fácil e frutuosamente os alevantados objectivos que os dominam: dilatação do reino de Cristo por meio da difusão da nossa língua e cultura, do apostolado integral daquelas importantes parcelas do nosso Império Colonial!

Sabedores, por fecunda e dilatada experiência, de que só com perfeito conhecimento linguístico e dos usos e costumes dos povos atrasados, é possível atraí-los à civilização, assimilá-los totalmente, os Fran-

ciscanos Portugueses, absolutamente impregnados dos conceitos contemporâneos das ciências missionológicas, desde há anos, a par do apropriado e laborioso apetrechamento religioso e intelectual aos seus jovens educandos, vêm administrando, com êxito prometedor, o ensino dos dialectos da Guiné Portuguesa e de Moçambique — por intermédio de lições feitas em seus Seminários, e de seus numerosos e magníficos livros, gramáticas e catecismos — e algo também dos usos e costumes dos habitantes das regiões dessas colónias que lhes incumbe evangelizar.

De harmonia com o título do presente artigo, é da formação etnográfica que nos vamos ocupar, englobando nesta designação os conhecimentos de antropologia física, ministrados aos alunos do Seminário da Luz — a excelente Casa de educação, onde tivemos a honra e o prazer de preleccionar durante os anos lectivos de 1945-1946 e 1946-1947.

Já, nos anos que decorreram entre 1930 e 1940, vários Missionários Franciscanos frequentaram as aulas de Etnografia e Etnologia coloniais, Política Indígena, Higiene tropical e de Construções e Topografia da Escola Superior Colonial; do convívio e intercâmbio espiritual que os Filhos de S. Francisco estabeleceram com os alunos da Escola, ainda hoje ali se fala com admiração e respeitosa saudade.

Com efeito, se o aproveitamento escolar destes simpáticos, cultos e fervorosos apóstolos de muito veio, decerto, a servir-lhes nas rudes e fatigantes lides a que, a bem de Cristo e de Portugal, se entregaram posteriormente (são os próprios Missionários e os seus Superiores quem o hão declarado espontâneamente, e ainda, muito recentemente, tivemos o consolador ensejo de ouvir corroborada esta afirmação pelos Missionários da Guiné Portuguesa), de não menor importância social e afectiva se revestiu a passagem dos Franciscanos pela Escola Superior Colonial. É que os laços amigáveis, criados e mantidos, entre eles e seus condiscípulos leigos, futuros funcionários do Ultramar, têm produzido os melhores frutos: nas regiões coloniais mais distantes, a cada passo, se têm encontrado e auxiliado mùtuamente, na espinhosa empresa a que se hipotecaram, uns e outros possuídos e irmanados no mesmo espírito de missão. Temos para nós que se a estadia dos Franciscanos na Escola Superior Colonial muitos benefícios intelectuais lhes proporcionou, muito maiores vantagens trouxe sob o ponto de vista psicológico, por ter permitido aos Filhos de S. Francisco e aos funcionários administrativos coloniais, criar fortes relações de amizade, que conduziram directamente a uma perfeita compreensão e boa camaradagem, condições indispensáveis para o bom êxito da tarefa em que andam empenhadas estas duas grandes classes de obreiros da nacionalização das nossas possessões de além-mar.

Por virtude de, só uma vez por semana — todas as quintas-feiras, das 8 às 9 horas — ser possível dar aula de etnografia colonial aos Seminaristas da Luz — tão sobrecarregados com suas obrigações escolares e religiosas, houve necessidade de organizar um plano de estudos em que, após a ministração de algumas lições de ordem geral sobre usos e costumes dos incultos africanos, se apreciasse (com o desenvolvimento que as circunstâncias impunham e a escassez do tempo autorizava) a etnografia das populações indígenas da Guiné Portuguesa e de Moçambique, mormente daquelas entre as quais os Franciscanos se fixaram e alargam os centros de expansão da sua portentosa actividade evangelizadora.

Segue-se o plano das matérias de etnografia e de antropologia física que ensinámos no Seminário da Luz.

I PARTE

A — **Etnografia**

Alimentação: 1) alimentos — vegetais, animais, minerais e sua obtenção; preparação do fogo, dos alimentos, sua conservação, trem de cozinha; anomalias e interdições alimentares. 2) excitantes e narcóticos — bebidas fermentadas e destiladas, sua preparação, ritos; tabaco, cânhamo, cola, etc.

Habitação: 1) habitações — fixas, transportáveis; mobiliário doméstico, decoração e iluminação; anexos da habitação — celeiros, armazéns, currais, etc.; habitações individuais e colectivas; aldeamentos indígenas.

Vestuário: 1) substâncias utilizadas — peles entrançadas e tecidos de fibras vegetais, casca de árvore; sua preparação e tingidura. 2) tipos de indumentária, sua confecção, calçado e cobertura da cabeça. 3) adornos e enfeites — matérias empregadas, técnica e seu uso; penteados — substâncias utilizadas, técnica e tipos de penteado.

Actividade económica: 1) tipos de propriedade — individual, familiar e colectiva; limite de propriedades. 2) estádios de evolução económica da humanidade. 3) processos agrícolas, queimadas, derruba, adubação, cava, sementeira, plantação, irrigação, debulha, alfaias agrícolas: ritos, etc. 4) pecuária, caça e pesca — suas técnicas, utensílios, venenos; superstições, etc. 5) artes e ofícios — metalurgia, olaria, carpintaria, tecelagem, etc; rituais; comércio — feiras, permuta, moeda. 6) vias de comunicação e transportes terrestres (tipoia, machila, rede, dorso de animais, etc.), fluviais e marítimos (jangada, canoa a remos e à vela, etc.); caminhos e pontes gentílicos.

B — **Animologia**

Jogos de entreténs: 1) jogos infantis, desportos e jogos dos adultos. 2) Belas-Artes — espectáculos, canto, música e respectivo instrumental, dança, representações teatrais, etc.; desenho, pintura, gravura e escultura; literatura e poesia. 3) ciências — mitologia, matemática e geometria, medida do tempo, geografia e cartografia, medicina. 4) linguagem — mímica, falada e escrita; sinais ópticos e acústicos. 5) religião e magia.

C — **Sociologia**

Família: casamento e seu cerimonial; rapto e compra da noiva, dote nupcial; adultério; endo e exogamia; monogamia, poligamia e poliandria. 2) crianças — cuidados com as grávidas e puérperas, aleitação; maltusianismo, infanticídio; nominação das crianças e dos adultos, respectivo ritual; instrução e educação — mutilações étnicas; cuidados com os velhos. 3) morte — preparação de funerais, vestimenta dos mortos, sepulturas, ritos funerários, matança de animais domésticos; luto, carpideiras, superstições, etc.

Sociedade: 1) organização social interna — totemismo, agregados sociais; escravidão, escravatura; regimes políticos, os chefes e a sua escolha, seus direitos e obrigações; moral, social, tábus, direito e justiça; manifestações de civilidade. 2) intercâmbio — relações de simpatia e hostis; armas ofensivas e defensivas, sucos animais e vegetais usados como venenos.

II PARTE

Antropologia física

Observações antropológicas: 1) Instruções e instrumental antropométricos. 2) caracteres morfológicos — descritivos (corpulência, tipos constitucionais, cor da pele, da palma da mão, dos olhos e sua forma, e do cabelo e sua forma; direcção da fenda palpebral, inclinação da fronte, curvatura occipital, forma da face, prognatismo, saliência dos malares, forma dos lábios, perfil do nariz, disposição e orifício das narinas, etc. 3) caracteres merísticos (pontos antropométricos de reparo, mensurações gerais da cabeça, tronco e membros; estatura, grande envergadura, larguras, diâmetros, comprimentos, perímetros, índices e coeficientes, proporções do corpo, etc.) 4) caracteres fisiológicos (grupos sanguíneos,

acuidade visual e auditiva, peso, pressão dinamométrica, etc.) 5) caracteres psicológicos (atenção, memória, ideação, emoção, afectividade, vontade, etc.) 6) caracteres patológicos.

Para facilitar a aquisição dos ensinamentos etnográficos, com o seu professor, os alunos visitaram o Museu Colonial da Sociedade de Geografia de Lisboa e o Jardim Agrícola e Museu Colonial. As aulas práticas de antropologia realizaram-se no Seminário da Luz, cada um dos discípulos se prontificando a servir de modelo, a medir pelos outros; se todo o curso nos acompanhou naquelas visitas, as mensurações foram praticadas ùnicamente pelos alunos do último ano escolar, prestes a partir para o ultramar, e, por consequência, os mais carecidos destes ensinamentos — visto tornar-se absolutamente impossível administrá-los a todos.

Ao concluir estas considerações, não queremos deixar de acentuar a alegria e atenção com que os estudantes seguiram os dois cursos de etnografia colonial que fizemos no Seminário da Luz. Tanto o prelector como os Superiores dos alunos vêem no bom acolhimento (nem sempre fácil de conseguir entre escolares já submetidos a pesados encargos pedagógicos, como acontece nas Casas de formação missionária) e na activa curiosidade dos jovens e na sua avidez infatigável de aprender os conhecimentos etnográficos preleccionados a melhor compreensão; no que respeita à antropologia, semelhante interesse encerra significado e projecção ainda maior — é que, pela primeira vez, que nós saibamos, Missionários Portugueses, numa instituição nacional, receberam lições sobre a matéria que, não obstante ser necessária à sua vida profissional, jamais foi tida na devida consideração.

Graças à feliz iniciativa dos Missionários Franciscanos, nos anos de 1945 a 1947, seus discípulos que hoje trabalham esforçadamente nas colónias, ficaram melhor preparados para contribuir não só para as investigações etnográficas da Guiné e de Moçambique, mas igualmente para estudar antropològicamente os povos gentílicos desses territórios.

Escola do mato (Sofala)

BIBLIOGRAFIA MISSIONÁRIA FRANCISCANA

NÃO é precisamente a estudos etnográficos nem bibliográficos que os missionários se dedicam, não é essa a sua função principal. Todavia uma coisa e outra são valiosos elementos auxiliares para a acção missionária. O estudo das linguas dos povos a misssionar é absolutamente imprescindível — *fides ex audictu, audictum per Verbum Dei.* A linguagem é o meio mais eficaz, o melhor condutor da graça da conversão à fé.

Nos cinquenta anos decorridos, os missionários franciscanos não descuraram a aprendizagem das linguas indígenas por mais e maiores sacrifícios que lhes tenha custado.

A lista que publicamos diz claramente da compreensão e do trabalho que os missionários franciscanos votaram às linguas dos indígenas que missionam. É como segue:

Pequeno catecismo de Doutrina Cristã — em Português-Chisena por P. Albano Alves — Beira.
Noções gramaticais da Lingua Chisena — pelo P. Albano Alves — Braga.
Dicionário Português-Chisena e Chisena Português — pelo P. Albano Alves — Lisboa.
Biblia ia Ana (tradução para Chisena da «Biblia da Infância» do Dr. J. Ecker) — pelo P. Albano Alves — Braga.
Maphembero a Akristao Aromano — (livrinho de orações em Chisena) pelo P. Albano Alves — Braga.
Catecismo em Português e Chimanica — pelo P. Miguel Vieira — Beira.
Catecismo breve da doutrina Cristã em Chichangane — pelo P. Martinho da Rocha Barbosa — Beira.
Resumo da doutrina Cristã — pelo P. Joaquim de Sousa Violante, em Português-Xitsua — 2.ª ed. — Beira.
Xibukuana, xa Makholua — Orações e cânticos em Português Xitsua, pelo P. António Martinho — Muchopes.
Dilela ia Tilo — Caminho do Céu, em Português Xitsua — pelo P. António Martinho — Braga, 1947.

A. B. C. das escolas Missionárias — em Português-Xitsua — pelo P. António Martinho — Braga, 1948.
Chirio cho tsiku dzese — Livrinho de orações em Chiteve — pelo P. António José Ribeiro — Lisboa.
Pequeno catecismo da doutrina cristã — em chope — pelo Dr. P. Luis Feliciano dos Santos.
Gramática da lingua Chope — pelo Dr. P. Luis Feliciano dos Santos. (Obra premiada).
Catecismo da doutrina Cristã — em português e chope — pelo Dr. Luís Feliciano dos Santos.
Tigonzo tà Kristo — catecismo em Chi-kambane — pelo Dr. P. Luís Feliciano dos Santos.
Tindando tà Ukhongeli — cânticos — pelo Dr. P. Luís Feliciano dos Santos e P. Armando S. José Pacheco.
A. B. C. das escolas Missionárias — português e chope — pelo Dr. P. Luís Feliciano dos Santos.

R. P. José Miguel Vieira, grande e santo missionário

A. B. C. das escolas Missionárias — em português e cambane — pelo Dr. P. Luís Feliciano dos Santos.
Sursum corda — Timbilu indzumani — livro de orações em Português e Chope — pelo Dr. P. Luís dos Santos.
Cuia de Conversão Chope — pelo Dr. P. Luís Feliciano dos Santos.

Os Franciscanos no Império Português

POR PEDRO CORREIA MARQUES

A acção missionária começou no Mundo há muitos séculos, há perto de dois mil anos, quando Jesus disse, como testamento espiritual: — «Ide pois e ensinai todas as gentes, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo», como refere S. Mateus (XXVIII, 19); ou, na versão de S. Marcos: — «Ide por esse Mundo todo e pregai o Evangelho a toda a criatura» (XVI, 15).

Esta missão confiada aos Apóstolos e por eles logo cumprida, mal receberam a insuflação ardente do Espírito Santo, foi continuada pela Igreja e pelos seus sacerdotes seculares e regulares e pelos seus leigos de mais clara vocação, através dos tempos todos. Quando partiram numa dispersão de que havia de vir a transformação do Mundo, começou a grande obra missionária. E é com esta notícia que S. Marcos finda o seu Evangelho: — «Partindo eles, pois, por toda a parte pregaram, com o auxílio do Senhor, que confirmava com prodígios a sua palavra» (XVI, 20).

Toda a terra habitada era Zona missionária. O cristianismo começava. Na primeira investida contra o Mundo, ainda desconhecedor do advento da Lei Nova, foram missionários aqueles 120, que cercavam o Primeiro dos Apóstolos. E logo cerca de 3.000 se voltaram para Cristo e para a sua fé e mandamento. Depois começou a pregação por diversas terras e gentes. Segundo dados históricos e segundo a tradição, S. Pedro pregou na Síria, na Ásia Menor e em Roma. S. Paulo, convertido no ano de 33, realizou quatro grandes jornadas apostólicas, em que o ajudaram Lucas, Marcos, Timóteo, Tito, Apolo, e outros; percorreu algumas províncias da Ásia Menor, da Macedónia, da Acaia, da Itália, e não falta quem tenha como seguro que chegou a esta Espanha, extremo ocidental do Mundo conhecido. S. Tiago evangelizou Jerusalém. S. João ficou-se por Éfeso. Estas duas cidades, cultas e cépticas, eram difíceis de converter. Santo André teria ido até à Cítia e S. Tomé até à Pártia e talvez até à Índia. E todos os outros teriam tomado rumo diverso: S. Filipe o da Frígia, S. Bartolomeu o da Arábia, S. Mateus o da Etiópia, S. Judas o da Síria e da Mesopotâmia, etc.

Os três primeiros séculos foram de intensa acção missionária no Mundo romano. No I século foram evangelizadas a Palestina, a Fenícia, a Síria, a Ásia Menor, o Egipto, Creta, Chipre, a Macedónia, a Acaia, A Itália do sul, a Dalmácia e talvez certas regiões do Egipto e da Espanha.

No século II a incursão missionária exerceu-se na Arábia, na Mesopotâmia, na Arménia, em algumas regiões da África Mediterrânica, do sudoeste da Gália, e talvez fossem atingidos os bretões, os celtas e os germanos ocidentais.

No século III viu insistir-se na Arménia e chegar-se à Pérsia e à Panónia, mais ou menos a Hungria actual.

A acção missionária foi continuando, quando sobreveio a catástrofe da invasão dos Bárbaros, da qual a Providência Divina ia tirar tão grande efeito de renovação, realizando aquela acção, que Bossuet exprimiu por estas palavras maravilhosamente verdadeiras: — «Quand Dieu efface c'est pour écrire». Começou, ou melhor, recomeçou logo a acção missionária, primeiro realizada por iniciativas de bispos e monges isolados, depois segundo um plano traçado pelo papa, que encontrou admiráveis obreiros na recém-nascida Ordem de S. Bento. Os grandes monges realizaram outra dispersão missionária, de esplendoroso efeito. O Senhor deu frutuoso incremento à obra dos seus servos. Santo Agostinho pregou o evangelho aos ingleses; S. Bonifácio aos alemães; Santo Anscário e S. Ramberto aos dinamarqueses e suecos; S. Leandro aos visigodos de Espanha; S. Suitberto aos frisões e aos vestfálios; S. Ludgero e S. Sturmo aos saxões; Santo Adalberto aos boémios e aos polacos; S. Vilibrordo aos holandeses; Santo Amando e S. Lievino aos flamengos; Santo Otão aos pomeranos; S. Gerardo aos húngaros; S. Bruno aos prussianos; S. Chilano e S. Ruperto aos francos; Volfgango aos austríacos e aos nóricos, etc.

Saltemos sobre o tempo, ultrapassemos os séculos. Deixemos de lado as Cruzadas, que foram também uma expansão cristã. Venhamos de salto até ao século XIV, que mais interessa aos portugueses. E atenhamo-nos à acção da Ordem Franciscana, visto que este ano se celebra o cinquentenário da fundação das Missões Franciscanas em Moçambique.

A Ordem dos Frades Menores nasce nos começos do século XIII. E logo de começo se volve para o vasto mundo infiel. S. Francisco quis no Norte de África dar a vida por Cristo e prega diante do sultão Malek el Kamil. Regressa e envia os cinco primeiros religiosos da sua Ordem para Marrocos. Estes são martirizados, e quando os seus restos gloriosos regressam à Europa, atraem à sua Ordem um português, que seria luminar do nascente instituto e de Portugal, luzeiro da Europa, «O Santo de todo o Mundo» — Santo António de Lisboa. O nosso Taumaturgo teria sido santo no instituto dos Regrantes de Santo Agostinho, mas certamente não haveria tido a universalidade a que Deus o destinava. Seria um

cónego virtuoso dos agostinhos de Lisboa e talvez elevado às honras dos altares. Deus, porém, queria-o universal e confiou à Ordem Franciscana o encargo de lhe dar esta categoria. Só por isto, quando não houvesse o vulto enorme de serviços pela Ordem prestados a Portugal, mereceriam os minoritas a gratidão portuguesa. Também Santo António quis, como o fundador da Ordem, ir a Marrocos. Não o consentiu a Providência de Deus, que o queria missionário em terras de gente cristã, mas em grande parte corrompida e céptica.

De resto a vocação missionária dos franciscanos se afirmou logo de início bem viva. E foi por este chamamento para o seio da Infidelidade que Inocêncio IV, ao ter de mandar um enviado ao Grande Cã dos mongóis, para tão arriscada enviatura escolheu o franciscano João de Plancarpin (1245-1247). Pelo mesmo motivo mandou S. Luís de França o franciscano Guilherme de Rubruc á Mongólia (1253). E foi depois uma expansão franciscana constante pela África e pela Ásia, até à remota China.

Quando Portugal levou as suas armas a Ceuta e dum lance conquistou a famosa praça de guerra, cravando no dorso do Islã um dardo mortal, conseguindo o que as Cruzadas não haviam logrado, começou uma era nova para a Cristandade. E a instâncias de D. João I mandou o Papa Martinho V aos arcebispos D. Fernando de Guerra de Braga, e ao de Lisboa, D. Diogo Álvares de Brito, averiguassem se havia condições materiais para a criação duma sede episcopal na cidade conquistada e se havia pessoa idónea que a ocupasse. Seria uma recuperação gloriosa, pois Justinismo já naquela terra elevara um templo a Nossa Senhora e já no séc. XIII houvera um bispo titular de Ceuta. Os dois arcebispos deram informação favorável e Martinho V confiou a nova diocese ao franciscano Frei Aimar ou Aimaro, bispo marroquitano, numa vasta diocese missionária, desde 1226 confiada a bispos franciscanos. As dificuldades de sustentar condignamente a Sé e o bispo tornaram estas nomeações as mais das vezes honorárias e dignidades *in partibus*, mas reconheciam-se à Ordem Franciscana certos direitos de prioridade nas missões da Mauritânia Tingitana, pois a Ordem lhes dera as primícias sangrentas do seu apostolado ultramarino. E se os prelados eram pouco mais que *in partibus*, nem por isso os frades descontinuaram a sua acção evangelizadora, muitas vezes regada com o próprio sangue.

Os portugueses, logo seguidos pelos espanhóis e por outros povos, abriram o Mundo à Humanidade. E a Igreja viu logo que aquela ordem de «ir e ensinar» tinha diante de si vastíssimo campo de acção, tamanho que os trabalhadores não chegavam para a seara. Haviam-se fundado os novos institutos religiosos, somando-se aos antigos, Deus providenciara para que houvesse maior número de obreiros. E todos eles se lançaram na tarefa de levar Cristo às almas sentadas nas trevas do erro. Dos que mais se distinguiram foram sem dúvida os minoritas. Ao tentarem evangelizar Marrocos, S. Francisco e Santo António haviam marcado as intenções missionárias da Ordem. Ardia no coração franciscano a sede de almas. Nos navios, que iam descobrindo a costa africana, iam quase sempre sacerdotes da Ordem Terceira Secular ou Frades Menores, D. Sebastião mandou alguns religiosos da Província da Piedade para S. Tomé. Os Reis de Portugal nunca deixaram de enviar missionários para África e entre eles ia sempre número honroso de franciscanos. Tanto a costa ocidental como a costa oriental da África foram evangelizadas por franciscanos. Quando Pedro Álvares Cabral largou a rota da Índia para ir ao Brasil, levava consigo oito religiosos franciscanos, que tinham por superior Frei Henrique Coimbra, Custódio da Piedade, em Lisboa. Foi pois a Ordem de S. Francisco a primeira a aparecer em Terras de Santa Cruz.

À Índia foram logo os franciscanos, desde que se estabeleceu uma série de carreiras entre Lisboa e Calecut. Aqueles oito religiosos de Frei Henrique Coimbra seguiram do Brasil para a India e foram os primeiros religiosos que na Índia apareceram com intuito missionário. E nunca mais desaprenderam aquele caminho. Afonso de Albuquerque, quando foi tomar conta do governo da Índia, levou consigo alguns franciscanos, de que era superior Frei Paulo de Coimbra, que celebrou missa da vitória após a tomada de Goa, na mesquita do Hidal-Kan, depois de sagrada. É uma página gloriosa a da acção missionária dos franciscanos na Índia.

E com os franciscanos competiam em zelo e ardor missionário outras ordens: os jesuítas, os dominicanos, os lóios, os agostinhos, os carmelitas. Verdadeiramente a floração monástica fora um desígnio da Providência.

Mas alonguei-me demasiado a falar do passado nesta memoração do presente: a restauração da acção missionária franciscana em Moçambique. Deste facto, que mostra (assim como a acção franciscana na Guiné portuguesa) que a Ordem dos Frades Menores, tão apaixonada pela evangelização africana logo de começo, nunca abandonou a tradição da África, escreverão, porém, outras penas — mais e muito melhor do que o poderia fazer este obscuro e dispersivo jornalista.

A Ordem Franciscana é a mais antiga das ordens missionárias portuguesas. A sua folha de serviços a Deus e à Pátria é notabilíssima.

Entre esses serviços assinala-se, sem dúvida, a sua ida para Moçambique em 1898, onde iniciou uma obra que constitue um justo título de glória para a Fé e para Portugal.

Assistimos hoje aos frutos dos sacrifícios dos primeiros tempos.

Embora as dificuldades não tenham cessado o movimento começado há cinquenta anos revela-se presentemente em benefícios indiscutíveis.

Os franciscanos merecem, assim, a gratidão de todos os crentes e de todos os portugueses.

Francisco Vieira Machado

Missão de S. Francisco de Assis de Mocumbi

ESTA missão, situada na margem esquerda do rio que lhe deu o nome, fica perto da povoação do régulo Mocumbi, antigamente o maior potentado preto em terras de Inhambane e sempre fiel à soberania da coroa portuguesa, que desde os seus avós nunca se humilhou às prepotências dos reis vátuas, que por vergonha nossa dominavam desde o interior de Lourenço Marques até às margens do rio Zambeze. Regulado poderoso, com densa população e guerrilheiros destemidos, repeliu sempre as mangas dos vátuas para fora das suas terras, quando elas, na cobiça da rapinagem, queriam atravessar essas terras e cobrar o imposto de vassalagem, como faziam noutros régulos por eles dominados. Numa dessas razias de extermínio, o avô do actual régulo do Mocumbi foi ameaçado por Manicusse — avô do Gungunhana — que se não pagasse o tributo exigido lhe passaria pelos seus domínios como um vendaval destruidor. O potentado negro vinha cheio de audácia porque tinha derrotado uma coluna de tropas portuguesas além-Morrumbene, que ficou célebre na história trágica das incursões vátuas das terras da Coroa. Era intenção de Manicusse circundar a baía pela Mutamba a fim de atacar Inhambane para a roubar e incendiar.

O régulo Mocumbi esperou as mangas aguerridas descidas do Mossurize como um ciclone de destruição, junto à grande lagoa Nhangela, onde, durante mais dum mês, milha-

Igreja da Missão

res de pretos abriram covas profundas perto umas das outras, sendo em seguida disfarçadas as bocas com ramos de árvores.

Travou-se o combate e o régulo Mocumbi mandou empurrar numa carga de azagaias as tropas inimigas para o lugar dos poços. Ficou célebre morticínio, onde sucumbiu uma grande multidão de landins, azagaiados com todo o sangue frio dentro das covas.

Foi tal a mortandade, que Manicusse temendo uma nova cilada, antes de entrar nas terras de Manjacaze, onde tinha o grande Kraal, retrocedeu desolado para o Mossurize com as suas mangas completamente dizimadas, sendo um grande alívio para Inhambane essa formidável derrota, onde reinava já o pavor,

tendo o Governador mobilizado todos os habitantes e enviado para bordo de pangaios indianos, ancorados no porto, as poucas mulheres

Vista parcial da Missão

existentes nesse tempo na pequena vila e todas as mulatas ou *sinháras* da terra.

Na guerra contra o Gungunhana ainda foi o régulo Mocumbi um grande auxiliar, fornecendo carregadores e soldados armados de azagaias à coluna que seguiu de Inhambane até Chicômo, comandada por Aires de Ornelas.

O actual régulo ufanava-se no meu tempo de ser ele o porta-bandeira do estandarte do seu regulado e que no combate de Coolela foi furado por duas balas, sendo os seus homens que correram sobre os landins quando eles fugiram para todos os lados depois da derrota final nesse grande dia de glória para Portugal.

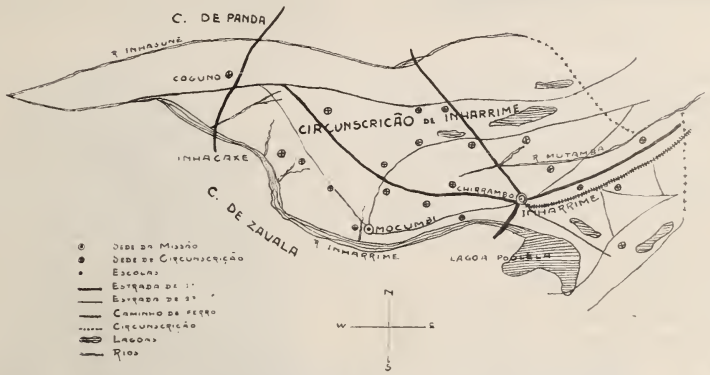
O seu poderio, embora decaído, ainda conservava um certo prestígio durante o tempo que eu estive superior na missão de Inharrime, desde 1914 a 1920. Todos os pretos lhe pagavam um tributo em géneros alimentícios cafreais e nenhum *magaissa*, regressado do Transvaal, deixava de lhe oferecer a librinha em oiro

Escola

para o deixar em paz e não o obrigar a ir trabalhar para qualquer agricultor. As autoridades sabiam isso, mas fechavam os olhos porque precisavam do auxílio do régulo em certos casos de emergência. Nos grandes dias de festa, em que havia batuques estrondosos, ele vestia um uniforme berrante, sentava-se numa cadeira toda estofada e rodeava-se das suas cinquenta mulheres para mostrar duma maneira evidente o poder da sua olímpica grandeza!...

O sul de Inhambane, tirando o Guambá Grande em terras de Coguno, onde há muitos anos missionavam os Padres Jesuítas, nada conhecia da religião cristã. Mesmo nas terras missionadas do Guambá Grande, não existia o mais leve vislumbre da civilização cristã.

MISSÃO DE S. FRANCISCO DE ASSIS DE MOCUMBI



Nas terras de Zavala, junto à margem do rosário de lagoas que se seguem ao extenso lençol de água de Poolela, em cujo planalto fica assente a administração de Inharrime, corria uma vaga tradição de em tempos muito longínquos aí viver um frade missionário durante alguns anos que catequizou e baptizou vários pretos. Pelo modo como permaneceu no meio da tradição cafreal o seu modo de vestir, devia ser algum frade franciscano que tivesse naufragado em qualquer galeão na ida ou na volta da Índia, como tantas vezes sucedia, vítima de qualquer tragédia marítima. Encontrada boa vontade entre os pretos, por ali ficaria até à morte. Porém, do seu apostolado nem os mais confusos vestígios (1).

Urgia, pois, fundar ao sul de Inhambane, uma missão como início de apostolado entre os indígenas dessas terras tão populosas.

Assim muito bem o entendeu o Prelado de Moçambique D. Francisco Ferreira da Silva que, de combinação com o Governo Geral, a criou pela portaria eclesiástica número 16 de 2 de Janeiro de 1909. Foi logo intenção do Prelado entregar aos franciscanos a direcção desse novo centro missionário, bem como de outros que viessem a fundar-se no Distrito de Inhambane.

Essa missão só pôde ser provida de superior em Julho desse ano, embora o Prelado pedisse com urgência um padre para começar os primeiros trabalhos.

Foi no dia 21 de Junho de 1909 que chegou a Inhambane, vindo da Beira, o actual veterano missionário P.e António Maria de Oliveira, então na plenitude da sua vida, cheio de fé e com uma grande ambição de trabalhar em África pela cristianização do indígena.

Recordo-me bem, que depois deste ter passado poucos dias na missão de Mônguè, eu o acompanhei até Inhambane, para o apresentar ao Governador do Distrito, o célebre Augusto Cardoso das Madurezas. O novo missionário não conhecia absolutamente nada de protocolos e o Governador era agressivo em certos dias

(1) Esta tradição indígena foi-me referida pelo Capitão Augusto Alves, muitos anos administrador de Zavala, meu íntimo amigo e grande investigador dos costumes indígenas.

Como era cheio de bondade, os pretos chamavam-lhe o *jambrana* (batata doce!).

de calor, que lhe faziam destrambelhar os nervos!...

Que viagem aquela, dentro do veleiro S. José, desde o Mônguè a Inhambane, onde

R. P. Serafim Pedreira, da 2.ª expedição missionária, em 1901

chegámos às 4 da tarde queimados do sol e com os estômagos cheios de fome! Para apanharmos o Governador na secretaria tivemos de desembarcar no nascente de Inhambane, numa praia cheia de lodo, tendo de pôr as botas às costas e arregaçar as calças até aos joelhos, andando enterrados em lodo até chegarmos ao palmar, que atravessámos quase a correr, com espanto dos pretos.

— Isto começa mal, disse-me a rir o P.e Oliveira. Uma viagem desde o nascer do sol às quatro da tarde, a dançar na baía dum lado para o outro!... Fraco princípio!...

— Começa esplendidamente, respondi com uma risada! É assim mesmo a vida missionária; até a barrigada de fome tem graça. Fomos bem recebidos pelo Governador, o qual lhe deu uma carta de recomendação para o administrador de Inharrime. Nesses tempos de recordações saudosas as viagens para o interior do mato faziam-se a cavalo em cima de gericos, levando assim uma viagem da Mutamba a Inharrime dois dias bem puxados, se o viandante tinha aproveitado a lancha de qualquer monhé até ao sul da baía, aliás teria mais um dia de *caburro* desde a Maxixe à Mutamba.

No dia 29 de Junho chegou o jovem missionário à administração de Inharrime, prometendo o administrador ajudá-lo o mais possível para levar avante a empresa que lhe fora confiada. Finalmente a 6 de Julho do mesmo ano começou ele os trabalhos para a instalação provisória da missão, que eram, como no início de todas as missões, pobres palhotas de pau a pique, *maticadas* à moda indígena e cobertas a capim. Só quem passou por essa fase inicial de qualquer missão, pode avaliar a força de vontade que é precisa ao missionário para não desanimar aos primeiros contratempos, que aparecem todos os dias e podem fazer ruir por terra os sonhos doirados dum jovem sacerdote.

O P.e António Maria de Oliveira também os sentiu, mas a Providência ajudou a sua vontade de ferro, e assim, superando todos os obstáculos, avançou sempre para a frente, pouco se importando com as intrigas das missões estrangeiras protestantes e dum certo aventureiro inglês que conseguira uma concessão enorme de terreno do Governo de Moçambique na margem do rio Inharrime e empregava todos os meios para remover a missão do local escolhido para mais longe.

P. António Maria de Oliveira, Superior da Missão e decano dos missionários franciscanos

Pena foi trabalhar pouco tempo nessa missão, porque, passado ano e meio, era transferido para a Beira, tendo assumido o lugar de supe-

rior um outro padre. Partiu cheio de saudades, mas deixou prontas todas as instalações precisas para começar a funcionar a escola e um pequeno internato.

Pelos fins de 1912 ou princípios de 1913, tomou conta da missão o P.e Serafim Pedreira — felizmente ainda vivo — e que já tinha trabalhado nas missões da Beira e do Mônguè. Conseguiu ele, com algumas economias e produtos da agricultura, dar princípio à residência para os missionários, construção de absoluta necessidade, porque as palhotas estavam a desabar e metiam água por todos os lados.

Nessa data tinha oferecido a Edilidade da Circunscrição de Inharrime um barracão em madeira e zinco de 20 m x 8 m para servir de oficina, onde os indígenas aprendessem o ofício de carpinteiro e serralheiro.

Ainda se lembrou o novo superior de utilizar parte para residência, porém viu ser inútil a experiência e começou com confiança a primeira construção em alvenaria nessa missão.

Quando em 1914 tomei conta do lugar de superior dessa missão, a pequena residência estava incompleta, na sua construção, sendo urgente terminá-la para não vir a terra. Foi esse o meu primeiro trabalho, seguindo-se depois as pequenas obras, em alvenaria, da capela, camarata e escola, concluídas antes de deixar de vez a missão em princípios de Setembro de 1920.

Seis anos seguidos trabalhei nessa missão com uma energia esgotante, tendo, nos últimos quatro, de estar sòzinho sem um padre ou irmão com quem aliviasse a minha alma! Para me confessar tinha de andar cento e trinta quilómetros até Inhambane, quando aproveitava o comboio em Inharrime, aliás devia de fazer mais de cem quilómetros, em cima dum burro até Homoíne.

Terrível situação dum padre missionário, que me dilacerava a alma.

As febres e os desgostos arruinaram-me a saúde, tendo de dizer adeus às missões, depois de ruirem muitos castelos doirados da minha vida missionária.

Como é esta vida?!...

Entrei a chorar de alegria na missão do Mônguè, numa noite de luar esplêndido, porque via realizado o sonho da minha juventude, e saí a chorar também, numa outra noite de luar puríssimo, dessa missão de Inharrime onde tanto trabalhei. Eram lágrimas de saudade!

E assim, segui rio abaixo no pequeno barco da missão a dizer adeus a tudo... Há momentos bem tristes na vida!

*

A missão de Mocumbi atingiu nos últimos anos uma extraordinária grandeza, debaixo da direcção do seu primeiro fundador, realizando nela obras assombrosas.

Glória ao mais velho missionário franciscano de Moçambique, o P.e António Maria de Oliveira!...

P. Alberto Teixeira de Carvalho

Monsenhor António Alves Martins, Vigário Geral, no regresso a Lourenço Marques, com 2 jovens missionários

DAR

Dar é semear o Amor, na terra escura
Das almas tristes, onde a Noite chora,
E vê-la (já em sonhos!) côr da Aurora,
Florindo e reflorindo de ventura!

Dar é um gesto de luz, — de luz tão pura,
Que uma outra assim não há, consoladora,
Dar... (oh inefável graça redentora!)
Dar é um gesto de Deus da criatura!

E' ter o vinho e o pão da Ceia, e, logo,
Reparti-los, sorrindo de humildade,
Dizendo frases de sagrado fogo:

«Tomai: isto é o meu corpo!» e, de igual sorte:
«Bebei: isto é o meu sangue!»—Eis a verdade,
A oferenda de Deus à nossa morte!

Mário Beirão

Meio século de benemerências

PELO P. ANTÓNIO LOURENÇO DE FARINHA

FELIZ ideia a da comemoração cinquentenária do recomeço do labor missionário dos franciscanos na colónia de Moçambique. Saúdo o acontecimento festivo com alegria de missionário. Nada mais salutar que o regosijo das almas pelo sucesso afortunado dos bons empreendimentos; e nada mais justo e proveitoso que os louvores a Deus pelas graças dispensadas: «deleita-te no Senhor e te outorgará as petições do teu coração» (Ps. XXXVI, 4).

Do balanço da actividade na messe divina, meios empregados, êxitos obtidos, consolações espirituais, malogros e tristezas, podem resultar vantagens sem número, lições mui valiosas.

Desde 1907 tenho acompanhado atentamente naquela colónia e na metrópole os trabalhos apostólicos dos Padres de São Francisco de Assis, lides que sempre considerei prestimosas e muito apreciei.

Posso testemunhar — e faço-o com inteiro aprazimento — que, após cinquenta anos de pregação aos indígenas, têm os freires seráficos, motivos de sobra para exultar e bendizer o esforço dispendido e para continuar a gloriosa tarefa sem hesitações.

Nem tudo correu à medida dos seus desejos, sei-o bem; apareceram estorvos sérios, dificuldades materiais, ingratidões, solo rijo de arrotear, tempos calamitosos e até mesmo a hostilidade inopinada de quem só devia alentar e proteger.

Mas, apesar de contratempos dolorosos, encontraram-se, no entanto, auxílios apreciáveis: a justiça reconfortante de homens de bem, anos de paz benéfica e a cooperação de almas boas, sãs, humildes e generosas.

Bendita a hora em que a prestante Ordem do *Poverello* de Assis teve a inspiração, há meio século, de escolher Moçambique para campo de acção, que Deus tem cumulado de bênçãos. Deve-lhe muito a nossa Colónia, pela sua dedicada contribuição para o progresso material e espiritual dos nativos.

O que seriam hoje, sem a actuação educadora dos frades menores, os habitantes de vastos territórios de Sofala, Manica e Sul do Save? Para o avaliar, é bastante levantar os olhos para o confrangedor atraso dos pretos das regiões moçambicanas em que os missionários se não puderam ainda fixar ou visitar com certa regularidade. O confronto — que os inimigos das missões religiosas recusam fazer — é suficientemente elucidativo, dissipa todas as dúvidas.

Na nossa colónia da África Oriental — grato é dizê-lo — nunca os padres do clero secular ou regular missionaram com resultados tão animadores como nos três decénios últimos. E a que se devem esses frutos?

São muitas e diversas as causas, entre elas a melhor preparação dos evangelizadores, que se adaptaram às realidades, e a existência de tranquilidade nas terras da colónia. Cessaram as lutas fratricidas dos potentados, mercê da ocupação definitiva de todos os territórios; terminou a escravatura; melhoraram notàvelmente as comunicações terrestres e fluviais; estudaram-se os meios eficazes de combater as doenças palustres, tornando possível longa permanência e maior rendimento dos trabalhos; e aprenderam-se as línguas indígenas, cuja ignorância foi sempre poderoso obstáculo à doutrinação dos fieis e infieis.

Na árdua empresa da civilização dos naturais da Colónia muito se têm notabilizado os filhos de São Francisco, tanto na catequização como na nacionalização dos povos. É de inteira justiça reconhecer o seu zelo pela salvação das almas e louvar a antiga orientação da Província Portuguesa da Ordem Franciscana de se conservar corporação missionária bem lusitana, se bem que me não repugne o enquadramento de alguns missionários estrangeiros das diversas congregações com os evangelizadores portugueses do Ultramar ou com os professores das casas metropolitanas de formação, pessoal que pode trazer consigo cultura e ideias novas.

Alguns serviços missionários dos franciscanos estão bem à vista; não devo contudo deixar de fazer aqui referência às igrejas levantadas em muitas terras, escolas, internatos, dispensários, enfermarias e oficinas que mostram, sem dúvida, laboriosidade e muito beneficiam os nativos.

São igualmente dignos de registo e de encómios todos os esforços no sentido de ministrar aos indígenas conhecimentos agrícolas, com o objectivo de lhes aumentar o amor ao trabalho, melhorar a alimentação e elevar o nível de vida.

Ninguém desconhece os notáveis êxitos alcançados pelas missões na instrução literária que desabrocha as inteligências e faculta novos rumos à raça negra.

Todavia as instituições mencionadas, se bem que indispensáveis, podem por vezes ser obstáculo à consecução do objectivo principal; e podem, observa Pio XI, «pela sua grande importância e pela sua pesada responsabilidade, exigir a vossa presença e preocupação ou dos vossos missionários, com perigo de, a pouco e pouco, vos coagir a rarear ou até a omitir completamente a visita, aliás utilíssima, de todo o vosso território» (Carta Encíclica *Rerum Ecclesiae*, de 28 de Fevereiro de 1926).

O que merece, pois, a meu ver, mais rasgados louvores, preitos mais calorosos, é a conquista espiritual, levada a efeito pela Ordem no período que ora comemoramos; é a transformação de gentios boçais em cristãos conscientes e praticantes; são os cem mil cristãos e catecúmenos de que os franciscanos cuidam com zelo.

Nessa obra difícil têm colaborado os filhos de S. Francisco de Assis com inteligência, à custa de suores derramados em abundância, fadigas incessantes, provações e muitos sacrifícios. Aqueles «templos espirituais» — nome interessante e expressivo dado, há quatro séculos, pelo grande e santo missionário Xavier — construídos pelos padres franciscanos com saber, carinho e amor; e o cinzelamento das almas toscas dos negros, executado artìsticamente por escultores hábeis e apaixonados, é que constituem a grande obra da Província Portuguesa de S. Francisco de Assis na colónia de Moçambique, a sua realização mais cintilante, fecunda, duradoura e, assim, a mais agradável a Deus.

Lisboa, em 29 de Maio de 1948.

A UNIÃO MISSIONÁRIA FRANCISCANA, *tornou possível, em grande parte, as realizações Missionárias dos Franciscanos de Portugal. Por meio de generosas esmolas, bolsas de estudo, exposições missionárias e outras formas de apostolado, que a divina caridade inspirou, a U. M. F. cumpriu o seu dever! Por esse motivo comunga do nosso júbilo. A todos quantos desejem secundar os esforços evangelizadores dos Missionários Franciscanos prestará esclarecimentos a*

PROCURADORIA NACIONAL DA U. M. F.

R. de Silva Carvalho, 34 — Lisboa.

O Seminário de Amatongas

(1935-1944)

É sobejamente conhecido o pensamento dos últimos Sumos Pontífices sobre o Clero Indígena em terras de missões para que seja necessário ocupar-nos aqui dele pormenorizadamente. As encíclicas, discursos e audiências estão ao alcance de todos. Falam com uma clareza meridiana e mostram em termos inequívocos a grande necessidade

Fr. Arnaldo e Fr. Alexandre, noviços da Ordem, naturais de Moçambique e antigos alunos do Seminário Franciscano de Amatongas

e dever de todos os católicos de contribuir para a formação do sacerdócio indígena no campo missionário.

Os Sumos Pontífices não escondem as graves responsabilidades que pesam sobre todos os da Grei de Cristo pela falta de apóstolos que levem a mensagem evangélica às almas pagãs. Não cessam de clamar ao seu rebanho que o campo é vasto e os operários diminutos; que a messe começa a lourejar e não há quem a ceife; que é preciso levar o Evangelho até aos confins do mundo universo... E para que este anelo ardente encontre eco no coração de todos os seus filhos e se transforme em consoladora realidade, mostram com a evidência fria e irrefutável dos números a necessidade urgente da formação do clero indígena. Ordenam que se fundem seminários; procuram e orientam vocações para o sacerdócio. Ora, em terreno de missão, esta ordem recai directamente sobre os missionários. E estes conhecem de sobra, e, por experiência cotidiana, essa necessidade inadiável do clero indígena para a evangelização dos seus irmãos de raça. Por isso, procuram de todos os modos ir ao encontro dos desejos dos Sumos Pontífices e dar realidade à sua ânsia.

Os missionários sabem, com um saber de experiências feito, que o apostolado do clero indígena no meio dos seus irmãos é bastante mais eficaz do que o do clero europeu. Este, muito embora se dedique desinteressadamente ao bem das almas, é sempre considerado «estrangeiro»... E, por isso, os indígenas, de sua natureza desconfiados e retraídos, só raramente e muito tarde, se abrem de par em par e manifestam os seus pensamentos e inclinações de sua alma. Não acontece o mesmo com o missionário indígena. Conhecedor da psicologia dos seus irmãos, entra onde o missionário europeu não consegue, ensina, expõe, argumenta, aconselha, desfaz preconceitos, desmascara superstições, etc. Não nos iludamos: a alma indígena é para nós, na totalidade dos casos, um escrínio tão bem fechado que só muito a custo se consegue lá entrar.

Vistas e estudadas as vantagens do clero indígena sobre o europeu na missionização (no tempo de guerra e de paz), começaram a aparecer por toda a parte os seminários — esses viveiros de apóstolos futuros.

Os missionários europeus santamente empenhados em lançar os alicerces da Igreja no mundo pagão, não se pouparam a sacrifícios. Era de absoluta necessidade que Cristo fosse pregado, conhecido e amado. Mas para tão grandiosa como divina empresa era imprescindível a cooperação activa do clero aborígene. Pois não se esmoreceu nem tam

pouco se cruzaram os braços perante a dificuldade da obra... e hoje, graças à Providência, o clero indígena é uma realidade. Encontramo-lo espalhado por toda a parte a trabalhar, lado a lado, com o missionário europeu no afã sagrado de levar às almas pagãs a mensagem divina da «boa nova».

E este mesmo entusiasmo da formação do clero, sem sofrer diminuição, conquista em nossos dias as almas dos missionários. É alargar a vista por esse imenso campo e ver os seminários que se erguem para o céu para acolher, educar e dirigir até aos degraus do altar o aborígene. Mas não se vá levianamente julgar que esta obra — encetada relativamente há pouco tempo — já vislumbra o seu esplendor. Não, está-se a poucos passos do início. E, por isso, o caminho a andar é ainda longo e moroso. Necessita-se da coadjuvação de todos os católicos, pois que a obra é de todos! E todos, para tão grande empresa, não são muitos.

Lembrem-se os católicos que lhes assiste o rigoroso dever de procurar, por meios ao seu alcance, que Cristo seja conhecido e amado até aos confins do mundo. E isso só se verificará com um clero indígena assaz numeroso. Mas para se adestrar essa hoste aguerrida de soldados de Cristo é imprescindível a cooperação de todos os católicos por meio de orações, esmolas, etc. Ora isto nem sempre é tomado na devida conta por muitos católicos que julgam e pretendem entrar no céu còmodamente, sem preocupações. A estes alcunhariam os indígenas de «católicos baratos»...

É devido à indiferença criminosa de bastantes católicos a meias que tantas vezes os missionários se encontram sós a braços com uma obra quase sobre-humana, e que — nunca é demais repeti-lo — é de todos.

Obedientes à voz dos Sumos Pontífices, arrastados pelo entusiasmo que alastrava por toda a parte e levados pela necessidade urgente da criação do clero indígena, — os Missionários Franciscanos de Moçambique, de harmonia com a Autoridade Eclesiástica, fundaram também um seminário na Missão de Maria Imaculada de Amatongas.

Começou a funcionar com regularidade em 1935. Mas já anteriormente se tentara preparar alunos para o sacerdócio.

Os missionários alimentavam a fagueira esperança de ver subir ao altar o primeiro padre indígena... e nada os demovia do seu intento. No seu ardente desejo de formar clero indígena para espalhar por estes sertões selvagens, os insucessos, dificuldades e vocações falhadas, não os desanimavam, se bem que a sua alma de apóstolos sangrasse. Deus recompensaria os seus esforços frustrados. Assim pensavam. E por isso, trabalhavam denodadamente, sem descanso.

Os sucessivos superiores que passaram pela Missão desde o início até ao fim do seminário, daqui a momentos, vão falar por nós com os seus relatórios.

Antes de o seminário funcionar com regularidade, foi enviado para a Metrópole (1927) um rapaz de Macequece, de nome Manuel Jorge, a ver se se conseguia fazer dele ministro do Senhor. Este primeiro ensaio falhou, pois o pequeno não ganhou vontade de se tornar padre. Em 1930 foi enviado para esta Missão um outro candidato que terminou por não sentir vocação e preferiu ser professor. Estas duas tentativas baldadas não desalentaram e foi mandado para cá outro indígena da Angónia. Era dotado de excepcionais qualidades de trabalho e boa índole; mas, ao fim de dois anos de estudo, Deus levou-o para Si. O quarto seminarista foi enviado de Lourenço Marques pelo Senhor D. Rafael. Bom rapaz, inteligente e piedoso. Mas ao ver que tinha de esperar muito tempo para a realização do seu ideal... desanimou.

No Relatório anual do fim do ano de 1934 escreve o respectivo superior: «Começará brevemente a funcionar com regularidade o seminário; têm-se disposto as coisas para esse fim com todo o cuidado. Constou até hoje de poucos alunos. Tornaremos agora mais regular e eficiente o ensino destinando a professores os alunos desistentes... É um modo de resolver ao mesmo tempo o problema do professorado e do sacerdócio...» Deixando de parte os relatórios de 1935 e 1936, que pouco adiantam sobre este ponto, passamos a transcrever algumas palavras do de 1937: «O seminário: terá ele resultados positivos? A mudança de orientação que se está fazendo, deve dar-lhe mais eficiência... Durará talvez muitos anos, mas se nunca se tivesse começado, nunca se chegaria ao fim. Nos outros países as famílias gostam de ter membros sacerdotes; aqui são elas as primeiras a contrariá-los, porque não ganham dinheiro!... Há muitas outras contrariedades, mas como é obra de Deus, há-de prosperar, com a Sua graça».

Do relatório de 1938 recortamos apenas esta frase: «Há nesta obra (seminário), tão do agrado de S. S. Pio XI, muitas contrariedades». Não obstante as contrariedades — que andam sempre anexas aos grandes empreendimentos — os missionários não deixam cair os braços nesta obra de Deus.

Diz o relatório de 1939: «...O seminário, sendo embora pequeno, arrasta consigo um bom dispêndio

de energias... Os alunos já começam a ser mais convictos e animados; e já se vão persuadindo de uma verdade em que não acreditavam, ou só difícilmente: o preto também pode ser padre...».

Continuamos a citar mais algumas palavras do relatório de 1940: «Se não se trabalhasse com os olhos postos no céu, seria para desanimar. Mas... se quem começa pode não chegar ao fim desejado, quem não começa é certo que não poderá nunca lá chegar. A obra é mui ingrata, mas como é obra de Deus, n'Ele esperamos que a faça um dia dar bons e sazonados frutos». Sente-se bem nas palavras que aí ficam que o seminário não navegava em mar de rosas. Mas no relatório de 1941 já se escreve: «O seminário indígena é a obra mais interessante desta Missão».

E, para terminar, cito apenas o que vem no relatório de 1942: «O seminário continua com várias vicissitudes; vêem-se alunos de muito boa vontade, e outros de vontade bastante dúbia. Com mais propaganda e mais amiudadas conferências temos bastante esperança de colher alguns resultados».

Em todos os relatórios se deixa ver bem claramente o interesse, o desejo de o seminário prosperar. Muito embora tropecem em desistências, insucessos, contrariedades múltiplas... os missionários procuram a todo o transe realizar o seu ideal supremo: — elevar o indígena ao sacerdócio! E nada parece detê-los nesta espinhosa subida!

Mas quando a muitos se afigurava que as maiores dificuldades tinham sido superadas... o seminário de Amatongas acabou. Foi isto em 1944.

Quando por todo o vasto campo missionário começam a chegar padres indígenas que entram nas fileiras do apostolado; quando por toda a parte se anuncia jubilosamente a ordenação de mais novos sacerdotes indígenas; quando todos os missionários esperam ansiosos os novos apóstolos para a conquista dos seus irmãos de raça; quando por todos os países de missão se abrem novos seminários ou se ampliam os antigos... — o seminário de Amatongas fecha as suas portas.

Não quero nem pretendo atribuir culpas a quem quer que seja. Mas ninguém me pode levar a mal que lastime e reprove este facto que é bem triste.

De todos os seminaristas que passaram pelo nosso seminário restam tão sòmente três. Dois estudam actualmente na Metrópole e o terceiro frequenta o seminário-menor dos RR. Padres Brancos na Niassalândia.

Quadro de frequência dos alunos do seminário desde 1935-1944:

Ano	N.º de alunos	Ano	N.º de alunos
1935	13	1940	30
1936	16	1941	24
1937	15	1942	29
1938	17	1943	26
1939	21	1944	31.

P. Santos Denis

O CANTO DAS ÁGUAS

1.º

Ó mar!
Por que me guardas o segredo
Do teu cantar;
Das tuas águas,
Que são as mágoas
Do meu tanto chorar?!...

(E que terás tu que me causas medo,
Com esse canto do teu cantar...)

Ó mar,
Tu não me vês extático e quedo
A olhar...
E as ondas sem fim,
Lançando-se a mim,
Para me beijar?!...

(E que terás tu que me causas medo,
Com esse canto do teu cantar...)

2.º

Lembras-te dos tempos d'outrora,
Em que ias manhã fora
A navegar?!...

Pois se hoje és alguém
Nascente além
No mar.

(E eu canto
Sempre e sempre o mesmo canto
Para novamente te acordar!)

F. Ferreira da Silva

Missão de Santa Teresinha de Machanga

NA vasta seara missionária de Moçambique, esta é sem dúvida uma das missões mais isoladas, pois além de ficar muito distante dos grandes povoados, está situada numa região espiritualmente difícil de arrotear, pelas razões que adiante exporemos.

Situada no extremo sudeste da Província de Manica e Sofala, e pertencendo à diocese da Beira, foi fundada em 1945, pelo veterano e activo missionário franciscano P.e Joaquim Marques. Serve de residência uma palhota suficientemente espaçosa para albergar três pessoas, o Superior da missão, o irmão leigo e alguma visita casual. Tem aquele ar modesto e pobre que se coaduna perfeitamente com o espírito franciscano. Uma outra palhota próxima serve de cozinha e despensa.

MACHANGA — Nova residência

Do outro lado, uma escola-capela de alvenaria, sem qualquer sinal de beleza arquitectónica, forma, com as ditas palhotas, o pequeno núcleo dos edifícios da Missão. Em torno, numa área larga, desdobram-se centenas de moradias indígenas, muito simples mas muito asseadas, com seus páteos térreos e seus campos de milho e mapira com que os pretos procuram assegurar a sua alimentação. Como a terra é, por vezes, avara, os indígenas dedicam-se também à pesca e à criação de gado, cujos produtos são carreados para os longínquos mercados da Beira.

Como dissemos, são consideráveis as distâncias a transpor, para alcançar os grandes centros populacionais de Moçambique. Para ir a Inhambane, há que percorrer uma estrada de 400 quilómetros; e para a Beira, uns 350 quilómetros, por estrada que se torna intransitável em tempos de chuva, sendo mais prático e mais económico tomar o gasolina da carreira, se bem que muitas vezes as águas rabujentas do Índico não tornem a viagem marítima muito agradável...

O M. R. P. Provincial em visita às Missões de Moçambique, em 1946, atravessando o Save

O pessoal da Missão reduz-se à expressão mais simples: um sacerdote e um irmão auxiliar. Por esta razão, todo o tempo é pouco e a actividade missionária tem de confinar-se ao absolutamente necessário para manter os indígenas fiéis às suas crenças cristãs — o que não é trabalho fácil. O protestantismo, que em Moçambique se infiltra até aos recônditos da selva e tem a sua rede de actividades organizada e financiada, é uma barreira ao progresso da nossa pobre missão de Santa Teresinha. A Igreja Evangélica montou ali as suas tendas, captando grupos de indígenas da Machanga e prestando-lhes uma assistência regular. Só com a ajuda material dos nossos benfeitores poderemos aliviar esta situação, atraindo os indígenas para o culto católico, pelos processos que melhors e adaptam à sua índole rudimentar, aumentando as escolas, formando professores indígenas, preparando festas solenes, distribuindo esmolas: tudo coisas que dependem da existência de recursos de que o missionário carece...

A área da Missão é considerável e os transportes não são rápidos bastante para poder acudir às necessidades espirituais da grei cristã dispersa pelo mato. A Ilha de Chiloane fica a 50 quilómetros da Machanga, e é dos locais de mais difícil acesso: tem que se aproveitar o mar bonançoso para percorrer a distância, embarcado num gasolina que, por vezes, se vê apanhado de surpresa pelo temporal que proporciona aos passageiros horas desagradáveis de vertigem e enjoo. Mas em compensação a visita do

sacerdote é uma alegria inesperada para os alunos da escola de Inharingue, bem como para os leprosos da Gafaria de Inhanguaia, onde o missionário franciscano estremece de emoção ao recordar-se do exemplo de humildade dado outrora pelo Podrezinho de Assis...

MACHANGA Escola da Sede

Lutando com dificuldade de vária ordem, mas sem esmorecer, vamos presenciando os progressos e as vicissitudes da Missão, na esperança de que a sua modéstia há-de florescer em frutos abundantes, tal como uma semente oculta no solo desabrocha e se desenvolve numa árvore frondosa.

A seara é grande. Em volta da Missão, uma população densa de indígenas que vivem a sua vida de mato e agarrados aos seus conceitos simplistas. Muitos deles vão em busca de melhor vida para longes terras — para Lourenço Marques ou Beira, e para as cidades da África do Sul, Bulawayo, Salisbúria, Umtáli ou Johanesburgo, onde as minas do Rand lhes dão a miragem do ouro.

Esses regressam com outros costumes, outros hábitos, falando razoàvelmente o português e o inglês, aprendidos no contacto com os brancos, quando em suas casas trabalhavam como mainatos, cozinheiros ou moleques.

As mulheres, essas ficam presas ao torrão natal e aos campos da mapira, só falam a sua língua — o chichangane — dedicam-se aos serviços caseiros e ao amanho da terra. É uma serva da gleba, muitas vezes sujeita aos caprichos da família no que diz respeito ao seu casamento, em que estão em jogo as suas qualidades de cristã e católica. Para dar a estas pobres de Cristo uma assistência eficaz, nada melhor do que a cooperação das Irmãs Missionárias cuja acção seria tão útil na região da Machanga, não só contra a infiltração protestante, mas ainda em benefício da própria dignidade da mulher indígena e, em geral, como colaboradoras ideais em todos os trabalhos do culto.

Aqui ficam esboçadas algumas notas sobre a minha querida Missão de Santa Teresinha de Machanga, para onde volto brevemente, ao retomar o meu posto, com a alegria de quem pretende servir a Deus o melhor que pode, e com a esperança de progressos cada vez maiores para a comunidade indígena cristã que me encarregaram de pastorear.

Lisboa, Março de 1948.

P. Firmino Fernandes, o. f. m.

NOTA: — Notícias recém-chegadas de África anunciam que um ciclone devastador arrasou muitos edifícios na região de Mambone; a residência missionária da Machanga foi também destruída pela fúria do vento, que inutilizou igualmente outras dependências da Missão. Se já era pobre, mais pobre ficou a nossa modestíssima Missão de Santa Teresinha do Menino Jesus da Machanga. Não desanimamos com o facto. O missionário conta sempre com os acidentes da natureza, como conta também com a ajuda de Deus e dos amigos das Missões.

COMO ÀS VEZES TERMINA A VISITA A UMA ESCOLA EM MOÇAMBIQUE

— VALHA-ME Deus, padre, valha-me Nossa Senhora! Vamos ter chuva pela certa...

— ?!...

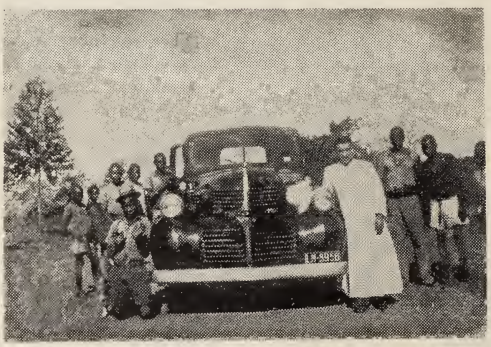
— É como lhe digo. O meu reumatismo... as minhas articulações emperradas...

Assim me falava o bondoso P. Marques, na escola de Inharuca, a 96 quilómetros da Missão da Chupanga, naquela noite tépida de fins de Novembro e que não mais esquecerei.

— Qual chuva?!... E para firmar melhor a minha interrogação admirada e duvidosa, novamente saí fora a espreitar o céu, naquela hora cheinho de milhões de estrelas, que sorriam benévolas, na promessa de um dia encantador.

— V. R. tem cada uma!... 'Stá um céu lindíssimo... Chuva?!... É boa...

— Pois sim... pois sim... — retrucou o P. Marques — fie-se no céu... O meu reumatismo não falha. As minhas articulações emperradas, fique sabendo, são barómetro mais afinado, que todos os instrumentos dos observatórios...



O missionário visita a escola do mato

— Quais articulações?!... V. R. tem coisas!...

A pôr uma dúvida divertida nas suas certezas matemáticas, lembrei o adiantado da hora, tanto mais que, na manhã seguinte, farto serviço nos esperava na escola do régulo Candeia, distante uns 30 quilómetros.

Deitámo-nos cada um em seu burro (1) *e em breve adormecemos — P. Marques a discorrer ainda sàbiamente sobre o reumatismo articular, eu desesperado com as cabriolas dos ratos, em grande pagodeira, nos caixotes do rancho.*

— Oh! Que malvados!... — E um sapato, atirado com furor, embateu na parede, recochetou, desabou ruidoso na tampa de uma lata de gasolina. Houve uma debandada aflitiva, seguida de leves momentos de silêncio e, depois, novamente, o recomeçar do batuque, mais animado e mais bulhento...

*

3 da manhã. Um ruído cadenciado, monótono, irritante, despertou-me numa sensação desagradável de qualquer coisa a martelar-me o rosto, fez-me dar um salto. No zinco do telhado, uma chuva, pesada e grossa, cantava; na cara, uma pinga malévola marcava um compasso enervante... Fiquei passado! Os caminhos tornavam-se intransitáveis e nós bloqueados naquele mato, sem porta aberta para saída airosa.

— P. Marques!... P. Marques!...— E embunei-o com força.

— Hum?...

— 'Stá a chover.

— Hum?...

— Cai água a potes! Estamos eneravados...

— Hum?!... E voltou-se para o outro lado a reatar o fio do sono, não partido por completo.

— Bolas! Arredei o burro *da pinga irritante, deitei-me novamente — os olhos abertos na escuridão, o cérebro a dar voltas e reviravoltas à vida.*

*

Cinco horas! Escuro como um prego!

Abri a porta — uma porta desconjuntada e podre — espreitei. Uma rajada violenta, fustigou-me, encharcou-me todo. Enervei-me, assobiei baixinho:

(1) *Cama de campanha.*

— *Está bonito!... — E sentei-me num banco.*

P. Marques, acordado certamente pelas minhas andanças, mexeu-se, tossiu.

— *P. Marques!*

— *Han?...*

— *A chuva!...*

— *Han?... A chuva?... Pois claro! Eu bem dizia... 'Stá claro... claríssimo... Riu-se das minhas articulações emperradas?... Aí tem...*

— *Emperrados estamos nós... Nós é que estamos emperrados... Ai a minha vida!...*

*

Nove da noite, noite de água e trovoada. Molhado, a tiritar, aterrado com os raios que fuzilavam, tentava conduzir a camionette *pela estrada lamacenta, onde derrapava, fazia esses, a embirrar com as valetas... A chuva implacável caía com o mesmo ritmo enervante, mudando a estrada em ribeiro. De repente: Plau! — e o volante deu-me nas mãos um torsão violento. Travei, resmunguei alto.*

— *Hum?... Que foi?...*

— *Que foi? Um pneu que rebentou. Ai a minha desgraça!...*

— *Tenha paciência. Nada lucra em perdê-la, argumentava o P. Marques cheio de razão.*

— *Que remédio! Paciência e... unhas para substituir a roda.*

E lá saí para fora a arrostar com o vendaval.

A chuva martelava-me a cabeça, fustigava-me o rosto, fazia uma lagoa nos sapatos. Um raio fuzilou, deslumbrou-me, fez um ruído enorme.

— *Safa!... Ainda por cima?!... — E resmunguei mais alto.*

— *Paciência, padre, paciência!*

— *O pior não é a paciência, P. Marques; paciência tenho eu. O pior são os raios. Cai algum que me racha...*

— *Qual?!... Tenha confiança: Olhe vou rezar a Santa Bárbara.*

— *Sim... sim...*

— *Quê, padre?!... Duvida?!...*

— *Eu?!... Eu não duvido nada. O que tenho é medo... Eu duvido lá alguma coisa!... O que não queria eram trapalhadas... Sim, não sei se me entende...*

— *Oh! Com seiscentas pipas, que fico aqui!... E atirei-me para dentro da* cabine, *transido, meio cego, transtornado de todo por outra faísca que desceu ameaçadora, rachou uma mangueira próxima.*

— *Sim... ele o caso é sério... — comentou o P. Marques, agora atrapalhado também, a mencar a cabeça.*

*

Onze da noite. Uma povoação inteira de pretos empurrava a carrimpana, que se tinha imobilizado de vez em atoleiro fundo de matope (1). *A chuva continuava monótona, em catadupas — a trovoada já longe, em fogos de fantasia. À força de tanto me agastar, terminei por ficar divertido a gozar o entremês.*

Meia noite. Chegáramos à povoação do Nkanganga, mais mortos que vivos.

— *Ouve, dizia para o régulo, tem palhota para dormir?*

— *Tem, senhor, palhota da Companhia!* (2)

Era uma cubata pequenissima, redonda, com uma porta por onde se entrava quase de gatas.

— *E esteira? E manta?*

— *Não tem, senhor.*

— *E lenha?*

— *Vai arranjar.*

— *Entrou efectivamente dali a pouco com alguns gravetos, meio úmidos, que, uma vez acesos, faziam um fumo infernal.*

Os burros *tinham-nos esquecido lamentàvelmente na escola. Para o P. Marques tirei o banco móvel da* camionette. *Deitou-se regalado — o capacete a servir de travesseiro.*

— *Feita a obra de misericórdia, quedei-me a secar a roupa e a olhar desconsolado para o chão lamacento...*

— *P. Marques!*

— *Hum?...*

— *Já dorme?*

— *Quase.*

— *Onde me deito?*

— *Han?... Não sei... Dou-lhe a minha* cama... — *quere?*

— *Não... isso não...*

— *Então, boa noite. Estou arrazado...*

— *Boa vai ela... — pensei, — os olhos lacrimejantes do fumo horrível, o fato agora mais seco, parecendo uma tábua pregada ao corpo.*

Lá fora, a chuva, não parava mais. E, como a meu cérebro cansado, não ocorresse solução melhor, terminei por me estender na terra molhada — daquela vez a invejar com rancor — Deus me perdoe — a vasta multidão de gente, que, à mesma hora, dormiria consolada em frescos lençois de linho e colchões fofos de molas brandas...

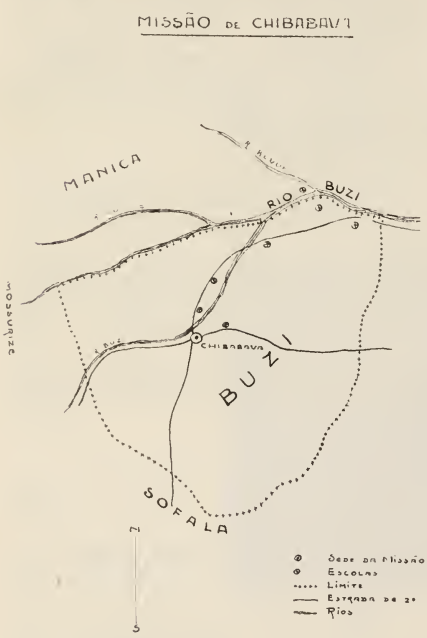
---

(1) *Lama.*
(2) *Companhia de Moçambique.*

Missão de S. Francisco de Assis de Chibabava

Rev. Padre:

EM simples narrativa sem arrebiques literários de que, por fim (e já não é sem tempo) me reconheci incapaz, e talvez até sem



gramática, aí vai um resumo da história da fundação de mais uma estadia missionária; assim Deus me ajude e o meu diário, por sinal bastante incompleto.

A 5 de Julho de 1945 cheguei às terras da circunscrição do Búzi para tomar conta de uma missão onde ela se fundasse.

Havia por ali escolas várias pertencentes ainda à Missão da Beira que as teve espalhadas desde o Búzi até ao Mucoque, além das existentes na circunscrição da Beira: uma pequena freguesia de uns cem mil quilómetros quadrados apenas... Foram separadas as escolas do Sul do Save pela incorporação daquele território na arquidiocese de Lourenço Marques; em seguida as do Norte do Save até Chiloane pelo estabelecimento da Missão da Machanga; funda-se esta missão da circunscrição do Búzi e outras escolas lhe ficam pertencendo; mais tarde pela independência da Missão da Barada, a Beira concentra os seus esforços na cidade e arredores, que ainda assim dão bem que fazer. Talvez um dia se compreenda bem toda a boa vontade que exigiu aos missionários franciscanos a sustentação de tantos centros de ensino irradiando de um foco único: a Escola de Artes e Ofícios.

A minha missão deveria ser entre indígenas; mas as escolas quase todas ameaçavam ruína; a única um poucochinho habitável e ainda assim em muito mau estado era a de Muconjo.

Ali cheguei como um Quixote numa carripana muito velha, um Ford de 4 cilindros com a bagatela de cinquenta e seis mil milhas contadas (até há pouco os carros daqui só contavam milhas) afora umas trinta mil, para mais que não para menos, que teve o contador partido. E esta mesma fora cedida pelo Rev. P. Albano, superior da Missão da Chupanga.

No Muconjo, pois, me instalei no velho barracão da escola: pau a pique coberto a zinco; quatro janelas de 50 × 60 fechadas a rede de galinheiro fazem o ofício de vidraças. A um lado, a minha cama, a outro as carteiras e bancos dos alunos. A mesa do professor, sem gaveta, com uma perna a ameaçar ruína, é o altar, a mesa de jantar e a escrevaninha. Ao lado da cama, as minhas poucas bagagens sempre em perigo de serem roídas pela formiga branca. Lá fora, a um canto, o cozinheiro dispõe as panelas sobre umas pedras, e trata de arranjar qualquer coisa que entretenha o apetite. À noite dormirá ele também junto com outro rapaz que desde a Beira nos acompanhou, no mesmo recinto que eu.

Asssim começou a Missão de S. Francisco de Assis instalada no *Muconjo*, palavra que a princípio me pareceu derivada de *Gonjo*, rato; mas que, pela pronúncia indígena não é Muconjo, mas *M'codja*, derivada de Godja, glória.

Nela permaneci alguns dias, voltando à Machanga donde tinha saído, para fazer a entrega da Misssão ao Rev. P. Firmino.

Regressei a três de Setembro, e a vinte chegou o P. Magalhães.

A 4 de Outubro são os baptismos de alunos já preparados anteriormente.

No Muconjo permanecemos com vicissitudes várias, umas vezes fechados por os caminhos estarem intransitáveis, outras ficando

três ou quatro dias pelas estradas atolados em lama, se porventura tentávamos sair.

A certa altura o P. Magalhães tem febres; valeu-lhe o P. Felisberto que o veio buscar de avião, e ainda assim só oito dias depois de eu ter mandado um portador ao Búzi meter um telegrama.

As peripécias de enfadonhas viagens e outras bastante interessantes não são para contar nesta narrativa; ficaria demasiado longa.

A 3 de Abril de 1946 novamente nos aparece o P. Felisberto de avião para nos dar a triste notícia da morte do P. Carvalho em Macequece e levar para lá o P. Magalhães. Fiquei outra vez sòzinho, até que a 22 novamente o motor do avião ronca por cima da escola, sinal combinado para eu ir ao campo de aviação do agricultor Sr. José Clemente da Silva. Era o auxiliar fr. Adelino Lameira, que vinha fazer-me companhia, outra vez trazido pelo P. Felisberto.

Entretanto, o Snr. Bispo resolvia que a missão saísse daquelas terras e fosse estabelecida na área do posto de Chibabava. Souberam-no os indígenas e, sem que eu absolutamente metesse prego nem estopa, como se costuma dizer, sem influência alguma da minha parte que no caso poderia ser o único a tê-la, enviam um abaixo-assinado ao Sr. Bispo, e esperaram a sua visita que se realizou a 14 de Agosto. Era interessante ver o velho Johannes à frente em animada discussão num português suficientemente inteligível. S. Ex.ª Rev.ma disse-lhe que eles não eram abandonados mas que se ia para Chibabava por ter maior população e estar mais necessitada pois nem sequer uma escola tinha.

Arquivo aqui uma parte do diálogo que S. Ex.ª Rev.ma me perdoará mas que revela um pouco a argúcia dos nativos:

— Ó Johannes, você quantos filhos tem?

— Nove.

— Ora suponha agora que estão todos com fome, mas sete estão num lado e dois estão noutro, a quem acode você primeiro, não é ao maior número?

— Não é assim, Sr. bispo; o que está o Snr. bispo a fazer é como um pai que tem muitos filhos e deu um bocado de pão a um, e antes que ele comesse, tirou-lho e disse: dá cá, vou dar ao teu irmão.

Apesar de tudo, foi resolvida a instalação dos missionários em Chibabava; todavia Sua Ex.ª Rev.ma também teve pena do Muconjo e disse-me para ir lá com a possível frequência, depois da instalação na área de Chibabava.

Foi em 10 de Julho de 1947 que chegou o fr. Manuel Cardoso com o camião da Beira para me fazer os transportes até à escola do régulo *Mangunde*, já em terras de Chibabava. Era outra vez um barracão de pau a pique e desta vez coberto a palha e este mesmo oferecido pelos... protestantes!

Em Dezembro do ano anterior, o M. R. P. Provincial visitara a Missão no Muconjo, e acompanhou-nos no velho Ford até Chibabava. Talvez ele se recorde de, no regresso, termos parado numa oficina de carpintaria indígena onde eu fui falar com os carpinteiros; e, a propósito ou despropósito veio o tratar-se da escola, um barracão construído por eles em que a maior parte subscreveu com dinheiro ou trabalho. Estava agora abandonado por não lhes ser permitido o ensino nos moldes que eles desejavam, que não sei bem quais fossem. É certo que eram quase todos protestantes, e chegou a leccionar ali um professor vindo do Gogoi (uma missão protestante junto à fronteira).

— Então a vossa escola não funciona?

— Fazemos medo com a Companhia (Para eles ainda durante muito tempo se identificaram Governo e Companhia e Moçambique).

— Pois eu não tenho medo da Companhia, se me quiserem dar a escola eu dou professor.

— Isso é com os grandes.

Assim acabou o nosso diálogo. Perto de um mês passado, recebo uma carta do régulo que também é protestante, e que me dizia ter juntado os chefes que decidiram entregar-me a escola. Note-se que os chefes também são quase todos protestantes.

No primeiro de Junho de 1947 começou ela a funcionar, e a 4 de Agosto, depois de várias peripécias com os transportes, fiquei eu instalado com o Fr. Adelino na parte do barracão que tomámos para nós e que a habilidade do irmão conseguiu transformar numa espécie de quartos por meio de caixotes e tábuas velhas.

Foi este o 2.º berço da Missão de S. Francisco de Assis. Os protestantes também simpatizam com S. Francisco e talvez por ele N. Senhor os traga à união de um só rebanho e de um só Pastor.

A escola está funcionando com a bagatela de 350 alunos. Nós é que já estamos noutro local a três quilómetros, mas lá vou quase todos os dias de bicicleta, e aos domingos é ainda nela a missa paroquial.

Continuamos a viver em palhotas um pouco mais confortáveis, mas sempre palhotas.

Meu caro padre:

Não é a história da Missão de S. Francisco de Assis que hoje lhe conto, mas apenas os pequenos episódios da sua fundação. Um dia talvez seja mais completo. Quando tiver um companheiro sacerdote, talvez consigamos dividir o trabalho de modo a eu poder dedicar-me um pouco a estas e outras coisas também necessárias.

N. B. — Não quererá o Rev. P. Joaquim Alves Correia acrescentar este episódio ao seu livro: *A largueza do reino de Deus?*

Missão de Santo António de Zavala

1.º — A terra de Zavala e o seu povo

Fica Zavala no extremo sul do distrito de Inhambane, confinando com o norte do distrito de Gaza. Banha-se nas águas do Índico numa extensão de mais de cem quilómetros. Tem a configuração de bota tosca, não lhe fal-

Zavala — Interior da capela

tando solas e tacões formados por rosário de lagoas, para melhor calcurrear as areias doiradas do Oceano. E, por mais estranho que pareça, não lhe falta sequer, a servir de atacador, a fita azul do rio Inharrime. Limitada a sul pelo mar e a norte e leste pelo Inharrime, Zavala é uma pequena península, só presa à mãe África pelo poente. Administrativamente é uma circunscrição com a superfície de 1.900 quilómetros quadrados e uma população de 80 mil almas. Sendo das mais pequenas circunscrições de Moçambique, é sem dúvida das de mais densa população: cerca de 44 habitantes por quilómetro quadrado.

A população de Zavala pertence à tribo chope, ramo da grande família banto. Nas suas canções guerreiras ou amorosas, denominam-se a si próprios «filhos das árvores». A designação chope é de data muito recente, pois não vai além do tempo das invasões de Manicusse, Muzila e Gungunhana. Estes chefes vátuas assim os denominaram por lhes haverem experimentado a perícia do manejo do arco e da seta (do verbo ku tchopa, atirar com arco). A verdade é que os chopes bem podem orgulhar-se deste nome, pois, graças ao arco, nunca foram totalmente subjugados pelas terríveis hordas vátuas.

Sob o aspecto religioso, o povo chope reconhece um Ente supremo que tudo criou e a quem chamam «Nungungulo» — o grande ancião, ou também «Nkulukumba» — o grande oleiro, que do barro tudo criou (de nkulu, grande e kumba, oleiro).

No seu conceito «Nungungulo» é superior a tudo quanto existe: à natureza visível, aos manes, ou almas dos mortos, e aos espíritos, e isto pela simples razão de que é o seu criador. Entretanto, o culto é dirigido geralmente aos antepassados, ou aos espíritos. «Nungungulo» está numa esfera demasiado alta para se atreverem a dirigir-se-lhe directamente. Em quase todas as povoações chopes lá está a capela ao centro, palhota destinada exclusivamente ao culto. A religiosidade deste povo é notória e talvez dela proceda a relativa facilidade com que passa das suas crenças primitivas, mal definidas, para o culto e crenças das religiões superiores, designadamente da religião católica. Creio bem que se não fossem as dificuldades em abraçar a moral elevada e pura do cristianismo, não haveria já um chope que não fosse cristão. **Um facto que me chocou logo após a minha chegada a Zavala, foi o de muitos alunos que frequentavam as Escolas do Estado, me pedirem instantemente a fundação de escolas missionárias, alegando que naquelas não se rezava, não se ensinava a rezar.**

Outra característica notável do povo chope é a sua docilidade e quase constante boa disposição. Sempre pronto a dançar e cantar, até os menores gestos têm ritmo, e a fala a toadilha do canto. Parece não conhecer tristezas nem haver experimentado o aspecto ingrato da vida. É muito raro travar-se em desordem. Não foi sem pasmo que precisei de mais de um ano de convivência com os chopes para observar dois

rapazes à pancada. Em contra-partida o chope tem em alto grau o vício da embriaguez. Dele dizia, já há quatro séculos, um escritor: «Um chope bebe por sete alemães e seis comem uma vaca num dia». Mestre consumado na arte da destilação, destila tudo quanto produza alcool:

Zavala — Residência missionária

tubérculos de mandioca, o «mpimbi», espécie de ameixa brava, a maçã silvestre (intsula), o ananás, a laranja, e sobretudo o acaju. O alambique é o aparelho mais primitivo que se pode imaginar: um panelão de barro serve de caldeira; a tampa é um punhado de barro amassado, donde parte, mergulhado em água, um tubo de ferro ou de cobre. A aguardente (sope) vai cair num depósito qualquer, mas geralmente um garrafão.

O chope destila todo o ano. Há, porém, uma época em que não faz outra coisa senão destilar e beber. É a época do acaju. De Novembro a Janeiro, ele vive numa espécie de nirvana. Ninguém conte com ele para o trabalho. Os «moleques» deixam a cidade, os serviçais pedem licença para irem «descansar».

Saltam à vista os estragos que o alcool faz naqueles organismos já tão depauperados por deficiente alimentação. E contudo o acajueiro podia bem ser a árvore bonita e salvadora do povo chope. Ao fim de alguns meses de cruel estiagem, que se repete quase todos os anos, e nos quais até as hortaliças silvestres deixam de vegetar, ele verga sob o peso de suculentos frutos capazes de extinguirem a sede e de matarem a fome. Mas eis como a árvore do bem se volve, pelo seu mau uso, em árvore do mal.

2.° — A Missão

A Missão de S.to António de Zavala, dedicada ao grande taumaturgo português, S. António de Lisboa, foi criada por Sua Eminência D. Teodósio Clemente de Gouveia, então Bispo de Leuce e Prelado de Moçambique, e hoje Cardeal-Arcebispo, em 20 de Maio de 1939. Por despacho de 3 de Janeiro de 1940 foi nomeado o seu primeiro superior, P. Martinho da Rocha Barbosa, que dela tomou posse a 7 de Maio do mesmo ano.

Conta, pois, a Missão oito anos de existência efectiva. Até essa data a sua área estava incorporada na Missão de S. Francisco de Assis de Inharrime, que nela fundou duas escolas, a de Santa Isabel de Nhambel e a de S. Boaventura de Canda.

A história da Missão desde o seu início daria já assunto vasto para um livro. Vou, porém, dar uma resumida ideia do seu desenvolvimento.

Os primeiros meses foram aplicados à escolha do local definitivo onde havia de assentar a sede da Missão. Trabalho de responsabilidade, porque da boa ou má escolha dependeria em grande parte o seu futuro. Só e acompanhado, umas vezes a pé, outras de camioneta, percorreu o superior da Missão, ao qual se veio juntar depois o irmão Germano, todos os cantos de Zavala. E depois de ter colhido informações de pessoas conhecedoras da região, escolheu a regedoria de Mavila, quase no extremo de três regulados — hoje diz-se regedorias — : Zavala, Mavila e Banguza. Se o local escolhido não é o coração de Zavala não andará longe dele. Assenta sobre uma colina de onde se disfruta vasto e surpreendente panorama. A Nordeste

Zavala — Um pôr do sol

lá está a Missão de S. Francisco de Assis de Inharrime; a Nascente, Quissico, capital de Zavala; mais ao longe as terras de Zandamela,

e, se não estorvassem as colinas de Canda e de Nhacutouo, avistar-se-ia o mar. O mar! Que pena tenho de não avistar da Missão as águas verde-azuis da amplidão do Oceano! Mas a falta de água doce para aquelas bandas, não o permitiu.

Escolhido o local, cuidou-se da construção dos edifícios provisórios: casas de pau a pique para a escola-capela, para a residência dos missionários, etc. Os indígenas dos arredores prestaram o seu valioso concurso, construindo sem remuneração estas barracas. Afinal para eles e seus filhos era tudo aquilo.

Ao mesmo tempo começou a lançar-se a rede de escolas que hoje enche Zavala. A primeira foi dedicada a Cristo-Rei no regulado de Guilundu, no local cedido por um catequista protestante. E com a escolha do local para a Missão, com a construção dos edifícios provisórios e fundação de uma escola, decorreram os sete meses de 1940.

Eis o movimento religioso deste ano:

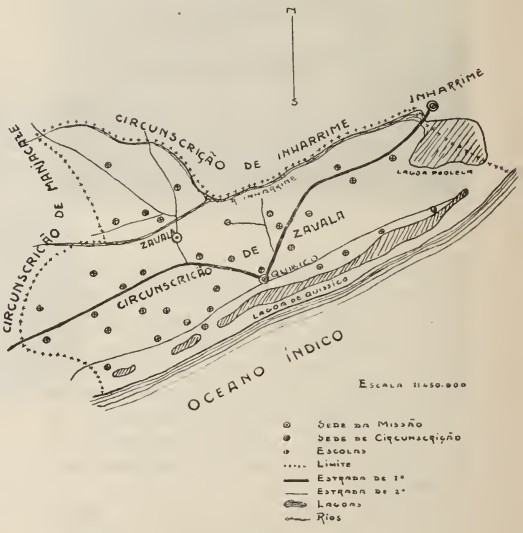
Baptismos 25; confissões 700; comunhões 1.350; matrimónos 2.

Entramos assim em 1941. Antes de mais nada devo dizer que Zavala não era de todo virgem de acção missionária. Já alguns anos antes da fundação da Missão, os missionários da Missão de S. Francisco de Assis de Inharrime visitavam de quando em quando estas terras e nelas fundaram três escolas, sendo duas de alvenaria e uma de pau a pique e coberta de palha. Esta, por falta de frequência, tinha sido encerrada ao tempo da minha chegada a Zavala. Nestas excursões missionárias devo salientar os nomes do P. Manuel Marques, do P. António Maria de Oliveira e do falecido P. José Alves da Silva. A eles cabe a honra de serem os pioneiros desta Missão.

Em 1941 deu-se notável incremento à fundação de escolas do mato, com a abertura de mais cinco; Imaculada Conceição de Nhacutouo, S. António de Mavila, S. Francisco de Assis de Zandamela, S.ta Teresinha do Menino Jesus de Nhamuenda e N. Senhora de Fátima de Matanato.

Deu-se também nesse ano um facto digno de ser assinalado: A passagem das escolas de ensino rudimentar da Direcção de Instrução Pública para a Direcção das Missões Católicas. Deve-se em grande parte tão relevante acontecimento ao esforço de Sua Eminência D. Teodósio Clemente de Gouveia. De uma assentada ficou assim a Missão com 16 escolas. É difícil avaliar todo o alcance desta medida. Mas quando se atenta em que essas escolas, na sua maioria, estavam confiadas a professores protestantes, ou pagãos, pelo menos em Zavala,

MISSÃO DE S. ANTÓNIO DE ZAVALA



ressalta claramente quanto mal podiam fazer e o bem que havia agora a esperar.

É interessante notar que muitos alunos daquelas escolas desejavam transitar para a direcção da Missão, alegando a convincente razão de que nas escolas do Estado não se ensinava a rezar. Quem duvidar ainda da propensão natural do povo chope para a religião, tem aqui uma prova de alto valor. Porque a verdade é que a quase totalidade dos alunos era pagã, vivendo num meio completamente pagão.

Com 16 escolas, disseminadas por toda a terra de Zavala, entrou a Missão a fundo na actividade apostólica. A vida das escolas será a vida da Missão. À volta de cada uma delas foi-se constituindo uma cristandade nascente com catequese diária e aos domingos reunião dos cristãos para actos religiosos. Em cada uma delas, à vez, celebrava-se o Santo Sacri-

fício da Missa com a administração dos sacramentos. Deve ter sido assim a Igreja nos tempos apostólicos.

Acentuou-se o movimento religioso com 103 baptismos, 1.180 confissões, 3.800 comunhões, 10 matrimónios e milhares de lições de catequese. Conjuntamente com a evangelização, ministrava-se a instrução literária com regular aproveitamento e distribuíam-se medicamentos. Fizeram-se blocos para a residência missionária, tendo Sua Eminência Reverendíssima lançado a primeira pedra a 13 de Junho, festa do Padroeiro da Missão. Para a sua construção concedeu Sua Eminência logo de início o subsídio extraordinário de 30 contos e nomeou os operários.

De 1942 a 1944

O progresso da Missão continuou em passo acelerado tanto no campo espiritual como no material. Por falta de verba não se fundaram mais escolas. Talvez isso fosse providencial porque se aproveitou o tempo para a consolidação das posições tomadas. As seitas protestantes, até há pouco adormecidas na sua propaganda, entraram de fervilhar, assustadas como formigueiro atacado. As visitas dos seus chefes estrangeiros passaram a ser frequentes; as reuniões quase diárias. Do pouco que transparecia dessas reuniões, sabia-se que insistiam neste ponto: «Não consintais que vossos filhos estudem nas escolas a doutrina católica; ninguém vos pode obrigar a isso». E para animarem os prosélitos a manterem-se fiéis à seita, martelaram-lhes os ouvidos com a frase feita: «Estais prontos a dar a vida por Cristo».

Mas a obra de Deus continuou a avançar. Atestam-no os 763 baptismos, 15.104 confissões, 26.693 comunhões e 38 casamentos. O número de cristãos ultrapassa agora a casa tão suspirada dos mil.

Pela primeira vez Sua Eminência Reverendíssima administrou na Missão o santo Crisma. Foi um facto notável na vida religiosa da Missão, que muito impressionou os indígenas. E o mais consolador foi terem recebido este sacramento quase todos os cristãos adultos de Zavala.

A residência missionária ficou concluída, sendo o Santíssimo quem primeiro tomou posse dela em capela apropriada. É interessante notar que, pouco depois de Nosso Senhor ter passado para a nova capela, a barraca antiga feita de materiais primitivos ruiu completamente com um vendaval. Assim acabe um dia o paganismo em Zavala, sob a acção do vendaval missionário insuflado do Alto.

De 1945 até hoje

Terminada a construção da residência missionária, volveram de novo os missionários a sua melhor atenção para as escolas, consideradas com justo motivo o meio mais adequado e eficiente para a evangelização. Alargou-se a rede de escolas: de 16 passaram a ser 38. E pena é que ainda fique algum cantinho de Zavala que não beneficie da sua acção. Mas

Zavala — Uma procissão no mato

para tudo é preciso dinheiro. Dinheiro para pagar aos professores, para o material escolar e ainda dinheiro para a gasolina, óleos, etc. Devo, porém, atestar, e o atesto com o maior prazer, que Sua Eminência Reverendíssima tem sido verdadeiramente generoso para com esta Missão, tornando possível uma tal expansão missionária. Por seu lado os missionários, em estreita cooperação, de tudo quanto recebem não reservam para si senão o estritamente indispensável à vida.

Além da fundação de escolas rurais, ditas do mato, começou-se em 1945 com o edifício da escola-capela, que foi inaugurado em 1947. É um amplo edifício de 25 metros por 8 com varandas em toda a volta, capaz de abrigar para cima de mil pessoas. Isolada da sala de aulas por portas corrediças, está a capela prò-

priamente dita. A aspiração máxima do missionário fica agora sendo a construção de uma majestosa igreja que corôe a colina de Santo António e imprima aquele carácter espiritual que deve ter uma Missão.

De 1945 até hoje assinalou-se um incremento religioso e escolar notável. Administraram-se 1.692 baptismos; 39.775 confissões; 53.251 comunhões; 87 casamentos.

Quanto ao progresso escolar, fizeram passagens de classe ou exames 1.273 alunos.

Conta hoje esta cristandade de Zavala 3 mil cristãos. Para oito anos de Missão é um número bem consolador. Teria sido possível baptizar um número bastante maior, porque muitos mais indígenas se apresentaram a pedir o Baptismo. Mais uma vez a experiência ensina que é mais fácil conquistar, que manter as conquistas mesmo na ordem espiritual. Desde a pesca milagrosa até aos nossos dias, o perigo de se romperem as redes continua. É portanto de toda a prudência manter-se a evangelização num passo equilibrado. Dois missionários, por exemplo, podem baptizar dois mil gentios cada ano; é-lhes, porém, sumamente difícil, para não dizer impossível, atender convenientemente ao fim de cinco anos, dez mil cristãos espalhados por dois ou três mil quilómetros quadrados. E cabe maravilhosamente aqui levantar o brado, o clamor, da necessidade instante de operários para a «machamba», para o campo do Pai de famílias. Há muitos a pedirem pão e esse pão existe abundante, mas não há quem lho distribua.

Missão de Santo António de Zavala, 15 de Maio de 1948.

P. Martinho da Rocha Barbosa

BAILADO AFRICANO

(LENDA INDÍGENA)

Noite quente de estrelas cintilantes,
Olhos de luz, pupilas de diamantes,
Como pontas luzentes de punhais.
Luar de leite e de oiro misturados.
Nos longes esfumados
Ouvem-se os gritos roucos dos chacais...

A natureza inteira adormecida
E nos braços da noite acalentada,
Não canta o hino costumado à vida:
Parece amortalhada
Na poalha leitosa do luar...

Ao longe, a igreja — a igreja da Missão —
É uma bênção, naquela solidão,
De torre erguida, ao alto, a branquejar...

No largo enorme, acendem-se as fogueiras
A mancharem de sangue a noite prateada.
Alongam-se, no chão, as sombras das palmeiras;
A gente toma um ar de alucinada.

O rufo do batuque principia,
Em notas de pesar e nostalgia,
A chamar para a festa a multidão.
Rapazes, raparigas,
— Na boca rubra o brilho das cantigas —
Vão saindo da porta das cubatas
Ao compasso ritmado do tam-tam.

Dança da dor — o choro derradeiro
Pelo filho do negro potentado,
Que morreu de feitiço e mau olhado
De um velho feiticeiro...

E o batuque lá vai, de cada vez
Subindo mais, no ardor da embriaguês...

Na palhota, sòzinha, abandonada,
— Olhos ehispando atormentado brilho —
A mãe — rainha negra — que sentira
A maior dor, a morte de seu filho,
Ouve os cantos daquela festa enorme...

Há dez noites — dez noites, que não dorme...
E o povo dança e canta numa orgia
De choro e de tristeza?... De saudade?!...
Como é louca e maldita a fantasia
Da doida tradição!...

Ela é negra, mas sente o coração
A morrer, lentamente, em agonia...

Diz o branco *que o negro é sempre feio:*
E o seu filho, que lindo e que perfeito!...
Trouxera-o nove meses no seu seio,
Bebera um ano a taça do seu peito...

Mais esbelto, que o tronco da palmeira,
Mais veloz, que a mbauala [1] *na corrida,*
Mais ardente, que o fogo da fogueira,
Era assim: seu amor e sua vida...

E morrera!... Porquê... Porque seria
Que a vida parava de repente?!...
— Feitiço certamente?
Não sabia... Não sabia...

— E depois?!...

Em pequena, ouvira um dia,
Que, passada aquela hora derradeira,
Iam todos morar, além, na Lua:
— A Rosa Argentea, que, no céu, flutua,
A grande Maga — a Branca Feiticeira...

Num frenesi de doidos a bailar
O batuque, mais alto, continua...

A jovem negra queda-se a pensar:
— Se ela fosse também? Seria lindo
Ir ver o filho, a vir, na Lua Cheia,
Andar voando pelo azul infindo,
E... lá, reconstruir a sua aldeia...

Que bela noite! Como a vida é bela!...
— Viver na Lua, além... naquela estrela?!...

Suavemente, a esp'rança a reviver,
A tentação, em cantos de sereia,
Segreda-lhe a loucura de morrer...

E veste-se a primor, como convinha
Àquela jovem negra — que é rainha.

Põe nos ombros o pano de noivado
Caído em pregas de infinita graça.
Na cabeça uma fita, que esvoaça
Deixando ver o lindo penteado.

Braceletes, pulseiras, fios de oiro,
Anilhas de missanga e de coral
Tilintam-lhe nos braços, qual tesoiro,
Em notas soluçantes de cristal...

Depois, risonha, alegre, sem temor,
— No rosto a luz de um coração sereno —
Afoga para sempre a sua dor
Bebendo a morte em taça de veneno...

A tradição da terra — velha usança —
Não permitia que a rainha-mãe
Dançasse aquela dança...
Mas quebra a tradição
E vai dançar também...

Num frenesi ardente de loucura,
O batuque lá vai, lá continua...

A negra bailarina, semi-nua,
De formas expressivas de escultura,
— Um mar de sons na boca de romã —
Parece uma gravura
De antiga cortesã:
— A cortesã dos lábios cor de amora...

No céu azul, já vem rompendo a aurora...
E a dança do batuque continua...

Ia esconder-se, no horizonte, a Lua,
A Lua Branca — a eterna Feiticeira...
Cai a rainha à sombra da mangueira
Morta p'ra sempre, alegre, semi-nua,
A sonhar com seu filho além, na Lua:
— O palácio da hora derradeira...

1 Espécie de antílope.

Paróquia de Maria Imaculada de Vila Pery

VILA Pery é hoje, depois da Beira, o maior centro populacional europeu de toda a província de Manica e Sofala.

Dotada de um óptimo clima, presta-se admiràvelmente à colonização e, desde os fins do século passado, é a circunscrição de Chimoio talvez o mais importante centro agrícola de toda a Colónia.

Igreja de Vila Macbado

Com fáceis comunicações para a Beira e para a Rodésia — uma estrada internacional e um movimentado caminho de ferro — Vila Pery tende naturalmente a desenvolver-se, sendo disso prova a fábrica de tecidos de algodão, que actualmente se está a construir e que aproveitou, para força motriz, as célebres quedas do Revue.

Como a falta de pessoal era bastante, Vila Pery esteve, durante muito tempo, canònicamente, sujeita a Amatongas.

Em 1925, foi benzida solenemente por D. Rafael a primeira pedra para a construção de uma igreja, que, devido a dificuldades de vária ordem, só foi iniciada em 4 de Agosto de 1930.

No dia 6 de Janeiro de 1934, teve lugar a sua inauguração. É um lindo templo, em estilo gótico, situado na parte mais alta da vila.

Com o rápido aumento da população, cada vez se fazia sentir mais a necessidade de um sacerdote permanente que pudesse atender ao culto,

VILA PERY — Igreja

REBATE

Estou cheio de viver,
Sinto-me farto da vida!
Ninguém me sabe dizer
Da minha ilusão perdida.

Cansei-me da caminhada
Que jamais alcança o fim;
Fatiguei-me da jornada
Impossível para mim.

A vida é uma ilusão
Bela para quem não pensa;
Mas ai daqueles que vão
Na sua corrente imensa...

Ai deles!, porque a sonhar
se fazem para o mar fundo
Julgando poder chegar
Às praias dum outro mundo...

E as ilusões são os remos
Que um dia se hão-de partir

E, sem remos, todos temos
De soluçar, mesmo a rir!

Estou cheio de viver,
Sinto-me farto da vida!
Ninguém me sabe dizer
Da minha ilusão perdida.

Sou um náufrago a acenar
E ninguém me vem salvar!

Ó Senhor, ouvi falar
Dum abismo tão cavado
Que nem o pode agitar
A fúria do mar zangado!

Um abismo tão sereno
Que inda ninguém lá morreu
Nem o bote mais pequeno
Que lá chegou se perdeu.

Um abismo aonde a calma
Se agita de vida nova;

Um abismo aonde a alma,
Por mais triste, se renova.

E eu, náufrago a gritar,
Vou para lá navegar!

Esse abismo fica ao pé
Da minha aniquilação;
Remarei cheio de fé
E profunda adoração.

E a fé será o lastro
Do meu barquinho ligeiro
E será também o mastro
E a vela deste roteiro.

Eu já não estou cansado,
Eu já não quero acabar!
Senhor! Senta-te ao meu lado,
Vem-me ajudar a remar...

M. B.

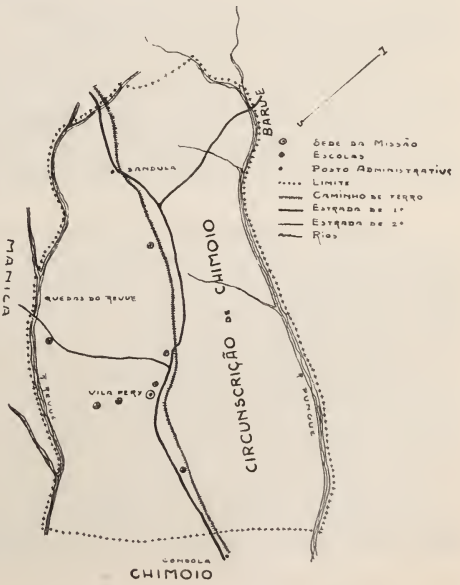
tanto mais que a missão de Amatongas, com o desenvolvimento que tomara, dificilmente lhe podia prestar a assistência devida.

Assim, em 1942, foi criada a paróquia de Maria Imaculada de Vila Pery, sendo nomeado seu primeiro pároco o R. P. José Maria da Cruz Amaral, que fez a instalação dos serviços paroquiais e com muito gosto remodelou a residência — antiga casa particular adquirida pela diocese da Beira. Tendo o P. Cruz Amaral retirado para a Metrópole, sucedeu-lhe no cargo o R. P. Santos Dinis, trabalhador incansável e zeloso na educação dos indígenas. Depois da nomeação do P. Santos Dinis para superior de Amatongas, sucedeu-lhe o R. P. António José Ribeiro, que actualmente ali se encontra e é uma autoridade na língua *chiteve*.

A paróquia de Vila Pery tem a seu cuidado sete escolas indígenas, espalhadas pelo interior.

As Irmãs Franciscanas de Calais possuem ali um belo colégio para internas e externas, destinado sobretudo às filhas dos agricultores europeus da região de Chimoio.

MISSÃO DE MARIA IMACULADA DE VILA PERY



Missão dos Muchopes

A missão dos Muchopes foi criada por despacho de 16 de Maio de 1910. Governava então a Prelazia de Moçambique S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Francisco Ferreira da Silva, bispo de Siene, que transferiu o R. P. Manuel de Jesus Bento, padre secular, em Maio de 1911, da missão de S. Paulo de Messano, onde era superior, para a nova missão de Muchopes.

MUCHOPES — Residência Missionária

O P. Manuel Bento é, pois, o fundador, e, honra lhe seja, pois era sacerdote de muitas qualidades de trabalho.

Padre Bento, depois de muitas canseiras na escolha do local, assentou a missão em terras de Mangunze, Circunscrição dos Muchopes, no dorso de pequeno monte de 100 metros acima do nível do mar, de vastos mas poucos variados horizontes.

Está situada a 20 kms ao poente de Manjacaze, a 20 kms ao norte da missão do Chongoene, e a 250 kms ao norte de Lourenço Marques.

Esta missão tem, sem dúvida assegurado um grande e próspero futuro, não só pela enorme densidade populacional, mas ainda pela gigantesca obra material realizada, mòrmente depois que dela tomaram posse os Franciscanos.

Escola e Construções — Escolhido definitivamente o local da missão (1), fundou o Superior a escola que funcionou durante algum tempo à sombra de algumas árvores, ocupando-se, entretanto, da construção de alguns edifícios pequenos que ainda hoje existem: residência, sala de jantar, uma casa de $7^m \times 14^m$ com várias dependências e mais alguns pequenos edifícios num total de 9, construídos com terra argilosa e revestidas as suas paredes de cimento.

Posteriormente, a Circunscrição dos Muchopes, então Edilidade dos Muchopes, obrigada por força de lei, a construir nas terras da sua jurisdição, uma Escola de Artes e Ofícios para indígenas, escolheu para esse fim, o local da Missão, encarregando o R. P. Manuel Bento da direcção da obra, em tudo custeada pela Edilidade dos Muchopes.

Parece que esta obra principiou em 1914 e foi inaugurada em 1916.

O edifício mede 48^m de comprimento e 14 de largura, é constituído por várias dependências: seis quartos, um salão de 10×20^m para escola, um outro salão para as máquinas de

(1) Vid. Memória descritiva da Missão de S. Benedito dos Muchopes, de P. Camilo de Azevedo, publicada em 1942.

tipografia, um quarto para a encadernação e ainda um outro para depósito do material de tipografia e de encadernação.

Desde o ano de 1916, data da inauguração da Escola de Artes e Ofícios, nenhuma outra obra se fez na missão até 1935.

Este magnífico edifício foi entregue definitivamente à Direcção das Missões Católicas Portuguesas, por despacho do Sr. Governador Geral, interino, Artur Ivens Ferraz, em 1926.

* * *

A 29 de Junho de 1917 faleceu o R. P. Manuel de Jesus Bento. Ao fundador seguiram-se mais três superiores sacerdotes até Maio de 1932.

Nesta data, por causa da falta de clero, ficou encarregado da Missão um leigo europeu que dava lições de catecismo aos indígenas e vigiava pelo bom andamento das escolas.

Igreja da Missão dos Muchopes

Foi nestas circunstâncias que S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Rafael da Assunção, actual bispo de Limira, mas então bispo de Augusta e Prelado de Moçambique, se resolveu a entregar a missão aos Franciscanos, indo tomar conta dela, a 19 de Dezembro de 1934, o R. P. Camilo Fernandes de Azevedo, o qual eficazmente coadjuvado por alguns de seus confrades, com uma tenacidade rara, através de 8 anos ininterruptos de sacrifícios e de lutas, a soube guindar ao alto prestígio e esplendor que hoje disfruta.

De facto, o R. P. Camilo criou uma rede notável de escolas e levou a cabo uma série de melhoramentos indispensáveis. Beneficiou a missão com uma grande cisterna para captação das águas pluviais; com um belo motor gerador de electricidade; com uma garagem e outras dependências. As oficinas de tipografia e encadernação, tomaram igualmente grande incremento.

Todavia, o maior orgulho do R. P. Camilo, é a sua magnífica catedral.

Obedecendo ao célebre princípio do Sr. D. Rafael que não concebia missão católica, sem respectiva igreja para o culto, o R. P. Camilo envidou nesse sentino todos os esforços, elaborando ele mesmo a planta, não de simples capela, mas de vasta igreja (a que hoje chamam catedral), que pudesse comportar os milhares de cristãos daquelas redondezas.

E foi assim que ele traçou para a igreja as seguintes dimensões: 60 metros de comprimento, 15 de largura, com duas torres laterais de 20 metros de altura, encimadas por terraços com 16 ameias, em estilo romano, pela maior facilidade de execução. Pode comportar 6 a 7 mil pessoas.

Foi solenemente benzida a primeira pedra no dia 25 de Julho de 1937 por S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Teodósio de Gouveia, à data bispo de Leuce e Prelado de Moçambique, e hoje Cardial de Lourenço Marques, e solenemente inaugurada no dia 6 de Setembro de 1942, com assistência de altas individualidades religiosas e civis, e de milhares de indígenas.

* * *

Em 1943 o R. P. Camilo de Azevedo regressou à Metrópole, deixando em África uma grande obra.

Os seus confrades lá continuaram e continuam ainda no mesmo entusiasmo sagrado de espalharem naquelas regiões, os benefícios enormes da civilização cristã.

MUCHOPES – Assistência à missa antes da construção da actual igreja

Sustentar uma obra e obra grandiosa, como é a Missão dos Muchopes, é tão difícil e pesado como criá-la de raiz.

Mas nunca os nossos missionários esmorecem nos seus fervores. E a prova documentada, está no relatório desta Missão do ano de 1947.

Pessoal Missionário — 2 sacerdotes e 1 Auxiliar Franciscanos, além de 27 Professores Catequistas.

Obras — Reparações — Continua-se a ajuntar material para a residência das Irmãs e fizeram-se ligeiras reparações nos edifícios.

Movimento Religioso — Procuram os missionários intensificar cada vez mais a assistência religiosa aos indígenas, visitando as escolas todos os Domingos. O fruto desta vida cristã nota-se nas vocações sacerdotais e na constituição de famílias cristãs. Há 4 seminaristas da área desta missão e mais 3 pretendentes.

As famílias cristãs sobem a 342.

Vai entrando na mentalidade do indígena cristão que há só um casamento — o casamento católico feito na Missão.

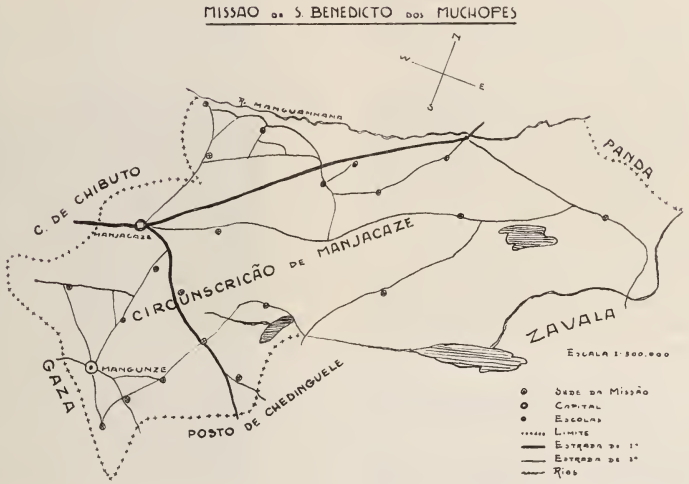
Área da Missão — A área da Missão abrange 2.000 k^{m2} com a população de 90.000 habitantes.

Cristãos	5.883	Comunhões.	39.899
Catecúmenos	2.200	Matrimónios	91
Baptismos	920	Lições de Catequese . .	15.234
Confissões	30.324	Prègações	56

Movimento escolar — Os professores desta Missão são geralmente cumpridores e estão bem preparados. Aqueles que não fizeram ainda a 4.ª classe preparam-se activamente para o

exame. Os missionários reunem os Professores na Missão, durante as férias, para melhor os instruir.

Professores	27	Exames rudimentares . . .	91
Escolas	24	1.º grau.	24
Alunos matriculados . .	5.941	2.º grau.	8
Passagens de classe . .	586		



Esta Missão tem 5 alunos na Escola de Professores indigenas.

Ensino Profissional — Existem nesta Missão as seguintes oficinas: Tipografia e Encadernação, Carpintaria, Serralharia, Sapataria.

Assistência — Fazem-se curativos e tratam-se doentes na sede como nas escolas do mato.

Doentes tratados	1.120
Curativos	3.240

Necessidades — As maiores necessidades desta Missão são as seguintes: a construção da residência para Irmãs; um internato para raparigas; uma Maternidade indigena e reparações de várias escolas do mato.

— Algumas destas obras estarão brevemente realizadas, à custa de muitos sacrifícios e economias dos missionários que não descansam enquanto não virem esta importante missão, no seu máximo desenvolvimento e esplendor.

F. Almeida

Um caçador de... aranhas

ERAM já decorridas algumas semanas após a minha chegada a Moçambique. E todavia, não conseguira ainda desterrar da imaginação todos os receios e pavores que ali se haviam assolapado desde que, em pequenino, ouvira falar nos terrores do Continente Negro.

Porquê? Não sabia explicar bem. Talvez uma questão de ideias feitas, que vão transitando de geração em geração, criando foros de dogmatismo fanático, complacentemente aceitas pela preguiça mental, assás cómoda, como certas lendas e teorias que os séculos, impiedosamente, se encarregaram, afim, de esfarrapar.

Possìvelmente eu estava nestes termos.

E assim, viagem que fizesse pelos matos com algum de meus colegas de apostolado, e os meus cabelos iriçaram-se-me todos, na perspectiva horrenda de qualquer animal feroz a surgir-nos pela frente.

Depois, era um chover de perguntas, ingénuas umas, ridículas outras, a martirizar o colega atencioso e pachorrento:

— «Aqui há leões?» «E tigres?» «Olhe aquela moita de espinheiros!» «Não estará lá fera medonha e traiçoeira?»

Às vezes, o amável colega não se continha perante certos comentários denunciadores de medos pueris, e então, estalava gargalhada sonora, desopilante, seguida de «peço desculpa amigo», «não é por mal», em tão humilde atitude, que me confundia em excesso. Era maneira diplomática de me chamar tímido e cobarde. Eu sentia-o bem.

Numa ocasião, certo colega, veterano nas lides missionárias, levou-me a uma escola no exercício de nossos deveres de apostolado. Íriamos da missão de Mocodoene visitar a escola de Massinga a 70 kms. de distância aproximadamente. Era questão de duas horas de caminho, para o nosso magnífico «International». Chegámos, confessámos muitos cristãos, antecipadamente avisados da nossa ida, e celebrámos missa. Os ofícios religiosos terminaram tarde, almoçando nós em seguida. E pela tardinha, para fugirmos ao sol ardente de um dia verdadeiramente tropical, resolvemos iniciar a viagem de regresso.

Fez-se noite no caminho. E o meu colega, envolvendo o seu bom humor numa seriedade postiça, deu então para forjar as mais tétricas previsões.

— Vá-se preparando — dizia-me ele — que os leões durante a noite, adregam de passar por estes caminhos solitários, à cata de presa suculenta. Por exemplo uma vez... e contava casos trágicos, sucedidos com pretos e brancos em viagens arriscadas e nocturnas como esta.

Eu tudo ouvia caladamente, e muito encolhido na cabine do carro, era todo olhos a penetrar a selva, através da esteira de luz que os holofotes projectavam.

A certa altura, quando menos esperava, o meu colega pára repentinamente o carro e dá-me um forte safanão.

Ia morrendo de susto.

— Olhe — segredou-me ele — e apontou para o mato.

Olhei e vi dois olhos luminosos, enormes, imóveis.

— É uma gazela, explicou-me ele em voz baixa. Não há perigo nenhum. Não faça barulho. Pegue na arma caçadeira, meta-lhe cartuchos de zagalote e enfie o lanternim na cabeça. Se ela fugir para o mato, vá-lhe no encalço sem receio.

E medindo-me de alto a baixo, firmou-se nesta pergunta:

— Você já matou alguma coisa desde que veio de Portugal?

— Sim... — respondi hesitante... — matei uns patos nas lagoas do Marrôngue, há coisa de 8 dias.

— Então vá, seu valente. E ânimo! A caça de hoje é de outro estofo!

— Mas garante que é gazela? Não há novidade?...

— Nenhuma.

— Mas...

— Qual mas, qual carapuça, quase gritou enfurecido o meu companheiro. Você nem parece da raça dos Gamas, dos Albuquerques e dos Almeidas.

O brio dos meus 24 anos, não podia suportar mais doestos. Por isso desci logo do carro, de arma aperrada, pronto para o que desse e viesse.

A gazela, entretanto, fugira para o mato.

E eu, resolutamente, acendi a luz da lanterna de caça e aventurei-me aos mistérios nocturnos do lendário sertão africano.

Seria um baptismo de suores, e talvez de sangue. Mas não importava. Allea jacta erat, e depois, como certa garantia, apresentava, no meu

Um feiticeiro

pequeno curriculo de caçador... meia dúzia de patos mortos nas lagoas do Murrôngue. Avante, pois!

O colega notando a minha ousadia, viera acompanhar-me naquele lance tartarinesco.

Segui pela direita, cortei à esquerda, varrendo com a luz, o mato bravio em todas as direcções, mas nada mais tornei a ver.

Com o barulho, era de crer que o antílope se tivesse escapulido para longe. Insistir mais, não valia a pena. Por isso, resolvi voltar ao ponto de partida, isto é ao carro que ficara no meio da estrada.

O meu companheiro limitou-se a explicar-me ao ouvido: — Paciência! O bicho safou-se!

Mas, quando já na volta, torneávamos densíssimo tufo de espinheiros, a luz forte da lanterna conseguiu deslumbrar outra bichesa, que ficou hipnotizada sem remédio.

Os olhos faiscantes, não eram, porém, como os da gazela.

Isso não eram. Estava a 60 metros de nós.

— Atire — ciciou baixinho o colega.

— Mas... Aqueles olhos... aqueles olhos de que são? — observei eu ainda mais baixo, quase sufocado.

— De facto... Eu... nunca vi olhos assim.

O colega parecia atarantado.

— Será leão? arrisquei eu. E quando a última palavra me saiu dos lábios, secou-mos, ao mesmo tempo que a arma quase me caía das mãos desfalecidas.

— Fale baixo, homem. De facto... se não é leão parece... Eu nunca vi olhos assim.

Então, fui eu que reagi de maneira admirável. Num relâmpago fiz este raciocínio: Vou atirar. Tenho boa pontaria... Já o demonstrei sobejamente na tarde em que matei 6 patos nas lagoas do Murrôngue.

Se aquilo é leão, também há-de baquear.

E acto contínuo, meto a arma à cara e disparei. Um grande estrondo ecoou na noite escura.

E o meu colega, instintivamente agarrou-se-me aos ombros a ver em que paravam as modas.

Depois, silêncio absoluto. Nem um ronco, nem um gemido.

— Aproximemo-nos devagar, recomendou o colega.

Cuidado! Mais uns passos. Não se via nada. Baixei a luz a esquadrinhar tudo... e... qual não foi o nosso espanto, ao encontrarmos de novo, brilhantes, vivíssimos, os olhos injectados de um vil bichinho, patitas para o ar, morto, irremediàvelmente morto? Pasmem, senhores, da maravilha, mas que é real e verdadeira.

Era simplesmente uma aranha enorme, um desses aranhões tão vulgares nos matos de África. Uma aranha, sim senhor, de olhos bojudos e patas compridas, que por vezes desnorteiam os caçadores mais afamados. Pobre bicho!

Rimo-nos a valer da peripécia. Envergonhados, vexadíssimos, abalámos para o carro e continuámos á viagem.

No fim de contas, houve para mim esta vantagem: perdi o medo às feras do sertão africano.

O pior foi o caso da aranha ser badalado aos 4 ventos.

Depois, sempre que passasse em Inhambane, toda a gente comentava em voz baixa:

— Eis o célebre caçador de Mocodoene que matou uma aranha julgando que era leão.

L. F.

Missão do Changaene

FOI criada esta missão em 8 de Novembro de 1906, e pouco depois já por lá andavam os missionários franciscanos numa grande azáfama, em busca de local apropriado. Trabalho difícil por causa das muitas árvores, pequenos bosques e imensa vegetação anual. Então, segundo relata a crónica de um dos fundadores, como ali houvesse árvore gigantesca, subiram a ela, e lá do alto, numa perfeita visão de conjunto, puderam fazer escolha acertada e definitiva.

Essa árvore amiga, pelo serviço prestado, ficou durante muito tempo chamada a *Árvore do Reconhecimento.*

O sítio escolhido era um planalto airoso, bonito, de ares lavados, a 40 kms. da vila de João Belo ou Chai - Chai, com grande densidade de população.

A citada crónica diz que «se começaram então as primeiras estâncias. Algumas folhas de zinco e quatro paus formaram o armazém e a dispensa. Em seguida fez-se uma palhota como a dos pretos; depois outra e outra, sendo estes os fornecedores dos materiais e os artistas de tão primitivas e rudes moradas. Em todo o caso são muito confortáveis e preferíveis às moradas de zinco, que se deixam passar em excesso tanto de calor como do frio e humidade.

Três tendas, como as que S. Pedro apetecia para Cristo, Moisés e Elias, serão as nossas moradas, até que definitivamente se levante uma casa e um templo no meio destas montanhas, onde se reunirão imensos povos a receber a luz de que estão privados. Agora, rodeados de infiéis, habitamos em tabernáculos, como os filhos de Israel no deserto; depois, quando o sol já brilhar para estes povos rudes e ignorantes, ressoarão jubilosos hinos em Sião».

Levanta-se a Escola da Missão

Com tão intrépidos pioneiros do Evangelho, a missão começou em breve a desenvolver-se.

Pelos fins de Janeiro de 1907, principiaram a levantar uma escola, que, por causa das chuvas torrenciais do mês de Fevereiro, só pôde ser inaugurada no dia 19 de Março, dia de S. José.

O cronista descreve-a assim: «A escola

está firmada em grossa e numerosa estacaria do mato. A fachada é de zinco, para melhor resistir aos temporais do sul; as paredes de caniço, *maticadas* por dentro e por fora com argamassa que os indígenas preparam com muita mestria.

O tecto é coberto com palha especial que eles chamam *metende*, e aí temos nós uma casa para durar meia dúzia de anos se não fosse o *muchem* (termita) que lá anda a minar a estacaria. Ainda assim deve durar os seus três anos.

Atrás da escola há uma pequenina capela que comunica com esta por uma porta bem rasgada. É uma disposição que, conservando-a isolada do bulício da rapaziada, permite converter a escola numa igreja sempre que os

futuros fiéis aí concorram em grande número».

Contrariedades e lutas

O mês de Fevereiro de 1907, foi mês de luto para a missão. Além das chuvas e dos temporais que contrariavam os projectos dos missionários, estes viram também ceifado pela morte o precioso Auxiliar Joaquim Roque Ribeiro, chegado da Beira havia apenas 3 semanas.

O reumatismo muscular de que já sofria em Portugal, transformou-se numa endocardite e levou-o em poucos dias.

Tudo eram golpes que só muito tarde poderiam cicatrizar.

De facto, como escreve P. M. Alves Correia no pequeno opúsculo «*Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique e da Guiné*», «durante os primeiros meses (Dezembro de 1906 e Janeiro e Fevereiro de 1907) a situação dos missionários era dura, para não dizer angustiosa ou aflitiva.

As primeiras instalações, em palhotas à maneira indígena, reconhecimento de terreno, exploração de águas, roça do matagal, derrubamento de árvores, conquista de terreno aos pântanos para ensaio de sementeiras e cultura, tudo teve de ser feito à custa dos missionários e por seu esforço corporal; os indígenas, até aí ariscos e desconfiados, não lhes prestavam o menor auxílio. E, ainda para mais, este ciclo de trabalhos e angústias tinha de decorrer nos meses de maior calor e chuvas torrenciais (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), lutando-se com as inclemências do tempo, com a falta de géneros alimentícios, com a extrema desconfiança dos pretos, com a ignorância da língua, com as febres de que todos foram atacados e finalmente com a morte que arrebatou nas primeiras semanas um auxiliar valiosíssimo, Joaquim Roque Ribeiro. Foram três meses angustiosos, de quebrar os ânimos mais fortes para as lutas da vida, os primeiros que aí se passaram.

MISSÃO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES DO CHONGOENE

Enfim, as coisas melhoraram sensìvelmente. Em Março, estava pronto um grande barracão que servia de escola; e os indígenas já olhavam com simpatia os missionários e deles se aproximavam sem receios.

A princípio a escola afigurou-se-lhes uma cilada; mas bem depressa se convenceram de que o não era e tão francamente se renderam que ao fim dum ano já liam regularmente e muitos escreviam menos mal. Dentro em pouco, na Missão e muito ao largo em volta da missão, falava-se o português.»

Missão laboriosa e progressiva

Em 1909 a Missão do Chongoene distinguia-se pelas suas explorações agrícolas e pecuárias; fundara umas três escolas no interior do mato, regidas por pretos habilitados na missão, as quais eram constantemente dirigidas e inspeccionadas pelos missionários; e finalmente tinha construído uma nova e definitiva residência de alvenaria, para habitação dos missionários, com numerosas dependências, sólidas e confortáveis para diversas oficinas.

Para o estudo do Landim, que é a língua da região, os nossos primeiros missionários serviram-se com grande utilidade da Gramática Ronga do presbítero suíço Harari A. Junod, seguido de um Vocabulário Rongo-Português-Francês-Inglês, dos Subsídios para estudo da gramática Ronga do P. Pinheiro, de Sernache, e do Dicionário Ronga-Português, de Torre do Vale.

Com estes elementos, depois de alguns meses de convivência, os novos missionários — e particularmente o superior da Missão — entendiam-se perfeitamente com os chai-chaianos.»

Uma pausa de 20 anos

E assim correram as coisas nesta Missão, numa garantia certa de futuro próspero e brilhante, até o ano de 1919. Aqui começou o declínio desta prometedora missão. Nesse ano, como foi preciso concentrar o pessoal que escasseava, nos distritos de Inhambane e Companhia de Moçambique, os franciscanos deixaram-na ao clero secular.

Retomaram-na depois em 1939. Mas parte do tempo estivera sem sacerdote. Um leigo europeu fora ali, durante anos, o mestre-escola e catequista, cargo que desempenhou com muita dedicação e patriotismo, e o serviço religioso vinha fazê-lo, de vez em quando, um padre franciscano da missão dos Muchopes, situada a 20 quilómetros ao norte do Chongoene.

Novo ritmo de progresso e desenvolvimento

Os Franciscanos, ao voltarem ali pela segunda vez em 1939, encontraram apenas o edifício de alvenaria construído nos primeiros anos de entusiasmo e um outro edifício, também de alvenaria a servir de capela e de escola, ao mesmo tempo.

Hoje em dia, porque não têm recursos para mais, vão entretendo o seu tempo (e bendito entretenimento!) a estender a rede de escolas e afervorar nelas o trabalho, ao mesmo tempo que se vão preparando os materiais para a construção de uma igreja, verdadeiramente digna do valor desta missão.

Os resultados têm sido consoladores, como o vai demonstrar o seguinte relatório do ano de 1947:

Pessoal Missionário: 2 sacerdotes e 1 Auxiliar Franciscanos, além de 18 Professores-Catequistas.

Obras e Reparações — Continuou-se o fabrico de blocos para a construção da Igreja da Missão e iniciou-se o corte de madeiras para o mesmo fim.

Movimento Religioso — A área desta missão abrange o concelho de Gaza cuja população é de 75.500 habitantes, assim distribuídos:

Gentios	61.268
Católicos	5.649
Catecúmenos	3.383
Protestantes	5.000
Maometanos	200
Baptismos	858
Confissões	12.468
Comunhões	14.744
Matrimónios	75
Ex.-Unções	7
óbitos	19
Lições de Catequese	10.752
Pregações	74

Movimento escolar

Professores	18
Escolas	17
Alunos matriculados	4.831
Passagens de classe	312
Exames rudimentares	40
Exames de 1.º grau	3

Assistência

A área desta Missão está mais ou menos servida com postos sanitários dos Serviços de Assistência do Estado, por isso é diminuto o movimento da Ambulância.

Doentes tratados	385
Curativos	5.625

L. F.

NA SEARA MISSIONÁRIA

Os indianos em Moçambique

I — Variedade da população asiática.

ENTRE os variados grupos étnicos que povoam a província ultramarina de Moçambique, conta-se a comunidade indiana, constituída pelo número relevante de 10.000 almas, segundo os censos mais recentes.

Pela expressão *indiano* não abrangemos apenas o indo-português cristão, mas também, usando de um critério amplo, o hindu, o baneane, o parsi e o maometano, que das Índias vieram tentar fortuna a esta região portuguesa. Todavia, sob o aspecto religioso, social e consuetudinário, há que descriminar cada um destes elementos, cuja vida decorre em planos distintos, pois apenas se ligam por um elo geográfico comum de origem: a Índia.

Na corrente emigratória em Moçambique, o grupo asiático numèricamente mais importante é o maometano. O baneane, de Damão e Diu (Índia Portuguesa) silencioso e tímido, exerce ofícios modestos, sendo em geral artífices laboriosos. São pouco numerosos em Moçambique. O hindu, religioso e acatador rigoroso das suas velhas crenças e tradições pátrias, forma um grupo isolado, impermeável às influências ocidentais, e tão preso à estrutura moral e religiosa da sociedade hindu que nunca ou difìcilmente o missionário consegue uma conversão ao Cristianismo.

Os usos e costumes dos baneanes, batiás, parsis e mouros são ressalvados na aplicação das leis civis vigentes em território colonial.

Finalmente a massa populacional é ainda preenchida por alguns milhares de indo-portugueses descidos dos palmares de Goa e portadores de profundas tradições cristãs em que são educados os naturais do país evangelizado por S. Francisco Xavier.

Discriminados os vários grupos da colónia indiana em Moçambique, podemos isolar desde já — por não interessarem ao objectivo desta crónica — o hindu, o baneane e o parsi, que, embora adeptos de religiões próprias, não-católicas, são numèricamente reduzidos e não exercem actividade proselitista.

Falaremos, portanto, do maometano, ardente sequaz do Profeta, cuja influência religiosa no meio indígena é considerável; e, por fim, do indo-português cristão — procurando mostrar, muito esquemàticamente, em que medida é dificultada ou facilitada a actuação do missionário católico, no meio heterogéneo da população moçambicana.

II — Sob o signo do crescente maometano.

Em regra, os povos da Ásia são profundamente crentes e cumprem com austeridade os preceitos das suas escrituras sagradas. Maomé, o fundador do Islamismo, escreveu o «Alcorão» — livro em que os dogmas religiosos e os conceitos teológicos se alternam com normas civis, penais, sociais, políticas, morais, etc. — e os seus sequazes, imaginativos e dinâmicos, depressa transpuseram as fronteiras da Arábia, criando um vasto império político, onde flutuou, dominador, du-

rante séculos, o estandarte simbólico do crescente maometano. Ainda hoje perdura essa influência, designadamente na África setentrional e oriental (em menor escala na ocidental), em cujo litoral pululam os mouros.

A emigação asiática em Moçambique data de velhos tempos. Vasco da Gama encontrou já, na ilha de Moçambique, árabes estabelecidos e organizados em sultanatos e xecados. Hoje, acham-se dispersos pela Colónia, ou concentrados na capital, milhares de asiáticos maometanos, os quais revelam, no comércio a que geralmente se dedicam, notável astúcia e habilidade, dominando nos mercados urbanos ou nas feiras do mato, onde fàcilmente penetram e se aclimatam, conquistando a confiança do preto, dócil e ingénuo. É frequente lerem-se, em crónicas coloniais, palavras de azedume contra estes temíveis concorrentes do comerciante europeu, os quais carreiam boa parte dos seus lucros para a Índia, onde têm família e haveres, sendo considerados elementos perniciosos para a economia moçambicana — opinião que é discutível, se observarmos que os maometanos se fixam na Colónia por longos períodos e às vezes definitivamente, adquirindo bens imóveis, a eles pertence uma proporção importante da propriedade rústica e urbana, e fomentando, pela sua actividade comercial a vida económica da terra.

Sob o ponto de vista missionário, interessa sobremaneira a actividade religiosa dos muçulmanos que tão grande influência exercem no meio indígena, pois que se infiltram no mato, onde montam as suas lojas e tratam de captar os indígenas, não só para o negócio mas também para a doutrina do Alcorão.

Na Europa, a cruz de Cristo levou de vencida o crescente maometano, desbaratando as hostes árabes e reduzindo o seu vasto império; mas o proselitismo islâmico era servido por um povo de temperamento ardente e impetuoso, e a doutrina de Maomé alastrou-se pela Índia, pela China, pelas ilhas do Pacífico e sobretudo pela África, onde foi mais fácil a conquista das tribos indígenas, de sensibilidade mais sugestionável às promessas de um céu materialmente cómodo, onde há sombras frescas, águas cantantes, faustosa indumentária, pedras preciosas, mulheres e perfumes — segundo o descrevem o Alcorão e a tradição árabe.

A imaginação florida dos desertos parece casar-se bem com a indolência sonhadora do africano. E assim, o preto enfia o cofió na carapinha, adopta trajes muçulmanos, decora os versículos do Alcorão, acode à voz do *muezzin*, frequenta a mesquita, jejua na época do Ramadhan e solidariza-se, na vida social, com o muçulmano da Índia que o converteu à sua seita.

Ao lado do protestante, que monta as suas tendas ao longo do território colonial português, os mouros são como o joio que infesta a seara missionária, um obstáculo para o progresso das missões católicas, dificultando a evangelização dos povos indígenas de Moçambique.

Para não alongar, diremos em resumo: os missionários católicos que têm, naturalmente, interesse em alargar o círculo da comunidade cristã, encontram nos maometanos uma preocupação constante — um mundo de infiéis a converter... ou a dominar, a custo de um apostolado intenso entre os indígenas.

III — O indo-português, cristão, colaborador do missionário.

Mas nem todos os que vêm da Índia para Moçambique são gente pagã. O território de Goa é um minúsculo ponto geográfico perdido na vastidão incomensurável do Industão, mas contém um núcleo cristão importantíssimo e de grandes tradições. A capital indo-portuguesa se chamou antigamente a «Roma do Oriente», por causa dos seus numerosos templos e colégios católicos, e também porque a sua população soube manter-se orgulhosamente fiel à doutrina pregada por

S. Francisco Xavier, o infatigável Apóstolo das Índias Orientais, tão venerado hoje pelos católicos goenses e até por hindus e mouros.

Depois de evangelizados por franciscanos e jesuítas, os numerosos emigrantes da Índia Portuguesa eram outros tantos cristãos que continuavam a praticar a sua fé, agora em terras longínquas da Ásia e África. Mais do que isso: os indianos tornaram-se por sua vez evangelizadores de povos, colaborando nas fileiras activas da legião missionária. A propósito do clero nativo de Goa, escreveu o ilustre missionário e missionológico P.e Joaquim Alves Correia: «Temos de pé uma verdadeira maravilha do nosso apostolado: o seminário de Rachol (sucedâneo do famoso Colégio de Santa Fé, da era de 1542), de onde saíram gerações de pastores católicos, e que povoou o Patriarcado goense e os dois bispados portugueses da Índia de clero indiano que ainda hoje é constituído por falanges de centenas.»

Alguns sacerdotes indianos, seguindo uma tradição já longa, trabalham actualmente nas Missões de Moçambique; e os goenses, ligados sentimental e espiritualmente à Índia-mãe, mantêm-se leais aos princípios religiosos em que foram educados, vestem-se como os cristãos do Ocidente, seguem seus usos e costumes (sem esquecer todavia as suas tradições familiares e regionais) e, exercendo as mais variadas profissões, desde o alto funcionalismo público até os mais humildes mesteres, têm sabido conservar e transmitir aos seus filhos a doutrina legada pelos seus antepassados.

Graças a estes factos, o indo-português torna-se um colaborador útil do missionário, nos variados campos da sua actuação. Os velhos missionários que mourejam em terras de África sabem que a comunidade goense é bem conceituada perante todos aqueles que prezam o progresso das missões católicas no ultramar português.

Por consequência: quanto aos grupos de indianos, cristãos e não-cristãos, que povoam Moçambique, compete ao missionário — a uns, procurar trazê-los ao redil de Cristo; e a outros, estimulá-los na defesa e propaganda da fé católica, em terras de infiéis.

Ricardo Fernandes

Vista Geral da Missão de Munhuana

O MEU TESOIRO

Na vida nada tenho e nada sou;
Ando a mendigar pelas estradas...
.....
.....
O meu manto de sol... quem mo roubou?...

Florbela Espanca

Senhor!
Vieste um dia — eu sei — do Céu à Terra
Tornar-Te num Mendigo
Por amor!

A Tua mão — a Tua mão divina,
Que entornou, pelos céus, a claridade
E fez brilhar a estrela matutina —
Estendeu-se à Humanidade
A esmolar o descanso de um abrigo,
A pedir pão,
A suplicar a água de uma fonte!...

Às vezes, bem cansada, a Tua fronte
Não tinha um peito amigo
P'ra repoisar!

Foi há mil anos? Mais... Foi há dois mil!...
E... nunca mais deixaste de esmolar!

Vi-Te, um dia, também, passar por mim
Olhando-me nos olhos, longamente...
E a Tua mão — a mão omnipotente,
A Tua mão divina, que consola
E muda o choro em cantos de alegria —
Ergueu-se docemente
A suplicar a graça de uma esmola!...

Senhor! E... eu nada tinha de valia!
Mais pobre do que Job, mais desgraçado
Que um leproso sangrento, abandonado,
Na tortura sem nome da agonia,

Não sabia que dar-Te... não sabia...
E olhava o Teu olhar transfigurado,
O Teu rosto sereno, contristado,
E a Tua mão divina, que pedia...

Fui então ao meu Reino das Quimeras
E trouxe, p'ra Te dar, em mil galeras,
Estrelas... sóis... tesoiros irreais...

Tu sorriste, Senhor, achaste pouco...
E eu percebi...
— Meu Deus, como era louco!...
Tão pòbrezinho! e... valho muito mais!...

Lx. Agosto de 1948

Felisberto Pontes

Missão de Santa Ana de Munhuana

Lourenço Marques

A Missão de Santa Ana da Munhuana está situada no posto civil da Munhuana, no bairro indígena mais populoso da cidade de Lourenço Marques.

Foi fundada, nos começos deste século, quando a capital da vasta colónia de Moçambique, sempre progressiva, começava a alargar os seus limites, pelo aumento constante da população.

A primeira pedra da igreja desta missão foi benzida e colocada solenemente no ano de 1907 por D. Francisco Ferreira da Silva, na ocasião da visita a esta colónia do malogrado e saudoso príncipe D. Luís Filipe.

A partir desta data, as obras prosseguiram com certo ritmo e entusiasmo.

Em 1922, D. Rafael da Assunção substituiu no governo da Prelazia D. Francisco da Silva que por motivos de saúde embarcara para a Metrópole onde veio a falecer.

O novo Prelado, que já tinha uma longa experiência das coisas de África, pois viera para Moçambique em 1898 com a primeira leva de missionários franciscanos após a derrocada de 34, entendeu, e com justiça, dever prestar o maior auxílio à esperançosa missão da Munhuana, por onde Lourenço Marques se desenvolvia extraordinàriamente. E, a breve trecho, se operou ali grande transformação.

O próprio Prelado franciscano a descreve numa entrevista concedida, em 1937, ao director do Boletim Mensal das Missões Franciscanas, à data o R. P. Luís de Sousa, nos seguintes termos:

«Na Missão de Santa Ana, do bairro da Munhuana, a transformação foi ainda muito mais importante. No terreno desta missão construiu-se um grande edifício para educação das raparigas sem nenhuma distinção, nem de cor nem de categorias sociais.

Este edifício, em ângulo, tem primeiro andar de cimento armado e mede 50 metros de

COISAS DE ÁFRICA...

Peripécias duma longa viagem

(Continuação)

Paguei o automóvel, parecendo-me que fiquei comido no preço exigido pelo motorista. Sem fazer juízos temerários, seria muito honrado, mas tinha um rosto de gaiato(?)... Aquela meia libra que ele me papou por cinco minutos de percurso, ficou-me trancada na garganta!... Quem quer não se mete em luxos e anda a pé, comentava para os meus botões, enquanto contava em prata os dez *shillings*. Ele, com a boca cheia de favas, fez-me muitas preguntas e propôs-me muitos passeios: pelo menos assim o entendi, pescando aqui e além palavras ao acaso. Mas eu fui-lhe acenando com a cabeça a dizer: Não senhor, e apontei-lhe com a mão direita a rua por onde tinha vindo, a fim dele se pôr ao fresco e deixar-me em paz.

O tratante percebeu que eu da sua língua não entendia patavina. Sorriu-se, inclinou a cabeça, agradeceu com um sonoro *thank you* — saltou para dentro do carro e lá vai ele...

— Vai com Deus, amigo de Peniche, que hoje já ganhaste para o almoço, mas eu abrirei os olhos para não tornar a cair na armadilha.

O pior era aquela língua de trapos, que cada vez me metia mais confusão, não havendo maneira de endireitar uma frase inteira.

Subi intemerato a escadaria que dava para o 1.º andar duma grande casa, onde estavam instaladas as repartições da Curadoria dos Negócios Indígenas, entregando logo a um contínuo a carta de recomendação, trazida de L. Marques, a quem pedi urgência na entrega ao Sr. Director. O contínuo era um rapaz simpático, de olhar franco, muito delicado nas palavras, prometendo-me fazer chegar a carta num relâmpago às mãos do Director. O rapaz foi-se embora e passados poucos minutos regressava sorridente e disse-me muito respeitoso: V. Rev.ª faz favor de me acompanhar para lhe indicar o gabinete de Sua Ex.ª. Ele quer recebê-lo

face por 9 e meio de fundo, incluindo as varandas. Tem amplas caves. Foi inaugurado em Fevereiro de 1929. Esta Casa de Educação foi confiada às Irmãs Missionárias de Maria, e o seu movimento escolar é superior a qualquer outra escola missionária da Prelazia.

A escola infantil foi uma novidade em Lourenço Marques e considerada um mimo de perfeição.

No mesmo edifício — acrescenta ainda Sua Ex.ª Rev.ma — funciona um dispensário indígena, que diàriamente é procurado. Basta dizer que no último ano, de 1936, os doentes tratados foram 12.234, aos quais se fizeram 75.785 curativos: mais de 200 curativos por dia. E as consultas médicas semanais foram 1.069».

Em 1932, ainda a crise de missionários em Moçambique, como aliás em todas as nossas colónias era, de facto, bem notória e assaz lamentável. Eram muito poucos os obreiros evangélicos, e desses poucos bastantes havia que careciam de repouso e tratamento.

Por sua vez, os Colégios de formação, reconhecidos e auxiliados pelo governo da Metrópole, ao abrigo do Estatuto Missionário, não podiam fornecer grandes contingentes, por motivos vários que não interessam agora.

Lourenço Marques, a capital mais populosa de todas as nossas Colónias, tinha, nessa data, dois padres apenas para o serviço religioso: o rev. pároco da pequena igreja de Nossa Senhora da Conceição que servia de catedral, e o rev. secretário da Prelazia.

A missão da Munhuana esteve muitos meses sem superior. O rev. P. Francisco Fernandes, padre secular que desempenhava esse cargo, ausentara-se para Portugal em gozo de licença graciosa, e aí falecera inesperadamente. Do trabalho religioso e escolar dessa missão se ocuparam directamente, por muito tempo, o Ex.mo Prelado, D. Rafael de Assunção e seu secretário.

Mas isto, é claro, não podia continuar assim.

E foi movido por circunstâncias tais que o Sr. D. Rafael se viu obrigado a solicitar dos Padres Franciscanos um dos seus missionários, que veio tomar conta desta missão no dia 15 de Dezembro de 1932.

Os missionários franciscanos presidiram aos destinos desta Missão, rigorosamente falando, durante cinco anos, isto é, de 1932-1937, pois fizeram entrega da mesma, aos seus antigos possuidores, em Janeiro de 1938.

São estes 5 anos que particularmente evo-

---

já porque tem de sair daqui a momentos e não se pode demorar muito com a entrevista.

Chegámos à porta do gabinete que estava entreaberta e eu, com a ousadia africana, pespeguei-lhe um: V. Ex.ª dá licença — e avancei marcialmente como um alferes miliciano. Tirei a carteira do bolso para lhe mostrar a minha papelada de identificação, mas Sua Ex.ª todo atencioso, delicado e mesureiro, mandou-me guardar os papéis no casaco sem botões, obrigou-me a sentar e disse logo de entrada, que a nossa entrevista tinha de ser muito breve porque negócios da Curadoria o obrigavam a estar daí a minutos com o *Comité* das Minas do Rand, a fim de resolver alguns casos respeitantes a indígenas de Moçambique. Concedia licença para o Sr. Vasconcelos me mostrar a cidade, conforme lhe era pedido na carta do seu amigo de L. Marques, porém só naquela tarde, porque havia muito a fazer na Repartição e não queria queixas de ninguém lá dentro. Tocou a campaínha e apareceu logo o mesmo contínuo sorridente, indo perfilar-se diante do seu Director à espera de ordens.

— Chame já aqui o Sr. Vasconcelos e diga-lhe que não se demore, pois tenho muita pressa.

O rapaz rodou nos calcanhares e passados momentos, apareceu um homem trigueiro, atarracado, gordo, que muito atencioso perguntou: V. Ex.ª que ordena?... Ele apresentou-lhe um bilhete, vindo dentro do mesmo envelope que eu mandara entregar. Leu-o ràpidamente e respondeu:

— Com todo o gosto, Sr. Director. Eu irei mostrar a cidade a este Sr. Reverendo no meu automóvel e tudo ficará visto esta tarde.

— Ainda bem, porque preciso do Sr. Vasconcelos amanhã na Repartição, sem falta nenhuma. Entendam-se um com o outro e adeus.

Apertou-me a mão, eu agradeci com o vulgar: Muito obrigado a V. Ex.ª e saí em acelerado pelo corredor fora, batendo fortemente com os tacões dos sapatos.

O tal Sr. Vasconcelos, mandou-me esperar um pouco à porta, enquanto ele arrumava nas gavetas da escrevaninha a sua papelada, de maior responsabilidade.

Lá estava o mesmo contínuo com o sorriso

camos ao celebrarmos agora os cinquenta anos das nossas actividades missionárias em Moçambique.

Desde já podemos afirmar, em abono da verdade, que foram cinco anos de consoladoras actividades e progressos, como em geral, têm sido os progressos de todas ou quase todas as missões de Moçambique.

A 16 de Fevereiro de 1933, abriram-se os alicerces para um edifício, que era de absoluta necessidade: uma escola para rapazes com residência missionária anexa.

O edifício mede de frente 22 metros e tem de fundo, do lado da escola, 25 metros, com uma largura de 11 metros e meio, incluindo as varandas. A escola compõe-se de três salas espaçosas. Foi inaugurada, solenemente, a 11 de Fevereiro de 1934, sob a presidência do Ex.mo Sr. D. Rafael e do Sr. Governador Geral da Colónia, general José Cabral, e a assistência dos chefes das repartições da cidade e muito povo.

A vedação do terreno da Missão é feita de alvenaria, numa extensão de 460 metros com mais de 2 metros de altura. A sala da velha escola foi reparada e convertida em sala de costura e ensino.

Convém notar que esta Missão nunca teve residência missionária, servindo, para este efeito, duas pequenas divisões, ao fundo da antiga escola.

No dia 1 de Fevereiro de 1933, abriam-se de novo as escolas da Missão com grande actividade, mas o missionário, a braços com todo o trabalho da Missão, tinha apenas para o ajudar no árduo trabalho das duas escolas, diurna e nocturna, com uma frequência média de 393 alunos, dois rapazes mestiços, com o segundo grau, um de 16 anos de idade e outro de 18.

Só quem alguma vez se viu, numa escola de tanta frequência de alunos, pretos, mestiços, brancos, monhés, etc. é que pode fazer ideia de quanto eles custam a aturar.

A escola nocturna, era frequentada pelos «muleques» (criados africanos) adultos, que trabalhavam durante o dia, e frequentavam a escola, geralmente, das 8 horas às 10 da noite.

A fim de preparar os cristãos para a Primeira Comunhão Solene, e os catecúmenos para o Santo Baptismo, determinou-se dar aulas diárias de Catecismo, ideia recebida com muita alegria e satisfação, sobretudo pelos alunos adultos da escola nocturna, já mais conscientes de si e alimentando santos desejos de serem cristãos.

Era realmente consolador observar a boa

---

nos lábios, que já tinha mexido com a minha curiosidade logo na entrada.

O tempo era pouco, por isso queria saber em meia dúzia de frases donde tinha vindo tão novo parar à África do Sul. E sem mais preâmbulos, atirei-lhe uma bala certeira, embora atrevida:

— Diga-me cá, o meu amigo já foi seminarista não foi? Essa cara ingénua de *bébé*, esses modos tão atenciosos para com um padre, tudo em si denota um antigo aluno do Seminário.

— É singular, respondeu, V. Rev.ª tem uma visão especial, porque adivinhou! Ainda não há nove meses, eu estava no Seminário do Funchal onde já tinha feito os preparatórios.

— E então, porque saiu de lá? Não tinha vocação, ou fez alguma tratantada?

— Coisas de rapazes, Sr. Padre; ou melhor, um amigo que abusou da minha ingenuidade e como um demónio me perverteu a alma!...

Os olhos do rapaz embaciaram-se de lágrimas. Eu procurei desviar-lhe a atenção do passado doloroso e perguntei-lhe pela idade:

— Tenho desanove anos incompletos, respondeu com a fronte inclinada sobre o peito.

— Bem, meu caro amigo, agora seja bom cristão nestas terras de África, onde tanto custa a conservar a virtude, sobretudo a castidade. Lute contìnuamente para vencer... Com quem vive nesta cidade?

— Com meu pai, minha mãe e irmãos. Meu pai também é amanuense aqui na Curadoria...

O Sr. Vasconcelos apareceu apressado. Dei um *half-Crown* de gorgeta ao simpático ilheu, levando dentro da alma uma profunda mágoa, porque ele ao agradecer sorriu-se tristemente e tornei-lhe a ver os olhos embaciados de lágrimas!...

Já na rua impus condições ao meu cicerone; não queria de maneira nenhuma dar-lhe a suspeita de que eu desejava viajar de graça.

— Ora, meu amigo, disse eu: Sou do norte de Portugal e há por aquelas terrinhas lindas um ditado muito vulgar, quando alguém se mete de súcia em qualquer patuscada. O chefe da dança diz no fim: Amigos, acabou-se a festa, agora contas do Porto e bem direitinhas. Eu também quero seguir

vontade com que eles estudavam o Catecismo em português e landim, sua língua natal, para assim mais fàcilmente poderem compreender a doutrina cristã. Para melhor auxiliar os catecúmenos nos seus santos desejos, encarregou-se uma das Irmãs Missionárias, que sabia bem a língua indígena, de lhes dar, aos domingos, em particular, uma lição de catequese.

Ao passo que se iam instruindo, administrava-se-lhes o Santo Baptismo e a Primeira Comunhão Solene. Daí por diante, aqueles cujos trabalhos de casa lhes permitiam, nunca faltavam à Santa Missa e Confissão e Comunhão dominicais. Mas os que não podiam, impedidos por justo motivo, não faltavam, pelo menos à oração da tarde. E nunca se esqueciam de cumprimentar, no fim, o Missionário que os tinha preparado e lhes administrara os primeiros sacramentos. Como eram, em geral, de longe da cidade, e estavam ali só alguns meses de serviço, ao regressarem a suas terras, iam muitas vezes fazer santo apostolado entre os seus amigos e parentes.

Os cristãos da Munhuana mantinham uma vida de piedade edificante, e para mais os unir e aperfeiçoar, reconheceu-se nas associações religiosas, um meio adequado. Por isso, procurou-se, em primeiro lugar, fazer assìduamente as reuniões dos membros do Apostolado da Oração, instituído nesta missão pelo antigo e zeloso superior, R. P. João Pinheiro, ainda hoje vivo na Metrópole.

Existindo na cidade de Lourenço Marques alguns antigos Irmãos Terceiros, que sob a égide do Pobrezinho de Assis mais fàcilmente desejavam conseguir a perfeição cristã, houve-se por bem fundar na Munhuana a Ordem Terceira da Penitência, escolhendo-se o dia 21 de Maio de 1933 para a primeira reunião e para novas admissões ao hábito que foram em número de 14.

Aproveitando a boa vontade dum grupo de rapazes europeus e assimilados, fundou-se também na Missão um grupo de escutas, a 7 de Julho do mesmo ano, procurando-se logo a sua filiação na sede central de Braga. O Missionário auxiliou-os mesmo materialmente, servindo-se daquela instituição para chamar a juventude da cidade, tão afastada do cumprimento dos deveres cristãos.

As Irmãs Missionárias de Maria instituíram depois, entre as suas educandas, as Guias de Portugal, as quais, dirigidas superiormente pelas Irmãs, com o carinho e dedicação que elas sabem consagrar a todas as suas obras, deram bem melhores resultados do que entre os rapazes.

à risca o mesmo ditado. Já é um grande favor andar de graça no seu automóvel, permitirá, porém que eu pague a gasolina gasta em todas as andanças desta tarde.

— Não fica assim o contrato; é melhor desta maneira: O Reverendo não se importa nem com a gasolina, nem com óleos. Isso é cá por minha conta. Viaja de graça, porém, paga-me os *drinks* que eu beber esta tarde e logo um jantarzinho num bom restaurante!

— Pronto, meu caro amigo, respondi radiante, julgando que tinha feito um negócio da China.

O automóvel pôs-se a roncar, atravessámos algumas ruas largas da cidade e, passados poucos minutos, entrámos numa grande avenida para seguirmos o caminho duma mina, que eu queria visitar.

Num bairro excêntrico, o automóvel parou repentinamente, com espanto meu.

— Que há, meu amigo? — por aí algum furo nos pneus?

— Nada disso, Reverendo; venho com uma sede dos demónios e está ali um *bar* meu conhecido.

— Então quer molhar a garganta, antes de subir a montanha, não é verdade?

— Claro, porque lá em cima não há nenhum bar e eu tenho a garganta seca de todo.

Saltámos do carro e entrámos na baiúca que era servida por uma *barmaid*, muito descarada, lábios pintados e cheia de desenvoltura.

— Que deseja, Reverendo, pela certa também tem as guelas a arder?

— Nem por isso; mas para o acompanhar, vamos lá a uma limonada e o meu amigo tome o que quiser.

— Pois eu, meu Reverendo, vou beber um *whisky* reforçado. Esta bebida estupenda afugenta as febres, mata os microbios, refresca a garganta e dá vida aos nossos músculos nestas terras de África.

— Pois que lhe preste e faça os milagres anunciados. Contudo vá bebendo isso depressinha, senão

(Continua)

P.e Alberto T. de Carvalho

Nos dias feriados, o Missionário ainda visitava, de vez em quando, as Missões mais próximas, que estavam sem superior, como a Catembe e a Manhiça, celebrando aí a Santa Missa e administrando os Sacramentos.

Em Janeiro de 1934 veio tomar conta desta missão o rev. P. José Miguel Vieira, também franciscano, cuja acção missionária foi deveras notável. Mas em Junho de 1935, por motivos imperiosos de saúde, veio à Metrópole, sendo substituído pelo R. P. José Alves da Silva que aí trabalhou com grande abnegação até à data da entrega da missão à Prelazia, em Janeiro de 1938.

No tempo destes dois últimos superiores fundou-se na missão o *Pão de Santo António* que distribuía em média por mês 400 pães aos pobres, e a *Conferência de S. Vicente de Paulo* que, além do bem espiritual, socorria mensalmente 29 pobres indígenas e 4 europeus, à razão de 80$00 por cada um.

Nota-se, à primeira vista, o enorme progresso nos 5 anos em que ali trabalharam os Missionários Franciscanos Portugueses. O movimento escolar refere-se só às duas escolas da Casa de Educação, a cargo das Franciscanas Missionárias de Maria. Também falta o movimento da ambulância, sob a direcção das mesmas religiosas.

Missão de Santa Ana da Munhuana

Movimento religioso e escolar de 1932 a 1937

Anos	Baptismos	Confissões	Comunhões	Confirmações	Matrimónios	Ex. Unções	Alunos matriculados	Exames de 2.º grau	Exames elementares	Exames rudimentares
1932	165	4.844	9.688	92	10	5	1.152	1		51
1933	241	5.219	13.186	116	18	20	1.736	8	17	93
1934	189	7.439	17.838	79	14	9	1.375	?	?	?
1935	213	9.806	22.947	124	13	15	1.658	?	3	15
1936	331	10.422	29.573	121	31	10	1.339	?	8	46
1937	354	10.594	27.887	99	22	13	1.456	?	23	99

Estas Irmãs chegaram à missão da Munhuana em 1929, e têm desempenhado grande papel na educação do elemento indígena feminino. São credoras da nossa maior admiração e mereciam, certamente, homenagem condigna.

*

Ao tomar parte na comemoração dos cinquenta anos de actividades missionárias dos Franciscanos em Moçambique, recordando factos, lugares e personagens que connosco, antes e depois de nós, ali trabalharam e já foram chamados pelo Senhor da messe a gozar a recompensa dos seus trabalhos, canseiras e suores, como os dois últimos superiores da Missão da Munhuana, não podemos ocultar a nossa saudade e comoção, unindo as nossas preces às de todos os amigos dos obreiros da divina messe, suplicando ao Senhor, que dê a todos aqueles que trabalham pela glória de Deus e bem das almas, a sua eterna recompensa.

J. R.

Missões Franciscanas no Território da Companhia de Moçambique

1898-1948

SÃO já 50 anos de actividade missionária, desenvolvida pelos Missionários Franciscanos na colónia de Moçambique.

A 3 de Junho de 1898 partiu de Lisboa com destino à Beira, o primeiro grupo de Missionários, composto por 3 Sacerdotes e 3 Irmãos portadores de semente divina, a desentranhar-se, anos fora, em frutos copiosos de bênçãos.

A Província Franciscana de Portugal começava então a surgir dos escombros causados pela tempestade de 1833. Eram bem poucos os Religiosos que desde 1860, vencendo heròicamente dificuldades sem conta, recolhidos, escondidos no cenóbio de Varatojo, tentavam reacender em Portugal o fogo que um dia, desde Santa Maria dos Anjos, iluminou em fulgores divinos toda a superfície da terra. E a tentativa ultrapassou todas as esperanças.

Uma ânsia consumia aquelas almas grandes: reatar o fio da tradição gloriosa do franciscanismo em Portugal. Restaurava-se Varatojo, desde Fr. António das Chagas o Seminário das Missões. O ideal missionário empolgava aquelas almas de elite, que no seu viver simples, humilde e austero, para outra coisa não queriam a vida senão para oblata viva nas aras do apostolado. E assim, o convite feito aos franciscanos para ir reatar o fio de suas tradições missionárias no ultramar, ressoou pelos claustros como toque de clarim a despertar para vida mais alta, em madrugada de certezas.

Não faltaram ofercecimentos para a partida, nem dedicações entusiastas. Partiram os primeiros a 3 de Junho de 1898, e desde então, no meio de dificuldades de toda a espécie, entre as quais duas exclaustrações, nunca mais quebrou a corrente missionária, em levas sucessivas para terras moçambicanas. A Província Franciscana de Portugal tinha nas missões as pupilas de seus olhos. 70 Sacerdotes e 40 Irmãos às Missões de Moçambique deram o melhor de seus esforços e de seu carinho, pagando alguns com a vida o seu alto «atrevimento».

Hoje, passados 50 anos, têm os Franciscanos 18 Missões, rodeadas de centenas de escolas: 9 na arquidiocese de Lourenço Marques e 9 na diocese da Beira. E a semente de toda esta grande colheita foi lançada na então nascente cidade da Beira pelos

Moçambique — Ruínas da gloriosa fortaleza de Sofala

6 Franciscanos que nela desembarcaram a 17 de Julho de 1898.

Paralelamente com as Missões de Manica e Sofala, desenvolveram-se igualmente as Missões Franciscanas no distrito de Inhambane, iniciadas em 1904, com a Missão de S. José do Mongué. Mas o fim principal destas linhas é dar uns traços gerais acerca da acção da Missão da Beira, dentro dos Territórios da C. M.

Não é exagero afirmar que ela preparou o terreno a todas as Missões hoje existentes entre o Rio Zambeze e o paralelo 22°, quer fornecendo pessoal, quer formando a vasta rede de escolas,

semeadas pelo mato, a centenas de quilómetros da sede, que seriam mais tarde (como hoje o são) novos centros missionários. A Beira pode gloriar-se em Deus, de ter acendido o facho da luz cristã em todo o vasto sertão «negro» sob a administração da C. M.

Os primeiros anos da Missão da Beira foram difíceis. Apesar disso, em 1907 foi inaugurado o edifício da Escola de Artes e Ofícios, que ainda hoje é um dos melhores da cidade. A igreja, hoje a Catedral, foi iniciada em 1900. Mais não se podia fazer até 1910. Vieram tempos difíceis e perturbados... Acalmados os ânimos após a tempestade política, não se denotam desânimos. O Superior desta Missão é nomeado Prelado da Colónia. A igreja cresce e inaugura-se, novos edifícios da Missão são planeados e construídos, as oficinas da Escola de Artes e Ofícios são devidamente montadas e apetrechadas com a maquinaria necessária e moderna. E no meio de toda esta actividade, não esquece a Missão da Beira os milhares de indígenas espalhados pelo mato. Também para eles a Missão foi feita. As escolas indígenas missionárias surgem em todos os pontos do território. A ideia missionária e cristã está em marcha vitoriosa.

Um resumo da expansão da Missão da Beira: Em 1918 é aberta a Sucursal de Amatongas, que por 1929 se torna Missão independente. Amatongas, por sua vez, em 1930 dá origem à Paróquia e Missão de Vila Pery. Em 1947 numa de suas escolas se instala a Missão da Gorongosa. Em 1924 a Missão da Beira reabre a Paróquia e Missão de Macequece, que dentro de poucos anos, com a sua rede de escolas, mobiliza a alma da população fronteiriça em amor de Deus e de Portugal. Em 1937 a Missão de Macequece desmembra-se com a fundação da nova Missão do Mossurize, e em 1948 vê surgir mais uma nova Missão no seu território e numa das suas escolas: a do Báruè.

Em 1929 fornece a Missão da Beira pessoal para a Missão da Chupanga, que então começou a tomar maior incremento, com escolas a centenas de quilómetros, com a remodelação total dos edifícios da Missão. Desmembrou-se esta Missão em 1947 com a nova Missão de Sena para a qual passaram 10 de suas escolas, e em 1948 ainda com a nova Missão da Chemba, também instalada numa das suas escolas.

E a Missão da Beira? — A Barada, que de areal e matagal, a Beira transformou num oásis, com as suas 10 escolas, ficou Missão independente em 1946. No alto Búzi, com o núcleo de escolas ali postas a funcionar pela Missão da Beira, foi fundada a Missão de Chibabava em 1946. Na Machanga, com as escolas da Missão da Beira, foi fundada a Missão de Santa Teresinha em 1944. Em Mambone, ao sul do rio Save, hoje da jurisdição da arquidiocese de Lourenço Marques, com as escolas que a Missão da Beira ali sustentava, fundou-se a Missão do Sagrado Coração de Jesus, em 1946. E ainda nos arrabeldes da Beira, se fundou a Missão de S. Benedito da Manga, a que ficou pertencendo a primeira escola que a Beira construiu fora da cidade.

Hoje, a Missão da Beira encontra-se limitada à cidade e subúrbios. Fora da cidade, tem apenas 3 escolas indígenas, sem contar com o internato feminino na Manga-Loforte, obra das Franciscanas Missionárias de Maria. Na cidade, sustenta a Missão o internato masculino Escola de Artes e Ofícios, com 100 alunos, a escola diurna com 200 alunos, e a escola nocturna «Padre Rafael» com a média diária de 150 presenças, destinada aos serviçais da cidade.

Em conclusão: após 50 anos de trabalhos, a Missão da Beira tem motivos para exultar e levantar a sua voz em cânticos de «Te Deum laudamus!» Sem contar com o desenvolvimento das Missões de Inhambane, gigantesca foi a sua obra. A sombra de S. Francisco de Assis, projectou-se, desfeita em bênçãos, sobre os territórios que há 50 anos lhe foram confiados. Há consciência, perante os resultados obtidos, de se haver trabalhado para honra de Deus, bem das almas e glória de Portugal.

Ainda: neste meio século de actividade missionária em Moçambique, os Franciscanos construíram a catedral da Beira, e foi um bispo franciscano que lançou a primeira pedra da catedral de Lourenço Marques, e outro franciscano que lançou a primeira pedra para a catedral de Nampula.

Desenvolvimento da Missão da Beira — 1898-1848

BEIRA
- Amatongas
  - Vila Pery (Franciscanos)
  - (Franciscanos)
  - Gorongosa (PP. Brancos)
- Macequece
  - Mossurize (Franciscanos)
  - (Franciscanos)
  - Báruè (PP. Brancos)
- Chupanga
  - Sena (PP. Brancos)
  - (Franciscanos)
  - Chemba (PP. Brancos)

Barada (Franciscanos)
Machanga (S.ta Teresinha) (Franciscanos)
Chibabava (Franciscanos)
Mambone (PP. da Consolata)
S. Benedicto da Manga (Seculares)

Em 50 anos fundou a Missão da Beira ou preparou a fundação de 14 Missões centrais, que, com sua rede de escolas, muitas delas abertas pela mesma Missão, constituem uma força considerável de cristianização e de civilização portuguesa.

Paróquia-Missão de S. João Baptista da Vila de João Belo

Em 4 de Fevereiro do corrente ano, uma Provisão de Sua Eminência, o Senhor Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, criou a Paróquia-Missão de S. João Baptista da Vila de João Belo, capital do distrito de Gaza. Pela criação da nova Missão ficou a antiga Missão de N.ª S.ª de Lourdes de Chongoene restringida à área do Posto Administrativo do Chongoene. À Missão de S. João Baptista, que é ao mesmo tempo Paróquia, foi concedida a área jurisdicional correspondente à do concelho de Gaza, com sede em Vila de João Belo.

É a mais nova das Missões Franciscanas de Moçambique, sob o ponto de vista jurídico, claro está, porquanto sob o aspecto de missionização pode-se dizer das mais antigas, visto fazer parte, até há pouco tempo, da Missão do Chongoene. Devido a isto, a tarefa inicial da Missão simplificou-se imenso, bastando-lhe consolidar e fomentar a obra missionária já em curso e bem lançada. Possui 7 escolas rudimentares com 1.572 alunos dum e doutro sexo, dos quais 501 são cristãos; 5 catequeses bem frequentadas, onde além do ensino catequético é ministrado o ensino de português e aritmética; finalmente possui um elevado número de católicos indígenas, produto magnífico das escolas acima referidas. Com o decorrer dos tempos a rede escolar e catequética multiplicar-se-á até colher nas suas malhas a imensa população indígena do concelho de Gaza, que segundo o censo de 1940 é de 74.442 almas.

Situada um pouco ao sul do paralelo 25, dois graus fora dos trópicos, a Missão de S. João Baptista é a mais austral das Missões Franciscanas, servindo-lhe, por assim dizer de limite e de fulcro, num futuro próximo. Creio não ser exagero optimista afirmar que a esta Missão está reservado um futuro brilhante, mercê da sua óptima situação geográfica, demográfica e político-administrativa.

Quem não ande de todo arredado dos problemas moçambicanos não deve ignorar que o concelho de Gaza, màximamcnte a Vila de João Belo, tem imensas possibilidades de desenvolvimento na exploração metódica e científica do ubérrimo vale do Limpopo. Ncste vale formado de aluvião e húmus é possível fazer três colheitas anuais, o que levou o tenente-coronel Balfour a afirmar «que valia mais que as minas do Rand».

A população, muito densa, pertence à grande tribo dos Batongas, subdivisão da raça Banto, e tcm a denominação particular de Changane. Os changanas são pacíficos, dados à agricultura, que de dia para dia se vai desenvolvendo entre elcs. Aceitam fàcilmente a religião cristã e os protestantes têm feito entre eles um elevado número de prosélitos. Os que seguem a religião católica, postos em paralelo com os indígenas católicos doutras tribos da Colónia, apresentam um nível sensìvelmente superior de moralidade e de fidelidade aos princípios religiosos.

Tendo sido elevada a capital de distrito em 1947, a Vila de João Belo viu acrescida a sua importância política e administrativa, tornando-se um dos principais centros colonizadores de Moçambique. Possui boas e numerosas comunicações: terrestres (estrada de 1.ª classe

e caminho de ferro), fluviais, marítimas e aéreas.

A população não indígena do concelho de Gaza, segundo o senso de 1945 é de 1.095 habitantes dos quais 385 europeus.

Havia a máxima conveniência em proporcionar a esta população uma intensa assistência religiosa e social, para obstar aos graves males da descristianização produzida pelo ambiente e vida coloniais, propícios ao alheamento de tudo o que seja espiritualidade.

Toda a população acolheu com viva alegria a notícia da criação da nova Paróquia-Missão, bem assim como a da nomeação do primeiro pároco de Vila de João Belo, em fins de Março. Aguarda presentemente o acabamento da sua linda Igreja, cujas obras começaram em 1942 e que por falta de verba se têm arrastado lentamente, com longas intermitências. Infelizmente o edifício encontra-se muito longe da sua conclusão e impõe-se a necessidade de recorrer à generosidade dos fiéis daqui e da Metrópole.

Lanço neste jornal o meu apelo aos católicos da Metrópole assim como já o fiz aos de Moçambique.

O meu rogo vai principalmente para os incansáveis benfeitores das Missões franciscanas. O auxílio tem de ser generoso, pois a obra a realizar é de vulto: devem ser necessários ainda 600 contos para a conclusão do projecto que seria doloroso não se executar em todos os seus pormenores artísticos.

O altar-mor deve ser em mármore e as janelas levarão vitrais. À vossa generosidade recomendo estes dois importantes elementos da futura igreja.

Esperamos confiadamente que o Senhor há-de mover os corações dos benfeitores das Missões a fim de que, num futuro não mui distante, Ele possua em terras de Gaza mais um templo, que seja padrão magnífico de fé católica e de colonização lusíada.

Paróquia-Missão de Vila de João Belo, 7 de Maio de 1948.

P. Armando de S. José Pacheco

Paróquia-Missão de S. João Baptista da Vila de João Belo

Frontespício da igreja

Residência paroquial

Missões e Missionários

Silva Tavares

Ao jeito de quem reza, na prostrada
Genuflexão das almas fervorosas,
Assim deve ser lida e meditada
A história das Missões religiosas.

E baixinho, senhores! Tão baixinho
E com tanto respeito p'la Verdade,
Que se assombrem as pedras do caminho
De haver quem as suplante na humildade!

Se em luta pela Pátria, o voluntário
Ou vence, ou, como herói, morre de pé
Não é menos herói o missionário,
Voluntário lutando pela Fé!

Um, soldado da Cruz; outro, da Espada,
Ambos formam o todo, forte e sério,
A que se deve a glória imaculada
Da posse e colonização do Império.

Mas o guerreiro vence e segue avante!
O missionário fica; foge às palmas
E, simples, gasta os dias, vigilante,
Curando os corpos e formando as almas!

É pai — olha por todos igualmente;
É mestre — a luz do espírito descerra;
É padre — dum selvagem faz um crente;
É homem — arroteia e lavra a terra!

E, baptisando, ministrando o estudo,
Levando ao rude a graça espiritual,
O missionário, para fazer tudo,
Também ensina a crer em Portugal.

Hoje, não é possivel separar
Da história das antigas caravelas,
Que um dia dominaram todo o mar
Levando a Cruz de Cristo em suas velas,

— A obra gigantesca das Missões
Que, nas longínquas terras conquistadas,
Souberam abrandar, nos corações,
Os ódios provocados p'las espadas.
.....
.....

NOVAS DE HOMOÍNE

ENTREVISTANDO O REV. P. JOAQUIM VIOLANTE

SOUBE, com satisfação, da chegada a Lisboa, em 28 de Maio p. p., do M. R. P. Joaquim de Sousa Violante — Comissário dos Franciscanos em Moçambique — e logo se me aguçou a curiosidade de o ouvir, de meter conversa, trocar impressões sobre a vida missionária em África. É que anda cá ideia teimosa a bailar-me na mente...

Não tinha o prazer de o conhecer mas tirava-o pelos traços fisionómicos. Basta dizer-se que é irmão do Rev. Dr. José Maria de Sousa Violante, Dig.mo Reitor e Prof. do Colégio de Montariol, Braga, e a cuja competência e bondade devem muitos missionários boa parte de sua formação intelectual e moral.

P. Joaquim Violante, na casa dos 50 e tal, fronte tisnada pelos ardores tropicais, está ainda pletórico de vida, jovem sobretudo pelo espírito, arejado, horizontes largos, alma dinâmica, de apóstolo — Superior da Missão de Homoíne desde 1931, e Comissário dos Franciscanos desde há meses.

Julgámos azado abordá-lo, tanto mais que estamos celebrando as *Bodas de oiro* do reatamento das Missões Franciscanas em Moçambique após 1834, e o sr. P. Violante conta, no seu activo, nada menos de 26 anos nas Missões. 26 anos a fio, seguidinhos...

— Então a saúde?

— Boa, como vê. Dei-me lá òptimamente. O clima também ajuda: temperado, suave, sem grande humidade — o que vale muito.

E logo a seguir:

— Não tivera eu ido para as Missões, talvez vegetasse por cá minado de doenças, coberto de achaques, enfezado, sem cor!...

Uma coisa:

— Há quanto tempo embarcou para Moçambique? Há muito?

— Embarquei precisamente a 2 de Junho de 1922. Lembro-me como se fosse hoje. Estava um dia lindo, manhã de poesia... Demorei-me uns meses na Beira e em Amatongas e já em 1923 mandavam-me para a missão de Homoíne, sita no distrito de Inhambane...

E com um leve sorriso à flor dos lábios, continuou:

— ... onde tenho estado até hoje.

26 anos de África! 1922-48. Por instantes entretive-me com este pensamento: 26 anos nas Missões, ao serviço da Igreja e de Portugal! Mais cresceu minha admiração pelos missionários, mais subiram no meu conceito. Bem haja! 26 anos de sacrifícios, sem dúvida, mas felizmente também de consolações e de realidades animadoras.

Certificando-me melhor:

— Entretanto V. Rev.cia nunca veio à Metrópole visitar os seus, matar saudades, eu sei lá!?

— Não, nunca. Compreende: o pessoal era pouco e por isso não tive coragem de abandonar a missão. Doía-me a alma se o fizesse. E até hoje. —

Já agora:

— Quanto a pessoal missionário, como vamos?

P. Violante sobraçava a última estatística referente a Homoíne. A eloquência dos números fala de per si. Desenrolei-a.

a) Pessoal missionária e auxiliar.		b) Movimento religioso		c) Movimento escolar		d) Obras de assistência ao indígeno
			km²			
Sacerdotes	3	Área da Missão	9.600	Escolas	33	
Irmãos auxiliares	2	População	99.338	Alunos matriculados	5 415	Internatos (masculino e feminino).
Irmãs religiosas	5	Católicos	7.702	Frequência regular	3.750	
Agregadas indígenas	4	Catecúmenos	2.845	Passagens de classe	773	Creche, Maternidade e Ambulância.
Professores	33	Famílias católicas	900	Exames rudimentares	38	
Mestres de oficina (carpintaria, serrelharia e de pedreiro)	3	Baptismos	880 em 1947	» elementares	9	
		Casamentos	174 »	» complementares	9	
Operários indígenas	1	Confissões	19.051 »			
		Comunhões	26.789 »			

Aqui deixo estes dados aos leitores, certo de que os apreciarão como merecem e por onde podem conseguir um apanhado geral do apostolado crescente, em Homoíne — e até mesmo para descansar e recrear a vista...

— E as Irmãs...?

— As I. Franciscanas Missionárias de Maria, desde 1925, são preciosas auxiliares sobretudo no atinente à educação das raparigas e sua formação para o matrimónio, para o dia de amanhã, como esposas e mães. Além disto, orientam e dirigem a Escola feminina, Internato, Creche, Maternidade, Ambulância, Catequese, Lavores, etc., onde teem desenvolvido muita actividade, honra lhes seja.

— E que diz do futuro da Missão: promete, não promete? O preto é dócil? E os protestantes como reagem: não hostilizam a nossa acção?

— Eu lhe conto: o futuro da missão de Homoíne é deveras prometedor e nossas melhores esperanças baseiam-se nas escolas, na sua multiplicação e, claro, na sua frequência. É preciso captar a juventude, tê-la nas mãos para a trabalharmos depois. Ora isto depende em muito da atitude das autoridades.

— Sim. E as relações com as autoridades administrativas?

— Aí é que está o problema, o *busilis*. Dum modo geral, podemos classificá-las de boas, graças a Deus. Em todo o caso uns favorecem e auxiliam mais que outros — o que se reflete e espelha imediatamente na frequência das escolas. E sem semearmos, não colhemos fruto, está bem de ver. É importante, importantíssimo mesmo o gesto ou atitude das autoridades, neste particular.

E sempre com igual convicção:

— O preto aceita o nosso apostolado, é dócil e permeável à nossa acção, à catequização, etc. Há que contar, no entanto, com certos empecilhos ou obstáculos, hoje quase removidos e debelados por meio das escolas sucursais — nossa arma pacífica de contra-ataque. Trata-se do seguinte: como saberá, os protestantes pontificavam por lá mais ou menos até 1923. Em 1926 passamos nós à contra-ofensiva levantando, aqui e além, escolas sucursais — método ideal para a cristianização e conquista dos indígenas. Que resultados surpreendentes! Hoje, eles, os protestantes existem ainda, é certo, mas são uma autêntica minoria.

E num gracioso àparte:

— Quase nos cabem na palma da mão! Os evangelistas estrangeiros contam alguns adeptos, mormente ingleses e americanos, e poucos, muito poucos europeus. Por vezes — e aqui é que eu queria chegar — os filhos dos antigos alunos dos protestantes são um tanto renitentes, infelizmente. É o coro-

lário da educação. Mas repito: estão reduzidos a uma escassa minoria. A nossa sementeira, devo acentuá-lo, germina e cresce consoladoramente: nós vemos multiplicarem-se as famílias cristãs e a frequência das escolas; e estes, sim, são os verdadeiros alicerces e índices do futuro cristão e católico da nossa Missão.

Outro assunto:

— Já sei que a cultura do arroz está lá muito próspera...

— É verdade. Para lhe dizer tudo, foi lá mesmo que começou a campanha orizícola em todo o distrito de Inhambane. Sentimo-nos orgulhosos com isso.

Descia a tarde, lentamente, ao longe. Levantamo-nos para desentorpecer as pernas, pusemo-nos a interrogar o tempo, mais calor menos calor, e eu disparei à queima-roupa a derradeira pergunta:

— Muitos planos e projectos em vista?

— Certamente. Nós nunca nos sentimos absolutamente satisfeitos. Pensamos, de momento, em completar a nossa imensa rede de escolas, sobretudo na Circunscrição de Panda. E a respeito de obras, tencionamos concluir o edifício de alvenaria para a «Maternidade», e edificar outro para a «Ambulância» que até agora tem funcionado em edifícios provisórios.

Só mais esta:

— Pensar em regressar ainda é cedo, evidentemente. Deve primeiro retemperar as forças...

Resposta rápida, incisiva:

— Lá para Novembro estarei de regresso a Homoíne, a missão das minhas saudades, e... para não mais cá voltar.

Despedimo-nos. Eu gozara um bom bocado em conversa interessante e amena, e o R. P. Comissário, por vezes animado, lume nos olhos, magia nas palavras, prendera-me a atenção, deleitara-me o espírito com estas novas de Homoíne. Com os 40° à sombra, este «cavaco» foi fresca viração, suave brisa que nos dispôs bem a ambos. Depois, recolhi-me em mim, a sós, preso à ideia: «para não mais cá voltar». Epopeias de sacrifícios..., poemas de apostolado..., semeadores da Verdade..., soldados da Pátria... Bravos, heróis, os Missionários!

D. da C.

A dilatação da Cristandade não significa a expansão imperialista da soberania da Europa cristã: — significa a comunicação da Revelação cristã, a comparticipação dos tesoiros da Graça de Cristo por maior número de homens e de povos e de nações: significa a transformação interior da humanidade e a sua purificação e elevação moral, o alargamento da consciência da dignidade humana, a iluminação do espírito pela luz das divinas verdades do Evangelho, a vocação a um ideal superior de vida.

Cardial Cerejeira

Missão de Mocodoene

SITUAÇÃO — HISTÓRIA

Residência de Mocodoene

O alto de Mocodoene fica situado a 35 km a NO. da vila de Inhambane, na costa oriental de África. As autoridades portuguesas, atendendo à benignidade do clima e ao pitoresco do local, aí construíram em tempos, alguns edifícios onde ficou instalado um Comando Militar — de entre muitos que se criaram na Colónia após as guerras do Gungunhana — que durou até o ano de 1908.

De Comando Militar passou a Administração Civil até 1923. Depois tornou-se Posto Administrativo. A seguir, o Estado estabeleceu ali uma escola laica que mais tarde fechou quando da extinção de todas as escolas do mesmo género. Até que finalmente se converteu em missão católica. E foi assim:

MISSÃO DE S MARIA DE MOCODOENE

O R. P. Joaquim de Sousa Violante, Superior da Missão Franciscana de Homoíne, a 25 km. ao sul de Mocodoene, ao saber daqueles belos edifícios quase completamente abandonados — apenas lá havia então um serviço de correios — lembrou-se de criar ali uma escola missionária que contrariasse a propaganda protestante, que por aquelas bandas campeava.

Num belo dia, dirige-se, com o R. P. António de Oliveira, a Inhambane a fim de tratar do assunto com o Sr. Júlio Augusto Pires, Intendente Geral do distrito de Inhambane.

Foram recebidos num ambiente de verdadeira cordialidade e simpatia.

Ouvida a exposição, o Sr. Julio Pires alvitrou o seguinte:

Em Mocodoene não devia criar-se apenas simples escola, mas sim missão perfeita e modelar, como tudo aliás o exigia e aconselhava: bom clima, grande centro de população e notória influência de estrangeiros protestantes.

Ele mesmo se encarregou de ventilar a questão junto do Sr. D. Rafael, ao tempo Prelado de Moçambique, o que fielmente cumpriu num excesso de gentileza, que nunca é por demais frisar. O Sr. D. Rafael, por sua vez, expôs o caso ao Governanor Geral, que deu

Igreja da Missão

enfim despacho para se fundar a missão, o qual veio publicado no Boletim Oficial da Colónia de Moçambique, n.º 10, de 11 de Março de 1936, nos seguintes termos:

«Para os devidos efeitos se publica que, por despacho de 4 do mês corrente foi, mediante autorização de Sua Ex.ª o Governador Geral dada em seu despacho de 3 deste mês, criada, nos termos do Art. 18.º, do Decreto n.º 12.485, de 13 de Outubro de 1926, a nova Missão de Santa Maria de Mocodoene, na circunscrição de Morrumbene, distrito de Inhambane, província do Sul do Save».

A Direcção das Missões Católicas Portuguesas recebeu do Governo, no dia 19 de Fevereiro de 1936, todos os edifícios que pertenciam à Administração.

E em 19 de Maio do mesmo ano foi solenemente inaugurada a nova missão de Santa Maria de Mocodoene.

Residência e Igreja Os missionários ocuparam a casa que havia pertencido ao antigo Chefe de Posto, em cujas varandas se ministraram as primeiras aulas aos indígenas.

Mas estiveram aí pouco tempo. Como um antigo administrador deixasse em meio um edifício que destinava a residência própria, os missionários acabaram-no e aí se instalaram definitivamente. Fica distante da primeira, cerca de 300 metros.

A casa do aspirante administrativo serviu de capela até 8 de Setembro de 1938. Nesta data, porém, inaugurou-se a pequena igreja (1) da missão, que era o edifício da primitiva residência dos missionários, perfeitamente adaptada ao culto religioso, pelo R. P. José Ribeiro de Magalhães, primeiro Superior de Mocodoene e actualmente Prefeito Apostólico da Guiné.

Todas estas construções se realizaram ràpidamente, por se tratar de um trabalho de mera adaptação.

A Igreja tem 18 metros de comprimento e 6 metros de largura. A capela-mor mede 4,m85 de comprimento e 6 de largura.

Na inauguração lavrou-se o seguinte auto: «Aos oito dias do mês de Setembro do ano de mil novecentos e trinta e oito, nesta povoação de Mocodoene, circunscrição civil de Morrumbene, distrito de Inhambane, sendo Prelado de Moçambique e Director das Missões Católicas Portuguesas o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Teodósio Clemente de Gouveia, Bispo Titular de Leuce, o Reverendo Superior da Missão de Santa Maria de Mocodoene Padre José Ribeiro de Magalhães, com a assistência nomeadamente dos Excelentíssimos Senhores Júlio Augusto Pires, Intendente do Distrito de Inhambane; António Vitorino da Fonseca Lebre, chefe do Posto Administrativo da Maxixe; Doutor José de Almeida Santos,

Altar da Igreja

(1) Noticias chegadas há pouco desta missão relatam que no dia 21 de Março do corrente ano, um violento tufão vindo do lado do nascente fez ir pelos ares o zinco da igreja, abalou as paredes, deslocou travessas, forros, etc., deixando-a num miserável estado de ruínas.

Médico da vila de Inhambane, procedeu solemente à bênção duma igreja situada na povoação de Mocodoene. Em seguida celebrou a primeira missa, à estação da qual o Reverendo Padre Augusto Rodrigues, Pároco da Vila de Inhambane fez uma breve alocução. E para de tudo constar mandou o Reverendo Superior da Missão lavrar este auto, que, depois de ser lido, vai ser assinado por eles, pelas pessoas presentes acima nomeadas e por mim Padre José do Nascimento Borges que o escrevi». Seguem as assinaturas.

Novo Superior da Missão Por despacho de 27 de Abril de 1939, foi nomeado para Superior desta Missão o Rev. P.e Manuel António Sambade, em virtude de o P.e José Ribeiro de Magalhães ter ido para a Metrópole em gozo de licença.

O novo Superior dedicou-se à fundação e construção de escolas rudimentares.

Em pouco tempo criou uma rede notável de escolas, e mediante o seu zelo e boas maneiras, soube conquistar a simpatia de todos os indígenas, que o estimavam como verdadeiro pai.

Em 1941 chegavam a esta Missão, as beneméritas Irmãs Hospitaleiras Portuguesas. Ficaram instaladas num edifício prèvianiente preparado para elas.

A sua vinda foi uma bênção do céu. Tomaram a seu cargo a educação e instrução do elemento feminino, o trabalho de enfermagem, etc., de sorte que hoje em dia a Missão de Mocodoene encontra-se em extraordinário progresso e desenvolvimento.

Escola do mato

Em Julho de 1944 o R. P. Manuel Sambade foi nomeado Capelão do Hospital Miguel Bombarda em Lourenço Marques. Ao partir para o novo destino, foi alvo de uma grande manifestação por parte dos indígenas, aos quais muito custou esta separação.

Substituiu-o no governo da Missão o então coadjutor R. P. José de Almeida Martins de Freitas, também franciscano, nomeado por provisão de S. Ex.a Rev.ma o Sr. D. Teodósio Gouveia, Cardeal de Lourenço Marques, datada de 5 de Setembro de 1944.

O R. P. Freitas continua o mesmo ritmo progressivo da missão, criando novas escolas, garantindo a todas a mais proficiente assistência, e vigiando pelo exacto cumprimento dos deveres religiosos de todos os cristãos.

É seu coadjutor o R. P. Virgílio Romero Vila, sacerdote de muita actividade, zelo e competência.

Por estes dados extraídos do relatório de 1947, se pode inferir um pouco dos santos entusiásmos que lavram no apostolado de Mocodoene:

Escolas, 19. Alunos, 3.684.

Baptismos, 454. Confissões, 8.440. Comunhões, 20.357. Matrimónios, 76.

Doentes tratados, 3.428. Curativos feitos, 85.532. Injecções, 750.

E no futuro será cada vez mais, cada vez melhor. Assim o esperamos em Deus.

P. José de Almeida Freitas

LOUVOR DO MISSIONÁRIO

Bendito seja quem revolve a terra,
Quem a semeia e cuida com amor,
Quem anda a moirejar de serra em serra...
Mas seja mais bendito o missionário,
Que lavra as almas — geiras do senhor.

Bendito seja quem matar a fome
Ao pobrezinho, que lhe pede o pão
E que à miséria negra se consome:
Mas seja mais bendito o missionário,
Que mata a fome ao nosso coração...

Bendito seja quem nos alumia
Com a candeia numa noite escura
E que da treva faz alegre dia:
Mas seja mais bendito o missionário,
Luz a guiar-nos, mais fulgente e pura.

Bendito seja o meigo pastorinho
A apascentar rebanhos com amor,
Feliz e alegre como um passarinho:
Mas seja mais bendito o missionário,
Que apascenta o Rebanho do Senhor.

Bendita seja a padeirinha a rir
— As mãos benditas espargindo luz... —
Bendita seja, que nos faz sorrir...:
Mas seja mais bendito o missionário
Que às nossas almas leva o Bom Jesus.

Bendito seja quem da pedra informe
Tira a expressão, o sentimento, a cor,
O belo todo, que ali dentro dorme:
Mas seja mais bendito o missionário,
Gravando em nós a imagem do Senhor.

Bendito seja quem na terra ensina
A humanidade a procurar ventura
— Luz de magia, que nos ilumina... —
Mas seja mais bendito o missionário
Levando a Fé a toda a creatura.

Bendito seja todo o que se cansa
A aliviar na vida tanta dor;
Bendito quem tem alma de creança...
— E o missionário a tem... Bendito seja
A espalhar pelo mundo a luz do Amor...

F. P.

MISSÃO DE SANTO ANTÓNIO DA BARADA

«EM 1916 adquiriram os missionários franciscanos uma construção no local da Barada, circunscrição de Sofala, no intuito de aí fundarem uma sucursal e desenvolverem a agricultura de modo a com os produtos desta abastecerem o pessoal missionário e internatos da Escola de Artes e Ofícios e da Instituto Pio X e, possìvelmente, angariarem alguns fundos para auxílio das obras que na Beira tinham entre mãos. Ao mesmo tempo a Barada seria também um centro de irradiação de apostolado entre os indígenas de Sofala e terras confins, havendo fundadas esperanças de que, mais tarde, se transformaria, como sucedeu com Amatongas, numa verdadeira missão.

Foi destacado para lá um irmão zeloso e inteligente, Fr. Domingos Alves, que, durante cerca de 16 anos, aí lidou incansàvelmente. Sempre diligente e armado daquela santa e perfeita alegria que S. Francisco ensinara a Fr. Leão, esse meritíssimo auxiliar aí consumiu, durante anos intermináveis, a sua incomparável actividade e saúde de ferro.

De ano para ano aquelas plagas areentas, que nada valiam, foi-as ele transformando em terras humosas donde saíram milhares de sacos de batatas e muitas toneladas de arroz, de mandioca, de cebolas e de muitos outros produtos; grandes extensões de floresta desapareceram para dar lugar a ricas plantações de milhares de coqueiros; e já em 1925 a manada da Barada contava para cima de 400 cabeças. As primitivas construções de palha e pau-a-pique foram substituídas por uma boa residência de alvenaria, junto da qual existe uma linda escola-capela e outras construções de menor importância.

O terreno das almas, embora mais sáfaro e mais difícil de trabalhar, não foi o que menos cuidados mereceu ao bom irmão. A escola diurna era geralmente presidida por um professor indígena, sob a direcção do Fr. Domingos, mas, à noite, até às nove horas invariàvelmente, era este quem dava a catequese e ensinava a ler e a escrever os seus serviçais e outros indígenas, que compareciam. Aos domingos, e sempre que os seus afazeres lho permitiam, ia visitar as suas escolas do interior, para o que tinha de calcorrear enormes distâncias a pé, pois o único meio de transporte que possuía era uma bicicleta, de que raramente se podia servir por causa do piso areento dos caminhos.

MISSÃO DE S. ANTÓNIO A BARADA

O Fr. Domingos ia assim paciente e carinhosamente preparando as coisas para que um dia fosse para ali um sacerdote dar foros de missão à sua querida Barada.» (1).

Finalmente este seu desejo pôde ser atendido em Novembro de 1942, quando para ali foi

(1) P. Armando Vaz da Mota.

Barada — Um grupo de cristãos

transferido o R. P. Marques. A Barada conservou-se ainda como sucursal da Beira até 1945, ano em que o bispo da Diocese, sr. D. Sebastião Soares de Resende, houve por bem torná-la independente, como as necessidades do apostolado missionário reclamavam. Foi nomeado seu primeiro superior o bondoso e benemérito P. M. Marques, a quem o desenvolvimento da Missão muito ficou devendo.

Tendo o R. P. Marques retirado para as missões do distrito de Inhambane, foi provido no lugar de superior o R. P. A. da Costa Morais de cuja juventude entusiasta muito a Barada tem a esperar. Ùltimamente foi-lhe dado um coadjutor — o R. P. Estrela — sacerdote novo, ido agora da Metrópole, cheio de energia e de boa vontade.

A missão da Barada presta assistência religiosa às importantes povoações de Nova Sofala e Nova Lusitânia, sedes respectivamente das circunscrições de Sofala e Búzi.

Tem, presentemente, espalhadas pelo mato, 5 escolas indígenas.

CINQUENTA ESTRELAS

NO ano que passa, está em festa a família franciscana portuguesa. Com efeito, há 50 anos, 1898-1948, embarcaram, rumo a Moçambique, os primeiros missionários franciscanos após o vendaval de 1834. Os filhos de Francisco de Assis, neste remanso da Europa, reúnem-se por isso em mesa comum, de irmãos, para celebrarem lauto banquete... de alegria pelas *Bodas de Oiro* do apostolado em Moçambique. 1898-1948. Já lá vão 50 anos...

— «Ide e ensinai...» Como fios de mel caíram dos lábios do divino Mestre estas palavras salvíficas. Tal mandato de Cristo — voz de comando — fez eco nas paredes do peito de S. Francisco, foi faúlha que saltou do Coração de Jesus e veio acender o coração de Francisco ateando nele incêndios de idealismo, labaredas de ardor apostólico. Divinal missão! E logo Francisco, alma de Pentecostes, página de amor, cinzelador de caracteres, escultor de personalidades, ele que sintonizava sua vontade pela vontade de Deus, dá-se pressa em formar seus filhos espirituais na escola do apostolado, na oficina da caridade, e seu cordão, a breve trecho, tornou-se potente amarra na barca de Pedro. Muitos deixavam o luzimento da corte, depunham as armas, desciam das cátedras das Universidades para se enfileirarem nos exércitos pacíficos comandados por Francisco. A árvore franciscana crescia, aprofundava suas raízes, alongava seus ramos, projectava suas sombras benéficas mundo em fora...

Portugal outrossim teve a dita de se acolher a outras sombras. Catando nas rugas da história, dir-se-ia até que entre S. Francisco e Portugal parece foi lavrado tratado de amizade — que muitas das páginas brilhantes de nossa epopeia foram escritas pelos missionários franciscanos portugueses.

Cedo, com o favor dos monarcas e protecção das princesas, conquistaram as boas graças junto de nobres e plebeus, fidalgos e letrados. Colaboraram na colonização e organização de nosso Reino e contribuíram largamente para um Portugal cristão. E quando nossos maiores, olhos sonhadores, mãos em reza, se jogaram ao mar largo a interrogar horizontes, desvendar novos mundos, dilatar a Fé e o Império, lá iam com eles, nas frágeis caravelas, os missionários franciscanos, irmanados nos sentimentos

de fé e amor pátrio, partilhando dos mesmos triunfos e revezes — em dias de alegria e noites de dor. Ao lado da farda vistosa, o burel humilde — a espada e a cruz. Tão longe chegaram, tão audazes nas arremetidas, tão felizes na empresa, que Fernão de Magalhães, ao circum-navegar o Globo, bem podia cingi-lo com o cordão franciscano! Atingiram luminosas alturas os seus feitos em Portugal e colónias, na Metrópole e nas Missões. Dariam grossos volumes...

1834. Nuvens carregadas acastelavam-se no horizonte da Pátria. A sanha anti-religiosa rompeu seus diques e causou destruições vandálicas. Golpes profundos dilaceraram-nos a alma, retalharam-nos impiedosamente as fibras do coração: as Ordens Religiosas foram expulsas, trilharam o caminho do exílio marejado de lágrimas. Ficou-nos o coração em ferida, a sangrar, a doer — e levou anos a cicatrizar.

Em África, lá longe, a seara tão promissora, cultivada pelos missionários, estiolava à míngua de seiva... Nunca se apagou, apesar de tudo, nos corações dos Franciscanos portugueses a chama patriótica, missionária... E por isso, entre dificuldades mil, quase em regime de catacumbas, os Franciscanos, mal puderam, reorganizaram-se em Portugal na meia luz dos claustros. E logo que se lhes tornou viável formarem pessoal idóneo, ei-los de novo, em 1898, na primeira linha, na vanguarda, ainda que sem protecção alguma oficial, no afã desinteressado de servir a Deus e a Pátria — missionar. Bem o documenta a restauração de Varatojo em 1863, do Varatojo fundado por D. Afonso V e transformado pelo Ven. Fr. António das Chagas em *Seminário de Missões* — fecundo viveiro de vocações missionárias. Dali mesmo partiram para Moçambique, no ano de 1898, os primeiros missionários franciscanos portugueses, depois do colapso de 34.

Como Justo de Bretemières, puseram o ouvido no chão e perceberam vozes longínquas de além-mar a chamá-los, estenderam as antenas da consciência e captaram gritos de S. O. S., emitidos das colónias, a pedir a esmola de nossa fé cristã. E logo partiram...

1898. Partiram quais andorinhas mensageiras de nova Primavera, arautos da Paz e Bem do Evangelho. Partiram, corações em labareda alta de amor, a alegria a bailar-lhes nos olhos, ébrios de contentamento por reatarem tradições que vinham de longe, continuarem pergaminhos gloriosos de nossos avoengos, na ânsia incontida de dilatarem a Fé e o Império — soldados da Igreja e da Pátria.

Partiram. Bússola divina, estranha luz, fagueira estrela, como aos Magos, norteara seus passos. Vasto campo de apostolado desenhava-se diante de seus olhos, mas eles sorriam às dificuldades. Missionar sem repouso era seu lema, seu ideal, sua ambição.

Colégio de Tuy onde se formaram muitos dos actuais missionários franciscanos

Trataram por tu os ínvios sertões, escusas brechas, atalhos virgens, climas traiçoeiros — a África misteriosa. Com o arado da palavra divina abriram nas almas sulcos profundos; e nesses sulcos bem abertos, bem rasgados, lançaram, a mãos-cheias, o trigo do Evangelho. Milionários da graça, repartiam com os infiéis da mesa farta de sua caridade, guiaram-nos do exílio do erro para a pátria de nossa fé, fizeram luz nas trevas de seu espírito: às almas sequiosas do Bem serviram as águas puras do amor a Jesus, às almas famintas da Verdade o pão divino do Evangelho — e a graça do Senhor, qual orvalho matutino, caiu em cheio sobre o cálice das almas dos indígenas.

Mais: abriram escolas, construíram igrejas, ministraram catequeses, edificaram creches e orfanatos, enxugaram lágrimas, pensaram feridos, fecundaram-lhes a inteligência, educaram-lhes os sentimentos do coração, disciplinaram-lhes a vontade, ensinaram-lhes a agricultura, a desbravar os matos, a amanhar as

terras, a arrotear os campos, habilitaram-nos a falar o idioma de Camões, rasgaram-lhes horizontes, fizeram-lhes conhecer Deus e Portugal. Conhecer e amar: heróis anónimos da Igreja, soldados desconhecidos da Pátria. Os missionários, no seu apostolado, enlaçam, numa coroa de beleza indizível, o nome de Deus e o de Portugal, da Igreja e da Pátria.

Nossas missões tornaram-se, por isso, das mais florescentes. Basta citar o sr. Dr. Braga Paixão, ilustre Director Geral do Ensino Colonial. «Vai fazer 50 anos que os Franciscanos tomaram o caminho de Moçambique e também ali demonstram hoje — em obra feita — do Limpopo ao Zambeze, a mais adiantada e florescente sementeira de conversão e civilização dos últimos tempos, no Oriente português de África».

E a voz do missionário é a lira encantada da fábula que realiza tais prodígios e maravilhas, transformando o terreno sáfaro, matagal, em vergel primaveril, infiltrando nos espíritos ignorantes a doutrina do Evangelho, repassando-os da vida cristã, criando assim a genuína civilização no que ela tem de Verdade, de Bondade, de Beleza e de Eterno. Cabouqueiros dum Portugal maior, do Portugal de amanhã, do Portugal sempre cristão, os missionários franciscanos são dignos de profunda gratidão, altíssimo reconhecimento, credores do diploma ou patente de insignes benfeitores da humanidade, da Igreja e da Pátria. Em boa parte, graças a seus denodados esforços, Moçambique é, hoje, uma ridente flor deste «jardim à beira-mar plantado».

Não nos iludamos contudo: 50 anos de vida missionária em Moçambique somam montanha alta de sacrifícios, um rio caudaloso de suores — curtos parêntesis de descanso em maré-cheia de trabalhos e lides apostólicas. A propósito, lembro-me com saudade de alguns desses heróis que tombaram no seu posto, no campo de batalha, ceifados em plena primavera da vida...

50 anos de actividade missionária representam, ao mesmo tempo, 50 estrelas a fulgirem no firmamento da Santa Igreja;

50 formosos capítulos nos Anais da Ordem franciscana;

50 perfumadas flores nos canteiros de nossa história pátria;

50 diamantes a aureolarem a fronte de nosso Pai P. Francisco.

50 anos nas Missões valem por outras tantas estrofes acrescentadas ao «Cântico do Sol» de S. Francisco ou aos «Lusíadas» de Camões.

50 anos — tratado de apostolado seráfico, toalha de amor no altar da Santa Igreja;

50 anos — esbelto arco do triunfo sob o qual desfilarão, agradecidas, as gerações vindouras.

50 anos nas Missões, ao serviço de Deus e da Pátria, formam um lindo álbum doirado que Santo António, primeiro missionário português, oferecerá a S. Francisco para o guardar nos arquivos do céu...

— Ainda hoje, nas fileiras franciscanas lavra vivo entusiasmo por continuarem, como bons atletas, no mesmo trilho de antanho, o poema iniciado pelos nossos maiores — esteira de luz refulgente a alumiar-nos o futuro.

Ainda hoje, umas após outras, em ritmo crescente, vão saindo da colmeia franciscana portuguesa novas levas de missionários, no afã de servirem a todos o mel da caridade cristã, da doutrina do Evangelho, de enaltecerem, aos olhos do mundo, o nome de Portugal e de darem Cristo em comunhão aos homens, às almas.

Ditosa Pátria que tais filhos tem!

J. Dinis da Costa

PONHO, como é de justiça, em primeiro lugar, o esforço dos portugueses que nós vimos descobrir, missionar, colonizar as mais longínquas e inhóspitas regiões, deixar os traços da sua língua, da sua arte, da sua religião, da sua estructura mental em África, no Oriente, no Brasil.

Salazar

Meia hora de história missionária

Há mais de cinquenta anos que as Missionárias de Maria se encontram em Moçambique. — Como se apanha uma entrevista . . . — O jornalista passa a entrevistado . . .

ENTRE-CAMPOS. Colégio das Irmãs Missionárias de Maria. Estou sentado a uma pequena mesa, na airosa sala de visitas. Pelas janelas amplas, entram-nos dezenas de vozes alegres das raparigas internas, que se divertem no recreio. Na minha frente, a Irmã Maria das Graças e a Superiora do Colégio. No receio de ser importuno, sinto-me sem coragem para pedir uma entrevista e falo do tempo, do calor sufocante, até das complicações internacionais... Sùbitamente resolvo-me: tiro do bolso uma velha lapiseira e larga folha de papel. Estou descoberto. A Irmã Graças fita-me com o seu olhar penetrante e interroga-me surpresa:

— Uma entrevista? Então desculpe... Não bateu a boa porta...

— Não, minha Irmã, nada disso. Sou muito curioso e queria pedir-lhe simplesmente o favor de me dizer alguma coisa sobre as missões de Moçambique, pois sei que foi das primeiras a embarcar...

— Das primeiras? Não. Há engano. As primeiras desembarcaram na Beira em 21 de Agosto de 1897. Seguiu-se um grupo de 2 e outro ainda, mais tarde, de igual número. Finalmente foi a leva a que eu pertencia — o quarto grupo, como vê.

— Quando foi?

— Embarcámos em Nápoles a 2 de Março de 1902 e desembarcámos na Beira a 25 do mesmo mês e ano.

— Recorda-se das Irmãs suas companheiras?

— Éramos seis: Maria da Conceição (port.), Maria de Jesus (franc.), Maria do Presépio (canad.), Maria da Anunciação (ingl.) e soror Maria Gabriela (ital.).

— Óptimo. E do nome das Irmãs do primeiro grupo, acaso se recorda também?

A Irmã Graças olha-me em silêncio com

seus olhos claros e brilhantes, que se amortecem e parecem sonhar na visão longínqua dos tempos que passaram. Depois, anima-se, sùbitamente, e diz-me sorrindo:

— Sim, também me recordo: Maria Aline (belga), M. da Santa Casa (franc.), M. da SS. Trindade (port.), M. Isabel Portugal (port.), M. Constantina (bras.) e M. Fricks (ingl.).

— As Missionárias de Maria foram para a Beira chamadas...

— Pelo governador Gorjão da C. de Moçambique e por conta da mesma Companhia.

— O grupo de que fez parte ia destinado à Beira?

— 3 para a Beira e 3 para uma nova fundação, em Macequece.

— Fundação que nunca chegou a realizar-se.

— Sim, nessa altura a C. de Moçambique não quiz. Depois... depois... não sei. De facto, nunca para lá fomos.

— Quem era então o Governador da Companhia?

— Teófilo da Trindade.

— Quando a Irmã chegou à Beira, já lá encontrou os PP. Franciscanos?

— Encontrei o P. Rafael — mais tarde Prelado de Moçambique e hoje Bispo de Limira — o P. Serafim Pedreira, o Irmão Salvador e outro auxiliar.

— Qual a actividade das Irmãs na Beira?

— Nesse tempo? Trabalhávamos no hospital e na Escola Oliveira Martins.

— A cidade da Beira, nessa altura...

— Não era nada: Algumas construções de madeira e zinco... muita areia... muito matope e... pouco mais.

— Mosquitos? Febres?

— Oh! Uma fartura!...

— Deviam ser bem duros esses tempos...

— Um bocadinho. Mas, quando se trabalha por amor de Deus, tudo parece fácil.

A Irmã Graças interroga-me, agora, para satisfazer uma curiosidade:

— A Beira desenvolveu-se muito? Oiço dizer que é uma linda cidade...

— Sim, é verdade. Mas os mosquitos continuam e as febres também...

De repente, como me parecesse ler no seu rosto uma saudade, pregunto:

— Porque não volta?

— Eu? Para África? E a minha idade?... Não, as Missões para mim acabaram.

O rosto toldou-se-lhe de um véu de tristeza:

— E tenho pena! Que belos tempos por lá vivi... na Beira e em S. Salvador do Congo.

— Então a Irmã, depois da Beira, não veio definitivamente para a Metrópole?

— Não. Em 1909 vim a Portugal. Como não me fosse possível descmbarcar em Lisboa, segui para Nápoles. Mas, em 1912, embarquei para S. Salvador do Congo, onde estive até 1923.

— Já foi um bom contributo...

— Não. Foi pouco, pouquíssimo. Se tivesse saúde, gostaria ainda de por lá andar. Mas... o tempo passa e agora espero a Grande Ceifeira... Das primeiras que foram, resta apenas uma — a Irmã Constantina.

— Depois da Beira, foram para...

— Magude, em 1908.

— E depois?

— Depois? Depois não sei bem. Vim-me embora, como disse; nunca mais lá voltei. V. R. sabe certamente melhor o que depois succdeu.

Teve uma leve hesitação e concluiu:

— Gostava tanto de saber notícias dos tempos a seguir aos meus!...

Sorri. Percebi que os papéis se invertiam e eu passava a entrevistado:

— Sim, respondi, posso dizer alguma coisa:

Em 1924, estabeleceram-se na Missão Franciscana de Mocumbi; em 1925 na de Homoíne; mais tarde em L. Marques, onde tomaram conta do Hospital e da secção feminina da Munhuana.

— E na Beira?

— Na Beira, informei, criaram, em 1942, aulas de ensino secundário — curso de liceu e cursos comerciais. — É internato e externato.

— Muita frequência?

— Sim, muita. Sobretudo magníficos resultados nos exames — o que prova a cuidadosa preparação dos alunos.

— E na Manga?

— Na Manga, a 9 quilómetros da Beira, possuem um edifício esplêndido, moderno, para cducação de mestiças, cuja construção começou em 1937.

—E...?

— Perdão, Irmã Graças, eu vim aqui como jornalista... Não sou o entrevistado. Desculpe... Já consegui o que dcsejava para os leitores das «Missões Franciscanas»...

— Ah!... Mas isso tudo era para o jornal? E não me avisou? Não há direito...

— Pois não, não avisei, porque arriscava-me a ficar em branco... Mas, em paga, vou responder àquela sua interrogação, que deixei em suspenso. A Irmã ia preguntar — como eu adivinho! — se o trabalho das Irmãs Missionárias de Maria continuava a merecer o carinho da população da Beira e a ser valioso, não é assim?

— Sim, era isso...

— Então fique tranquila. As Irmãs são estimadíssimas e apreciadíssimas por toda a gente — pretos e brancos — pois todos reconhccem quanto a Religião e a Pátria lhes devem na Colónia de Moçambique.

F. P.

NA DESPEDIDA

EM VIAGEM

A VOZ DO MESTRE

Venite post me (Mc. I, 17)

NO ápice sublimado de todas as obras evangelizadoras, está o apostolado pela conversão das almas. A vocação divina ao apostolado é um alto dom de Deus. Mas o homem moderno, embevecido em variadíssimas ocupações terrenas, não dá pela grandeza transcendente deste dom, porque, se o conhecera, implorá-lo-ia a Deus para, em seguida, o negociar como talento de maior valia.

Às almas de bem, perdidas neste «mare magnum» de confusão e de tresloucada desorientação mental, dirige Cristo veemente apelo — «venite post me» — no desejo vivo de perpetuar no mundo a obra de redenção que consumara, um dia, sobre o Monte Calvário pela humanidade pecadora. Porém, muitos tapam os ouvidos com manifesto desprezo, quedam-se outros arrogantes nas torres de marfim duma apatia cómoda. E só poucos acodem à chamada do Mestre. E, no entanto, escutar a Cristo, ir para a sua vinha imensa colher mãos cheias de frutos loiros e moços, sazonados por lufadas de graça nas almas dos infiéis, eis a vocação sublime da vida missionária.

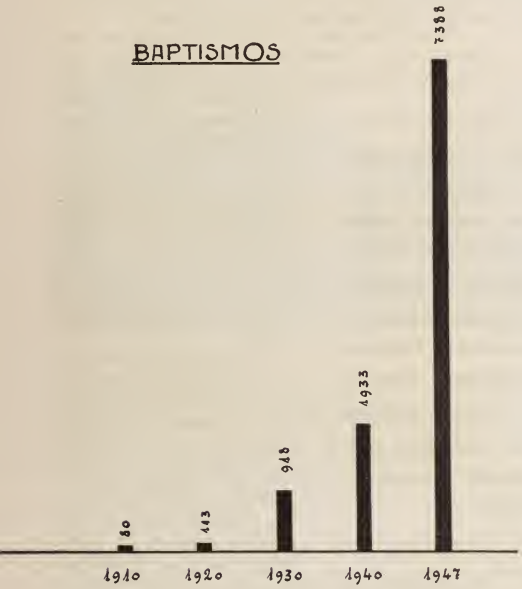
Eu sou em afirmar que minha imaginação inquieta não sabe representar um Portugal missionário sem torres nem campanários nas vastas terras do Ultramar. Com efeito, desde a aurora rutilante das descobertas, a voz vibrante de Portugal cristão, simbolizada na alvura de pobres capelinhas das incipientes missões e no som alegre de rústicos sinos em vigília de festa, vêm sendo apelo do céu, convite aos espíritos desanuviados, palavra alta de serena bondade, poesia dos mais variegados sons, música do coração, para os homens de boa vontade.

VENITE POST ME! Eis o apelo redentor que, ecoando em hora de luz matinal junto das margens do Lago Tiberiades, ainda hoje é dirigido às almas que Cristo chama ao apostolado. E nem de outra forma se compreende, já que não se pode ser apóstolo nem continuador

Seminário de teologia dos missionários franciscanos em Lisboa

das obras dos Apóstolos, se Cristo não chamar — «non vos me elegistis, sed ego elegi vos» (Jon. XV, 16). Cristo, por consequência, é o chamador e o grande modelo da vida missionária. Traçou divinamente o programa a seguir quando se disse «caminho, verdade e vida» (Jon. XIV, 6). A realização deste ideal está, porém, na conversão dos infiéis. Os cristãos já estão na posse do caminho, estão já iluminados com a projecção evidente das eternas verdades, possuem já a vida divina. Para quem, pois, será o traçado deste grandioso programa? É evidente que Cristo reservou esta via de segurança para os desditosos infiéis, querendo dar, assim, continuidade e desenvolvimento, no decurso de séculos e em todos os pontos da terra, à missão recebida do Pai Celeste. Por isso Ele diz-se caminho, verdade e vida.

SOU O CAMINHO, VINDE! E é de ver missionários a conduzirem os infiéis a Cristo, para Este os conduzir depois ao Pai, termo do caminho e repouso na vida eterna. Desta feita, a voz de Deus é levada às mais remotas terras, aos povos mais esquecidos, para que possam encontrar em Jesus o verdadeiro caminho, onde todos se salvem e ninguém se perca.



SOU A VERDADE, VINDE! Cristo, cheio de verdade e de graça (Jon. I, 14), veio iluminar especialmente os pobres. Mas, quem mais pobre do que o infiel? Sua maior indigência está precisamente na falha de verdades que fundamentam a fé, condição necessária para a posse dos tesoiros divinos da graça santificante e dos excelsos direitos à vida eterna. É que Cristo, fonte inexaurível de luz, pertence, dum modo especial, às massas infiéis — «lumen ad revelationem gentium» (Lc. II, 32).

SOU A VIDA, VINDE! Cristo veio ao mundo trazer a chama do seu amor, concretizada na vida sobrenatural que é dádiva gratuita da que Ele superabundantemente possuia no seio do Pai (Jon. I, 16). E nós sabemos, pelas fontes da revelação, que os povos cristãos, os baptizados, devem possuir já esta vida. De Cristo advir-lhes-á, apenas, o incremento. Só os infiéis, portanto, é que não estão ainda na posse desta vida, justamente por viverem nas sombras da morte, qual deserto sem água nem chuva do céu, sem fontes nem flores, sem plantas frondosas que alegrem esta desolada solidão. Mas Cristo, de facto, é viva água (Jon. IV, 14), Cordeiro Imaculado de cuja mística ferida, como de fonte perene, brotam torrentes de pura linfa que fecundam e alegram o mundo. Encaminhar para as áridas e escuras regiões infiéis esta água divinamente fecundante e suscitadora da imensa e gloriosa primavera da graça, é a última e principal parte da actuação do programa de Cristo, a coroação de Sua missão divina, subentendida nas palavras que motivaram estas considerações — «venite post me»!!!

À custa de trabalhos exaustivos e de sacrifícios inauditos, que só Deus conhece, os missionários franciscanos portugueses, porque escutaram o apelo do divino Mestre, há cincoenta anos, por terras de infiéis, andam eles a difundir a luz evangélica e as virtudes da gente lusa. Eles são também, ao lado de muitos outros, obreiros incansáveis do sublime ideal de Cristo, por terras de Moçambique e da Guiné .

B. C.

Origens da Companhia de Moçambique

A fundação desta Companhia obedeceu a fins altamente patrióticos e tem sua origem remota numa outra — *Société des Fondateurs de la Compagnie Générale du Zambèze* — iniciativa do distinto oficial Joaquim Carlos Pereira de Andrade, à qual o Governo Português fez largas concessões em 1878.

A breve trecho, porém, a falta de capitais obrigou-a a liquidar, sendo depois substituida pela *Companhia de Ofir*, que se propunha particularmente a exploração das minas de Manica e Quiteve, mas que, por idênticos motivos, teve também vida efémora.

A persistência de Paiva de Andrade consegue ainda organizar nova empresa, a que dá o nome de *Companhia de Moçambique*, com fins mais vastos que as precedentes, mas visando igualmente, como objectivo principal, as riquezas mineiras de uma concessão que, partindo do Zambeze, abrangesse as bacias do Púngué e do Buzi. Um decreto de 1890 declarava que a área concedida compreendia as Minas de Manica, Quiteve, Bandire e Inhaôcho, ou seja a parte central e, na opinião do tempo, a mais rica da colónia de Moçambique.

Os Missionários Franciscanos Portugueses, gratamente recordados de que as suas Missões do Território de Manica e Sofala devem a melhor parte do seu desenvolvimento material à benemérita Companhia de Moçambique, com o maior prazer lhe prestam aqui as suas homenagens e o seu mais profundo agradecimento.

Decorriam já animadoramente os primeiros trabalhos da nova Companhia quando, em 1889, subordinada à política ambiciosa de Cecil Rhodes, «o maior inimigo dos portugueses em África», em cuja opinião nem o litoral de Moçambique devia ser conservado a Portugal», se formou a *British South Africa Company*, sociedade endinheirada, a que foram dados direitos de plena soberania. Na sua febre expansionista esbarrara a leste com territórios incontestàvelmente portugueses; daí o empreender, por todos os meios, uma campanha de descrédito das capacidades colonizadoras de Portugal e fomentar contra nós a rebelião dos chefes indígenas.

Segue-se o *ultimatum* de 1880 com as suas tristes e bem conhecidas consequências, e depois disso a *British S. Africa Coy*, tenta ainda esbulhar-nos da zona que vai de Manica ao litoral, afim de conseguir para a Rodésia uma passagem cómoda, em que ficaria incluído o porto da Beira.

Todos estes factos tiveram o condão de despertar o brio e patriotismo dos portugueses. Do meio da indiferença com que na Metrópole se costumavam olhar as coisas do Ultramar, surge, no momento oportuno e como que providencialmente, uma verdadeira pléiade de colonialistas e combatentes que salvem ainda honrosamente da catástrofe a parte do nosso império colonial que era possível salvar-se, recomeçando então Moçambique a ser governado com inteligência e acerto.

Foi em plena crise nacional, provocada pelos factos que acabamos de referir, que o Governo Português, para se opor às manobras da *British South Africa*, se dirige à *Companhia de Moçambique* e negoceia com ela um contrato em que lhe concede poderes de quase soberania. A carta orgânica foi aprovada por decreto de 11 de Fevereiro de 1891, mas só em 5 de Maio de 1892 fica definitivamente constituída a *Companhia Soberana*. Vários decretos posteriores aumentaram a área primeiramente concedida e modificaram as normas reguladoras da administração da mesma.

As terras administradas pela Companhia de Moçambique estavam situadas entre o rio Zambeze, ao norte, o paralelo 22, ao sul; a fronteira da Rodésia a oeste e o Oceano Indico, a leste. A sua superfície era de 134.822 quilómetros quadrados.

A situação desta parte da Colónia à data em que a Companhia de Moçambique começou a administrá-la (Junho de 1892), resume-a Eduardo Costa nos seguintes termos: «. . tirando as miseráveis povoações de Sena, Sofala, Chiloane, e a promotedora, mas incipiente Beira, o Governo e a Companhia, que o substituiu, só tinha domínio efectivo nos postos que marcavam a Estrada da Beira a Manica, como Neves Ferreira, Sarmento, Chimoio e Macequece».

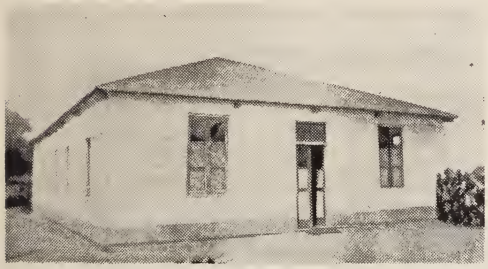
P. Armando V. da Mota.

Missão de Chidenguel

FUNDAÇÃO

Foi esta Missão oficialmente fundada no dia 25 de Dezembro de 1943, por S. Eminência o Sr. Cardeal Gouveia, então Arcebispo de Lourenço Marques.

E em 28 de Janeiro de 1944, fez-se a nomeação do pessoal franciscano que para lá devia transitar e ficou assim constituído: — Superior: P. João Crisóstomo Borges; Coadjutor: P. Virgílio Fernandes Romero Vila; Auxiliar: Frei Hermenegildo Rodrigues Ferreira.



Entre os motivos apontados para a criação desta nova missão, dois especialmente, importa salientar: a enorme densidade populacional — a região de Chidenguel é povoada por 53.000 habitantes, aproximadamente — e a invasão do protestantismo com inúmeros centros catequéticos, pertencentes a várias seitas de anglicanos, metodistas, nazarenos, suíços, Evangelistas, Luso-Africanos, etc., onde o indígena juntamente com falsas doutrinas religiosas, ia subtilmente assimilando ideias desnacionalizadoras, com manifesto prejuízo para Portugal.

A área de Chidenguel, por afastada da missão de Mangunze (Muchopes), podia considerar-se autêntica colónia estrangeira.

De facto, não foi sem enorme relutância e mesmo alguma hostilidade, que os indígenas, manobrados por todos aqueles grupos estrangeiros, viram nascer em suas terras, a nova missão católica portuguesa.

O Sr. Megres Pires, à data chefe de Posto e hoje Administrador de Circunscrição experimentou alguns desgostos, antes de chegar à completa subordinação dos sequazes do protestantismo, designadamente catequistas.

Mas, finalmente, tudo mudou. Os indígenas em breve se inteiraram dos fins benéficos, altruístas e patrióticos da nova missão, e começaram a afluir em massa, alegres e confiados, abandonando as antigas crenças erróneas e respectivos mestres.

De sorte que as «*Churchs protestants*» estão hoje quase completamente desprezadas e desertas.

PESSOAL MISSIONÁRIO

O pessoal de Missão deve ser quanto possível certo e constante. Mas por infelicidade aqui não tem acontecido assim. À excepção do Superior, que, vindo abrir a missão em 9 de de Março de 1944, ainda continua no seu posto, os restantes companheiros têm sofrido mudanças contínuas, por motivos vários e imperiosos. De modo que quase se pode afirmar que desde o seu início, esta missão conheceu apenas um sacerdote.

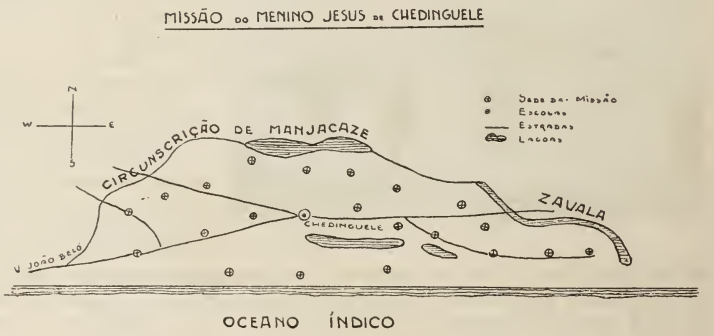
LOCAL DA MISSÃO

Enquanto não assentou local definitivo para a Missão, o Rev. Superior fixou residência provisória na antiga escola do Estado, em Madendere. Mas em 7 de Julho de 1944 transferiu-se para outra escola, em Chidenguel, também do Estado, a uns 300 metros do local definitivamente escolhido para a Missão.

OBRAS

Por absoluta carência de meios, ainda não começaram as obras da residência, de tão urgente necessidade, continuando os missionários a habitar a escola do Estado, atrás mencionada. Esse edifício, já de si pouco espaçoso, foi adaptado a residência onde se fizeram 4 quartos de exíguas dimensões e a capela, restando apenas uma pequena sala para aula.

Os quartos, de tão pobres e acanhados fazem lembrar a cela de S. Pedro de Alcântara ou as do conventinho dos Capuchos em Sintra. Mas sentimo-nos muito alegres e felizes com esta pobreza verdadeiramente franciscana.



No entanto, com as economias dos missionários, alguma coisa se realizou. Assim: já construímos uma *«garagem»* para o carro da missão; uma dispensa e quarto para arrumações; comprámos boa porção de material para as escolas, e reparámos algumas delas que precisavam de melhoramentos.

ESCOLAS

Uma obra, porém, que logo de início nos mereceu carinho especial, pelo seu alto valor e importância, foram as escolas do mato.

A fim de neutralizar, por completo, a acção dos protestantes nesta região e de levar a todos os indígenas a instrução cívica e a luz do Evangelho, abrimos em vários pontos, 13 escolas rudimentares, algumas das quais de alvenaria.

Com as 10 escolas recebidas da Missão dos Muchopes, para melhor divisão de trabalho, temos hoje à nossa conta 23 escolas, por onde dispendemos o melhor das nossas forças, já que nelas pomos as maiores esperanças.

Existem, além disso, vários centros de catequese, particularmente para adultos que se preparam para receber os sacramentos do baptismo e matrimónio.

MOVIMENTO RELIGIOSO EM 1947

Perfeitamente conscientes da responsabilidade e gravidade do seu ministério, procuram os missionários, com grande zelo sobrenatural, levar Cristo às almas e trazer as almas a Cristo, numa intensificação progressiva da assistência religiosa e visitas assíduas às escolas, tendo na máxima consideração a regularidade da oração diária nas escolas, como nas várias capelinhas dispersas pelo mato, no intuito de a oração se tornar acessível a todos, como meio eficaz para a coroação dos nossos trabalhos e sacrifícios.

Graças ao Menino Jesus, Padroeiro desta Missão, a Nossa Senhora de Fátima e a S. Francisco de Assis, os nossos pretinhos vão conhecendo a necessidade de se libertarem dos liames do paganismo e das várias seitas protestantes, e de se entregarem à prática da vida cristã nesta região tão catequizada anteriormente pelo Protestantismo.

Numa área de 1.600 km², com cerca de 53.000 habitantes, os baptismos em 1947, atingiram a cifra de 732, 387 do sexo masculino e 345 do sexo feminino, sendo 15 de crianças. Neste número estão incluídos 17 baptismos em perigo de vida, perfazendo um total de 2.808 cristãos.

Os catecúmenos andam à volta de 3.571.

Efectuaram-se 51 casamentos.

Comunhões: 51.160. Primeiras Comunhões: 701.

Confissões: 32.200.

Movimento religioso deveras consolador, que procuraremos intensificar, cada vez mais, no futuro, para bem de Deus e da Pátria!

P. João Crisóstomo Borges

← CHIDENGUEL O missionário com a autoridade administrativa

CHIDENGUEL — Depois da missa →

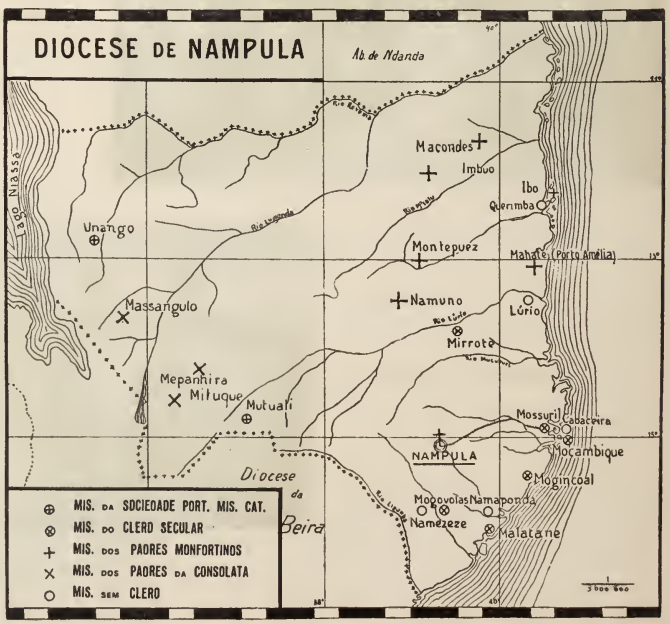
Diocese de Nampula

A Acção de D. Fr. Teófilo de Andrade na Grande Província do Niassa — Moçambique

A África misteriosa dos nossos antepassados ainda não foi completamente descoberta. Os segredos das selvas, os mistérios da alma indígena, mesmo nas regiões mais conhecidas, são incógnitas de difícil decifração. Se nos internamos nas regiões selvagens, multiplicam-se os segredos e mistérios e um labirinto de voltas infindáveis se apresenta ao nosso espírito.

Foi a uma destas regiões de África que o Senhor D. Teófilo veio parar um dia, sem contar, e aos 61 anos. Valeu ao Senhor Bispo a muita experiência da vida e uma capacidade juvenil. Ninguém faz ideia do que seja o Niassa, senão os que por cá labutam insistentemente por um Portugal maior. Uma superfície de 277.980 km.², apenas com uma população não indígena de 6.997 e de 1.939.836 indígenas. População esta bastante disseminada e de dificílimo ajuntamento, pois o indígena no seu estado selvagem prefere o isolamento. Daí o acréscimo de dificuldades na civilização e muito mais na religiosidade, atentos os poucos elementos missionários e civis, que vão arrastando lentamente a massa aos caminhos do progresso.

O Snr. D Teófilo veio encontrar a sua nova Diocese quase completamente abandonada. É muito difícil num pequeno artigo evidenciar os inumeráveis benefícios da criação da diocese de Nampula. Lourenço Marques está muito longe destas terras e só com sacrifícios magníficos, o único Prelado da Colónia, podia valer a tantos milhões de almas espalhados ao acaso. Se exceptuarmos



uma ou outra missão, as restantes ou estavam abandonadas, ou tinham uma vida deficiente, podendo-se afirmar com precisão que os seus missionários mais vegetavam que viviam.

Missões realmente conhecidas existiam as de Malatane e Massangulo, pelos seus trabalhos materiais e morais. A do Unango pelas suas construções. As outras, sem missionários ou em circunstâncias precárias ao nosso brio de portugueses. A renovação foi morosa porque tudo faltava: missionários, o mínimo; condições de trabalho, quase nulas. Basta reparar nos números: Em 1942 os sacerdotes eram 44; no ano de 1947, já se conta a bonita soma de 64. Missões centrais ocupadas, em 1942, 17; em 1947, 25, com mais 4 paróquias ocupadas e duas entregues às missões mais próximas. Em 1942 existiam uns 10.314 católicos; em 1947 subiu o número para 27.276.

Este progresso verdadeiramente consolador deve-se, em grande parte, aos missionários estrangeiros, que só o são no nome, devido à enorme falta de missionários portugueses. É de lamentar que numa nação estruturalmente missionária, tanto se tenha sentido esta falha. Espera-se no entanto que em breves anos, tal lacuna esteja preenchida, pois todas as congregações missionárias possuem actualmente os seus seminários na Metrópole a formarem missionários portugueses.

Inúmeras escolas rudimentares e de catequese se vão espalhando pelo interior, numa sede intensa de evangelização e nacionalismo, chamando os indígenas à civilização. A este apostolado realmente heróico se tem dedicado S. Excia. Revma. o Snr. D. Teófilo.

As missões que antigamente viviam em simples palhotas, nos distritos de Cabo Delgado, Lago e Nampula, já hoje podem apresentar ao visitante lindas casas de habitação, igrejas ou capelas asseadas, internatos modelares, oficinas em plena laboração, muitas e muitas escolas em alvenaria, dando um cunho de alegria e portuguesismo a estas paragens longínquas, onde parece quase só tem entrado a cruz, ajudada sem dúvida alguma pela espada.

A tão belo desenvolvimento das Missões se tem dedicado o seu Pastor. O indígena deixa-se arrastar pelos sentidos e se lhe pregamos um Deus grande, maior do que todos os ídolos, não se compenetra disso ao ver os missionários acolhidos pela pobreza e miséria. Além destas manifestações de carácter geral, S. Excia. Revma. dedica a sua vitalidade à realização de duas magníficas obras, que bastarão para atestar a passagem pelas terras do Niassa do 1.º Bispo de Nampula. Uma está realizada; outra em vias de realização. A 1.ª foi a casa e salão paroquiais em Nampula. Como de todos é assaz conhecido, Nampula não tem uma catedral, há muito desenhada no papel e lançada a 1.ª pedra em anos atrasados. Não tem catedral, como não tem Paço episcopal e não possuía casa paroquial. O Snr. D. Teófilo, esquecendo-se de si, edificou grandiosa residência paroquial e salão anexo de reuniões e até sessões de cinema moralizador. A capelinha existente era de diminutas dimensões e o salão ficou servindo de Pro-Catedral, até um dia esta se erguer soberana. A outra é a Escola de Artes e Ofícios, a Escola Normal para indígenas, Escola Agrícola e principalmente o Seminário indígena, em vias de realização, na Missão de S. João Baptista do Marrere. Tudo de necessidade manifesta: o Seminário estava instalado desde 1942 na Missão do Unango a 700 km. de Nampula. De toda a conveniência se tornava colocá-lo junto da sede da Diocese.

Em Outubro de 1947 foram ocupadas as instalações provisórias da Missão do Marrere.

Em idêntica situação estava a Escola Normal, transferida do mesmo modo.

A Escola de Artes e Ofícios, tanto a Diocese como a Província do Niassa a exigiam. A única que existe no Niassa, está num extremo, na ilha de Moçambique.

Pois também esta já possui alguns maquinismos e dentro em breve outros virão, para que o sonho do Snr. D. Teófilo seja uma realidade e um benefício ao Niassa que de tudo carece.

Eis muito resumidamente o trabalho construtivo, a acção dinâmica do 1.º Bispo de Nampula, em 6 anos, a favor da Religião e da Pátria Portuguesa.

P. Poiares

SUPER TECTA

(INÉDITO)

Voa! Não tenhas medo. E' livre o ar.
Atira aos espaços sobre as casas.
Quando perto dos astros fremem asas,
O que apetece é voar, voar, voar!

Cada avião é um berço de embalar.
Se queres, dorme sobre as nuvens rasas
Ou, nas ânsias de altura em que te abrasas,
Esquece a vida e deixa-te sonhar.

Em luta aberta contra o sol e o vento,
Levanta mais ainda o pensamento
E os remígios da alma em plenos céus.

Fecha os teus olhos e, em silêncio, reza
Quem reza também voa, e na certeza
De que o supremo vôo é para Deus.

Em vôo sobre Moçambique — 1944

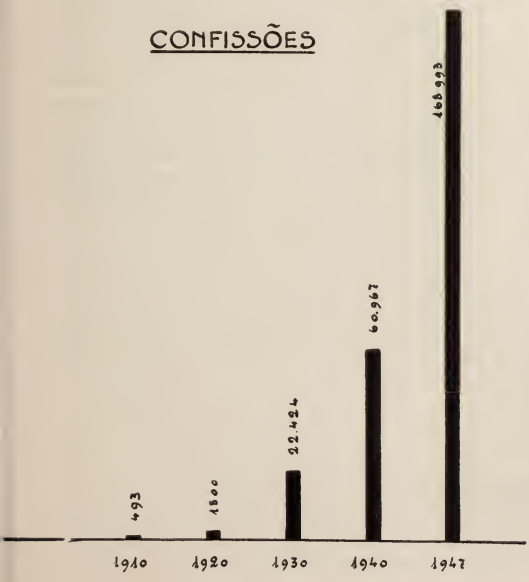
P.e Moreira das Neves

A VOZ DO MESTRE

Messis quidem multa (Mt. IX, 37)

A redenção do mundo é, incontestàvelmente, a mais maravilhosa obra que saiu das mãos de Deus: nascera de um acto de eterno amor e duma compaixão entranhada pela humanidade pecadora. Mas, porque o acto puramente redentor não basta, e parece ser mais consentâneo com o pensamento de Deus a realidade do resgate completo da humanidade, a redenção histórica e concretamente deve traduzir-se em realidade de almas efectivamente resgatadas. Com efeito, o Filho de Deus fizera-se Homem e morrera sobre a cruz, não só para salvar as almas, mas também para dar glória condigna ao Pai Celeste. Este é, segundo o comum sentir dos teólogos, o primeiro e principal fim da redenção, fundamentando-se, nesse facto, a necessidade urgente de intensificar a vida missionária, posto que uma alma que se salva, é mais um tributo de glória que a humanidade eternamente renderá a Deus.

Devemos aqui, porém, reflectir um pouco.

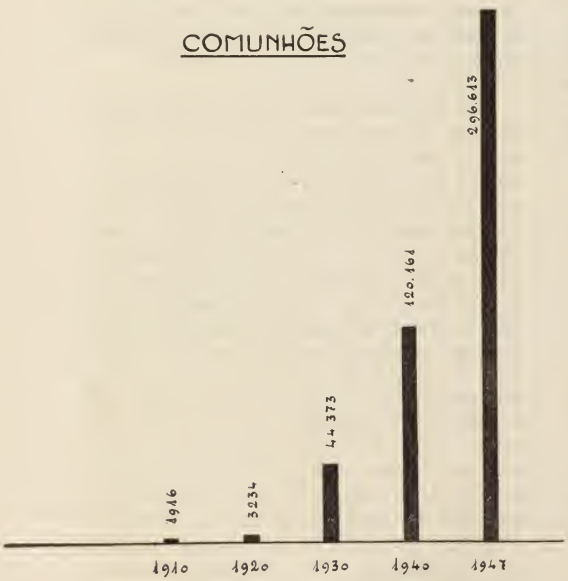


Vinte séculos são passados, desde que, no alto do Calvário, se consumou o sacrifício redentor e, no entanto, os frutos excelsos desse divino holocausto estão ainda muitíssimo longe de se terem estendido a todas as criaturas que povoam a face da terra. Mais de bilião e meio de almas, seja dois terços da humanidade, não fazem parte do número dos resgatados de Cristo, justamente porque não são membros vivos do corpo místico da Igreja. E fora desta divina e visível sociedade não pode haver salvação. Quer dizer, a messe, que resta por amanhar e da qual se poderiam recolher abundantes frutos para os eternos celeiros, é imensa e razão tem o Mestre quando lembra a todos os homens, especialmente aos predilectos do Seu coração, esta confrangedora realidade: há almas que ainda não são do Seu divino aprisco.

Messis quidem multa! Por montados incertos da vida, por tenebrosos caminhos do erro, perdido do seu legítimo pastor que de todos os homens é guia e protecção, longe das salutares pastagens eternas onde mercenários abundam e lobos famintos multiplicam estragos, anda um enorme rebanho de almas. E, contudo, a luz refulgente do Evangelho poderia abrir novos caminhos, evitar perversos erros e impedir tamanhas desordens morais, se houvera mais pessoal missionário, que anunciasse a estas gentes várias a Suma Verdade, que é Deus. Por outro lado, não devemos esquecer que Cristo dera a vida pelas suas ovelhas; que ardentemente as deseja libertar das garras ferozes de lobos audazes e sem remorsos; que amorosamente procura as tresmalhadas que, atrevida e loucamente, se embrenharam pelas quebradas dos montes da perdição. A todas quer conduzir ao seu redil. E Deus deu este exemplo magnífico para que todos o seguissem nesta caridade salvadora. Nem todos, porém, o escutaram. Só os missionários, projecção luminosa da continuidade da obra redentora do Calvário, se esfalfam abnegadamente na procura dessas almas afastadas do divino rebanho. E, recalco a ideia, elas são pertença do Mestre — «et alias oves habeo, quae non sunt ex hoc ovili» (Jon. X, 16). Desta feita,

os missionários são colaboradores intrépidos de Deus — «Dei adiutores» —, exploradores de longínquas terras, onde almas suas irmãs esperam o raiar da redenção. E, porque se trata dum problema de vida e de morte, eles procuram, com todos os meios ao seu alcance, a salvação e condução destas almas para Cristo que, tendo vindo ao mundo para que tivessem uma vida de abundante beatitude, por elas se sacrificara também. E assim os missionários, perpetuação viva da obra e frutos da redenção, são ainda reduzidas centelhas a brilharem pelos bosques extensíssimos do sertão africano, onde a treva da mentira é imensa.

Messis quidem multa: Eis a voz dolorosa do divino redentor que, indistintamente, dirige aos filhos da luz que andam de mistura com os filhos do século. Dum modo especial, porém, a palavra do Mestre é para aqueles privilegiados da vida sacerdotal e religiosa, já que o sacerdote ou o religioso, dentro dos limites das justas disponibilidades, deve ser um apóstolo. Compreenderão os tempos modernos esta doutrina? Longe de mim a pretensão ousada de querer apresentar aqui normas de segura missiologia. No entanto, encostado à voz do Mestre, sou em dizer que o apostolado missionário exige uma preparação cuidadosa, séria e profunda. Quero simplesmente dizer, o missionário há-de ser obreiro de Deus completo, em que uma ciência séria e uma fé viva formem nele um todo insolúvel e inquebrantável. Ciência séria e vasta, mas que não perca o sentido do equilíbrio em caprichos ou ambições; fé viva e ardentemente operosa, que se traduza em sólida piedade e espírito de sacrifício. Uma e outra podem adquirir-se pelo trabalho metódico e assíduo do estudo pessoal. Mas a verdadeira ciência, aquela que dignifica e valiosamente auxilia o apostolado missionário, obtem-se quando, em devoto recolhimento junto do Tabernáculo e ouvindo atentamente as profundas lições do Mestre, se medita o sentido amplo do «messis quidem multa». De facto, o missionário deve preparar-se convenientemente nestas duas escolas para ser apóstolo aguerrido e apetrechado na projecção e defesa do ideal que o anima. Este ideal é a vida de Deus em si e no seu semelhante. Ora, os infiéis são irmãos queridos do missionário a quem lhes quer dar, em nome e com a ajuda de Deus, uma vida mais bela e superior, mais alta e digna — a vida de Deus, em cuja presença tudo o mais se esvai e empalidece. Obtido este supremo desiderato, poderemos afirmar, afoitamente, que o missionário é um forjador de novas vidas para Deus, um peregrino do céu por terras de infiéis. E aqui deixo indicada, a longos traços, uma grande e alta missão, a obra divina do próprio Verbo Incarnado a quem pertencem todas as almas por diversos títulos. Maselas, as que andam longe de seus domínios directos, são, de verdade, ainda imensas — «messis quidem multa»!...



Os franciscanos portugueses escutaram a voz do Mestre. Por terras de Moçambique e da Guiné, há cincoenta anos, trabalham activamente no amanho duma parte da messe de Cristo aeles confiada.

B. C.

Breve notícia Histórica das terras de Manica e Sofala

A moderna evangelização dos Franciscanos Portugueses na África Oriental teve início nos territórios de Manica e Sofala, então administrados pela Companhia de Moçambique, e é aí que eles possuem a sua mais antiga e florescente Missão — a da Beira.

Sofala, o primeiro estabelecimento que os portugueses tiveram na costa oriental na África e actualmente uma modesta sede de circunscrição, foi por bastante tempo capital da Colónia e depois vila e capital de distrito.

Antes de conhecida por europeus, celebraram-na escritores muçulmanos como cidade de importância pelo comércio do ouro. O primeiro português a visitá-la foi Pero da Covilhã, por 1490, quando às ordens de D. João II andava em demanda de informações sobre a Índia e o Preste João.

No regresso da viagem à Índia, em princípios de 1501, Pedro Álvares Cabral destaca um dos capitães da sua armada, Sancho de Toar, a quem manda reconhecer Sofala. Sancho de Toar desempenha-se dessa incumbência, angaria na cidade «à sua usança, ouro enfiado em continhas, com que o emprego se dobrou em doze e quinze», recebe do Sheick valiosos presentes e, uma vez chegado a Portugal, exalta a fama de Sofala como detentora de um riquíssimo comércio de ouro.

Deixando de parte a pretensão de certos escritores a identificarem a região de Sofala com o famigerado país de Ofir, aonde os navios de Salomão iam carregar o ouro, o martim e as pedras preciosas, parece que em eras muito remotas um povo não africano se dedicou à extracção do ouro nessas terras.

Quando os portugueses aí chegaram, nesse, como noutros pontos do litoral, os traficantes de todo o ouro e escravos eram muçulmanos que viviam em povoações abertas, nas melhores relações de amizade com os naturais da terra. No interior existiam vários reinos indígenas, o mais célebre dos quais era o Monomotapa, tanto pela sua extensão e poderio, como por se extrair nele o ouro que Sofala exportava. O Monomotapa de que a lenda exagerou muito a importância, ocupava a parte central de Moçambique, desde Tete e Zumbo até Inhambane, abrangendo a Leste toda a região mineira de Manica, Quiteve e Chicanga.

A ocupação efectiva de Sofala realiza-se em 1505, quando Pero de Anaia manda levantar aí uma fortaleza e recebe o título de *Capitão de Sofala*.

Tentaram os portugueses apoderar-se amigàvelmente do monopólio do comércio, mas não tardou que tivessem de defender-se à mão armada das investidas de gentios e mouros. Para impedir que estes continuassem o resgate do ouro por outros caminhos, especialmente pela via fluvial do Zambeze, levantaram os portugueses mais fortalezas-feitorias na costa e empreenderam a penetração do vale desse grande rio, em cujas margens estabeleceram numerosos pontos de escala e importantes bases de domínio, como as de Sena (1531) e Tete.

Não estavam os mouros em condições de nos levantarem entraves sérios; mais de temer eram os indígenas, que nem sempre nos franqueavam de boamente as regiões ambicionadas.

A expansão portuguesa ter-se-ia talvez feito sem dificuldades de maior se, como a dos muçulmanos, visasse apenas a exploração do comércio. O que sobretudo indispunha o gentio era a nossa pretensão de o civilizar, de o assimilar, de lhe levarmos com os artigos de comércio os benefícios espirituais de uma nova ordem social e religiosa; mas os portugueses, como observa João de Castro Osório, «não se contentam nem se podiam contentar com a penetração sem finalidade civilizadora». Ora, a impossibilidade de realizar pacificamente tal penetração mostrou-a o martírio do heroico P. Gonçalo da Silveira na corte do Monomotapa, em 1561.

Reconhecida a necessidade da acção militar para obter pela força o que não pudera conseguir-se por outros meios, organizam-se no terceiro quartel do século XVI duas expedições ao interior do continente africano.

A primeira delas, dirigida por Francisco Barreto, seguiu o caminho do Zambeze e, depois de subjugar os *mongares,* povo insubmisso ribeirinho desse rio, vê-se obrigada a regressar, meio dizimada pelas doenças e hostilidade do clima.

A segunda expedição — que também pode considerar-se continuação da primeira — parte de Sofala sob o comando de Vasco Fernandes Homem, em direcção aos centros de ouro de Manica. Aqui certifica-se Vasco Homem de quão morosa e difícil era a extracção desse metal e, para dar um fim condigno à expedição, prossegue para o Norte em busca das celebradas minas de prata de Chicova, que não consegue encontrar. No entanto, a compensar estes malogros, estão as vitórias que alcança sobre o Quiteve e o régulo de Chicanga (Manica), dos quais obtem tratados de paz e plena liberdade de comércio em suas terras para os portugueses.

Nos anos subsequentes a situação da Colónia melhorou imenso, multiplicaram-se as feiras, aumentou a riqueza e número de colonos e intensificou-se a evangelização.

Em 1570 o Governo da Colónia passara para a ilha de Moçambique, mas a miragem do ouro persistiu viva nas terras de Sofala a animar o comércio e a penetração pelo interior longínquo.

Reconhecidas as vantagens do Zambeze como cami-

nho para Manica, cedo começara o comércio do interior a utilizá-lo nas suas comunicações com o litoral e a colonização a fixar-se de preferência nas suas margens.

Pelos fins do século XVI, Sena, vila muito povoada e defendida por uma boa fortaleza, ia já destronando Sofala.

Mas não foi de longa duração este período aureo da ocupação portuguesa. Na segunda metade do Século XVII transparecem já iniludíveis sinais de decadência, embora se mantenham, na quase totalidade, as posições adquiridas anteriormente e a Zambézia continui muito povoada de portugueses, especialmente desde 1677 se dirige da Metrópole para lá um grupo de 600 colonos de várias profissões.

A ânsia desordenada de enriquecer em pouco tempo, talqualmente sucedia na Índia, era talvez a causa principal do nosso declínio em África. Mas, ao lado desta, ou dela derivadas, outras se podem apontar, como a administração crapulosa, tornada endémica, a baixa da moralidade, o tráfico dos escravos, os assaltos da pirataria estrangeira, as rebeliões dos povos indígenas e as rivalidades, lutas e intrigas entre os próprios portugueses.

Através do longo período de decadência, que se acentua em princípio do século XVIII e se estende até à última década do século XIX, não faltaram, é certo, rasgos de heroísmo, gestos nobres, sinceras tentativas de reacção; mas quanta dificuldade houvesse em arrancar Moçambique ao rebaixamento a que descera mostra-o, em termos bem claros, uma carta em que o Governador Baltazar Pereira do Lago, um dos homens que bem mereceram desta Colónia, participava para a Corte, em 1766, a morte do primeiro Secretário do Governo. «Não nomeei outro secretário — dizia ele — por não encontrar em Moçambique um homem de honra e de verdade...» Tais palavras pareceriam inacreditáveis, se não tivessem a firmá-las o nome de um homem que os documentos nos apresentam dotados precisamente desses dois predicados, que não lograva descobrir nos que o rodeavam.

Sem entrar na descrição do quadro de misérias materiais e morais em que se transformara a nossa antiga prosperidade, diga-se apenas que em 1833 surgiu na Colónia, vinda do sul, uma tribu numerosa, aguerrida e cruel, — os vátuas — que, como onda avassaladora, avança para o norte, tomando-nos terras e fortalezas e varrendo diante de si toda a resistência cafre e europeia. Por 1858, os vátuas dominavam quase toda a vasta região moçambicana que vai do Maputo ao Zambeze, esse pedaço de Portugal, que soldados, missionários, comerciantes e aventureiros, numa época de exaltação nacional, haviam talhado a golpes de decisão e heroísmo.

Era o remate lógico de gravíssimos erros acumulados em gerações sucesivas!

P. Armando V. da Mota

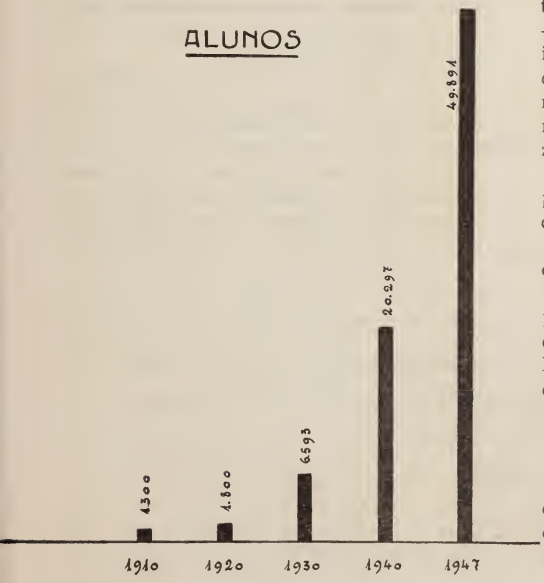
Quando os Franciscanos desembarcaram na Beira, já as Missionárias de Maria ali trabalhavam...

ESCOLAS INDÍGENAS

MERCÊ da sua grande importância ou da diversidade de opiniões sobre o assunto, é certo que o problema da instrução indígena, nas nossas colónias, tem oferecido, nos últimos tempos, matéria para vastas dissertações e também para largas contendas — estas nem sempre animadas pelo amor da justiça e da verdade, antes, muitas vezes influenciadas por ideias peregrinas, falsas e delectérias, vindas sabe Deus de que origem...

Que o indígena das colónias portuguesas tem direito — direito sagrado — de ser instruído e portanto civilizado, afigura-se tão evidente, que só cérebro mal formado ou intenção malévola o podem negar. Contudo... Mas a historiemos um pouco a respeito de Moçambique.

Em 1898, desembarcaram na nossa grande colónia da costa oriental africana, os primeiros missionários da actual Província Franciscana Portuguesa. Cheios de dificuldades — as dificuldades graves de quem pisa terreno desconhecido — começam por se fixar na Beira. Dali vão irradiando, em novas fundações, alargando deste modo a sua acção evangelizadora e civilizadora dos povos nativos.



Contudo, com o andar do tempo, um problema grave se apresenta a reclamar solução: uma sede de missão, por melhor e mais bem assistida que seja, tem sempre um campo de influência relativamente reduzido, alheias aos seus cuidados as massas populacionais afastadas no interior.

Da necessidade de estender mais a influência real e efectiva de cada sede, nasceu a fundação das escolas indígenas no *mato*. Por falta de meios rápidos de transporte, a princípio essas sucursais não se distanciaram muito da missão. Mais tarde, porém, abertas boas estradas e providas as missões de *camionettes*, as distâncias aumentaram, o número de escolas cresceu consideràvelmente.

Era a melhor solução; não havia outra, nem se vê que caminho diverso se poderia ter seguido com tão bons resultados. O missionário tinha à frente de cada escola um professor-catequista educado na missão; mensalmente, ia ele fazer uma minuciosa visita, fiscalizando, observando, corrigindo e ensinando. Estudados novos locais, novas escolas iam aparecendo — novos centros de ocupação efectiva e de civilização.

É evidente que a falta de recursos não permitia que todos os edifícios escolares fossem construídos, de início, em alvenaria. Nem a falta de meios, nem a conveniência. É frequente, em Moçambique, a emigração das populações em massa. Um local, hoje densamente povoado, torna-se amanhã em deserto, porque... os pretos foram para outras terras. Melhores? Piores? Nem sempre o seu espírito nómada obedece a leis de pragmatismo, mas a razões especiosas, para eles muito certas e que à nossa lógica se afiguram rematada tonteria... Mas... é assim e contra factos...

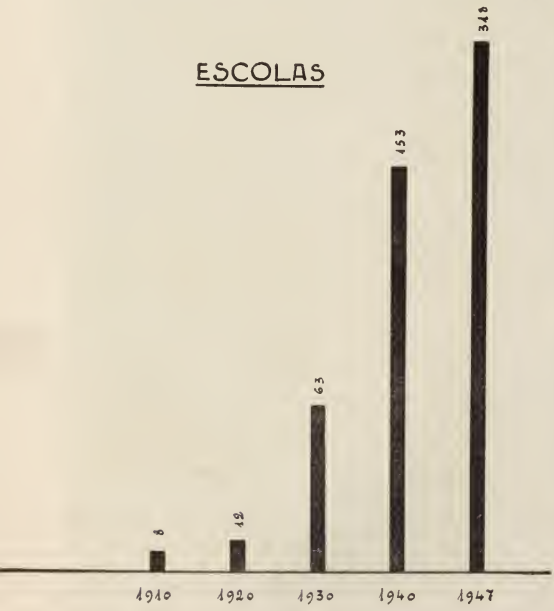
Explicado isto, compreende-se bem a loucura de gastar algumas dezenas de contos em edifícios, hoje com alta frequência escolar e amanhã completamente vasios. Era precisa

grande dose de prudência e tudo aconselhava a experimentar longamente o terreno, antes de se fazer obra definitiva. Se, nem mesmo assim, sempre se acertou...

Tudo isto parece lógico, certo, inatacável.

Mas a crítica apareceu áspera, agreste, cortante, recheada de argumentos...

Contudo, nem todos acertavam pelo mesmo diapasão. Para uns, a maior falha estava precisamente nas construções: «Uma vergonha! Escolas em palhotas, em vez de edifícios amplos, com material didáctico moderno e perfeito!...» Outros, percebida a infelicidade do argumento exposto, decretavam do alto da sua experiência de velhos e sabidos colonos: «Que desgraça a mania da instrução indígena!... Deixem os pretos na posse tranquila dos seus manipansos!... Não os estraguem!... Letras?!... Tolice!... Trabalho nos campos e... basta!...» Também este arrazoado soava falso, com um vago sabor negreiro e por isso, outros, mais atilados, subiam arquejantes ao alto das tribunas fáceis de periódicos baratos, no reclame do seu elixir: «Não senhor, não é isso... O preto precisa de instrução. Em palhotas? Em bons edifícios? Não importa. Temos o dever de os civilizar. Mas... nada de padres. O Estado é quem deve erigir escolas, cuidar da instrução. Padres? Mas eles só sabem o Padre-Nosso!... Pretos carolas?!... Não, não queremos...»



Para sermos justos, devemos dizer que, ao lado destes, havia a grande massa anónima do povo simples e justo, que via, pela experiência, que os padres não sabiam sòmente o Padre-Nosso e ensinavam os pretos não a serem carolas, mas bons cristãos, elementos valiosos na sociedade.

Entretanto, indiferentes à crítica malévola, as missões continuavam o seu trabalho difícil e de suas escolas iam saindo milhares de alunos preparados para a vida, recrutando-se de entre eles, os melhores artistas, bons empregados comerciais, motoristas, óptimos amanuenses, etc., etc.

Mas as missões não chegavam infelizmente a toda a parte e o Governo promoveu a fundação de escolas indígenas, onde colocou professores pagos directamente pelo orçamento da Colónia e fiscalizados pelas autoridades da respectiva área administrativa. O pior é que o rendimento destas escolas se mostrou muito inferior ao das missões e... muitos dos tais edifícios escolares eram também em palhotas vulgares, falhas de material didáctico, assistidas por professores que deixavam imenso a desejar... Mas, os tais críticos de olhos bem abertos para os defeitos das escolas missionárias, agora, numa incompreensível miopia, nada enxergavam nas escolas do Estado...

No Território da Companhia de Moçambique, as coisas passaram-se de um modo um pouco diverso: Todo o ensino indígena foi entregue às missões franciscanas, subsidiado larga e generosamente. Mesmo as escolas pagas directamente pelo orçamento da C. M. e que a expensas suas tinham sido construídas, estavam sujeitas à vigilância e direcção missionária.

Todavia, como atrás dissemos, nem tudo era crítica de olhos vesgos, e muita gente de boa vontade e pensamento honesto continuava a elogiar a obra das missões neste capítulo, propagando a ideia de que lhes devia ser concedido todo o ensino indígena.

Finalmente o Governo assim o entendeu e assim o fez.

E foi então um recrudescer de protestos. Não abertamente, em discussão honesta e franca de quem deseja ver e acertar, mas secretamente, em falinhas baixas, ciciadas ao ouvido, embrulhadas em insinuações venenosas e acusa-

ções falsas... E novamente se pressentiram, numa cega-rega monótona e irritante, os refervidos argumentos: daqueles que lamentavam que na mão do preto se metesse uma caneta em vez de uma enxada — já assim falariam certamente os negreiros dos séculos passados!... — e dos que, cheios de *pena*, verificavam as más instalações das escolas missionárias, a sua falta de material, enfim todas as suas deficiências... mesmo daquelas que tinham vindo directamente do Estado e de que, numa falta de memória atroz, já se não lembravam...

E houve até, quem, do alto da sua responsabilidade, erguendo-se nos bicos dos pés, para se tornar visível do público, dogmatizasse: que os missionários não tinham competência para administrarem aos indígenas, nas suas escolas... a instrução rudimentar e primária... — Como se o missionário com o seu curso superior, com a sua experiência, o seu espírito de abnegação e sacrifício, menos valesse e menos soubesse que qualquer amanuense jovem com o terceiro ano do liceu!...

Gastar tinta, argumentos e tempo com estes críticos *importantes?* Não, não vale a pena, porque custa muito a acreditar na sua boa fé...

Para os nossos leitores, para os homens de boa vontade que honestamente desejam saber dos nossos trabalhos e dos nossos progressos no campo da instrução indígena, só para esses, vão os gráficos juntos. Eles falam eloquentemente, sem necessidade de mais explicações.

F. P.

HOJE, Mousinho, não podia repetir o que disse no seu tempo que era «haver professores sem escola, e escola sem discípulos, missões sem igrejas e igrejas sem fiéis».

Hoje a instrução anda espalhada por toda a Colónia, tem-se multiplicado o número de professores e criado muitas escolas.

. . . . . .

(...) A civilização em África prepara-se nas escolas e completa-se nas igrejas. Construíram-se recentemente belas igrejas, como não houve iguais em tamanho e beleza nos tempos passados, nem na era da nossa grandeza. E essas igrejas enchem-se a transbordar de fiéis que ajoelham diante dos altares numa íntima comunhão de sentimentos religiosos entre todos.

Nunca encontrei antinomia entre o amor da minha Religião e o amor da minha Pátria, e na vibração destes sentimentos sagrados, rendo o preito sincero do meu reconhecimento ao Governo da Metrópole e ao Governo da Colónia, pedindo a Deus que faça próspera a Nação e engrandeça o Império.

(Pastoral de Despedida da Prelazia de Moçambique, 1937).

D. Rafael da Assunção

Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira

Fundação e primeiros tempos

Como atrás fica dito, foi em 17 de Julho de 1898 que desembarcou na Beira o primeiro grupo de missionários franciscanos, composto por três sacerdotes e três irmãos auxiliares: Padre António de Santa Maria, Padre Rafael da Assunção, Padre José da Assunção Rolim, fr. Serafim Felisberto, fr. Salvador Franqueira e fr. Daniel de Almeida.

O P. António de Santa Maria, que fora nomeado pároco da Beira pela provisão de 12 de Julho de 1898, recebeu a paróquia das mãos do seu antecessor, P. António Augusto de Morais Fortuna, seguindo este pouco depois para Quelimane.

Não havia na Beira igreja digna desse nome. Até então servira de paroquial a capelinha de S. João Baptista situada na margem direita do Chiveve, pouco mais ou menos onde hoje é a estação do caminho de ferro e portanto muito afastada do principal centro da população, motivo que levara a construir outra pequena capela junto do hospital, de cujo serviço ficou encarregado o P. Rolin. Em 18 de Julho, no dia seguinte ao da chegada, o Padre Rafael recebia a nomeação oficial de director da Escola Tito de Carvalho.

Sob o ponto de vista missionário, a Beira e arredores, como aliás quase todo o vasto território da Companhia de Moçambique, podiam dizer-se terreno virgem. O novo pessoal, embora sem recursos e sobretudo sem a mínima experiência do clima africano, lançou confiadamente mãos à obra com um entusiasmo e uma largueza de vistas bem próprios da sua idade.

Que as suas generosas intenções e desprendido zelo foram bem compreendidos, mostra-o a carta n.º 254 enviada pelo Governador da Companhia ao Conselho em 8 de Outubro de 1898, ou seja três meses incompletos após o desembarque dos missionários, onde, entre outras coisas, se lê o seguinte: «Chegou aqui em meados de Julho uma missão de franciscanos constituída por três padres e três leigos. De acordo com o Snr. Bispo de Epifania, substituíram os dois padres seculares que aqui estavam... No pouco tempo que tem decorrido desde a sua chegada os padres franciscanos têm conquistado, pelo seu zelo esclarecido, o respeito e as simpatias de toda a população portuguesa e estrangeira. A sua influência sobre a classe operária é já notável e salutar...»

Estes primeiros sucessos devem-se principalmente à criteriosa orientação do P. António de Santa Maria, missionário zeloso e ilustrado e espírito empreendedor, que até 1902 ocupou o lugar de superior da missão. A sua excepcional competência e bons serviços valeram-lhe, com grande perda para a missão da Beira, ser chamado a Roma para desempenhar o cargo de definidor geral da Ordem Franciscana.

Durante três anos e meio conseguiu ele lançar na capital de Manica e Sofala as bases da actividade missionária e traçar as linhas gerais de que os seus sucessores jamais se desviariam. Deve-se-lhe a organização de uma associação de operários da Beira, que alcançou depressa grande desenvolvimento, chegando a ter uma banda de música e edifício privativo, onde actualmente está situado o hospital europeu da cidade.

A necessidade de levantar na Beira um templo condigno tinha já sido reconhecida por D. António Barroso. O P. António de Santa Maria, sem outros recursos ou garantias que não fossem a Providência e o decidido ânimo que o alentava a ele e aos companheiros, abalançou-se à construção duma igreja segundo um plano que para o tempo era certamente desproporcionado com as necessidades da população da Beira, mas que o futuro demonstraria não pecar por excesso de dimensões. Quando retirou para Roma, o edifício não passava ainda dos alicerces, embora nele se tivessem enterrado avultadas quantias.

A instâncias suas e pela sua influência tinham as Missionárias de Maria aberto na Beira um pequeno colégio.

A par de tudo isto, zelou também a missionação dos indígenas. Em 4 de Outubro de 1900 inaugura no Motundo, a poucos quilómetros da cidade, uma estação missionária. O Motundo era o centro de uma área intensamente povoada, mas nunca houve intuitos de fundar ali uma verdadeira missão, já pela extrema insalubridade do sítio, já porque outros motivos, que não vêm para aqui expor, deixavam fàcilmente prever que

Igreja da Missão de Beira

nunca seria possível obter no Motundo resultados práticos apreciáveis. Limitaram-se, pois, os missionários a levantar, à sombra de velhos cajueiros, uma pequena ermida e uma escola, tudo de madeira e zinco, onde provisòriamente se iriam ministrando aos indígenas rudimentos de instrução e de doutrina, enquanto se tomava mais perfeito conhecimento da região e se ganhavam ânimo e recursos para empresas de maior vulto.

Não faltaram as costumadas dificuldades de todos os princípios, nomeadamente a falta de recursos e os estragos que o clima ia fazendo na saúde dos mal prevenidos missionários. O P. José Rolim, alma ardente de apóstolo a empurrar um corpo franzino para excessos de trabalho que a sua constituição lhe não permitia, viu-se obrigado a abandonar as missões antes de ter completado um ano de serviço. O P. Rafael teve de partir para Portugal em 1901 a retemperar a saúde e no mesmo ano falecia na Beira um dos irmãos auxiliares, fr. Serafim Felisberto.

Não obstante todos estes contratempos criarem uma situação quase desesperada aos pobres missionários, nem estes nem os seus superiores de Portugal estavam dispostos a verem perecer inglòriamente obra começada com tanto entusiasmo e sobre que tinham depositado as mais sorridentes esperanças.

Disse já que os franciscanos portugueses, aproveitando uma vaga de tolerância política, se tinham organizado em 1901 na «Associação Missionária Portuguesa», em cujos estatutos, aprovados pela portaria régia de 18 de Outubro do mesmo ano e publicados no Boletim Oficial da Província em 14 de Junho de 1902, se declaram os propósitos de não só conservar e desenvolver a missão da Beira, mas ainda estender a acção missionária a outros pontos do Território da Companhia de Moçambique. No artigo 22.º desses estatutos lê-se o seguinte:

«...a «Associação Missionária Portuguesa» tem já fundada a missão da Beira em Moçambique e a estação missionária do Motundo e está habilitada para a fundação imediata das missões do Báruè e de Manica. Na missão da Beira os missionários desta associação têm a seu cargo o serviço paroquial de toda a cidade, do Hospital, da escola, da biblioteca, da associação operária para instrução e socorro mútuo dos operários, e ministram aos indígenas o ensino de artes e ofícios na medida que lhes permitem os seus limitados subsídios, que podem agenciar, devendo em breve montar-se ali uma oficina para maior desenvolvimento deste ramo missionário.

«§ único. — As Missões do Báruè e de Manica são destinadas ao ensino de agricultura e horticultura, e a do Báruè propõe-se, além disso, pacificar aquele

território quase sempre insubordinado contra a metrópole».

Mas o decreto que aprovava tais fundações nunca chegou a ser posto em vigor nos territórios da Companhia de Moçambique, razão por que não se pôde proceder ao estabelecimento das referidas missões.

Pouco antes de partir para Roma o P. António de Santa Maria, regressava de Portugal, acompanhado de dois novos sacerdotes, o Padre Rafael, que substituiu aquele no lugar de pároco e de superior da missão.

Escola de Artes e Ofícios

De princípio se dedicaram os missionários franciscanos da Beira à catequização e instrução dos indígenas, mas, por falta de experiência, ficaram malogrados os primeiros ensaios. Depressa tiveram de convencer-se que a missionação quase exclusiva de adultos, como estavam fazendo no Motundo, não poderia servir de base ao seu trabalho.

É certo que o indígena adulto manifesta geralmente boa disposição para ouvir a palavra do missionário e procura até, pelo menos aparentemente, ser-lhe agradável; mas, salvo raras excepções, é incapaz de desprender-se de certos hábitos ancestrais em aberta oposição com os princípios da moral cristã, mormente no que respeita aos seus prazeres: mandriíce, bebe-

deira e mulheres. Quando criança, pelo contrário, o preto é relativamente maleável tanto para contrair novos hábitos como para assimilar as doutrinas em que o quiserem educar.

Convencidos os missionários, por experiência própria, da verdade destes princípios, começaram a estudar as possibilidades de abrirem na Beira uma casa de educação, onde as crianças indígenas — pretas e mestiças — fossem crescendo debaixo da assistência contínua dos missionários, transformando-se pouco a pouco em cristãos convictos e cidadãos prestáveis; e para isso nada mais indicado do que uma escola de artes e oficios.

Quando o Prelado de Moçambique, D. Sebastião, esteve na Beira, em 1900, procurara-se já dar efectivação a esses planos, pedindo ele próprio à Companhia de Moçambique a concessão gratuita do local do antigo cemitério da cidade, para nele se construir a igreja, a residência paroquial, a biblioteca, as escolas do sexo masculino e a escola de artes e ofícios. Seguiu-se longa troca de correspondência, vindo o terreno pedido a ser entregue à Prelazia, para os fins em vista, em 28 de Março de 1903.

Desta data em diante mais se firmou no ânimo do Padre Rafael o audacioso intento de fundar uma escola modelar, na qual, ao lado do ensino literário, se incutisse nos alunos o amor ao trabalho pela aprendizagem de ofícios que mais garantias oferecessem ao futuro dos educandos.

Os princípios desta escola foram mais que modestos e passaram quase despercebidos. Reduziam-se ao minúsculo internato de crianças pretas e mestiças albergadas pelos missionários na sua residência da Ponta Gêa, que de manhã frequentavam a escola da Companhia e de tarde se entretinham com a limpeza, jardinagem e outros pequenos serviços domésticos. Foi isto em Maio de 1905.

Breve começaram a afluir novos alunos e com eles a necessidade de dar à escola uma orientação precisa e planos mais amplos. Havia que alugar uma casa, montar oficinas, comprar máquinas, contratar mestres e tudo isto só se conseguiria à custa de muito dinheiro; os vencimentos dos missionários, ainda quando muito esticados, não chegavam para tanto. Por mais voltas que desse aos seus planos, o Padre Rafael esbarrava com a mesma dificuldade: a falta de recursos.

Por vezes perguntava a si próprio se todos esses projectos não passariam de meras fantasias de um visionário, como mais tarde confessou ao Governador, ao dar-lhe conta dos seus receios: «... antes de dizermos em público que lançáramos os inícios de uma escola de artes e ofícios descríamos de nós mesmos. É por isso que tendo começado a nossa obra em princípios de Maio, só em Agosto dela damos público conhecimento. Pensamos que se as energias da nossa vontade se despedaçassem e a escola tivesse de sucumbir logo após os primeiros ensaios, melhor fora que ninguém desse por isso e fossemos os únicos a lamentar o desastre».

Depois, em conversa com o Governador, teve ensejo de lhe expor todos os planos e dificuldades. Este, se bem que descrendo do futuro de tal fundação, prometeu um subsídio de 1$000 reis mensais por cada aluno até ao máximo de vinte.

Era na verdade uma insignificância, mas o Padre Rafael rejubilou.

Com esta e outras pequenas achêgas alugou-se uma casa de um andar, onde se instalou a escola, oficinas, dormitório e sala de instrução. Para a sapataria contratou-se um mestre europeu e para a alfaiataria um indiano. Com alguns instrumentos de música emprestados pela Companhia de Moçambique fizeram-se os primeiros ensaios para a futura banda. Finalmente puderam ainda comprar-se algumas máquinas, apetrechos e ferramentas indispensáveis à montagem das oficinas.

Em 8 de Agosto de 1905 notificou-se oficialmente a existência da escola, que nesse dia recebeu a visita do Governador do Território, indo depois os alunos, vestidos dos seus uniformes, cumprimentá-lo à residência.

No dia seguinte o ilustre visitante comunicava o facto ao Administrador-Delegado por estes termos:

«Em aditamento à minha carta n.º 523 de 7 do corrente, informo a V. Ex.ª que fui ontem inaugurar a escola de artes e ofícios dos missionários portugueses, constando de um internato de 12 crianças do sexo masculino, mulatos e pretos, regularmente instaladas e com aulas de português, música e oficinas de carpinteiro e alfaiate. Esta instituição incipiente representa uma tentativa simpática e pode vir a constituir um valioso elemento de progresso do Território».

Em Dezembro de 1905 a escola contava já vinte alunos, atingindo portanto o máximo do subsídio concedido pela Companhia. O edifício alugado tornara-se insuficiente, o que veio trazer novas apreensões aos missionários.

O Padre Rafael solicita uma vez mais o auxílio da Companhia, abre uma subscrição na Beira e nas demais povoações do Território, alcança a ajuda da Prelazia e com tudo isto, junto às economias dos missionários e esmolas que estes angariavam, abalança-se à construção de um edifício amplo em que a Escola de Artes e Ofícios pudesse desenvolver-se livremente, começando a abrir-se os caboucos em 2 de Abril de 1906. A Companhia de Moçambique mandara elaborar o projecto, mas propositadamente se escondeu a estimativa do custo da obra, a fim de evitar críticas e desânimos.

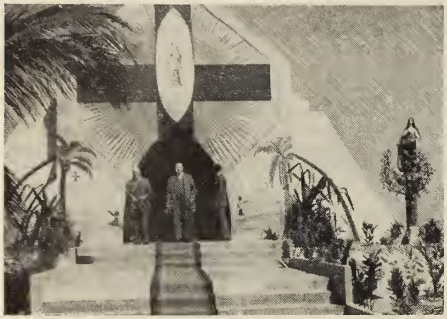
O público começava a olhar com interesse a audaciosa iniciativa. Tudo ia levando bom caminho — louvado Deus! — e o Padre Rafael já não se sentia só. Entre os estímulos que por essa altura recebeu, há a salientar um ofício do Ministro dos Negócios da Marinha e Ultramar, datado de 7 de Março de 1906, em que este diz ter-lhe sido «muito agradável conhecer a existência da Escola de Artes e Ofícios da Beira e os resultados que vai já produzindo tão útil instituição, sendo digna de louvor a benemérita iniciativa do Reverendo Padre Rafael da Assunção».

As obras progrediram com tal rapidez que o Príncipe D. Luís Filipe pôde, no dia em que desembarcou na Beira — 4 de Agosto de 1907 — presidir à inauguração do novo edifício. Na sala principal, perante o Príncipe com a sua comitiva e numerosa assistência, leu-se o auto do teor seguinte:

«Aos quatro dias do mês de Agosto do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e sete, nesta cidade da Beira e avenida de

D. Carlos, Sua Alteza Real o Príncipe D. Luís Filipe dignou-se proceder à inauguração do novo edifício desta Escola, fundada e edificada pela Associação Missionária Portuguesa, para o ensino de Artes e Ofícios.

«Assistiram também a este acto Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Sienne e Prelado de Moçambique, D. Francisco Ferreira da Silva; Sua Excelência o Senhor Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, conselheiro Ayres de Ornelas e Vasconcelos, Capitão do Estado Maior; Sua Excelência o Senhor Governador Geral da Província de Moçambique, conselheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade, Major do Estado Maior de Engenharia; Sua Excelência o Governador do Território de Manica e Sofala, Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, Capitão-Tenente da Armada Real.



Exposição da Beira — Os Governadores das Rodésias

«E para que a todo o tempo conste, se lavrou este auto, que vai ser assinado por Sua Alteza Real e mais assistentes, depois de lido em voz alta por mim, Padre Rafael Maria da Assunção, Director da Associação Missionária Portuguesa na África Oriental, que também o assino».

Depois de servido o champanhe e lido um pequeno discurso por um dos alunos da Escola, o Príncipe visitou toda a casa, de que parece ter colhido as melhores impressões.

O edifício, embora não completamente acabado, satisfazia já às necessidades mais urgentes do momento. Faltava apenas o dormitório, a cuja construção se procedeu imediatamente, continuando entretanto os rapazes a pernoitar na Ponta Gêa.

Nos anos subsequentes ampliou-se mais o edifício e em fins de 1908 já pôde instalar-se uma oficina de tipografia e um pouco mais tarde a de encadernação.

Os alunos aumentavam em número de ano para ano, mas as receitas da Escola, que consistiam principalmente no rendimento das oficinas, estavam longe de cobrir as despesas sempre crescentes, tendo quase permanentemente de se recorrer a esmolas e a outras verbas agenciadas pelos missionários.

Em 1907 a banda de música da Escola compunha-se já de dezassete figuras e exibia um reportório bastante variado, o que levou a Companhia de Moçambique a solicitá-la para substituir a banda militar, dando aquela o seu primeiro concerto no jardim público da Beira em Maio de 1907; e desde então até hoje aí continuou a tocar com regularidade durante duas horas às quintas e domingos. Esta substituição, financeiramente vantajosa para a Companhia de Moçambique, mas sobretudo para a Escola, foi firmada por contrato em 8 de Dezembro de 1907.

A Escola de Artes e Ofícios entrou daí em diante numa vida um pouco desafogada e pôde desenvolver-se normalmente nos anos que se seguiram. O «Anuário de Lourenço Marques» de 1917 refere-se a ela por estas palavras: «Já hoje se encontram bastantes rapazes saídos desta escola trabalhando por diferentes pontos da Província. Em Chonguène (Chai-Chai) são dois ex-alunos que dirigem oficinas de alfaiataria e sapataria. Na Beira, Vila Machado, Chimoio, Macequece, Bazaruto, Inhambane, Chai-Chai e Lourenço Marques trabalham rapazes saídos desta escola; uns pelo ofício que aprenderam, outros por diferentes misteres que maiores vantagens lhes dão».

Em face de tão lisongeiros resultados, não admira que a Escola se tenha imposto há muito à consideração e apreço dos Governadores Gerais da Colónia como das autoridades da Companhia de Moçambique. Um alto funcionário desta entidade, estrangeiro e protestante, dizia: «...Muitas das Missões são úteis; mas os seus resultados dependem invariàvelmente do sistema de ensino. Com o Padre Rafael e a sua Escola de Artes e Ofícios, que eu considero como perfeito sistema de ensino para o indígena, entendo na minha opinião que se deve ajudar, por isso que nessa escola o indígena não só aprende um ofício, como se torna um operário útil para o território». (Vid. «Hist. da Igreja em Portugal», por Fortunato de Almeida, t. IV, p. IV, p. 446).

Em 1926 foi necessário aumentar mais uma vez o edifício da Escola, porque o barracão de madeira e zinco em que os alunos dormiam, além de não oferecer boas condições higiénicas, se tornara insuficiente. Deu-se, pois, começo a outro pavilhão, cujo primeiro andar serviria de dormitório, reservando o rés-do-chão para instalar as oficinas, à excepção da carpintaria e da serralharia. Já prestes a inaugurar-se, um terrível ciclone atirou-o por terra. Perderam-se nessa noite perto de duas mil libras.

Pacientemente e com o mesmo ardor recomeçaram os missionários a angariar os necessários recursos e em 1929 o pavilhão derrubado estava de novo em pé. Nele se acham actualmente instalados o dormitório, o refeitório do internato, a sala de música e as oficinas de encadernação, tipografia, alfaiataria e sapataria.

Em 1930 amplia-se ainda o edifício com importantes construções, ficando uma parte reservada ao museu missionário, salão de festas e sala de música, e outra à instalação da carpintaria e serralharia, oficinas que nesse ano receberam novas máquinas e apetrechos.

Em 1932 montou-se na Manga Loforte, arrabaldes da Beira, uma olaria dirigida por um mestre europeu, tendo-se para isso construído um edifício apropriado. Esta oficina dispõe de excelentes máquinas-ferramentas e os seus produtos são muito apreciados e têm grande procura.

Posteriormente beneficiou-se a missão com outras construções de menor importância, entre as quais um grande depósito de cimento armado, com dois compartimentos para água doce e salôbra.

A banda de música compõe-se presentemente de cerca de trinta figuras e mantém galhardamente as suas tradições. A Escola sustenta um internato de 100 alunos, em média, os quais, num labor de todos os dias, se esforça por preparar para a vida. Seria interessante, mas quase impossível, organizar a lista de todos os rapazes que por ela passaram com a indicação dos ofícios em que trabalham e das funções que desempenham através de toda a Colónia de Moçambique e até nos vizinhos territórios ingleses.

Muitas vezes se tem dito e pode sem receio afirmar-se que a Escola de Artes e Ofícios da Beira, assim como os seus organizadores e directores, honram pela sua judiciosa orientação a moderna colonização portuguesa.

Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Rosário — Beira

D. António Barroso escrevera já em 1894 que era «urgente construir-se igreja própria e mais central» na povoação da Beira, em substituição da capelinha de S. João Baptista, propriedade de uma confraria e na qual se celebravam os actos do culto.

Quando o P. António de Santa Maria, em 1898, se determinou a empreender a obra, sentiu-se apoiado não só pela população da Beira como pelo próprio Governador Gorjão. Este comunicou o facto para a sede, ainda nesse ano, pelos seguintes termos:

«Como a Beira não tem ainda igreja paroquial e há apenas duas pequenas capelas, uma na margem direita do Chiveve e outra junto ao Hospital, e escasseia muito o trabalho de pedreiro, aproveitando a boa disposição geral do público, sugeri indirectamente a nomeação duma comissão de senhoras para obter fundos para a construção dum novo templo. Com o produto de um bazar e uma subscrição apenas iniciada, obtiveram-se já cerca de 4.500$000 reis e creio que conseguirão obter quantia bastante superior. Se assim for, entendo que a Companhia deverá contribuir no próximo ano com algum auxílio pecuniário, porque a construção de uma igreja, na Beira, além das vantagens de outra ordem, muito atendíveis, tem a de dar ocupação durante muito tempo a um considerável número de operários, o que alivia a Companhia de um elevado encargo. A oportunidade, em vista da escassez actual de trabalho em consequência da crise, não podia ser melhor».

Em Junho de 1899 apareciam publicadas no Boletim da Companhia de Moçambique as contas duma comissão católica com um saldo de mais de 800 libras. Em Dezembro seguinte a comissão encarregada de angariar donativos para o templo apresentava ao Governador do Território um requerimento em que se pedia a concessão gratuita de um determinado local na então avenida de D. Carlos, a fim de nele se iniciarem imediatamente as obras.

A cerimónia da bênção da primeira pedra foi realizada por D. Sebastião, Bispo de Epifânia, em 25 de Janeiro de 1900, dando-se ao futuro templo a invocação do Sagrado Coração de Jesus. Em menos de um ano estavam prontos os alicerces, mas também esgotado todo o dinheiro, motivo por que se houve que parar com as obras. A falta de terreno firme falseara os cálculos dos construtores, e por então pôs-se de parte o arrojado projecto de levantar um templo que prometia absorver muitos milhares de libras.

Em 1904 o Padre Rafael pretendeu, mas sem resultado, prosseguir com os trabalhos da igreja, porque já nesse tempo muitos fiéis deixavam de assistir aos actos religiosos, especialmente à missa do domingo, por falta de espaço e de condições higiénicas na capela que servia ao culto. Depois meteram-se as obras da Escola de Artes e Ofícios que durante alguns anos consumiram todos os cuidados e recursos.

Em Janeiro de 1906 a capelinha de S. João Baptista ameaçava ruína, passando a utilizar-se, para a celebração dos actos do culto, a casa que fora residência do Comandante da Força Policial. Em 17 de Maio de 1908 inaugurou-se uma nova capela de madeira e zinco, que ficou servindo provisòriamente de paroquial, por ter sido mandada demolir a de S. João Baptista, a esse tempo completamente minada pela formiga branca.

Pensou-se então mais a sério em levantar a nova igreja, solicitando-se novamente para isso o auxílio da Companhia de Moçambique, a qual, consultado o seu pessoal técnico, foi de parecer favorável. Fez-se novo projecto, por não existir já o primitivo, e começaram a levantar-se as paredes da capela-mor, no intuito de a aproveitar para o culto enquanto se não concluía o resto do edifício.

A mudança de regime de 1910 ocasionou nova suspensão dos trabalhos. Entretanto foram os previdentes missionários amealhando algumas economias e juntando materiais. As obras só vieram a ser retoma-

das em 9 de Dezembro de 1919, mas desta vez foram levadas sem interrupção oté final.

Pede a justiça que se ponha mais uma vez em relevo a operosidade inteligente e incansável do Padre Rafael, que — pode afirmar-se, sem desfavor para ninguém — foi a alma das obras da igreja, como já o fora das da Escola de Artes e Ofícios. Quantos trabalhos, sacrifícios e privações de toda a espécie lhe custou alimentar esses dois sorvedoiros de dinheiro e de energias, só ele o sabe.

Em Janeiro de 1921 teve o P. Rafael de deixar a Beira para assumir a responsabilidade do Governo da Prelazia. Deram-lhe felizmente um sucessor digno dele, o P. Pedro de Araújo, que durante quatro anos de infatigável actividade logrou manter o ritmo da construção da igreja, deixando-a pràticamente concluída ao retirar-se em 1925. Ao cabo de pouco tempo tinha captado as simpatias de todos os benfeitores da obra do P. Rafael e alcançado, pelo seu zelo e prestígio, numerosos e importantes donativos.

O Alto Comissário da Colónia, Dr. Brito Camacho, que em matéria de missões e missionários não era dos mais fáceis de contentar, visitou a Beira por esse tempo e num dos seus livros exarou depois estas palavras de apreço pelo novo superior da missão: «O sr. padre Araújo, que me cicerona na visita à Escola e à Igreja, dá-me a impressão de ser uma pessoa muito inteligente e culta, um missionário apaixonado pela obra que realiza e por isso mesmo realizando-a com amor e devoção... Prometo-lhe os auxilios que me pede, na medida em que possa dar-lhos...» Prometeu, e não demorou muito em cumprir, honra lhe seja.

Coube ao P. António Ribeiro, que em princípios de 1925 substituiu o P. Pedro, dar os últimos retoques no novo templo e assistir, como superior, à sua inauguração.

Enfim, após um longo quarto de século de trabalhos, preocupações e dificuldades, os missionários e a população da Beira e sobretudo o ilustre Prelado de Moçambique viram coroados os seus esforços e satisfeita a nobre aspiração de erguer na capital dos territórios de Manica e Sofala um templo digno do progresso da cidade, da fé dos seus habitantes e dos sacrifícios dos seus missionários.

Se é certo que estes últimos mais do que ninguém se interessaram e trabalharam por obra de tão grande alcance, também seria injusto esquecer que ela está longe de lhes pertencer exclusivamente, pois representa a fé ou a boa vontade e generosidade de inúmeros benfeitores.

Entre os que mais contribuíram para que a igreja da Beira seja uma realidade devem salientar-se, dum modo geral, as autoridades da Companhia de Moçambique, sempre dispostas a ajudar e a facilitar; o Alto Comissário Dr. Brito Camacho, não só pelo generoso subsídio que concedeu, como pelas palavras de estímulo que teve para com os missionários; o engenheiro Afonso do Carmo, a quem artística e cientificamente pertence o templo, e que, embora dirigindo a obra por conta da Companhia de Moçambique, mostrou sempre neste serviço grande dedicação e interesse; e, duma maneira geral, a população da Beira, que contribuiu com avultadas quantias, obtidas por meio de quermesses, peditórios e dádivas espontâneas. A este entusiasmo nem os próprios indígenas fizeram excepção. Um grupo de ex-alunos da Escola de Artes e Ofícios tomou a iniciativa de montar uma barraca na quermesse que se organizou quando da inauguração da igreja, indo depois entregar ao superior da Missão, como fruto desta e duma subscrição aberta entre eles, a importância de cerca de cento e vinte libras.

Quanto a dádivas particulares, algumas merecem particular referência, como sejam a de Libert Oury, Administrador da Companhia de Moçambique, que ofereceu os ricos vitrais da igreja e o carrilhão, e a de B. T. Davis, a quem se deve o esplêndido relógio eléctrico de quatro mostradores que tanto embeleza a torre. Os artísticos quadros da Via-sacra e a imagem de Santa Teresinha são dádivas de M.lle Heros e o altar de S. Francisco Xavier oferta da Associação Oriental.

A igreja, cuja primeira pedra fora lançada sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus, veio a ser dedicada a Nossa Senhora do Rosário, inaugurando-a D. Rafael no dia de Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto) de 1925.

P. A. Mota

«MARE NOSTRUM»

POETA

Que andas tu, ó Mar,
A dizer e a bramar
Toda a noite e todo o dia?
São tormentos? É alegria?

O MAR

De naufrágios e epopeias
Trago as minhas ondas cheias.
Poeta! Lê o poema
Que de beijos e conchinhas
Compuseram nas areias
Da praia morena
As ondas minhas...

POETA

E eu fui lendo, pela praia além,
Isto que aqui vem:

1.ª ESTROFE

Por mim passou Vasco da Gama
E, ao ver a sua caravela
Fiz-me de algodão em rama.
E dos mastros uma vela
Tanto, tanto se abaixou
Que me beijou!

2.ª ESTROFE

Eu não posso narrar o meu furor!
Sou filha do Adamastor.
O Grande Bartolomeu
Espantou o céu!
Ele é o homem-sem-medo
Que desvendou o Segredo.
Nada o conseguiu vergar.
Nem as ondas nem os ventos
E foi desesperada, com lamentos,
Que eu o vi passar...

3.ª ESTROFE

Eu canto vitórias mil!
Quando a frota de Cabral
Demandava o Novo Mundo
Subi eu do mar profundo
A ensinar-lhe o caminho.
E tanto encontrão lhe dei
(Só por amor, de mansinho...)
Que o levei,
Ao meu heroi sem igual,
Ás infindas plagas do Brasil.

4.ª ESTROFE

Gil Eanes, varão enamorado,
Lembrar-te-ás de mim?
Quando á deriva, cansado,
Buscavas as brancas rosas
Pelas arribas rochosas,
Foi a minha espuma, fui eu, sim,
Que nelas me tornei...
E o Cabo Bojador
Foi todo uma grande flor.
Para o Senhor teu Rei!

5.ª ESTROFE

Eu sou fria como o gêlo
E aqui, nesta praia portuguesa,
Desejo recordar Corte-Real.
Ai, quem me dera vê-lo!
Por meio dele amei a Portugal.
E como ele andava fatigado,
Coitado!
Mudei-me numa marquesa
Aonde ele descansou
...E nunca mais acordou!

6.ª ESTROFE

Eu namorei Sagres
E tanta blandícia murmurei
Ao ouvido atento do Infante
Que o arrastei
Através do mar distante...
Ai, Sagres, minha namorada,
Luzeiro de clareza inapagada,
Célula geradora de milagres!

POETA

E não tive tempo de ler mais
A não ser estes versos imortais:

AS ONDAS DO MAR

Ó Portugal da Grande Descoberta
Fomos nós que fizemos teus herois!
Eles são mais fulgentes que mil sois
Mas no brilho da nossa face aberta.
Mil sentinelas que somos
Do Indico ao Glacial,
Mil testemunhas que somos
Da glória de Portugal.

POETA

E tua, ó Mar imenso!
Porque também assim penso:
Os herois que acabaste de cantar,
Os herois imortais, sem ter igual,
São filhos de Portugal
...E também filhos do Mar.

M. B.

Acção missionária da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas

A Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, foi canònicamente aprovada pela Santa Sé a 3 de Maio de 1876.

Desde os primórdios da sua fundação incluiu no programa das suas actividades a acção missionária. Nem de outro modo poderia ser, pois sendo filhas de S. Francisco de Assis, o Pobrezinho, que ardia em desejos de passar à África para tornar conhecido o Santo Evangelho e gemia pelos bosques porque «*o Amor não era amado*», as Irmãs Hospitaleiras herdaram de seu Santo Pai a mesma chama de apostolado, o mesmo anelo de salvar almas. E assim, poucos anos após a fundação, partiram em 1882 para África as suas 6 primeiras Missionárias.

NA ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

Em 1882, a pedido de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. José Sebastião Neto, mais tarde Cardeal Patriarca de Lisboa, embarcaram para Angola as 6 primeiras Missionárias e, tempos depois, mais 4. Todas ali se conservaram até 1911, prestando serviço no Hospital de Luanda, donde foram expulsas nessa data por motivo da perseguição religiosa de então.

Primeiras Missionárias Hospitaleiras que foram para as Missões de Moçambique em 1922

Em 1908 tinham partido 6 Irmãs para a fortaleza de Luanda, continuando a ir mais até Abril de 1911. Os muitos e grandes trabalhos e sacrifícios ali suportados pelas beneméritas Missionárias (aproximadamente umas 30) que por Angola foram passando — e algumas lá deixaram a vida — só Deus os conhece.

Em 1893 partiram novas Missionárias para Cabo Verde, com destino ao Hospital da cidade da Praia, onde se conservaram até 1910, ano em que se viram também obrigadas a retirar pelo mesmo motivo da perseguição religiosa. Em 1908 haviam seguido mais 6 para o Tarrafal, donde se retiraram em 1910.

Guiné — Em Março de 1893 foram para a Guiné 6 Irmãs e destas faleceram ali 2, e retiraram as outras em 1902.

Em 1894 foram algumas irmãs prestar serviços no Hospital de Bolama, que abriu nessa época, mas viram-se obrigadas a retirar pela insalubridade do clima, em 1897. Mais tarde, em 1933,

regressaram de novo a esta Colónia, e por lá têm continuado até o presente, sem interrupção alguma. Neste lapso de tempo, a Congregação enviou já para ali 28 Irmãs que desempenharam generosa e proficuamente as suas múltiplas actividades benfazejas.

Actualmente estão 12 Irmãs na Guiné Portuguesa.

Exercem a sua acção no Asilo de S. José de Bor — Bissau — com uma média de 60 crianças e um «Berço Indígena» muito frequentado e cujo trabalho é dos mais extenuantes.

Em 1942 começaram a exercer a enfermagem no Hospital de Bissau com um movimento de 100 doentes por mês e 4.000 curativos.

NA ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

Para Moçambique partiram as primeiras Missionárias Hospitaleiras em Outubro de 1922, a pedido de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Rafael Maria da Assunção, em número de 5.

Actualmente trabalham ali 36 irmãs, dispersas pelas seguintes Míssões:

Lourenço Marques — *Missão de S. José de Lhanguene.*

Esta Missão, hoje uma das melhores do Arcebispado de Lourenço Marques, abrange as seguintes Obras:

— *18 centros de catequese,* com frequência numerosíssima, para cima de 3.000. Estes centros são no interior. As Irmãs catequistas partem para o mato pela manhã e regressam só à noite; ali cosinham e tomam a sua parca refeição.

2.º Grupo de Irmãs Hospitaleiras que embarcaram em 1927, com as primeiras

— Há também a Obra dos «Lares Cristãos» onde se tem obtido uma média anual de 75 casamentos.

Presas indígenas — Neste ramo de trabalho tão ingrato encontram-se em média umas 30 presas. Empregam-se estas miseráveis em vários trabalhos da Missão, especialmente na «Lavandaria» que é uma das de maior movimento em Lourenço Marques.

Escolas — As Irmãs têm a seu cargo na missão, 2 escolas, com as 4 classes primárias, sendo uma para cada sexo, com frequência média anual de 600 alunos.

— Um Hospital com uma média de 50 doentes por mês e 5.000 curativos no Banco. Possui este Hospital todos os modernos serviços cirúrgicos. Há além disso uma Ambulância-Banco cujo movimento de curativos anda por 67.420 anuais.

Missão de Nossa Senhora da Conceição em Inhambane

— Dirigem as Religiosas um Orfanato, que tem crianças internas desde recém-nascidas até à maioridade, 103 em média, as quais durante a idade escolar frequentam as 4 classes, bem como as crianças externas em número de 108. As internas preparam-se para todo o serviço doméstico. O fim do Orfanato é preparar as raparigas indígenas para formarem lares cristãos.

Primeiras Franciscanas Hospitaleiras que embarcaram para a Guiné, em 11 de Março de 1933

— A secção feminina do Hospital de Inhambane também está a cargo das Irmãs e o seu movimento tem aumentado de dia para dia, sobretudo a Maternidade indígena.

Missão de Santa Maria de Mocodoene

Há nesta missão — Uma escola com 200 crianças externas.

Existe também um internato exclusivamente para preparação de noivas com frequência média de 35. Em 1947 conseguiram-se 76 casamentos e 80 baptizados na secção feminina.

Tem além disso esta Missão uma ambulância com uns 85.000 curativos.

Missão de Nossa Senhora do Livramento em Quelimane

Têm aqui as Missionárias Hospitaleiras um internato com uma média de 82 crianças com a mesma orientação de Inhambane e um externato com média de 195.

Estando esta Missão num meio civilizado, centro da cidade, luta com muita dificuldade para conseguir o fim principal da acção missionária.

* * *

Já no corrente ano abriu a Missão de Macequece que promete ser um centro de grande irradiação missionária.

A Congregação das Irmãs Franciscanas Portuguesas foi reconhecida como Corporação Missionária por despacho ministerial em 1941.

"...A estima que as autoridades governativas, tanto das colónias como da Metrópole, professam pelos missionários franciscanos, atribuem-na eles ùnicamente à lealdade como servem os interesses da religião e da pátria, esquecidos de si mesmos e dos seus interesses próprios, porque não os têm,,.

Frei João da S.ma Trindade

ETNOGRAFIA DA GUINÉ

Uma cerimónia ritual

PEDEM-ME algumas linhas sobre etnografia da nossa Guiné; tantas que figurem de artigo, e tão poucas que venham a caber num cantinho desta humilde mas simpática folha de propaganda missionária.

Tenho batido alguma coisa nesta tecla da etnografia guineense, quer sob o aspecto actual, quer do ponto de vista histórico. Fi-lo sempre com a inevitável superficialidade de notas ligeiras e despretensiosas.

As tribos da Guiné Portuguesa são tantas e de feição etnográfica tão variada e complexa, que semelhantes estudos, para terem algum valor objectivo e definitivo, exigem porfiada e inteligente observação de cada um dos grupos étnicos.

Porque estas linhas se destinam a folha missionária, vou descrever curiosa cena de gentilismo a que assisti há treze anos em nossa Guiné.

*

Foi no dia 18 de Fevereiro de 1935. Encontrava-me na povoação de Bula, da Circunscrição Civil de Canchungo e principal centro demográfico da tribo dos Brames ou Mancanhas, onde tínhamos e conservámos a nossa Missão principal.

Pela uma hora da tarde, eu e meus colegas, acabado o almoço, saímos para a varanda, à procura de alguma viração, quando nos alarmou grossa coluna de fumo escuro. Pareceu-nos que ardia a povoação comercial, onde havia europeus com família. Andados, porém, alguns metros, certificámo-nos de que se tratava de fogo no mato ou, mais provàvelmente, em algum povoado indígena.

O sol queimava a valer. Animei-me, entretanto, e avancei, porque começara a ter a impressão de que fumo e chamas altas se erguiam da extensa povoação ou *morança* do Régulo Nanhacra.

Ele mesmo pegara o fogo à palha ou capim, lá no mato, longe de qualquer palhota, para limpar o terreno; mas o vento, mudando ràpidamente de direcção, impelira o lume para a dita aldeia, àquela hora deserta.

Algumas das mulheres do Régulo encontravam-se na povoação de Díngal, num *choro* ou funeral. As restantes andavam na colheita do amendoim ou *mancarra*, em campo afastado, assistidas do Nanhacra, sempre estirado preguiçosamente na cadeira de lona e acompanhado da imprescindível garrafa de aguardente de cana sacarina ou de Ferreirinha Quinado.

Pessoalmente, o Régulo pouco perdeu no incêndio. Tinha as suas coisas na casa do calabouço, barracão de lama coberto a palha, o qual não foi atingido pelas chamas, por se encontrar isolado e fora da vedação do aldeamento.

Porém, as suas setenta e duas mulheres, sobretudo as ditas «mulheres de fora» ou herdadas, essas perderam tudo ou quase tudo. À hora a que cheguei, já o fogo tinha lambido 48 palhotas. Devorada a cobertura de palha e o revestimento de entrançado de cana ou *crentim*, o lume entretinha-se agora a roer, vagarosamente, os suportes grossos e duros de «pau carvão», floresta de archotes rubros e fumegantes.

As pobres mulheres, assim roubadas e reduzidas à mais extrema miséria pelo temível incêndio, choravam no seu lamuriar característico, deitando terra para cima da cabeça e das costas nuas, em sinal de tristeza, saltitando de braços erguidos numa dança singular e cantarolando melodia curta e monótona. Já há séculos se escreveu na Crónica da Guiné, falando das gentes guineenses: «faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume de sua terra» (Cap. XXV).

Duas mulheres jaziam em terra, com lama nas costas e parcialmente queimadas quando procuraram salvar os seus pobres e poucos haveres domésticos: pequena caixa de pinha ou *frasqueira*, onde guardavam os farrapos, alguns potes ou talhas de barro com cereais, de bocal tapado a lama ou cera, as esteiras sobre as quais dormiam e mais os filhos, um ou outro pote de ferro e algum cabaço.

No interior das palhotas, ardia o respectivo telhado ou *crenca*, debruçado sobre os paus que

o suportavam anteriormente, à mistura com pedaços de talhas e panelas de barro, sobre potes tombados e sobre víveres entornados, também em combustão.

As donas das moradias, por meio de compridos paus, procuravam retirar o que lhes era possível e não estava ainda de todo perdido. Rapazes e homens atiravam água para cima do rescaldo. Mirones anichavam debaixo do arvoredo, em aspecto lúgubre, mudos e macambúzios, recolhidos no seu fatalismo africano e conformados com a vontade do *irân*, que permitira ou ordenara tal desastre.

A outro lado, crianças descuidosas brincavam e rebolavam-se na terra, debaixo dos frondosos e frescos mangueiros. E, ali bem perto, os manes da aldeia, bem hirtos em seus mal trabalhados ou apenas esboçados corpos de madeira, assistiam impávidos à tragédia toda, como se nada fora com eles. Mandara o chefe, o *irân* grande...

Algumas mulheres cortavam em pedaços o caule de uma bananeira e espremiam-no sobre o dorso queimado de outras mulheres. As consortes do Régulo, sentadas ou de pé, repartiam o tempo entre o lamentar a sua infelicidade e o incriminar o fogo, que lhes levara o sustento, especialmente o arroz, recentemente enceleirado. Desgraça grande para as «mulheres de fora», que não tinham outro governo para o ano.

Infortunado porquito, já meio assado, corria doido e boquiaberto em todas as direcções, com uma respiração muito apressada e deixando escorrer da boca contínuo fio de saliva avermelhada. Tanto se metia pelo brazido, como furava e roncava por entre a assistência, até que a dona o tomou carinhosamente ao colo, qual filho dilecto...

E, enquanto eu me entretinha na observação de todas estas peripécias, sempre mergulhado o espírito em gemidos e cantilenas tristes e selvagens, quantidade de homens se aglomerara à sombra de um mangueiro, o que me despertou a atenção.

Aproximei-me deles e pude observar o espectáculo seguinte. A filha do ferreiro de Bula, sentada no chão, molhava pequeno ramo de mangueiro numa lata de água e aspergia cada homem de fora da aldeia do Régulo nas mãos, na fronte e nos pés. A primeira aspersão dirigia-se sempre às mãos; a ordem das outras duas variava por vezes.

Cada homem, ao solicitar a aspersão, inclinava-se levemente para a frente sem nada dizer, juntava as mãos uma a par da outra, de costas voltadas para cima, e nessa posição reverente se conservava até ao fim da cerimónia. Notava-se a maior seriedade e persuasão. Os mais velhotes tiravam até o chapéu característico, arredondado, sem abas e feito de folha de palmeira, e pediam à rapariga por sinais os aspergisse directamente na cabeça, ao que ela acedia. Os rapazes dos seus dezoito, vinte ou vinte e tal anos não mantinham aquela compostura e respeito. Sorriam, inclinavam-se pouco e fastidiosamente e só aguardavam em geral a aspersão das mãos, sendo preciso obrigarem-nos os mais velhos à cerimónia completa.

E nenhum homem de fora da povoação do Nanhacra retirou dali sem se ter submetido voluntàriamente a esta cerimónia ritual, garantia de que não lhe arderia a casa por aqueles dias. As mulheres não necessitaram da aspersão. Assistiram apenas, zelosas porém de que maridos e filhos não partissem sem elas, por não virem a comparticipar com eles da vingança do terrível *irân*, do deus maléfico, autor de semelhantes calamidades!

Cónego António Miranda de Magalhães, Rev. P. José Pinheiro e o Dr. P. Pedro Araújo com os restantes primeiros missionários e auxiliares da Guiné

A. J. Dias Dinis, O. F. M.

A VOZ DO MESTRE

Euntes in mundum universum... (Mc.. XVI, 15)

VINCANDO a universalidade e fim excelso de sua missão redentora, repetidas vezes, dissera-se o Mestre enviado especial do Pai, que ao mundo viera em busca do que estava perdido. Mas o cego e errante povo judeu, pagando o bem com o mal, crucificou injustamente o Salvador do mundo que, antes de morrer, instituiu uma sociedade visível para que fosse na terra a continuadora da sua obra. A Igreja, com efeito, por natureza, e intenção do seu divino fundador, é um organismo de conquista espiritual como claramente se depreende da palavra do Mestre: «ide por todo o mundo e que os frutos da vossa missão permaneçam até o caducar dos tempos». O apostolado pela conversão do mundo infiel, como ilação lógica do exposto, é a primeira e essencial razão de ser da Igreja, que, consciente do impreterível mandato do Mestre, através dos séculos, lenta mas progressivamente, há-de continuar o trabalho difícil de penetração no reino das almas infiéis, dando-lhe a graça e vida divinas, mesmo com a dor e o sangue de seus membros.

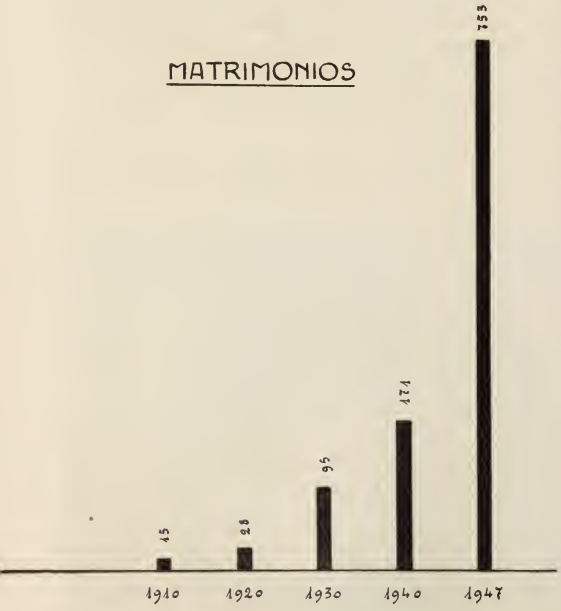
Euntes in mundum universum!... A missão da Igreja Católica é idêntica à missão de Cristo, de quem herdara o magistério da verdade. Só ela pode exigir a Fé. Outra religião que não só ela pode exigir a fé. Outra religião que não seja a de Cristo, será uma escola forjadora de mentiras, se bem que de boa fé julgue possuir a verdade. Poderíamos aqui quedar-nos em contemplação rápida do seguinte curioso paradoxo: multiplicam-se os apóstolos de presupostas verdades morais e étnicas e, contudo, o mundo cada vez se atola mais em densas trevas, justamente porque se cerram os olhos à evidência da verdadeira Igreja de Deus, ao sinal dos tempos que Cristo colocara sobre um monte, para que o mundo visse a verdade e aos clarões de sua luz alta se salvasse. Mas o mundo não acorda, anicha-se, plàcidamente, sono solto, na treva do erro, preferindo as ondas encapeladas e ameaçadoras do mar da vida agitada à mística e luminosa barca de salvação, que, saindo do porto seguro do Calvário, se fizera ao largo a percorrer o mundo tão sòmente para embarcar amorosamente almas surgidas de todas as partes e levá-las, depois, ao cimo dos Montes Eternos. E de notar é que «extra illam nulla datur salus». Contudo, que confrangedor espectáculo para o Mestre e sua predilecta Esposa! Milhões e milhões de almas, obstinadamente, teimam perder-se, longe da barca, nas brumas incertas dum viver de ilusão, só porque não estendem as mãos à barca de Pedro que, tranquilamente, amorosamente, prossegue na travessia do mar da vida em romagem de franco acolhimento! E que tristeza profunda causa ver assim povos inteiros agarrados, em tormentosa ânsia, a carcomidas táboas que julgam meios seguros de salvação!... Quem poderá ir, depois do regresso saudoso do Mestre ao Pai, em socorro destes infiéis e quebrar-lhes definitivamente essas velhas táboas de vã salvação para, depois, lançar a rede nesse mar fertilíssimo de almas para o céu? Só a Igreja e os seus enviados queridos — os missionários. E é de vê-los como navegam, Deus a inflamar-lhes a alma com rajadas de amor, até esses infelizes, até junto de todos os povos a repetir a palavra do Mestre: «vinde, bebei o vinho e o leite da verdade (Is. LV, I), entrai para a barca de salvação!»

Euntes in mundum universum! Ao dizer adeus à família e à pátria que o viu nascer e onde ensaiara os primeiros passos, o missionário realiza um acto de heroísmo, que apenas se explica à luz da ideia-força do ideal que o inflama — a conquista das almas para Deus. Estas andam perdidas por todo o mundo. A pátria do missionário é grande como a terra e, porque em toda a parte há almas que esperam a redenção, lá aparecem, tremulando ao vento, os estandartes de paz e bem que os missionários, arrojados arautos do Mestre, levaram consigo, quando levantaram âncoras do ninho quente da sua terra. É que Cristo não excluira povo algum do seu Reino. Por isso, o seu mandato é ir por todo o mundo, sem olhar ao colorido da pele ou diversidade de idiomas, já que um só rebanho sob um só pastor é o traçado grandioso do programa de apostolado que solenemente indicara aos seus primeiros Discípulos — «euntes in universum»: ide por todo o mundo!

///

Os Franciscanos escutaram também esta voz timbrante e enérgica do Mestre. Lá foram, confiados, para a vinha do Senhor. Na verdade, desde a mais remota e gloriosa aurora de Portugal aventureiro, era vê-los embarcar em frágeis caravelas, sulcando as ondas azuis do mar na direcção do Ocidente e Oriente, Cruz e Espada de mãos sempre dadas, na sublime missão de conquistar almas para Deus e novas gentes para Portugal. De facto, numerosos são os vestígios dessa jornada de feliz ventura que, espalhados ainda hoje por todas as terras onde o heroísmo português chegou, dão às gentes várias testemunho de quanto pode a Fé ardente dum povo ordeiro, que tão lindamente soubera conciliar os direitos de Deus com os interesses da Pátria. Com efeito, foi imensa a actividade dos missionários franciscanos portugueses nas nossas possessões ultramarinas e Ilhas Adjacentes. Abundantemente o proclamam as crónicas e outros documentos da época, que o pó vai deteriorando nos velhos arquivos. Açores, Madeira, Cabo Verde, Marrocos, Guiné, possìvelmente Congo e Angola, S. Tomé, Moçambique, Brasil e Índia, são terras bem conhecidas dos filhos do Poverello, onde fundaram conventos e exerceram preponderante actividade na evangelização daqueles povos. Tradições gloriosas dum passado que não volta porque outros são os tempos que correm. No entanto, alguma coisa vão fazendo ainda hoje na Guiné e Moçambique onde, sobre as ruínas grandiosas desse faustoso passado, procuram levantar agora o edifício do futuro segundo os moldes e princípios clássicos de antanho: por Deus e pela Pátria, já que Portugal sem Deus não é Portugal e Deus sem Portugal será menos glorificado.

B. C.



Novo Provincial dos Franciscanos em Portugal

Nesta altura da impressão do número especial do nosso jornal chega-nos a notícia de, em obediência às leis e normas da Ordem Franciscana, se ter procedido à escolha do Novo Provincial, tendo sido eleito o Muito Reverendo P. Dr. David de Sousa.

O Novo Provincial dos Franciscanos nasceu a 25 de Outubro de 1911 na Diocese do Porto; tomou o hábito franciscano a 7 de Setembro de 1931 e a 18 de Julho de 1937 foi ordenado sacerdote.

Pouco depois de terminado o Curso Filosófico, por disposição dos Superiores foi enviado para Roma, a fim de obter a láurea em Teologia na Universidade Antoniana dos Franciscanos desta mesma cidade e se especializar nos Estudos Bíblicos. Após anos de diligente e excepcional aplicação aos estudos, laureou-se com grande distinção em Teologia, especializando-se em S. Escritura e Línguas Bíblicas.

Em 1940 voltou à Pátria, começando imediatamente a leccionar Sagrada Escritura aos Estudantes do Seminário da Imaculada Conceição na Luz, Lisboa, ajuntando-se a esta matéria, em 1945, as disciplinas de Hebraico e Grego Bíblicos.

O Sr. Presidente da Republica ao sair do Pavilhão das Missões Franciscanas na Exposição da Beira em 1939

Nestes 8 anos dedicou-se exclusivamente ao estudo e ao ensino da sua disciplina predilecta, que vivia com alma e com alma a fazia vibrar nos ouvintes. Escreveu, dentro de 7 contínuos e intensos anos de trabalho, um enorme compêndio que compreende toda a história bíblica, usando um novo método, quer atinente às questões introdutórias, quer à exposição doutrinal do texto. É obra que espera publicação dentro em breve.

Além do cargo de Professor, recebeu simultâneamente o encargo da formação e educação moral dos mesmos Estudantes teólogos, sendo Mestre desde 1940.

Em 1945 foi nomeado Secretário da Província, múnus que desempenhou até ao presente.

Ao lado desta actividade desenvolvida na Ordem, o Dr. Fr. David de Sousa, várias vezes, mostrou as suas excelentes qualidades de Teólogo, apresentando teses em 3 Congressos e ministrando lições magistrais à Liga Católica no Curso de Cultura Superior Religiosa. As teses foram as seguintes: «Maria Mãe dos homens» no Congresso Luso-Espanhol celebrado em Fátima de 12-16 de Julho de 1944; «A Assunção de Nossa Senhora na Sagrada Escritura» no Congresso Mariano celebrado em Lisboa e Fátima de 9-13 de Outubro de 1947 e, finalmente. «O Dever missionário deduzido da doutrina do Corpo Místico» no Congresso da União Missionária do Clero, celebrado em Fátima de 10-13 de Agosto de 1948.

As lições ministradas aos Homens e Senhoras diplomadas da Liga Católica foram em Fátima, sobre os Evangelhos em 1946, em Lisboa, sobre as Epístolas de S. Paulo em 1947 e de novo em Lisboa, sobre as Epístolas Católicas e o Apocalipse no ano seguinte.

Em todos os seus trabalhos, acima mencionados, o rev. Dr. David de Sousa, porta-voz da mensagem evangélica, soube inocular, com sabedoria e agrado, no ânimo dos seus ouvintes, luz, calor e vida, realizando, no dizer do Sr. Bispo de Helenópole, «uma obra magnífica de iluminação e de afervoramento das almas».

A sua Paternidade o preito da nossa homenagem e filial submissão.

Projecto da Missão de Macequece, em parte já executado

A MISSÃO FRANCISCANA DA GUINÉ

O território que actualmente se chama Guiné Portuguesa, até 1940 fez parte da diocese de Cabo Verde da qual desde há tempos era um Vicariato Geral. Como território diocesano que era, dividia-se em paróquias providas com clero cabo-verdiano ou com sacerdotes formados no Seminário de Missões de Cernache do Bomjardim. Paróquias um tanto ficticias pois não tinham cristãos (os poucos europeus que moirejavam por aquelas costas de África, na maior parte viviam esquecidos do Evangelho, e os indigenas todos eles eram ou muçulmanos ou feiticistas embora os descendentes dos velhos cristãos outrora baptizados pelos missionários teimassem em chamar-se cristãos), e, exceptuando talvez Bolama e Bissau, só por acaso tinham pároco.

A situação nem era honrosa para Portugal, nem assossegante para a Igreja.

Começou de se procurar remédio a situação tão aflitiva. Entraram na Guiné alguns missionários seculares por 1930-1931 e a Santa Sé encarregou a Província Franciscana de Portugal de fornecer seu contributo.

Embora com sacrifício das Missões já por eles assistidas em Moçambique, os Franciscanos Portugueses organizaram Missão que partiu de Lisboa em principios de 1932, e à qual presidiu o Dr. Pedro de Araújo, missionário experimentado em Moçambique.

Tendo-lhes sido superiormente designado o território do norte da Colónia, estabeleceram-se em Cacheu e Bula; mas porque os missionários seculares, uns após outros, cansados e sem forças, fossem retirando, os missionários Franciscanos foram alargando suas actividades às missões de Bolama e Geba. Também por então as Franciscanas Hospitaleiras abriram na missão de Bula um Internato Feminino que teve duração efémera, e tomaram conta do Asilo de Bor sito junto a Bissau.

O Acordo Missionário firmado entre o Governo Português e a Santa Sé em 7 de Maio de 1940 entre outras coisas estipulou que noutras Colónias e também «na Guiné poderão ser erectas circunscrições missionárias». Pois logo em 16 de Novembro a Santa Sé comunicava à Ordem Franciscana que fora criada a Prefeitura Apostólica da Guiné que entregava ao seu zelo e cuidados. E pouco depois nomeava Prefeito Apostólico Mons. José Ribeiro de Magalhães que fora missionário em Moçambique.

Reorganizaram-se então as missões, e os Franciscanos Portugueses com o pessoal novo que enviou, abriram mais a missão dos Felupes, transferiram para Bogatá a de Geba, e tomaram conta da de Bissau. E os trabalhos de apostolado corriam intensos e entusiasmados.

Mas a breve trecho o clima desapiedadamente começou de dizimar nos missionários: em pouco tempo caíram quase de morte fulminante um sacerdote e um irmão auxiliar, dois outros sacerdotes regressaram moribundos à Metrópole e em breve morreram; e outro deles regressou também, inutilizado para as lides missionárias.

Nestas circunstâncias, por mais esforços que se fizeram (quase todos os anos seguiu um ou outro novo missionário) não puderam os Franciscanos assistir em todos os postos criados e muito menos prover as missões que a Prefeitura Apostólica julgou preciso criar. E a Santa Sé houve por bem abrir o território às actividades dos missionários da Consolata que para ali seguiram em 1947 e se estabeleceram nas terras do Oriente e do Sul da Colónia.

Aos Franciscanos Portugueses ficaram as missões de Bissau, Bolama, Bula, Cacheu e Felupes, e nelas trabalham ao presente oito sacerdotes e três Irmãos auxiliares. As Irmãs Franciscanas Hospitaleiras prestam serviços em Bor e no Hospital civil de Bissau.

Não é ainda tempo de apurar os resultados destes quinze anos de trabalhos dos Franciscanos nas terras da Guiné. A sacrifícios não se pouparam eles, que aí fica a atestá-lo a relativamente longa lista dos que morreram em periodo tão reduzido. Mas trabalhos de experiências e estabilização nunca podem ter resultados vistosos.

Todavia já alguma coisa o seu esforço produziu: Várias escolas-catequeses se abriram nos territórios das missões de Bolama, Bula e Cacheu; a missão de Bissau tem tipografia que publica o mensário «Arauto» de propaganda religiosa; nas sedes das Circunscrições e ainda num ou outro Posto Administrativo estão prontas, ou a caminho, airosas capelas que as Obras Públicas construiram; em Bula, a escola de catequistas floresce.

E tudo isto não se pode dizer seja pouco, firma-nos a esperança de que em breve despontarão dias de maior rendimento na cristianização da Guiné. Sobretudo o sacrifício dos que têm caído nos trabalhos de missionação há-de ser sangue que bem amadure a seara guineense para as grandes colheitas do apostolado.

P. Félix Lopes

DO CÉU, A MINHA MÃE

(INÉDITO)

Perdoa, mãe, os versos que te faço,
Mas desejo que tu sejas cantada
Entre a terra e o céu, nesta abalada
Pelos caminhos rápidos do espaço.

Quando te dei o derradeiro abraço,
Ficaste de alma triste e alvoroçada.
E até eu me senti num embaraço
P'ra te dizer que não temesses nada.

Agora, crê: Voando no sertão,
Com montanhas de nuvens sob os pés
E o sol a prumo, a arder em pleno brilho,

Nunca tanto gozei no coração
O bem de ter nascido português
E a glória sem par de ser teu filho.

1944 (Em vôo sobre Moçambique)

P.e Moreira das Neves

Comemorações do Cinquentenário

DESDE o princípio do ano começaram, em várias localidades, especialmente nas procuradorias da «União Missionária Franciscana», as festas e sessões comemorativas deste cinquentenário. Muitas outras estão em projecto, que no decorrer do ano se vão realizar.

De algumas já demos notícia neste jornal; a outras e às mais solenes, referimo-nos detalhadamente no presente número. Celebraram-se com grande esplendor em Coimbra, Penafiel, Setúbal, Varatojo e Leiria; no Porto e em Braga, em Lisboa, na igreja de S. António e na Ordem Terceira de Jesus, na Póvoa de Varzim, em Riba d'Ave, em Vila Nova de Famalicão, em Taide, Vieira do Minho, nos Arcos de Val de Vez, em Valença do Minho, com sessões de projecções e conferências; em Guimarães, Penafiel, Amarante, Braga e Funchal, com ricas exposições de alfaias para o culto e toda a espécie de utilidades, roupas, etc., para as missões. Muitos certames do produto do amor e generosidade dos nossos bemfeitores das Missões se têm feito nestes últimos anos, em nenhum, porém, as exposições se apresentaram tão ricas como as do ano corrente. Comovem e entusiasmam, pelo que são e significam.

Sabemos de algumas mais que estão para abrir e que em nada vão desmerecer das anteriores ou afrouxar o ritmo de entusiasmo que às comemorações deste cinquentenário se imprimiu desde o princípio do ano.

Uma justa Consagração

No dia 3 do passado mês de Junho, data comemorativa do cinquentenário das Missões Franciscanas de Moçambique, S. Ex.ª o Sr. Ministro das Colónias, em nome do Chefe do Estado, conferiu a «Ordem do Império» ao Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Rafael Maria da Assunção, venerando bispo de Limira.

A entrega de tão alta condecoração, na presença das autoridades religiosas, civis e militares de Braga, deputados da Nação e figuras de maior relevo na sociedade bracarense, constituiu, positivamente, uma justa e oportuna consagração das virtudes e do esforço missionário do Sr. D. Rafael da Assunção.

Foi a mais clara afirmação de que o Governo Português considera S. Ex.ª Rev.ma um dos grandes construtores do nosso Império Colonial.

Como há anos se proclamou na Imprensa:

«A personalidade do Sr. D. Rafael Maria da Assunção, bispo de Limira, enche uma época de acção missionária portuguesa em Moçambique — época terrível, pelas incompreensões apaixonadas que foi preciso vencer, pelos escombros das obras abandonadas em risco de se perderem de todo, pela carência, muitas vezes, de colaborações bastantes para ocorrer às necessidades mais urgentes da evangelização e da civilização dos indígenas.

Alma intrépida, eis a expressão que melhor define o Sr. D. Rafael quando se recorda a sua obra e se procura avaliar o seu esforço benemérito.

E nunca é demais recordá-lo aos católicos portugueses, como exemplo vivíssimo a servir de incitamento. Seria grande injustiça fazer silêncio à roda da sua obra e da dos missionários franciscanos, à qual providencialmente anda unida.

Como católicos, não podemos negar-lhe a nossa admiração e aplauso.

É o próprio Santo Padre Pio XII, que no-la inculca, ao escrever na carta autógrafa de 27 de Abril de 1947:

«Não nos é lícito ignorar quanto fizeste pelo incremento da Fé e pelo bem da Igreja. Com efeito, um ano após a tua ordenação sacerdotal, chegavas às terras lon-

Ex.mo e Rev.mo D. Rafael, Bispo de Limira, condecorado

gínquas de Moçambique, onde te consagraste ao serviço das Missões por espaço de quarenta anos consecutivos; e tão notável apostolado desenvolveste, que foste promovido à dignidade episcopal, sendo-te confiada, primeiro a prelatura de Moçambique e depois a Igreja de S. Tiago de Cabo Verde.

Atestam sobejamente a tua actividade a fundação

de numerosas Missões, a construção de boas escolas e templos e o estabelecimento do primeiro Seminário indígena da África do Sul.

Igualmente concorreste com a tua diligência e com o teu saber para a organização da Jerarquia nas Colónias Portuguesas».

Tal é o apreço que a Igreja faz de S. Ex.ª Rev.ma, bem significado no facto de o Santo Padre Pio XII o galardoar com a distinção de Assistente ao sólio pontifício e de Conde romano.

Como portugueses, devemos abundar no «máximo apreço do Governo» em boa hora proclamado com desassombro e sinceridade pelas figuras mais representativas da colonização e do Governo Português.

E' que S. Ex.ª Rev.ma levantou bem alto o nome Português em toda a sua carreira missionária. O seu patriotismo já mais transigiu, concretizou-se em obras, que dignificam a Nação, e não apenas em palavras ocas de exaltação fugaz.

Fora de todo o partidarismo, o Sr. D. Rafael foi simplesmente um grande missionário, um grande Bispo e um grande Português.

Mais uma vez, o Governo da Nação veio mostrar publicamente a estima e consideração que os notáveis serviços do Sr. D. Rafael, em prol das nossas Missões, lhe merecem, colocando no seu peito a brilhante insígnia da «Ordem do Império».

Justa e oportuna consagração!

Manuel Valença

A propósito da Comemoração do Cinquentenário das Missões Franciscanas, foi enviado pelo M. R. P. Provincial dos Franciscanos Portugueses, o seguinte telegrama a S. Ex.ª o Chefe de Estado:

Ex.mo Chefe de Estado — Lisboa.

Comemorando Cinquentenário fundação Missões Franciscanas sob presidencia Ex.mo Ministro das Colónias, o Superior Provincial nome todos os Missionários sauda respeitosamente V. Ex.ª.

S. Ex.ª o Presidente da República dignou-se responder:

Ex.mo e Reverendíssimo Superior Provincial das Missões Franciscanas — Braga.

Muito reconhecidamente agradeço e retribuo as amáveis saudações que Vossa Excelência me dirigiu em nome de todos os Ex.mos Missionários por ocasião da comemoração do cinquentenário da fundação das beneméritas missões franciscanas. — *Marechal Carmona.*

Também enviaram telegramas de felicitações, várias pessoas e entidades, das quais arquivamos gostosamente os seguintes:

«ROMA — Por ocasião da merecida distinção concedida a V. Ex.ª Rev.ma pelo Governo da fidelíssima Nação Portuguesa, unido ao alto significado da homenagem agora prestada na pessoa de V. Ex.ª Rev.ma à Província Portuguesa, rogo a Deus pelos heróicos missionários de 1898, modelo de virtudes cívicas e religiosas, para que sejam incentivo eficaz na continuação e desenvolvimento das actuais missões para glória de Deus, bem da Pátria e da Humanidade. — *Frei Pacífico Perantoni,* Geral da O. F. M.»

Do ex-ministro das Colónias Sr. Dr. Francisco Vieira Machado:

«PARIS — Permita V. Ex.ª Rev.ma que o cumprimente de todo o coração pelo cinquentenário do dia três. Aceite as minhas homenagens pelo tributo e respeito que são prestados a uma vida inteira dedicada ao serviço de Deus e da Pátria, aos quais me associo com todo o entusiasmo.

Beijo o anel de V. Ex.ª Rev.ma — *Francisco Vieira Machado*».

Braga — [Colégio de Montariol

Do Ex.mo Sr. Director Geral do Ensino Colonial:

«LISBOA — Enviamos a V. Ex.ª Rev.ma calorosas e filiais felicitações pelo justo reconhecimento das suas virtudes e altos serviços ao Império — *Braga Paixão e Família.*

«LISBOA — Respeitosamente associo-me à justíssima homenagem feita na pessoa de V. Ex.ª Rev.ma à querida Ordem Franciscana. Os meus melhores cumprimentos. — *Silva Passos,* Chefe de Gabinete do Senhor Ministro da Educação Nacional».

«Arauto» único jornal da Guiné, dirigido e publicado pelos Padres Franciscanos, também enviou para o

número especial de «Missões Franciscanas», as seguintes palavras:

«Não passou despercebida nesta Colónia a oficial consagração dos esforços e trabalhos do grande apóstolo D. Rafael da Assunção.

Jornal «Arauto» publicou no próprio dia, em merecido destaque e relevo, a extensa reportagem das homenagens realizadas em Montariol sob a presidência do Sr. Ministro das Colónias, e rejubilou e sentiu-se orgulhoso por saber glorificado um dos seus irmãos que nestas terras ardentes também deixou vincada a sua personalidade robusta e infatigável missionário.

O ilustre Prelado rasgou em Moçambique esplendorosas estradas de luz difíceis de apagar, por mais que a maldade e a ingratidão dos homens teimem obscurecê-las.

Nesta hora de grande exaltação e alegria em que a Provincia Franciscana de Portugal celebra o cinquentenário das Missões em Moçambique, lembramos com a mais viva emoção os nomes gloriosos dos primeiros missionários que há 50 anos partiram para as terras lendárias do Monomotapa.

Os Franciscanos da Guiné fraternalmente aconchegados ao braseiro dos mais puros afectos, lêem e meditam, comovidos, o maravilhoso «Livro de Horas» onde se narram os grandes feitos de seus Irmãos em meio século de operosa actividade, recebendo lição reconfortante e estímulo para os árduos trabalhos missionários. — *Director do «Arauto»*.

Sua Excelência o Senhor Ministro das Colónias entra em Montariol

CONFERÊNCIA DO SNR. DR. BRAGA PAIXÃO

UM dos números mais notáveis das festas cinquentenárias das Missões Franciscanas Portuguesas foi a conferência proferida pelo Ex.mo Secretário Geral e Director Geral do Ensino do Ministério das Colónias, a 29 de Junho, no salão nobre do Teatro Nacional de D. Maria II.

Perante selecta assistência, em que se encontrava S.ª Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Rafael da Assunção, o ilustre conferencista começou por descrever, em frases de consumado artista, a partida, para a África, do primeiro grupo de «Franciscanos Portugueses» após a exclaustração de 1834. A esse grupo presidia um bispo:

«Fora do habitual, embarcou nesta viagem um bispo, que se conduzira para bordo na galeota do Ministro da Marinha... Mas o novo prelado de Moçambique, bispo titular de Epifânia, D. Sebastião Pereira, não seguia viagem sòzinho: além da comitiva que acompanha normalmente os bispos, embarcavam com ele três padres e três irmãos, todos da Ordem de S. Francisco.»

Pinta depois as circunstâncias difíceis dessa expedição, a ponto de os novos aventureiros se terem visto na necessidade de seguir disfarçados, a princípio:

«Não suspeitavam os passageiros, nem os curiosos que os viam saltar no catraio que os levava a bordo do paquete alemão, nem ninguém, de que iam ali congressistas. Se alguém houvesse dado por tal, teria o caso produzido o efeito das coisas espantosas, sensacionais, capazes de causar exaltação pública: tão generalizado estava o conceito de ser grave tal presença no país, proibida por leis fundamentais. Não se modificara na opinião corrente aquele modo de ver que, em meio século agora a despedir-se, fizera um Ministro declarar na letra de uma portaria que o «restabelecimento de qualquer das ordens religiosas entre nós, assumiria as proporções de objecto de estranha gravidade...»

Não há dúvida nenhuma que circunstâncias tão difíceis, baseadas em preconceitos tão mesquinhos, eram um índice do rebaixamento de Portugal nessa época:

«De facto, sobravam sintomas de envilecimento. Ainda agora, no rescaldo dos entusiasmos suscitados para enaltecer a volta dos mares e o chamamento épico das terras ignotas e remotas, ali estava, a meio do Tejo, documentada a decadência presente: para as parcelas distantes do Império, a condução marítima dos portugueses que as iam povoar, guardar ou civilizar, tinha de se fazer à sombra da bandeira estrangeira. Casualmente, no *Admiral*, a de país recentemente acometido da cupidez de territórios ultramarinos, com ambições aos despojos que nós outros já não pudéssemos conservar. Em 30 de Agosto deste ano centenário da rota do Gama, seria assinada entre duas potências convenção secreta sobre esferas de influência ao sul do Equador e na ilha de Timor, assente na hipótese de Portugal vir a solicitar financiamentos garantidos por territórios coloniais...»

Falando, em seguida, da restauração da Ordem Franciscana em Portugal, o Sr. Dr. Braga Paixão evoca «novos nomes para acrescentar à constelação que o burel lusíada envolvera: Joaquim do Espírito Santo, Agostinho da Anunciação, António do Presépio, Joaquim da Purificação, Fr. José dos Sagrados Corações...» Este último, que foi depois bispo de Angola e Congo,

e mais tarde Patriarca de Lisboa, conhecido pelo nome de Cardeal Neto, merece ao autor um sucinto escorço biográfico. É que, como dão a entender as suas perguntas retóricas, «esta chamada de um frade-menor à mitra angolana devia de trazer consigo o anúncio de novos tempos. O burel e as quinas iriam outra vez encontrar-se na obra de Cristo e da civilização.»

A propósito, lembram-se as origens do apostolado missionário franciscano: as dúvidas de S. Francisco sobre a orientação a dar à nova fundação — se dar preferência à vida contemplativa, ou à vida activa —, a sua ida a Roma para perscrutar nesse sentido a vontade do Vigário de Cristo, o seu encontro com S. Domingos, o concílio de 1217, donde saem organizadas as missões franciscanas. O franciscanismo em Portugal, desde as origens até hoje, quase se confunde com espírito missionário. Foi de Portugal que partiu aquele intrépido grupo de 5 frades-menores que na evangelização dos mouros de Marrocos tiveram a dita de ser os primeiros da Religião Seráfica a derramar o sangue pelo Evangelho. E foi esse o ideal que seduziu o primeiro grande franciscano português, Santo António de Lisboa. Por outro lado, o espraiamento de Portugal pelo mundo foi sempre marcado pela presença dos Menores.

«O primeiro bispo (de Ceuta) será um franciscano. E na volta dos Oceanos, em perigos e guerras, no descobrimento e na conquista, como na evangelização das terras, os frades-menores não deixarão mais a camaradagem da aventura portuguesa. Assim a Ordem via o ter a seu cargo, até ao século findo, a capelania e a assistência religiosa da Armada, preferida entre todas como companheira e cura de almas da nossa gente do mar...»

«Um franciscano, elevado à mitra de Angola, reatava portanto em 1880 a tarefa comum de uma pátria e de uma comunidade, inspiração do Império e da Fé.»

Em seguida ocupou-se o orador da fundação das Franciscanas Missionárias de Maria, do seu primeiro porto missionário entre nós — a Casa de Santo António, junto ao palácio do conde Burnay, à Junqueira, e da vinda da Fundadora a Portugal, a tratar de expedições missionárias...

«Madre Maria da Paixão veio a Lisboa trazer as suas filhas; teve a ventura de ser acolhida de um Patriarca franciscano — já então D. José, o Cardeal Neto —; correu a Braga; subiu a Montariol; conferenciou com o provincial, português (o santo Fr. João da Santíssima Trindade, que Deus guarde), concertando a futura colaboração, em terras de África, do seu instituto com a Ordem dos frades-menores. E tudo se cumpriu: dois anos depois, chegava S. Francisco de Assis, no coração de seis mulheres, ao sítio em que se estava erguendo a cidade da Beira. Das janelas do paço de S. Vicente, Frei José dos Sagrados Corações poderá ter visto alvejarem no Tejo os hábitos das Missionárias, tomando o transporte para a África portuguesa. Prosseguia em execução vitoriosa o desígnio superior que lhe intimara, quinze anos atrás, o rumo de Angola — reatamento da colaboração da comunidade e da Pátria estremecidas...»

Vem depois a descrição pormenorizada da partida dos missionários, com todas as dificuldades, com todos os sacrifícios que semelhante empreendimento acarretou: É que havia sempre a contar com a campanha movida pelos que não viam com bons olhos a actividade congreganista: a própria ordenação de Fr. Rafael, um dos sacerdotes então embarcados para Moçambique, houve de ser secreta.

«...As *lojas* vigiavam, e sobretudo a imprensa liberal denunciava o menor passo, fustigando, abocanhando, chasqueando a actividade congreganista, a educação ministrada nos seus institutos, a enfermagem prestada, o próprio exercício e sentido da Caridade! Nestas permissas, ocorreu em Lisboa, em 1897, a cerimónia litúrgica da ordenação sacerdotal de Frei Rafael... Portas fechadas... Cena de catacumbas, na capital portuguesa, ao declinar do século XIX...»

A despeito de todos os contratempos, e levados só do puro interesse de dilatar a Fé e o Império, auxiliados apenas pelo Director Geral do Ministério, Dias Costa, que, «interessado em que os frades seguissem, facilitou tudo», os seis missionários lá vão rumo a Moçambique...

O conferencista passa a descrever como se encontravam as populações da nascente cidade da Beira, para onde os franciscanos se dirigiam, os ousados empreendimentos materiais a que desde logo se lançaram, e que ainda hoje nos admiram — a igreja, agora catedral, e a Escola de Artes e Ofícios — e a não menos ousada empresa da conversão desses povos cujas crenças se repartiam entre o secular feiticismo e o maometismo.

Enquanto no Portugal de além-mar se vai remando cautelosamente contra as ondas tormentosas de falsas crenças, cá na metrópole levanta-se uma perigosa borrasca política, de que só saímos ilesos devido à mão segura do timoneiro — D. Carlos. Vencido o perigo, a atenção do Monarca pôde então concentrar-se em problemas mais graves e mais altos, entre eles o da colonização com o grande capítulo da missionação. E o que salvou de exclaustração os congressistas intrusos, quando no Porto se deu o incidente Calmon, foi exactamente a sua quase necessidade para a conservação do nosso império colonial.

«Para se acomodarem à situação legal que se lhes estabelecia, tinham agora os institutos de se apoiar em associações civis de objectivos de beneficência ou instrução aparentemente laicas. Para os institutos missionários (vá lá) preceituava-se que se remodelassem dentro de seis meses — era determinação expressa, que se apresentava como propósito de os favorecer, tratando-os à parte, nas providências tomadas em tom de satisfação aos amotinados. — De acordo com este princípio, os franciscanos fundaram entre nós a *Associação Missionária Portuguesa.*»

Agora já poderiam ir preparando apóstolos: até então era-lhes impossível. Dos 3 sacerdotes que embarcavam em 1898, um via-se obrigado a regressar quase logo, e outro foi mais tarde chamado a Roma. E «só em 1901 seguiram mais dois padres... Do grupo primitivo, só restava o Padre Rafael.»

A este refere-se o orador em especial:

Frei Rafael foi, desde o primeiro alicerce, esteio humano a que não custa chamar heróico, nas proporções desmedidas do ardor com que abraçou todos os sacrifícios, na abnegação com que enfrentou todos os trabalhos, na superioridade forte com que encarou todas as contrariedades.»

Certamente no intuito de lhe recompensar o heroísmo, mas, como é natural, vindo a aumentar-lhe muito mais os trabalhos, «em 1921, depois de longa vacância da prelazia de Moçambique, a Santa Sé, confiava-lha, investindo-o na Mitra titular de Augusta. Prosseguia nele a nova dinastia missionária, que de Fr. José dos Corações seguia por António Barroso até ao seu ordinando da igreja das Mercês. Solução justa, acertada e adequada, que ao mesmo tempo premiava as virtudes do apóstolo e os serviços da família franciscana.»

Prosseguindo, o conferencista lembra a obra do «Grande Missionário» e conclui:

«Trinta e oito anos (uma vida!) foram ao todo os que o grande franciscano deu à Colónia, dos quais passou catorze na prelazia — mantendo sempre, a par do ardor da Fé, a mais escrupulosa fidelidade a Portugal, demonstrada em transes delicados, e que pela sua natureza se não podem divulgar. Em nenhum deles se arredou da posição que lhe saíu definida dos lábios nesta declaração categórica: Nunca encontrei antinomia entre o amor da minha Religião e o amor da minha Pátria.» Em 1937, promovido à Sé residencial de Cabo Verde, Dom Fr. Rafael deixava em Lourenço Marques terreno cedido para se levantar a catedral, e o primeiro fundo pecuniário (dois mil contos) para a construção...»

E, depois de se referir à «outra mitra, que no norte da Colónia condecora o esforço apostólico dos franciscanos», e à «púrpura que rebrilha na Sé, já arquiepiscopal, de Lourenço Marques», o distinto orador termina com esta chave de oiro:

«Quem pode descrever o brilho deste Sol, que ora alumia as terras ainda há cinquenta anos obscurecidas da mais densa treva, povoadas de pavores, ameaçadas da desgraça de as perdermos?

Glória a Deus, que dissipou as sombras e afugentou os perigos e tranquilizou a alma da Pátria.

Honra e gratidão àqueles que, por merecimentos e trabalhos, atraíram o prémio da Graça, e dele fizeram herança às gerações.

Procuradoria de Penafiel

Festa e Exposição Missionária

Exposição Missionária em Penafiel

No dia 30 do passado mês de Maio celebrou esta Procuradoria, com grande esplendor litúrgico, o cinquentenário das nossas Missões de Moçambique.

A festa, porque de longe preparada com o concurso das Senhoras Zeladoras, foi talvez a melhor que nos últimos anos se tem realizado nesta igreja do Calvário. A alguém, de 79 anos, ouvi eu dizer: «nunca houve aqui festa tão linda».

Cantou a missa o M.to R.do P. Provincial acolitado pelos R.dos P.es Correia Pinto e Alberto Teixeira.

A cantoria foi desempenhada, artistica e primorosamente, pelas cantoras do Colégio de S. Gonçalo — Amarante — quase todas Zeladoras da União Missionária Franciscana, e pelas cantoras desta Igreja. Portaram-se admiràvelmente, e não faltou quem lhes tecesse os mais rasgados elogios.

Às 14 horas houve Adoração para as Senhoras Zeladoras e Benfeitores que vieram em grande número, tornando-se insuficientes os bancos da igreja. Ali, diante do SS.mo Sacramento exposto no Trono, num ambiente recolhido de luz amortecida pelas cortinas corridas, rezámos e cantámos. Quase sem o advertirmos, passaram-se três quartos de hora que, creio bem, agradaram a Deus e fizeram muito bem às Zeladoras porque se sentiram mais em família e levaram entusiasmos novos para continuarem a sacrificar-se por Deus e pelas Missões.

Rezámos pelas Missões e missionários; pelas Zeladoras presentes e ausentes — e todas desejariam cá estar — ; pelas Zeladoras doentes, sobretudo por uma retida no leito desde Dezembro... mas que, em espírito, estava bem junto de nós. A sua grande pena era não ter saúde para trabalhar pelas Missões e assistir à Festa, muito embora conformada com a vontade de Deus...

Mas, queridos leitores, Deus é Grande! Ainda não seriam passados 15 minutos, após a nossa oração, quando essa Zeladora doente — D. Maria Júlia Guedes — surgia ao fundo da igreja e, amparada pelo marido e um filho, avançava pela igreja acima. Nessa altura dirigia eu algumas palavras de incitamento e agradecimento às Zeladoras, e, conquanto estivesse a

terminar, fiquei alvoroçado procurando rematar o mais depressa possível, para lhe arranjar um cantinho em que, como doente, não fosse incomodada pelo aperto do povo que, daí a pouco era muito. Graças a Deus! Esta aparição foi uma surpresa agradável da Festa!

Exposição Missionária em Penafiel

Às 15 horas teve lugar a Devoção em que pregou o R. P.e Mário Branco, franciscano, que agradou plenamente, narrando com a fluência e graça que lhe são peculiares, a epopeia de 50 anos de actividades missionárias em terras de infiéis e a colaboração humilde, mas valiosa, de auxiliares em terras da metrópole — colaboração esta que é indispensável na economia divina, para distender o Reino de Cristo nos povos e nas almas —. É a colaboração, o concurso da oração, do sacrifício e da esmola. O missionário recebe este concurso das Zeladoras, dos Associados e Benfeitores, que também o ajudam agora a cantar: *Te Deum laudamus* — nós te louvamos, Senhor, por tantas maravilhas operadas em Moçambique.

Seguiu-se a Oração pelas Missões e o cântico do *Te Deum*, e, entretanto, distribuiu-se a todos os assistentes uma recordaçãozinha da nossa Festa.

Dada a Bênção do SS.mo Sacramento, seguimos para o salão das festas e reuniões, onde o M.to Rev.do P. Provincial com palavras repassadas de entusiasmo sacerdotal e patriótico, inaugurou a exposição missionária, de paramentos e vestidos que serão enviados a seu tempo, para as Missões Franciscanas de Moçambique e da Guiné.

Ao terminar, teve palavras de agradecimento a todas as pessoas que concorreram com trabalhos e esmolas, para a magnífica exposição — abundante e valiosa — que os seus olhos, deslumbrados, já contemplavam. E assim terminou a Festa missionária desta Procuradoria, no dia 30 de Maio de 1948.

Como a maior parte dos leitores não viu a exposição, vou dar-lhes um resumo do que lá se encontrava. Verão que as referências supra não são exageradas.

Decerto, não era eu o indicado, porque parte interessada, para vos dizer o que foi a Exposição. Todavia, sempre digo alguma coisa.

A exposição constava de:

7 Paramentos completos com bolsas e véus de cálice; 6 alvas e dois cordões ; 3 estolas avulsas, uma artìsticamente pintada; 1 véu de ombros; 2 cálices e três colherinhas; 2 patenas; 2 píxides; 1 missal; 1 relicário; 2 pares de galhetas; 3 sacras; 4 crucifixos grandes, sendo um todo metal; uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes; uma campaínha-carrilhão; uma pia de água benta; 4 castiçais; 2 solitários; 2 bolsas de cálice; 3 sobrepelizes; 13 toalhas (4 ou 5 são toalhetes); 2 frontais; um guarda pó de altar; 2 banquetas (linho); 10 amitos; 7 corporais; 23 manustérgios; 66 sanguínhos; 10 palas quadradas; 8 palas redondas; 2 pares de galhetas; 16 terços e santinhos... e 88 metros de linho para obra. A parte de vestuário era composta por 818 peças feitas, não contando miudezas (gravatas, lenços, etc), sendo:

Exposição Missionária no Colégio de S. Gonçalo de Amarante

226 peças para rapaz e homem; 592 peças para rapariga e mulher.

Além disso estavam expostos uma colcha e 214 metros de pano que seguem em peça, sendo:

8 m. de cotim; 59 m. de pano alinhado; 94 m. de riscado; 53 de chita.

Em dinheiro havia uns 4.000$00, que em parte se gastou com a Festa.

Creio não ser exagero avaliar toda a Exposição em 40.000$00, ou mais, se contarmos também com o trabalho para confeccionar os vestidos. As fotos juntas não me deixarão ficar mal.

Como foi possível arranjar tanta coisa? Com o trabalho e a boa vontade das Zeladoras que, não se pouparam a esforços para o brilhantismo desta importante Exposição. Foi obra de todas, a elas se deve, e Deus as abençoará.

Para que o povo pudesse ver os seus pequeninos suores transformados em grande esmola para as Missões e os pretinhos, houve exposições locais, que, todas juntas, aumentaram a de Penafiel. Essas exposições locais foram em Amarante, Marco, Paredes, Rebordosa, Lordelo e Fonte Arcada. Todas me agradaram muito embora de valor desigual, pois sei das posses de cada terra.

Lordelo e Rebordosa, por exemplo, fizeram muito — duas freguesias apresentaram 210 peças de roupa. É muito!

A exposição de Amarante foi a melhor. Creio não errar se afirmar que só esta devia ser para cima dum terço da Exposição de Penafiel. Foi inaugurada no dia 6 de Maio no Colégio de S. Gonçalo com a presença de vários sacerdotes, das Irmãs do hospital e do Colégio, com as alunas e de muita gente da vila. Falou o sr. P. Alberto Teixeira que agradeceu a todos, sobretudo às Irmãs do Colégio, os trabalhos e vigílias para o bom êxito daquela exposição.

As fotografias juntas dão uma ideia da abundância e do valor dela.

No dia 9 de Maio inaugurei a do Marco; no dia 16 a de Paredes; no dia 23 a de Rebordosa e a de Lordelo.

E no dia 24 grande surpresa me esperava, numa visita que fiz à Zel. Cooperadora de Fonte Arcada — D. Isa do Carmo Moreira.

Ao entrar na sala de visitas estava artìsticamente armada em exposição missionária! De momento fiquei surpreendido e, só passados alguns momentos me foi possível responder à senhora Zeladora que pedia a minha opinião. Tudo estava com muito gosto, os vestidos misturados e dispostos de maneira a arrancarem um «ah!» de imensa satisfação!

Só desta Senhora e família eram 85 peças de roupa!

A todas as Zeladoras, Benfeitores e associados os meus sinceros agradecimentos; a todos, com a alma alvoroçada, quero traduzir a minha gratidão de cristão, português e franciscano, dizendo-lhes *«seja por caridade»*. A Deus, na Santa Missa, já pedi a recompensa sobrenatural.

Sem querer melindrar ninguém julgo-me na obrigação de me referir, agradecendo-lhes, a algumas pessoas que mais trabalharam para a Exposição Missionária: Às Senhoras Zeladoras Cooperadoras, principalmente do Colégio de Amarante e Fonte Arcada; aos Ex.mos proprietários das seguintes fábricas: Fábrica de Tecidos de Vilarinho, L.da — Vizela, Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Vizela, Fábrica de Tecidos Vizelense, L.da, Fábrica de Tecidos Avenida, L.da, e Fábrica de Tecidos de Seda de Santos e Lima, que tão generosamente nos auxiliaram.

Finalmente, quero dizer muito obrigado à família do Sr. Capitão Rodrigues dos Santos pelo muito que trabalhou.

Foi esta família que dispoz todas as alfaias do culto e roupas no salão da exposição e, conquanto este não apresentasse condições para dispor as coisas com arte e conter as muitas pessoas que viessem a visitar, arranjou meio de atender ao útil sem prejudicar a estética e dar uma ideia de todos os objectos expostos.

A todos, mais uma vez, muito obrigado.

Bolsa de Estudos «Santo António»

Nas páginas deste jornal, no número de Março último, dei notícia da Bolsa de Estudos, sob a protecção de «Santo António», há pouco fundada nesta Procuradoria por sugestão das senhoras Zeladoras que, assim, queriam tomar à sua conta parte das despesas feitas com um aluno que mais tarde há-de ser missionário franciscano. Na altura disse que a Bolsa mal tinha o fundo coberto mas que, com a ajuda de Deus, havia esperanças de ela se ir enchendo e até... transbordar. E esta esperança continua a transformar-se em realidade. E o aluno lá está em Montariol a contas com os livros, a formar a sua inteligência e a aperfeiçoar a sua alma.

Transporte	607.50
Zel. D. Rita Moreira Leal — Lordelo.....	10.00
Zel. D. Isaura de Jesus — Vila Cova — Penafiel	20.00
Zel. D. Maria da Glória Sousa Lopes — Cabeça Santa — Penafiel	50.00
Zel. D. Francisca de Jesus Barbosa — Bustelo	10.00
Zel. D. Rosa Moreira Coelho — Gondalães — Paredes	20.00
Zel. D. Emília Lencastre — Vila Meã.....	20.00
Sr. Manuel Guedes de Melo — Penafiel.....	10.00
D. Adília Barbosa de Carvalho — Penafiel.....	20.00
Assinante do jornal (M. F.), n.° 4561.....	20.00
Anónima (Zel.) — Penafiel	100.00
Zel. Ana Rita Martins Moreira — Rebordosa	50.00
D. Albertina Fernandes — Penafiel.....	20.00
Zel. D. Augusta Ferrás (2.ª esmola) — Marco	50.00
Zel. M.na Maria da Conceição — Bairros — Lagoas	20.00
Zel. D. Sofia de Sousa Monteiro — Mouriz — Paredes	20.00
Total.....	1.047.50

O Procurador

Procuradoria do Alto Minho

Valença do Minho

COM grande concorrência e entusiasmo, celebrou-se no dia 1 de Junho, no Teatro Valenciano desta vila, uma Sessão solene a favor da União Missionária Franciscana.

Às 21,30 estava já completamente cheio o teatro, vendo-se entre a assistência as pessoas de maior representação social da terra, à frente das quais as ilustres autoridades civis e militares.

Cantado o Hino do Império, da autoria de Margarida Andresena da Costa, pelos alunos do Colégio Português, e representado pelos mesmos o número «Paulliteiros», o R. P. Manuel Costa, digno Pároco de S. Pedro da Torre, fez a apresentação do conferente P. António Dias Correia, tecendo um rasgado elogio ao missionário católico e um hino admirável às missões franciscanas, beneméritas de Deus e da Pátria. O R. P. Dias Correia falou, durante meia hora, sobre a admirável epopeia missionária, sobretudo franciscana, nos séculos XVI e XVII e, em particular, das Missões Franciscanas de Moçambique nos últimos 50 anos. Recordou que este ano as referidas Missões Franciscanas festejam as bodas de ouro do seu estabelecimento em Moçambique, e que os franciscanos, remirando-se nelas com orgulho, afoitam-se a novos cometimentos na referida colónia para que ela seja mais católica e mais portuguesa ainda.

Ao terminar a sua bela conferência o R. P. Dias Correia, sempre ouvido com interesse, apelou para o patriotismo de Valença tão bem vincado nas suas muralhas seculares. Sentinela vigilante que foi em defesa da Pátria, sentinela continue sendo contra os inimigos que nos invejam as nossas colónias; sentinela defendendo e ajudando com os seus sacrifícios, com o seu obulo generoso o missionário católico — encarnação da Pátria — a cavar bem fundo no coração do indígena o amor forte e desinteressado a Cristo e a Portugal.

Uma crepitosa salva de palmas abafou as últimas palavras do conferente.

Após a conferência os alunos mais pequenos do Colégio Português — externos e internos — exibiram-se com muita graça e brilho na Opereta cómica do P. Angerri «Canteleiros».

Seguiu-se um intervalo de 10 minutos após o qual se exibiu o explêndido filme «Documentário sobre Moçambique». Ao vê-lo senti-me orgulhoso de ser Português. De um solo e sub-solo riquíssimos, os progressos daquela Colónia sobem de ano para ano.

Esta magnífica sessão terminou com o cântico «Meu Portugal» do P. Tomás Borba, deixando nos nossos corações admiração, respeito, e simpatia pelas Missões, sobretudo pelas Missões Franciscanas, e amor mais exuberante ao nosso querido Portugal.

Aos Ex.mos Senhores Bento Ramalho Lira, digno empresário do Teatro Valenciano, e Umberto Lima, distinto operador cinematográfico; aos Ilustres senhores Comandante da Polícia e Comandante dos Bombeiros um sincero muito obrigado pelos enormes favores que nos dispensaram, ajudando-nos gratuitamente em tudo. Seria imperdoável esquecer a Snr.ª D. Júlia de Barros Fernandes, essa alma ardente de entusiasmo que venceu todos os obstáculos para a realização desta jornada Missionária, — e a Ex.ma Direcção e alunas do Colégio Português que tão afanosamente trabalharam e às quais se deve em grande parte o brilho de toda a festa; a elas e ao bom povo de Valença que também nos honrou com a sua grande simpatia, e nos deu a sua esmola, também um sincero muito e muito obrigado. — C.

Funchal — Madeira

Exposição Missionária

COM vistas às comemorações do cinquentenário das nossas missões, inaugurou-se no dia 12 de Junho mais uma Exposição Missionária. Como no ano anterior, teve lugar numa dependência do Convento de S.ta Clara, casa das Irmãs Missionárias de Maria. Presidiu ao acto inaugural, Sua Ex.ª Rev.ma o senhor Bispo do Funchal, que cortou a fita simbólica. Estavam presentes várias pessoas, entre as quais podemos assinalar o P.e Superior desta Casa, o senhor Dr. Angelo da Silva, digníssimo Reitor do Liceu do Funchal, João Oscar, representante de o «Jornal» e várias irmãs Terceiras e Zeladoras da U. M. F. A Madre Superiora e a Irmã Directora do Convento receberam Sua Ex.ª Rev.ma à entrada da sala. Depois a Exposição foi muito admirada por todos, tendo Sua Ex.ª Rev.ma palavras de incitamento e parabens para os que trabalharam em tão grande obra.

Abertura da Exposição Missionária no Funchal

Como no ano passado, tem esta Exposição um carácter especial: a supremacia de vestidinhos e brinquedos. Também por lá se podem ver algumas alfaias e paramentos, mas estes quase não chegam a despertar as atenções do público. Outro tanto não se pode dizer das inúmeras peças de roupa e brinquedos espalhados pelas mesas. Passam de mil os objectos expostos. Este número *récord* ultrapassa as costumadas manifestações simbólicas para se converter em realidade concreta.

São perto de 100 calças para homens e rapazes, 120 camisas, vários centos de vestidos para crianças, incluindo nestes muitos de mulheres, e inúmeros brinquedos. O que tudo isto representa de generosidade, de trabalho e de sacrifício, não é fácil imaginá-lo. Só uma persistência tenaz, aliada a um grande amor pela obra missionária, podia realizar tanto em tão pouco tempo. Dizemos isto, porque só em Dezembro passado é que o já nosso conhecido grupo de irmãs Terceiras e Zeladoras começou as suas reuniões de trabalho em favor dos pretinhos. E em Junho apresenta esta obra!

Que pena serem tão poucas a trabalhar! Se o grupo aumentasse, em vez de mil teríamos dois mil.

Todavia não podemos esquecer que outras pessoas houve, além destas, que muito contribuiram para o êxito e triunfo alcançados. Entre estas devemos destacar algumas firmas das principais casas de bordados da nossa cidade, Eleutério Migueis, Teixeiras, já nossas conhecidas, Teixeira e Mendonça, Danilo, cujos chefes mais uma vez manifestaram o seu espírito caritativo e generoso em favor dos pretinhos. Também contribuíram algumas fréguesias da Ilha, umas por intermédio da Acção Católica, das Zeladoras outras. Estão neste número Câmara de Lobos, Mochico e Caniço.

Comissão da Exposição Missionária no Funchal

Todos estes esforços congregados para o mesmo fim, podemos afirmar sem perigos de exagero, resultaram num verdadeiro triunfo. Parabens a todos os que trabalharam para esta grande obra, grande não só pela quantidade mas também pela qualidade. A recompensa, do céu virá.

Ainda neste mesmo espírito de comemoração, houve três dias de pregação na Capela de S. Paulo, todos eles a cargo do P.e Superior. O primeiro dia foi promovido por todos os Zeladores, Zeladoras e Associados da U. M. F., tendo como fim primário interceder pelas Missões. Por esta mesma intenção expôs-se solenemente o Santíssimo durante todo o dia treze.

Neste dia houve também Missa Solene às 9 da manhã e Sermão às 6,30 da tarde. Foi prégador o Padre Superior.

D. A.

Exposição Missionária

No Carmo — Braga

DEPOIS de realizarmos uma excelente Exposição Missionária no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Guimarães, concentramos todas as dádivas, juntas às outras de todo o Distrito de Braga, na grandiosa Exposição instalada nas dependências da igreja do Carmo, como documentário vivo do carinho dos minhotos pela obra civilizadora das Missões.

Foi no dia 5 de Julho, pelas 17 horas, que o Senhor Arcebispo de Braga chegou à igreja do Carmo para inaugurar a valiosíssima Exposição Missionária. Ali já se encontravam, aguardando-o, o Chefe do Distrito, os Presidentes da Junta de Província e da Câmara Municipal, os Comandantes da P. S. P. e da Legião Portuguesa, o 2.º Comandante de Infantaria n.º 8 e numerosos oficiais do Exército e da G. N. R., muitas senhoras, Associados da Juventude Antoniana, etc.

Um numeroso grupo de alunas dos Colégios das Missionárias Franciscanas de Maria e do Dublin, com as suas Directoras, formando alas, receberam com palmas o Primaz das Espanhas, que o M. R. P. Provincial, o Procurador Nacional da União Missionária Franciscana, o Comissário dos Missionários Franciscanos em Moçambique, muitos sacerdotes franciscanos, Autoridades Civis e Militares, acompanharam desde a entrada principal até ao andar superior onde se encontrava a Exposição.

Chegados que foram aí, o M. Rev. P. Manuel Taveira da Silva, Provincial dos Franciscanos, em linda salva de prata, faz entrega das tesouras ao Senhor Arcebispo Primaz, que, por sua vez, declinou no Senhor Governador Civil, para cortar a fita simbólica.

Percorreram-se, então, interessadamente, as três dependências onde, em elegante disposição, se veem: na primeira, variadíssimas peças de vestuário e objectos de utilidade para os pretinhos; na segunda, enorme quantidade de alfaias de linho para o culto; e na terceira, riquíssimos e numerosos paramentos, incluindo vários pluviais, um pálio com as respectivas lanternas, castiçais, serpentinas, três altares portáteis, etc.

Aqui e além, quadros alusivos à vida dos Missionários e, nas paredes, dísticos chamando a atenção dos visitantes para a grande obra dos franciscanos em África.

O M. R. P. Provincial, dirigiu então palavras de saudação ao Senhor Arcebispo e Autoridades presentes e referindo-se à Exposição, superior à dos outros anos, disse que isso é fruto do trabalho incansável das Senhoras Zeladoras e da caridade do bom povo do Minho pelas Missões. A Igreja é um exército em marcha, acentuou, e enquanto os missionários defendem na Africa a trincheira de Deus e da Pátria, é preciso que na rectaguarda se trabalhe com entusiasmo e com fé, para que as munições lhes não faltem e a vitória da Igreja e de Portugal se faça sentir amplamente em todo o solo africano.

Depois do M. R. P. Provincial renovar o seu agradecimento aos que, com o seu esforço, contribuiram para o êxito daquela linda e valiosa obra de caridade, o Senhor Arcebispo usou da palavra não só para felicitar a Ordem Franciscana, como os habitantes da Arquidiocese pela presença bem vincada naquela Exposição. Isso era-lhe grato constatar, tanto mais que, sem a cooperação de todos, a obra civilizadora, nacional, e por vezes heroica, dos Missionários não seria tão abundante na conquista de almas para Cristo. Refere-se à acção missionária dos Franciscanos desde a sua origem e, aludindo à festa comemorativa do 50.º aniversário das Missões Franciscanas em Moçambique, de cujo programa a Exposição faz parte, diz que ela não é mais do que o reatamento da tradição magnífica da sua evangelizadora obra em terras do nosso Império.

A terminar, o Venerando Prelado fez votos para que os beneméritos franciscanos continuem do alto de Montariol, por dilatados anos, a dar aos portugueses exemplos de trabalho e de patriotismo, como nesta maravilhosa Exposição que se apresenta aos olhos embevecidos de todos.

As últimas palavras do ilustre Prelado foram sublinhadas por calorosa salva de palmas.

Ao retirar, todos apresentavam os parabéns pela grandiosa e artística Exposição, agradecendo, ainda, aos franciscanos o convite que penhoradamente receberam para assistirem e admirarem este lindo quadro de caridade e aproveitarem a bela lição de fé e patriotismo.

* * *

Sem deslustrar a actividade, boa vontade, trabalho e zêlo de todas as Zeladoras e senhoras que concorreram para o brilho desta Exposição, seja-nos permitido salientar, aqui, que a maior parte dos seus objectos foi exposta ao público no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Guimarães. Para esta linda e rica exposição trabalharam, quase podemos dizer, de noite e de dia, a incansável irmã Corpo Santo, do Hospital de S. Francisco e as Senhoras Professoras e Directoras do prestimoso Colégio de Nossa Senhora da Conceição com as suas alunas, dum modo particular, as componentes da Comissão, que, para isso, organizaram:

Maria José da Silva Melo, Maria Carolina Alves Machado, Maria Ambrosina Barbosa, Angela Maria Tavares Barbeitas, Maria Ermelinda Ferreira Querido,

Dois aspectos da exposição no Carmo — Braga

Maria da Conceição Martins, Maria Antónia Flores de Magalhães, Ana de Jesus Salgado Coelho Lima, Maria Angela Machado Lima, Maria Amélia de Freitas Abreu, Maria Irene Salgado Guimarães.

A todos, absolutamente a todos os que trabalharam para o esplendor desta brilhante Exposição, as «Missões Franciscanas» estão profundamente reconhecidas.

Exposição no Carmo — Braga →

Exposição Missionária em Guimarães

Comissão e Zeladoras da Exposição Missionária do Colégio de N.ª Senhora da Conceição de Guimarães

NÃO quero ainda esquecer — e seria, se o fizesse, feia ingratidão — alguns dos mais preciosos colaboradores deste Ministério, no Além-Mar: os Missionários.

Nas suas mãos, ou sob o seu verbo iluminado, almas quase bárbaras se transformam em crentes, em eleitos de Deus... as trevas se transmudam em paz, claridade, fé e amor, isto é, em Humanidade; e se volvem em brandura, doces sentimentos, libertação, avanço moral, trabalho, valor, isto é, em Civilização.

Sem a cruz dos Missionários seriam estéreis, sem duração, sem grandeza, ou sem alcance, as largas estradas abertas pela espada dos nossos valorosos soldados ou pelo sengue e pelo sacrifício das gerações que se lhes seguiram.

Eu vos saúdo, Missionários, eu vos agradeço e vos alento no vosso maravilhoso esforço, tão agradável a Deus como à Pátria.

Dr. Francisco José Caeiro
Ministro Interino das Colónias

PROCURADORIA DO PORTO

Cinquentenário das Missões Franciscanas de Moçambique

TAMBÉM a Procuradoria da U. M. F. do Porto desejava solenizar as bodas de oiro da partida para Moçambique dos primeiros Missionários Franciscanos. E este seu desejo tornou-se realidade, no dia 11 de Junho, numa sessão solene cheia de brilhantismo, devido ao zelo e esforço do Rev. Procurador P. Faustino de Sousa.

No Teatro S. João realizou-se esta festa comemorativa. Foi a justa consagração do esforço e sacrifício missionário daquele punhado de jovens franciscanos que, há 50 anos, reataram uma tradição portuguesa gloriosíssima.

Desses jovens e heróicos missionários, um assistiu à brilhante sessão, em plena juventude de espírito, o sr. D. Rafael Maria de Assunção. Sua Ex.ª Rev.ma estava no camarote de honra, ladeado pelos srs. dr. Manuel Seabra, governador civil substituto; prof. dr. Francisco Coimbra, vice-presidente da Câmara Municipal; e pelos representantes do Departamento Marítimo do Norte e Guarda Nacional Republicana. Assistiu também o Senhor Bispo de Gurza.

Na numerosa assistência viam-se as famílias mais distintas da cidade

A ornamentação do palco era de efeito. Sobre o escarlate do fundo recortavam-se as ondas embaladoras de duas caravelas com o signo promissor da Cruz de Cristo, dominando as quinas com a legenda «Portugal Missionário».

As alunas do Colegio de Nossa Senhora da Bonança, das Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, na singeleza agradável do seu uniforme, completam o conjnnto e cantam, no início, o «Hino Missionário».

O M.to Rev. Provincial dos Franciscanos, Dr. Manuel Taveira da Silva, falou depois para referir-se ao significado da festa, dizendo que foi há meio século que embarcaram, em Lisboa, os pioneiros duma obra civilizadora que se tem desenvolvido numa progressão crescente, em várias décadas.

O orador fez judiciosas considerações sobre o valor das Missões e da sua colaboração com o Governo, agradeceu a presenca das entidades oficiais a esta comemoração, e concluiu:

— Saudo em V. Ex.cias esta cidade que — ia a dizer — é tão profundamente franciscana. Franciscana na sua vida laboriosa, no amor das virtudes simples, na irradiação de cor e alegria. O Porto, sendo a cidade mais franciscana de Portugal, é também aquela onde o espírito missionário vibra mais intensamente. E nenhuma, como o Porto, para compreender o sacrifício do missionário, o valor patriótico das Missões. Por isso o Porto é a cidade que mais auxilia as Missões Franciscanas.

Apresentado nos termos mais elogiosos pelo Provincial dos Franciscanos falou, a seguir, frei João Diogo Crespo. Foram, conforme relata o jornal. «O Comércio do Porto», quarenta e cinco minutos de boa oratória para descrever, eloquentemente, brilhantemente, rasgos de epopeia que têm feito, da acção dos missionários franciscanos, uma obra grande e eterna.

Frei Diogo Crespo, que viu as suas palavras sublinhadas com justos aplausos, traçou o perfil de S. Francisco de Assis em toda a sua majestade de evangelizador, tendo falado ainda — numa apoteose de louvores grata ao espírito e ao brio dos portugueses bem formados — do glorioso S. Antônio de Lisboa e de frei Agostinho da Cruz.

O M. R. P. Manuel Taveira da Silva discursando na sessão do teatro de S. João, no Porto

... E concluiu: Hoje, Senhoras e Senhores, solenizamos as bodas de oiro da partida para Moçambique desses pioneiros heroicos do Evangelho.

S. Francisco de Assis apegara-se a Cristo a ponto das chagas do Senhor se tornarem estigmas da sua carne.

Após a época de apagada e vil tristeza, em que Portugal quase não se conhecia a si próprio, alguns franciscanos e portugueses lá vão, mar em fora, lá vão...

Levam, na alma a solicitude de Cristo, levam no espírito e no coração o anseio de consolidar o Império, ameaçado por doutrinas estranhas à ideia primeira da conquista.

50 anos de sacrifícios, 50 anos de trabalhos intensos — porque não dizer, apesar da vicissitude dos tempos e da incompreensão dos homens, que tão fácilmente esquecem a visão de conjunto, a largueza de horizontes, para se confinarem à estreiteza de egoismos pequeninos, porque nem a coragem tem de ser grande... — 50 anos de rasgos de epopeia?

Toda a obra da Igreja, onde não entra só o divino, não perde o cunho do humano.

E maravilha é que o divino ressalte de maneira tão estrondosa, da fraqueza humana,

Atestam-no as igrejas, catedrais, escolas, orfanatos, missões pujantes, a rede de cristianismo e civilização portuguesa que cobre o vasto território dessa parcela querida de Portugal.

50 anos de labuta orientada e magnífica — são índice de realizações duradoiras e certeza de bem merecer da Igreja e da Pátria.

Bem hajam os apostólicos filhos de S. Francisco!

Atrevo-me a roubar à Virgem Mãe de Deus aquela palavra sua com sabor a profecia:

A minha alma engrandece e magnifica o Senhor, todas as gerações me chamarão bemaventurada porque o Omnipotente pôs em mim os seus olhos e operou comigo maravilhas.

Também os franciscanos, na hora que passa, podem dizer outro tanto:

As nossas almas de franciscanos e portugueses louvam e bendizem ao Senhor porque se serviu de elas, para realizar maravilhas.

Igreja de Cristo, Portugal inteiro, bendizei connosco ao Senhor!

PORTO — Exposição de objectos oferecidos às Missões

O resto do programa foi preenchido com algumas poesias por várias meninas do Colégio de N.ª S.ª da Bonança e pelo respectivo orfeão que nos deliciou com folclore e canções patrióticas.

A sessão terminou com o quadro vivo «Pátria gloriosa», surpreendente apoteose a Portugal Missionário sob o amparo maternal de Maria Santíssima. — C.

* * *

Entre as comemorações do cinquentenáro, da partida dos primeiros Missionários para as nossas missões Africanas merecem especial relêvo as Exposições Missionárias realizadas nas varias Procuradorias da União Missionária Franciscana.

Na Procuradoria do Porto, à Rua dos Bragas onde há 8 anos se realizou a 1.ª Exposição para as Missões Franciscanas, abriu no dia 31 de Julho mais uma, «de grandes e pequeninas coisas que servirão aos Missionários para continuar a escrever, por certo, muitas páginas da história da nossa colonização e cristianização em terras africanas».

Esta Exposição foi inaugurada pelo sr. D. Rafael da Assunção, venerando Bispo titular de Limira, um dos Missionários embarcados há 50 anos para a Beira. Acompanhavam o Snr. Bispo de Limira o rev. P. Manuel Taveira da Silva, Provincial dos Franciscanos, rev. P. José Alves Pereira, Procurador Nacional da União Missionária Franciscana, rev. P. Faustino de Sousa, procurador da U. M. F. no Porto, Rev. P. Agostinho Mateus, Dr. Alberto Pinheiro Torres, vários Franciscanos e várias senhoras beneméritas das Missões

Cortada a fita simbólica que vedava a entrada no recinto da Exposição, o Snr. D. Rafael tomou a presidência da sessão solene que se seguiu. Ladeavam-no os referidos franciscanos, o snr. Dr. Alberto Pinheiro Torres e a snr.ª Dr.ª D. Maria Cesarina Lira devotada amiga das obras missionárias.

Depois de algumas palavras de sua Ex.cia Rev.ma foi dada a palavra à Snr.ª Dr.ª D. Maria Cesarina Lira de cujo interessante discurso damos o seguinte resumo:

Acaba de ser inaugurada a VIII Exposição de trabalhos destinados às Missões Franciscanas da Guiné e Moçambique, cerimónia integrada na comemoração do quinquagésimo aniversário da partida dos primeiros religiosos para Africa, após a extinção das Missões.

Fui incumbida por um grupo de Senhoras que, com a sua colaboração, contribuem para esta obra, de dizer a V. Ex.as, duas palavras: uma de agradecimento a todos os que, moral ou materialmente, para ela têm contribuido; a outra, para lembrar a V. Ex.as que esta «obra» não é trabalho duma só pessoa. Ela representa o resultado de muitos esforços e boas vontades reunidas e para que tenha continuidade, necessita do auxílio e compreensiva colaboração de todos os católicos.

Quem terá a coragem de negar a sua quota parte de contribuição a esta «obra» depois de pensar um momento em todos esses heróicos missionários que têm sacrificado a sua vida entre os gentios, ardendo no desejo de alargar o reino de Deus?

«Aqui tudo falta!» confidenciava há anos, em carta a pessoa amiga um missionário já falecido. Deste desabafo nasceu a ideia de realizar a primeira destas Exposições, como meio de tornar conhecida esta «obra».

Quem tenha visitado as Exposições realizadas, e conheça a maneira como estes trabalhos foram iniciados, não poderá deixar de reconhecer como Deus dá alento e vigor aos mais pequenos esforços, como torna eficiente as mais singelas e humildes dádivas! É necessário que cada um de nós, que se diz católico, compreenda e não esqueça a grandeza da Obra Missionária e por isso lhe não negue a sua quota parte de esforço e boa vontade, contribuindo na medida que Deus lhe pedir, para a obra máxima da Humanidade — «a edificação da Igreja de Cristo entre os gentios».

Saibamos todos dar (mas dar, no grande sentido da palavra, isto é, com generosa humildade) a nossa contribuição a esta «Obra», para que a Mensagem de Amor e Resgate que Cristo veio trazer à terra não continue desconhecida dos dois terços da Humanidade que ainda hoje a ignoram.

Antes de terminar, queria transmitir, a Sua Ex.ª Reverendíssima o Senhor Bispo de Limira que se dignou inaugurar esta exposição e honrar-nos com a sua assistência, numa palavra de singela gratidão, todo o reconhecimento das senhoras que colaboram nestes trabalhos.

O nosso agradecimento envolve também os Muito Reverendos Padre Provincial e Padre Procurador Nacional, por todo o carinho com que têm animado estes trabalhos, bem como pela assistência que se dignaram dar a esta exposição.

Por fim, uma palavra de reconhecimento ao Reverendo Padre Faustino de Sousa, Procurador das Missões Franciscanas no Porto, a cujo zêlo, verdadeiramente apostólico, se deve em grande parte o êxito destas exposições, pois pelo seu alto valor espiritual tem sido verdadeiro instrumento nas mãos de Deus para a realização desta «Obra».

Terminado o belo discurso da Snr.ª Dr.ª D. Maria Cesarina Lira, que foi muito apreciado, foi dada a palavra ao Ex.mo Snr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, recebido pela assistência com verdadeiro interesse e respeitosa simpatia.

PORTO — Outro aspecto da exposição

Apesar de cansado, no fim dum ano de variados trabalhos, não quis deixar de vir aqui, por três razões — e uma delas só, bastava para me determinar a aceitar o convite.

Essas razões são: o altíssimo valor, tanto sob o ponto de vista religioso como sob o aspecto nacional, das Missões; a importância da obra realizada pelas Missões franciscanas; e a minha grande devoção pela figura excelsa de S. Francisco de Assis, que goza do singular privilégio de ser simpático, mesmo aos que não gostam de santos, que são, aliás, os heróis perfeitos, e cuja vida inserta na trama da obra criadora de Deus, reflecte a imagem do pensamento divino, infinitamente melhor que um lago de águas límpidas, reflecte o sol. Como é grande o mundo visto assim!

O nosso indeclinável dever de auxiliar por todas as formas ao nosso alcance, a admirável obra missionária, que se está realizando no nosso Império, corresponde a um imperativo da nossa consciência religiosa e da nossa consciência de portugueses; coincide com a nossa dupla obrigação de apostolado cristão, e de servir a causa sagrada de Portugal. Queria que na inteligência, na consciência e no coração de todos os portugueses, se gravasse indelèvelmente esta verdade fundamental: à autonomia, à grandeza da nossa Pátria, à missão que de Deus ela recebeu, está íntima e indissolùvelmente ligado o progresso económico, cultural, social, moral e religioso do Império, um dos maiores da Terra; e esse progresso é impossível, sem as Missões católicas. A estas está, pois, condicionado o futuro da linda, da nobre, da queridíssima Pátria portuguesa, portadora duma mensagem de civilização. A todo o católico incumbe o dever e apostolado. Um grande facto, dos mais frisantes da hora actual, é a importância, sempre crescente, do apostolado leigo.

Podemos afirmar que o carácter individualista da devoção de muitos católicos, é de certo modo, uma cumplicidade com o sistema de deificar a Sociedade.

No mundo cristão, a adoração não deve subir ao Céu, senão para tornar a descer em benefícios — as rosas de S.ta Teresinha — que se espalhem pela terra.

Mesmo isolado dos seus semelhantes, o cristão quando se coloca na presença de Deus, sai do seu isolamento; antes de se elevar, a sua alma dilata-se, seus olhos devem, na sua órbita, abranger o próximo, antes de se fixarem no Céu; à barra de Deus, cuja justiça pressente e cuja misericórdia espera, leva consigo, em escolta invisível, os homens seus irmãos, conhecidos e desconhecidos, os que oram e os que não oram; é como membro da humanidade, que se dirige a Deus, a quem chama, por ordem formal de Jesus — «*Pai nosso*» e não «*meu pai*».

Lembremo-nos, como ensina o P.e Plus, que o menor dos actos humanos pode ter repercussões incalculáveis; e de que a fé e a doutrina cristãs, têm o carácter da universalidade.

Precisamos de apostolizar, ou seja edificar. Edificar, que linda palavra. Edificar significa construir; ser alguém que faz subir as almas, e as faz dilatar.

É fazer obra de salvação, em oposição à acção demolidora de tantos matadores de almas, de assassinos da graça divina nas consciências. Que mais su-

blime missão: «dar Cristo às almas e almas a Cristo», que tanto as pede; ser pescador de homens, como o Senhor disse dos Apóstolos; colaborador de Jesus, que é a Verdade, a Justiça, a Paz, o Amor, a Beleza que não morre.

E uma das formas de exercer o apostolado, é auxiliar esses homens admiráveis, heróicos e sagrados pioneiros da Cruz e da Civilização, que são os nossos missionários.

Esse auxílio é, portanto, um imperativo da nossa consciência de filhos da Igreja, que, deve dizer-se, muitos católicos não sentem, nem compreendem.

Dr. Alberto Pinheiro Torres

Como esquecer que somos responsáveis pela estima que, em volta de nós, se tem por Jesus Cristo e sua doutrina?

Depende de nós que se diga, ou com despreso — «se isto é ser fiel, bem pouco é com efeito, não me agrada» — ou então admirativamente — «vejam o que a religião pode produzir. Que esplendor divino! Quero introduzi-la na minha vida».

Senhoras! Senhores!

É manifesta, irrecusável a vocação missionária de Portugal, que pode definir-se como a realização de um pensamento de Deus.

Portugal foi destinado pela Providência para ser o missionário quase universal, que levasse a Cruz e o Evangelho, isto é, a civilização, aos mais remotos confins do Globo: ainda hoje, há católicos portugueses, nas cinco partes do mundo. E não há histórias que digam, nem livros que devidamente narrem os trabalhos, os sofrimentos, o sangue derramado pelos portugueses, a fim de dilatarem a fé em todos os continentes, para na lusitaníssima expressão, «fazer cristandade».

Já Vieira, no seu genial sermão pelo bom sucesso das nossas armas contra as da Holanda, que leio e releio nesta hora crucial, em que se enfrentam duas civilizações — a pagã, como flagelo de Deus e a cristã; já Vieira nos dizia: «o reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou, na sua fundação, é reino seu e não nosso. Na verdade, quero em ti e na tua geração estabelecer um império para mim» — tais foram as palavras que segundo a tradição monástica, Cristo teria proferido, dirigindo-se ao nosso 1.º Rei.

É o mesmo pensamento do Infante, quando, respondendo ao mouro que lhe perguntou porque não entregara Ceuta, declarou: «porque é de Deus e não minha; e ainda quando, sob a inspiração desse sublime espírito, partiam as caravelas, cujo rumo era a luz e cujo piloto era Deus, como canta Junqueiro, que chama à Pátria portuguesa, incarnação heróica do Divino.

Foi inspirado por Deus, que D. Henrique casou indissolùvelmente o mar e a terra — assim falou o poderoso D. Manuel I ao Samorim.

Recordar, pois, a nossa vocação missionária, desde os alvores da Nacionalidade — se a Fundação tem a atmosfera duma epopeia, domina-a o ambiente duma missão; relembrar os nossos serviços, prestados à causa da civilização — civilizar é espiritualizar; rememorar que a nossa missão evangelizadora continua, entre os esplendores, as bênçãos, as graças, os milagres de Fátima, que iluminam o mundo, e que nada nos falta para que integralmente a cumprámos — é fazer obra nacional, em torno da qual podem e devem reunir-se todos os portugueses, num só coração, numa só alma, numa só exaltação, numa só cruzada, numa arrancada só, num movimento de fé inabalável nos destinos imortais desta bendita terra de Santa Maria.

Senhoras! Senhores!

A acção dos nossos missionários é um dos mais belos e vastos capítulos da nossa epopeia; a ela se deve, em grandíssima parte, a manutenção secular do Império.

Oh! a ironia da História — escreve o grande Bispo missionário, Sua Eminência o Cardial Gouveia. Quando em 1911, o governo português extinguiu em Portugal e no Império, a Companhia de Jesus, expulsando os seus membros como malfeitores, o Ministro das Colónias de então, mandou notas confidenciais ao Governador de Moçambique, para que este alto funcionário da colónia, retivesse aqueles «malfeitores» nas Missões da Zambésia, a fim de evitar que os missionários alemães do Verbo Divino os substituissem, como pretendia o Imperador da Alemanha, Guilherme II.

Nada pode igualar as Missões na sua acção educativa e benemerente; na sua decisiva influência para transfigurar a mentalidade do indígena, trazê-lo ao nível da nossa fé, dar-lhe hábitos de trabalho, fixá-lo à terra, torná-lo verdadeiramente português.

Proclamemos a importância suprema dos factores espirituais! Não há acção colonizadora eficaz, sem a acção missionária. Só conquista almas, quem se faz amar. Se Albuquerque foi grande — e não há maior! — não foi menor S. Francisco Xavier, no seu apostolado, em prol do senhorio de Cristo-Rei, a cujos pés os povos se prostravam, e cuja acção — a morte gerando a vida — tantos séculos volvidos, ainda se faz sentir.

S. João de Brito é glória da Igreja e de Portugal. Como esquecer que entre os melhores agentes da colonização do Brasil encontram-se Anchieta, Nóbrega, Vieira, cujos nomes a história comum dos dois países, há-de modelar no bronze da gratidão e dos tempos!

No franciscano S.to António, «a quem Deus deu Portugal para nascer», na expressão feliz de Vieira, temos de ver a manifestação prodigiosa da nossa vocação missionária, em todos os tempos. Povo missionário, ou seja portador duma civilização. O novo Doutor da Igreja, o 2.º da Ordem franciscana — o 1.º é S. Boaventura, o admirável doutor seráfico; — S.to António, arca do Testamento, — «martelo dos heréticos», um dos maiores apóstolos, que o mundo tem conhecido, é, como escreve Afonso Lopes Vieira, o precursor da expansão universalista de Portugal, o primeiro *Lusíada*, porque é o padroeiro da nossa epopeia missionária,

ligada à epopeia dos nossos descobrimentos e conquistas — ao que tudo em *Os Lusíadas* se chama — dilatar a Fé e o Império.

A conclusão lógica, necessária do que acabo de dizer, é que o auxilio às Missões corresponde a um imperativo da nossa consciência de portugueses. Não é bom português, quem assim não pensa!

Senhoras! Senhores!

Vou referir-me agora às missões franciscanas; e esta parte da minha pobre alocução, abro-a com uma frase do grande Lautey: — com o cristianismo, esse incomparável colonizador de almas, o facto colonial é uma das maiores forças espirituais, que modelaram a fisionomia do Ocidente.

No discurso proferido pelo actual e ilustre Ministro das Colónias, no dia 3 de Junho findo, em Montariol, que conheço, estimo e admiro desde rapaz, aquele membro do Governo, pôde dizer que, hoje em dia, de entre todas as ordens religiosas que se dedicam à actividade missionária, a de S. Francisco, pelo número e qualidade do seu pessoal, pelos fins, que a animam e meios de que dispõe, atingiu uma posição de relevo, criando assim responsabilidades especiais.

São três os edifícios que caracterizam a Missão: a *Igreja*, com o trabalho de catequização; a *Escola*, com o ensino da língua portuguesa; a *Oficina* e a *Granja* agrícola, para a formação de hábitos de trabalho e fixação do indígena à terra.

Todo o apostolado, todo o ensino e educação, vão orientados para a formação, em bases sólidas de famílias cristãs. A família cristã, portuguesa e trabalhadora, eis o que o Missionário procura. Assim falou a Lopes de Oliveira, no excelente trabalho «Missões e Missionários», o Rev. Dr. Manuel Taveira da Silva, venerando Provincial da Ordem Franciscana.

Em Moçambique, segundo os números oficiais relativos ao ano findo, esta Ordem tem 18 missões com 39 missionários, 16 irmãos auxiliares e 711 professores catequistas. Dirige 316 escolas rudimentares, frequentadas por 50.000 almas, e mais 59 de artes e ofícios cuja frequência é de 500. Além destas, em todas as casas missionárias, onde servem irmãos, há escolas de lavores e de trabalhos domésticos.

Cura também da parte agrícola, tanto para educação, como para sustento dos internados; e entrega-se ainda, com afã, à assistência médica. Por isso, a estatística de 1947 regista tratamentos a 21 mil doentes e o número dos curativos subiu a 251 mil. A seu cargo existem ainda duas maternidades e duas creches, onde as Irmãs se vêm empenhando numa meritória obra de amparo às parturientes e recém-nascidos.

Mas não é Moçambique a única Colónia em que a Ordem desenvolve a sua acção, porquanto na Guiné ela tem 4 missões com 10 sacerdotes, 10 irmãos auxiliares, 3 Irmãos, e 29 professores catequistas.

Com este pessoal, mantém 29 escolas primárias, um colégio-liceu, um Seminário, uma creche e um asilo: mais 4 escolas para o ensino profissional.

Quando se compara — diz Teófilo Duarte — esta variedade e riqueza das instituições de hoje com o rudimentarismo e pobreza da sua acção de há 50 anos, época em que se abalançou à tarefa ingente de cristianizar e civilizar as multidões negras, não se pode deixar de admirar o resultado de tão grande esforço.

Depois dessas palavras proferidas em Montariol,

Exposição do Porto

o Ministro dirige-se a Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Rafael, Bispo de Limira, a quem chama a «figura mais proeminente dessa pléiade brilhantíssima de gigantes», dizendo-lhe que no dia em que se faz a glorificação da actuação da sua Ordem em Moçambique, ele tem todo o direito de se julgar compensado de tantas caminhadas pelo sertão ardente, de tantas fomes e sedes passadas, de tantas incompreensões e mesmo ingratidões, as mais negras.

Ao insigne Bispo-missionário — que honroso título — ao qual se deve, em grande parte, a esplêndida catedral de Lourenço Marques — foi então entregue a Grã-Cruz da Ordem do Império; justa homenagem, que calou profundamente na consciência católica e portuguesa, e a que nos associámos comovidamente.

Assim se celebrou o triunfo da obra missionária portuguesa, que reside — «na grandeza moral dos nossos padres, mais do que nos recursos materiais de que dispunham.

Desenvolvidas as duas das três razões no princípio desta alocução expostas, vamos agora, para terminar, render o nosso culto a S. Francisco de Assis, a maior glória da Itália, que representa a mais completa reacção contra os males, que geraram a guerra.

Reacção pela palavra contra a tirania de Norman. Reacção pela mortificação contra a endemia fu-

nesta da febre dos sentidos. Reacção pela humildade contra o enfatuamento do egoismo, que propala a anarquia. Reacção pela alegria perfeita do coração contra o tristeza moderna, fruto agro do materialismo, que afoga as almas.

O modelo de Montalverne, «o mais poeta dos santos e o mais santo dos Poetas», exerce uma influência profunda sobre quantos dele se achegam.

Entre os altos espíritos, que dele mais ou menos se aproximaram, citaremos Sabatier, Joergensen, D'Anunzio, Antero de Quental, Eça, Gomes Leal, Junqueiro, Jaime de Magalhães Lima, Afonso Lopes Vieira, Luís Cardim e outros. Ruskin voltou a Deus sob a lição estética do casamento de S. Francisco e a pobreza de Giotto. Chesterton fala-nos, com profunda veneração, do santo que, por antecipação, conheceu o que há de «mais liberal e simpático no espírito moderno»: o amor da Natureza, o amor dos animais, o sentida da compaixão social, o sentimento dos perigos espirituais da prosperidade, e até da propriedade.

Todas estas coisas, que Tolstoi julgou ter descoberto, já eram familiares ao Poverello, o luminoso e sobrenatural espírito dos «Fioretti» e do «Cântico do Sol». Na poesia e na ascética, é poderoso o vestígio da influência franciscana: basta recordar os nomes imortais da nossa literatura de quinhentos e seiscentos: Frei Agostinho da Cruz e Frei António das Chagas.

Dr. Alberto Pinheiro Torres

Gilson, um dos mestres mais autorizados da Filosofia medieval , é de parecer que S. Francisco sintetisa a unção de S. Boaventura, a força criadora de Escoto, a ciência de Bacon, o ardor apostólico de Raimundo de Lulle. Sem ele, nada do que é característico em cada uma destas quatro notáveis figuras, existiria.

Ele fez da santidade uma atracção universal.

Maravilha! Amam-no mesmo os que desdenham dos santos; apreciam-no os que maldizem da Idade Média; e escutam-no os que não querem a sua fé.

O franciscanismo tem uma grande missão a cumprir no mundo de hoje: é, como o cristianismo, sua essência, sempre actual e sempre novo.

Ele pode dar-nos o bordão seguro e apontar-nos a vereda confiada, para procurarmos a alegria sã de viver, a felicidade na simplicidade, o horror da complicação, do ruído, da mentira moderna, feito de atracções enganosas — que entrava a inteligência e sufoca a vida interior. De sorte que é sempre tempo de fazer franciscanismo.

*

Quando a morte chegou, S. Francisco acolheu-a a cantar: «Benvinda seja a minha irmã, a Morte» tais foram as suas últimas palavras e, estendido, nu na terra nua, *para mostrar que não tinha nada, e era nada;* e, entre cânticos, louvando o Senhor, que lhe transmitira suas chagas, expirou.

*

E como Chesterton, podemos afirmar que as estrelas, que passaram por cima desse corpo descarnado e carcomido, inteiriçado no solo duro, ao menos uma vez, em todo o curso das suas revoluções luminosas, em torno deste Mundo de humanidade sofredora, contemplaram um homem feliz.

Por amor de Deus e do próximo; de Maria Santíssima, Nossa Senhora, Mãe e Padroeira; por S. Francisco de Assis, que prolongou seu apostolado até às feras; por Santo António, patrono desta Pátria, que é a sua; por Portugal e seu Império; em obediência a imperativos da razão esclarecida, da consciência bem formada, e do coração; ouvindo as vozes sagradas, que vêm do fundo dos séculos; continuadores da tradição, o que há de mais profundo e permanente na alma dum povo; atentos à voz dos vigários de Cristo, entre os quais Pio XI, o «Papa das Missões», e Pio XII, grande amigo nosso, que, com sua suma autoridade vincou perante o mundo o valor espiritual do nosso Império e a persistência da nossa missão civilizadora; continuando a nossa História, que é epopeia e cruzada; todos unidos tomemos hoje aqui a firme resolução, de que será cada vez mais fervoroso pela oração, pelo sofrimento, pela palavra falada e escrita, pelo nosso generoso auxilio material, o nosso apostolado em prol das Missões, entre as quais há que pôr em relevo as franciscanas, honra da sua Ordem e da Igreja, glória da Nação fidelíssima. — P. T.

O orador foi calorosamente aplaudido pelos assistentes que a seguir visitaram demoradamente a valiosa Exposição.

Numa sessão comemorativa, alegre disposição da assistência

EM LOUVOR DOS PRIMEIROS!

Aos dois sobreviventes da primeira leva de missionários: Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. D. Rafael, Bispo de Limira e R. P. José Rolim.

PARTIRAM há 50 anos!... Que dificuldades e trabalhos, quantos obstáculos a vencer! E contudo esses pioneiros da Paz e do Bem afrontaram-nos resolutos, decidamente!

Bem hajam! Deus já pagou cem por um àqueles que partiram da nossa companhia, depois de terem esgotado as suas forças, dado a sua vida pelo ideal que um dia brilhou nas suas almas generosas: — dar Cristo aos povos de raça negra, também redimidos pelo Seu Sangue Precioso!

Tombaram no campo missionário!

Tombaram? Ergueram-se bem alto, como exemplo luminoso a indicar, aos jovens de hoje o caminho a trilhar!

Tombaram? Não! Caíram apenas de cansados os seus corpos. As suas almas, essas vivem presentes na moderna geração de Missionários, para quem são incentivo e modelo!

Paira ainda naquelas terras banhadas pelo seu suor, a *santa alegria* com que enfrentavam o labor missionário.

Porque fraternalmente encaravam as suas canseiras, porque a sua alma era soberana, eles se elevaram, e com eles todas as coisas. E, como quanto mais a alma se eleva, mais se avizinha daquelas regiões da *verdadeira alegria*, que é o estado permanente da alma que se superou a si mesma, assim também, alegremente, eles trabalharam, unicamente esperando a Eterna Recompensa!

Aqueles primeiros tempos de Africa devem ter sido de sublime idílio divino! Despojados de tudo, entregues !por completo nas mãos de Deus, só em Deus confiavam, e só Ele os confortava.

Os Missionários que lhes seguiram os passos, aquecidos por aquele amor ardente às almas africanas, moral alevantado por aquela alegria, continuaram a escrever páginas de epopeia! Revêm-se neles, e seguem enamorados do mesmo ideal a alargar o reino de Cristo e a fazer conhecido e amado o nosso Portugal!

Não cabe na frieza das palavras elogiar a acção benemérita desses grandes ao serviço de Deus e da Pátria, nem descrever o sentido generoso e apostólico daqueles que hoje dão o melhor da sua vida à evangelização dos nossos irmãos de Africa!

Se S. Francisco hoje viesse ao mundo, ao contemplar como tantos jovens numa doação total, se entregam às tarefas missionárias, tão queridas ao seu coração, inflamado em amor de Deus e do seu semelhante, a continuarem, essa primeira e pacífica expedição, acrescentaria, como já o fez alguém, uma nova estrofe ao cântico do «Irmão Sol»:

«Louvado sejas tu, ó Senhor Deus
Pelo nosso irmão missionário:
Alma forte, decidida e heróica
Sal da terra e luz do mundo!»

Fr. Estevam

CONCLUSÃO

AS 200 páginas de que se compõe o presente número especial de «Missões Franciscanas», formam todas elas um hino de louvor ao missionário e designadamente à Obra Missionária Franciscana de 50 anos, que agora celebramos.

É justo que consideremos com o maior apreço o ideal supremo do missionário e louvemos a obra gigantesca que ele realizou e nestas páginas se descreve.

Não nos fiquemos, porém, a contemplar o ideal e as realizações doutrem; demos um passo à frente e infileiremos na milícia dos que trabalham e produzem.

Julgamos merecida e justa a apologia da obra missionária?

Corramos em seu auxílio, cooperando nela, para que se desenvolva, progrida, seja dia a dia mais extensa, ganhe mais almas para Deus e mais cidadãos para Portugal.

O nosso auxílio é um verdadeiro apoio moral e material para o missionário; de ambos ele carece.

Se da leitura da história dos 50 anos das

Missões Franciscanas não concluirmos com a resolução de nelas decididamente tomarmos parte, ou não soubemos ler, ou carecemos de vontade e decisão para abraçarmos inteiramente o que a inteligência, com entusiasmo nos apresenta.

Os missionários mostram-nos o que valem, o que produzem, a nós compete mostrar-lhes também *com factos*, a nossa gratidão e apreço.

— À maneira de cruzada auxiliadora das Missões está organizada em todo o Portugal e Ilhas adjacentes, a *União Missionária Franciscana* que oferece todas as facilidades a quem queira e se apresente disposto a cumprir o seu dever de católico e português, alistando-se nela.

A sua orgânica é como segue:

Condições de admissão:

1) *Sócios.* — São todos os que se inscrevem em qualquer sede da União, directamente, ou por intermédio dum Zelador: rezam todos os dias ou, pelo menos uma vez por semana, um *Padre Nosso* e *Ave Maria* pelas Missões, e contribuem para elas com 10 centavos (100 reis) *mensais*, pelo menos, ou de qualquer outro modo efectivo.

2) *Benfeitores.* — São os que contribuem com 6 escudos cada ano, ou dão por uma só vez 100 escudos.

3) *Sócios Perpétuos.* — São os que por uma só vez dão a esmola de 60$00.

4) *Uma família inteira* pode inscrever-se, dando a esmola de 200$00, por uma só vez.

Falecidos. Participam das Missas, preces e boas obras da União: *perpètuamente*, se por eles se der a esmola de 60 escudos; *temporàriamente*, enquanto por eles se der a esmola mensal ou anual correspondente a qualquer categoria de sócios.

5) *Sócios Insignes.* — São os que se inscrevem com a esmola de 500$00.

6) *Zeladores.* — São os que inscreverem pelo menos *15 novos sócios ou benfeitores*, e forem nomeados pelo Procurador local. Devem inscrever na caderneta, que lhes é entregue, os nomes dos novos sócios, cobrar suas quotas e as entregar uma e outra coisa ao Procurador local.

Indulgências:

1. — *Ind. plenária*, com as condições ordinárias: a) no dia da entrada ou no domingo imediato; b) nos seguintes dias: Epifania, Pentecostes, SS. Coração de Jesus, Imaculada Conceição, Purificação, Assunção e Natividade de N. Senhora, S. José, S. Pedro e S. Paulo, S. Francisco de Assis, S. António de Lisboa, S. Bernardino de Sena, S. Francisco Solano, S. João de Capistrano, S. Tiago da Marca, S. Leonardo de Porto Maurício, ou no Domingo imediato a estas festas;

2. *Ind. plenária* em artigo de morte, confessando-se e comungando; ou, não podendo, ao menos invocando o SS. Nome de Jesus com a boca, ou com o coração, e aceitando resignadamente a morte como pena do pecado.

3. — *Ind. de 300 dias*, todas as vezes que recitarem as orações semanais ou quotidianas próprias da «União»; e quando alistarem algum novo associado.

4. — *Altar privilegiado três vezes na semana* aos Sacerdotes inscritos até 20 de Março de 1933, quando celebrarem por defunto.

Outras graças e faculdades:

1. — Os associados da «União» participam das orações e boas obras de todos os membros das Ordens Franciscanas, e das Missas, *que diàriamente se oferecem pelos benfeitores vivos e defuntos em toda a Ordem, designadamente nas suas Missões e na terra Santa. Estas missas são cerca de 30.000 em cada ano.*

2. Nas casas da Ordem de S. Francisco, onde estiver erecta a «União» celebrar-se-á uma *missa Solene* por intenção dos associados no dia da Epifânia ou dentro da sua oitava, e no dia de S. António, patrono principal da União. Em qualquer dia do mês de Novembro celebrar-se-á nas mesmas casas uma *Missa de Requiem* por alma de todos os associados defuntos.

3. — Os sacerdotes inscritos até 20 de Março de 1933 têm a faculdade de benzer crucifixos, aplicando-lhes as *indulgências da Via-Sacra.*

O Procurador Nacional da UNIÃO MISSIONÁRIA FRANCISCANA é o REV. P.e JOSÉ ALVES PEREIRA, Rua de Silva Carvalho, 34 — Lisboa.

Em todas as casas dos Franciscanos se dão esclarecimentos e se recebem inscrições. É orgão oficial desta ASSOCIAÇÃO o jornal «Missões Franciscanas».

NECROLÓGIO

NA festiva comemoração cinquentenária da partida dos primeiros Missionários para Moçambique, recordar os nomes dos que jazem à sombra da Cruz, depois de terem esgotado as suas forças ao serviço de Deus e da Pátria, é um dever de justiça e de gratidão!

Rev. P. Inácio Rodrigues, faleceu com 48 anos de idade, em Montariol — Braga, no dia 27 de Janeiro de 1928. Trabalhou nas Missões de Moçambique durante 18 anos.

Rev. P. José Miguel Vieira, faleceu com 50 anos de idade, no Hospital do Rêgo, em Lisboa, no dia 15 de Novembro de 1935. Trabalhou 22 anos nas Missões de Moçambique.

M. Rev. P. António de S. Maria Correia, faleceu com 75 anos de idade, no Hospital de S. Estevão, em Roma, no dia 7 de Agosto de 1938. Foi um dos Fundadores e primeiro Superior das Missões de Moçambique.

Rev. P. Dr. Pedro de Araújo, faleceu com 66 anos, na residência da Rua dos Bragas, Porto, no dia 15 de Dezembro de 1942. Tendo trabalhado vários anos em Moçambique, foi o Fundador e primeiro Superior das Missões da Guiné.

Rev. P. Alberto Gaspar, faleceu com 34 anos de idade, no Hospital de Macequece, Moçambique, no dia 10 de Novembro de 1944.

Rev. P. Manuel Lopes Ferreira, faleceu com 29 anos de idade, no Convento de Varatojo — Torres Vedras, pouco depois de voltar da Guiné onde trabalhou 3 anos, no dia 11 de Novembro de 1944.

Rev. P. Arnaldo Gonçalves Guerra, faleceu com 34 anos de idade, no Hospital de Bafatá, Geba, na Guiné, no dia 13 de Janeiro de 1945.

Rev. P. Francisco R. de Carvalho Guerra, faleceu com 29 anos de idade, no Hospital de Macequece, Moçambique, no dia 16 de Março de 1946.

Rev. P. Armando Teixeira Meireles, faleceu com 33 anos de idade, em Murça, Vila Real, no dia 13 de Julho de 1946. Trabalhou 4 anos nas Missões da Guiné.

Rev. P. José Alves da Silva, faleceu com 56 anos de idade, na Casa de Saúde da Boavista, Porto, no dia 12 de Agosto de 1946. Trabalhou nas Missões de Moçambique cerca de 14 anos.

Frei Serafim Felisberto, faleceu com 30 anos de idade, na Missão da Beira, Moçambique, no dia 12 de Agosto de 1901. Foi um dos Fundadores.

Frei Roque Ribeiro, faleceu com 37 anos de idade, na Missão de Chongoene, Vila de João Belo, em Moçambique, no dia 23 de Fevereiro de 1907.

Frei Mateus Maria, faleceu com 46 anos de idade, no Colégio de S.to António, em Tuy, Espanha, no dia 22 de Agosto, de 1915. Trabalhou vários anos nas Missões de Moçambique.

Frei Salvador Franqueira, faleceu com 54 anos de idade, na Missão de Mocumbi, Inharrime, Moçambique, no dia 28 de Abril de 1916. Foi um dos Fundadores.

Frei Manuel Dias Ribeiro, faleceu com 48 anos de idade, na Missão de Inhambane, Moçambique, no dia 22 de Julho de 1924.

Frei Manuel da Purificação Bonifácio, faleceu com 45 anos de idade, no Hospital de Vila-Pery, Moçambique, no dia 1 de Abril de 1927.

Frei Silvestre Cordeiro, faleceu com 70 anos de idade, no Convento de Varatojo, no dia 21 de Janeiro de 1936. Trabalhou nas Missões de Moçambique.

Frei Luiz da Cruz, faleceu com 69 anos de idade, na Missão de Mocumbi, Inharrime, em Moçambique, no dia 24 de Fevereiro de 1943.

Frei Abilio Leitão, faleceu com 54 anos de idade, na Missão da Beira, Moçambique, no dia 2 de Maio de 1943.

Frei Armando Rodrigues Claro, faleceu com 38 anos em Cacheu, na Guiné, no dia 22 de Novembro de 1943.

Frei Manuel da Silva Pinto, faleceu com 40 anos de idade no Hospital de Morrumbene — Inhambane, em Moçambique, no dia 4 de Junho de 1944.

Frei Daniel de Almeida, faleceu com 85 anos de idade, no Convento da Imaculada Conceição, em Lisboa, no dia 19 de Novembro de 1944. Foi um dos Fundadores das Missões em Moçambique.

Frei Hermenegildo Ferreira, faleceu com 34 anos de idade, no Hospital de Inharrime, Moçambique, no dia 14 de Janeiro de 1946.

«Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal,
De quem nenhum vivente pode escapar.

. . . . . .

Bendito o que estiver em Tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhe fará mal».

(Do «Cântico do Irmão Sol», de S. Francisco de Assis)

ERRATAS

Página	*linha*	*onde se lê*	*leia-se*
13	28	nacionalistas	racionalistas
58		30 anos	50 anos
77	1	Etnografia	Ergologia

GRAVURAS

A gravura da página 32, apresentada como *antiga residência de Macequece,* é uma escola na missão de S. João Baptista, de *Nampula.*

Também a *Nampula* pertence o *salão-capela* na página 100, e não a *Zavala.*

Os Missionários Franciscanos, não esquecem os seus generosos e queridos Benfeitores. Sabem e sentem o muito que lhes devem: de graças do Céu alcançadas pelas suas orações e de auxílios materiais obtidos pelas suas dádivas.

A todos os Benfeitores das Missões, nomeadamente a todos os membros da benemérita

União Missionária Franciscana,

saudam e confessam a sua eterna gratidão.

11880TB 271
10-09-97 32180 MS